



Instituto Superior de Ciências Educativas

Departamento de Educação

**Como é Que a História de Vida de Uma Criança com
Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão
das Opções do Atendimento e do Processo Educativo**

Maria João Marques Varão Leal Cavaleiro

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Educação Especial

Domínio Cognitivo e Motor

Orientadores:

Mestre Francisca Fragoso

Professor Doutor João Carlos Vieira Casal, Coordenador de Curso, ISCE

Vol. II

outubro, 2018

Odivelas

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupery

Índice de anexos e apêndices

ANEXOS	6
ANEXO Nº1	7
Pedido de consulta de Processo Escolar	8
ANEXO Nº2	9
Pedido de Consentimento Informado (Maria)	10
ANEXO Nº3	11
Pedido de Consentimento Informado (Familiares da Maria)	12
ANEXO Nº4	13
Pedido de Consentimento Informado (Diretora do AE anterior, frequentado pela Maria)	14
ANEXO Nº5	15
Pedido de Consentimento Informado (Diretor do AE atual, frequentado pela Maria)	16
ANEXO Nº6	17
Pedido de Consentimento Informado (Professores da Maria)	18
ANEXO Nº7	19
Pedido de Consentimento Informado (Colegas da Maria)	20
ANEXO Nº8	21
Transcrição da entrevista à Maria	22
ANEXO Nº9	86
Transcrição da entrevista à mãe da Maria	87
ANEXO Nº10	134
Transcrição da entrevista ao pai da Maria	135
ANEXO Nº11	165
Transcrição da entrevista à avó da Maria	166
ANEXO Nº12	200
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₁	201
ANEXO Nº13	203
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₂	204
ANEXO Nº14	206
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₃	207
ANEXO Nº15	209
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₄	210
ANEXO Nº16	212
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₅	213

ANEXO Nº17	216
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₆	217
ANEXO Nº18.....	219
Transcrição da entrevista aos professores da maria – P₇	220
ANEXO Nº19.....	222
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₈	223
ANEXO Nº20.....	228
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₉	229
ANEXO Nº21.....	234
Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₁₁	235
ANEXO Nº23.....	238
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₁)	239
ANEXO Nº24.....	240
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₂)	241
ANEXO Nº25.....	242
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₃)	243
ANEXO Nº26.....	244
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₄)	245
ANEXO Nº27	246
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₅)	247
ANEXO Nº28.....	249
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₆)	250
ANEXO Nº29.....	251
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₇)	252
ANEXO Nº30.....	254
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₈)	255
ANEXO Nº31.....	256
Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₉)	257
ANEXO Nº32.....	258
Autorização do Agrupamento de Escolas que a aluna frequenta atualmente, para consultar o Processo da discente	259
APÊNDICES.....	260
APÊNCICE Nº1.....	261
Guião de entrevista à Maria	262
APÊNCICE Nº2.....	263

Guião de entrevista à mãe da Maria.....	264
APÊNCICE Nº3.....	266
Guião de entrevista ao pai da Maria.....	267
APÊNCICE Nº4.....	269
Guião de Entrevista à Avó da Maria	270
APÊNCICE Nº5.....	271
Guião de Entrevista aos professores da Maria.....	272
APÊNCICE Nº6.....	273
Guião de Entrevista aos Colegas da Maria	274
APÊNCICE Nº7.....	275
Segundo Guião de entrevista à Maria	276
APÊNCICE Nº8.....	277
Quadro nº9 - Dimensão da análise – Desenvolvimento	278
APÊNCICE Nº9.....	279
Quadro nº10 - Dimensão da análise – Dificuldades Escolares.....	280
APÊNCICE Nº10	281
Quadro nº11 - Dimensão da análise – Problemática	282
APÊNCICE Nº11	283
Quadro nº12 - Dimensão da Análise – Comportamentos	284
APÊNCICE Nº12	285
Quadro nº13 - Dimensão da Análise – Relações Familiares	286
Quadro nº13 - Dimensão da Análise – Relações Familiares (continuação).....	287
APÊNCICE Nº13	288
Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais)	289
Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais; continuação 1)	290
Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais; continuação 2)	291
APÊNCICE Nº14	291
Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização	292
Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização (continuação 1).....	293
Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização (continuação 2).....	294
APÊNCICE Nº15	295
Quadro nº16 - Dimensão da análise – O Futuro.....	296
Quadro nº16 - Dimensão da análise – O Futuro (continuação)	297
APÊNCICE Nº16	298
Pedido de Consulta no Processo, na secretaria do AE, que a aluna frequenta atualmente.....	299

ANEXOS

ANEXO Nº1

Pedido de consulta de Processo Escolar



Pedido de consulta de Processo Escolar

Caro Diretor do Agrupamento de Escolas

-----, Dr.-----

Venho por este meio relembrar do pedido para consultar os documentos constantes no Processo Escolar da vossa aluna do 11º ano do Curso Profissional de Fotografia, Maria ----, pedido entregue em mão na secretaria, do qual aguardamos resposta.

Tal pedido decorre da necessidade urgente de análise da documentação referente à aluna mencionada, sobre a qual versará a nossa dissertação de mestrado. Para tal necessitamos analisar todos os relatórios médicos e/ou psicológicos e avaliações efetuadas pela Educação Especial, assim como outras avaliações pertinentes de análise, uma vez que o estudo incide na história de vida da aluna mencionada.

O anonimato em relação à escola e aos profissionais envolvidos, uma vez que com a sua autorização já procedi a algumas entrevistas, será garantido (apenas se identifica o Concelho onde a escola se localiza), pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem nem na tese nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados do estudo serão partilhados com a Direção da escola e com os profissionais envolvidos.

Mais uma vez pedimos que possa aceder ao nosso pedido com urgência, uma vez que o tempo urge e esse estudo é de extrema importância para nós.

Desde já o nosso muito obrigado.

20 de julho de 2018

Maria João Cavalheiro

ANEXO Nº2

Pedido de Consentimento Informado (Maria)



Pedido de consentimento informado

Cara Maria -----

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente familiares, professores e outros profissionais de educação, ligados à sua pessoa, bem como a si própria, a fim de poder investigar factos respeitantes às suas vivências.

O anonimato em relação a todos participantes será garantido, pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem, nem na dissertação, nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados serão partilhados com os envolvidos neste estudo.

Gostaríamos de poder contar com a sua permissão para que o estudo seja realizado.

Caso aceite participar neste estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ aceito participar neste estudo.

Monte Abraão, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº3

Pedido de Consentimento Informado (Familiares da Maria)



Pedido de consentimento informado

Caro Familiar de Maria-----

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente familiares, professores e outros profissionais de educação, ligados à Maria.

O anonimato em relação a todos participantes será garantido, pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem, nem na Dissertação, nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados serão partilhados com os envolvidos no mesmo.

Gostaríamos de poder contar com a sua permissão para que o estudo seja realizado.

Caso aceite participar neste estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ aceito participar neste estudo.

(Assinatura)

_____, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº4

Pedido de Consentimento Informado (Diretora do AE anterior, frequentado pela Maria)



Pedido de consentimento informado

Caro Diretor do Agrupamento de Escolas _____

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente alguns professores e outros profissionais ligados a uma ex-aluna do seu Agrupamento de Escolas, Maria ---.

O anonimato em relação à escola e aos profissionais envolvidos será garantido (apenas se identifica o Concelho onde a escola se localiza), pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem nem na Dissertação nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados do estudo serão partilhados com a Direção da Escola e com os profissionais envolvidos.

Gostaríamos de poder contar com a Vossa permissão para que o estudo seja realizado.

Caso autorize o estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ autorizo que este estudo se realize no Agrupamento de Escolas que dirijo.

Amadora, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº5

Pedido de Consentimento Informado (Diretor do AE atual, frequentado pela Maria)



Pedido de consentimento informado

Caro Diretor do Agrupamento de Escolas _____

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente alguns professores e outros profissionais ligados a uma aluna do seu Agrupamento de Escolas, Maria ---. Poderá ser necessário consultar também alguma documentação constante no Processo Individual da aluna, para enquadrar o tema.

O anonimato em relação à escola e aos profissionais envolvidos será garantido (apenas se identifica o Concelho onde a escola se localiza), pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem nem na Dissertação nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados do estudo serão partilhados com a Direção da Escola e com os profissionais envolvidos.

Gostaríamos de poder contar com a Vossa permissão para que o estudo seja realizado.

Caso autorize o estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ autorizo que este estudo se realize no Agrupamento de Escolas que dirijo.

Amadora, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº6

Pedido de Consentimento Informado (Professores da Maria)



Pedido de consentimento informado

Caro Professor ou Profissional de educação,

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente os familiares, colegas, professores e outros profissionais ligados a uma ex aluna do Agrupamento de Escolas -----, Maria -----.

O anonimato em relação aos professores e outros profissionais envolvidos será garantido, pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem nem na tese nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados do estudo serão partilhados com a Direção da escola e com os profissionais envolvidos.

Gostaríamos de poder contar com a sua permissão para que o estudo seja realizado.

Caso aceite participar neste estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ aceito participar neste estudo.

_____, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº7

Pedido de Consentimento Informado (Colegas da Maria)



Pedido de consentimento informado

Caro _____

Chamo-me Maria João Cavalheiro, sou professora e estou a realizar um estudo de caso sobre as vivências da adolescência e de que forma esta fase de desenvolvimento pode ser afetada por se verificarem, cumulativamente, necessidades educativas especiais. Este estudo desenvolve-se no âmbito do mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, do ISCE – Odivelas.

Neste estudo pretendemos entrevistar individualmente os familiares, professores, colegas e outros profissionais ligados a Maria ---.

O anonimato em relação aos envolvidos será garantido, pelo que não serão apresentados nomes nem dados pessoais que os identifiquem nem na dissertação nem noutras publicações relativas a este estudo. Os resultados do estudo serão partilhados com os envolvidos.

Gostaríamos de poder contar com a sua permissão para que o estudo seja realizado.

Caso aceite participar neste estudo, pedimos o favor de assinar este termo de consentimento, conforme se indica a seguir. Desde já o nosso muito obrigado.

Eu _____ aceito participar neste estudo.

(Assinatura)

_____, ____ de _____ de 2018

ANEXO Nº8

Transcrição da entrevista à Maria

Entrevistadora – Quais são assim as memórias que tu tens mais antigas?

Maria – Mais antigas? Mas de primária mesmo?

Ent. – As mais antigas.

Maria – Lembro-me do ATL onde a minha mãe trabalhava.

Ent. - Antes ainda de entrar na escola?

Maria – Não, isso não. Tenho assim umas ideias...não isso não.

Ent. - Antes de entrares na primária estava tudo bem, era tudo normal, tinhas amigos?

Maria – Eu antes de entrar para a primária estava no “Sbesc” e isso aí eu também não me lembro muito bem, também era só...estava naquela sala e pronto, era os amigos assim mais “coiso”, mas não me lembro. Mas a partir de que entrei para a escola tenho assim algumas recordações. Não tinha muitos amigos, não, também por causa da minha mãe trabalhar lá no ATL, então não tinha assim muitos amigos e depois pronto...era...

Ent. - Depois entraste na primária. O 1º ano...como é que a coisa correu?

Maria – Eu acho que...não sei, foi, porque lá está...também não me sabia dar muito bem com as pessoas e depois a minha altura também não facilitava, porque era mais alta e tal e não sei quê...depois eu nos intervalos ia sempre ter com a minha mãe, então acabava por não ter muitos amigos. E depois era os grupinhos muito maldosos que falavam mal, gozavam e não sei quê...então eu nunca me adaptei muito bem com pessoas da minha idade.

Ent. - Mas nessa altura já notavas que os outros falavam assim contigo de maneira diferente, por a tua mãe trabalhar lá?

Maria – Sim, eles mesmo diziam que eu era a menina da mamã e essas coisas todas. Portanto, eles eram mesmo diretos, não andavam a dizer mal nas costas, quando diziam era na cara.

Ent. - E achas que tinha feito diferença tu teres ficado numa escola onde a tua mãe não estivesse?

Maria – Talvez, porque eu também sentia muito a presença dela, portanto, eu sempre que tinha algum problema ia ter com ela, não ia ter por exemplo com outra pessoa que trabalhasse lá, era sempre com ela. Se calhar isso também não ajudou.

Ent. - E a nível depois da escola, correu sempre tudo bem? tu gostavas da professora, tinhas uma boa relação com ela?

Maria – Não, não gostava dela porque ela é muito rígida, porque assim nós tínhamos uma professora que todos os dias mandava trabalhos de casa e a nossa turma sempre se sentia “zangados”, porque nós víamos outros alunos a brincar e a passear...e não sei quê... e nós estávamos enfiados na sala de estudo o dia inteiro a fazer trabalhos de casa. E pronto, era aquela coisa que saímos da escola almoçamos e vamos logo outra vez para a sala de estudo e só saíamos de lá já à noite. Não havia tempo para brincar quase nenhum.

Ent. - E depois quando tu começaste nesse ano...era o ano de começar a aprender as letras, a ler e tudo...como é que correu?

Maria – Não correu. Não correu porque lá está... eu acho que foi aí que comecei... eu não tinha a noção, não é? Pronto, mas eu agora que os meus pais me contam... até faz sentido. Acho que foi aí que a minha dislexia começou a aparecer, que eu não lia...

Ent. - Tu antes não sabias ler, não sabias que tinhas essa dificuldade...

Maria – Pronto, quando, quando eles me explicavam as coisas eu até entendia, mas depois ao praticar não saía nada e eu ficava confusa e ao ler aquilo lia nada e depois eu tinha que ir com uma caneta ler sílaba a sílaba e ficava ali durante não sei quanto tempo a ler... era complicado.

Ent. - E como é que a professora reagiu a essas dificuldades? Lembras-te?

Maria – Lembro-me. Ela disse que eu era preguiçosa e com falta de atenção.

Ent. - E depois o que é que... como é que a tua mãe decidiu levar-te a fazer a avaliação?

Maria – Porque a minha mãe achava que ela não tinha razão...não é não tinha razão... achava que era mais alguma coisa do que ser falta de atenção e preguiçosa. Ela achava que havia qualquer coisa ali. Então foi falar com uma psicóloga, acho que foi da escola e depois a psicóloga da escola decidiu encaminhar-me para a psicóloga ali em baixo. E pronto, acho que foi a partir daí que eu comecei a ir à psicóloga. Porque lá está, a psicóloga começou por ser a dislexia, mas, entretanto, a dislexia foi melhorando e começou a ser mesmo psicóloga, psicóloga.

Ent. - E como é que a professora reagiu depois dessa...de tu teres sido avaliada e de terem explicado a razão das tuas dificuldades?

Maria – Não me lembro. Não me lembro e acho que também nunca me disseram...porque eu entretanto saí da escola e entretanto...

Ent. - Portanto, o 1º ano passou-se assim?

Maria – O primeiro ano...sim

Ent. - Passou, tu a tentares aprender, ela...

Maria – Só foi, acho que já foi no 4º ano que eu comecei a...a começar a ler e a escrever como deve ser.

Ent. - E depois de tu já teres sido avaliada, já ias à psicóloga, as coisas melhoraram? era diferente? elas trabalham contigo de maneira diferente? de maneira que tu conseguisses...

Maria – Na sala?

Ent. - Sim, na sala.

Maria – Na sala não me lembro. Na sala lembro-me de estar sempre lá no meu cantinho, a escrever e a tentar perceber o que a stora dizia, mas na psicóloga era aqueles exercícios básicos, pronto para eu começar... porque na psicóloga tinha um exercício que era ela dava um texto e ela tinha um cronómetro e eu tinha que ter aquilo e depois ela no final dizia-me o tempo que eu demorei e os erros que eu dei. Pronto, e depois tinha que escrever não sei quantas vezes as palavras que errei como deve ser. Pronto, e foi aí que eu comecei a aprender a ler como deve ser e com tempo e depois foi muito mais fácil.

Ent. - E... fala um bocadinho da primária. De como é que era... tudo aquilo que tu te

Maria – Lá está. Eu não tenho muitas recordações porque era só isto. Eu tinha...

Ent. - Tiveste sempre a mesma professora?

Maria – Tive. Tive sempre a mesma professora, a professora Conceição. Mas é isto basicamente. A minha primária foi isso, foi estar na sala, ir para os intervalos para o pé da minha mãe e pronto, ir para a sala. Porque não tinha amigos, porque lá está, eu era a maior de a toda a gente e acho que também tinham um bocado medo de mim, não sei. E pronto, não sei...é isso.

Ent. - A tua escola era aqui perto da tua casa?

Maria – Não. É ao pé dos bombeiros de Queluz.

Ent. - E lá nessa escola não andou ninguém contigo... os colegas depois mudaram? só foste colega deles na primária?

Maria – Sim.

Ent. - Depois quando passaste para cima, para quinto ano...

Maria – Foram todos para outras escolas e eu fui para a 2/3.

Ent. - Olha então e os miúdos cá fora... com quem é que tu te davas? com alguém lá da escola... já tinhas os amigos aqui de ao pé de casa...

Maria – Eu aqui nunca tive amigos. Porque lá está, também como eram todos assim de mais longe... Eu aqui não tinha amigos, e na escola só havia um grupinho, mas aquele grupinho era tudo menos amigos. Eram só para interesse, pronto, eram aqueles que “ah e tal é a filha aqui da funcionária, vamos aproveitar e tal”, mas...e pronto, era só isso, porque, eu não tinha amigos na primária.

Ent. - E depois quando passaste para a 2/3 como é que foi? o que sentiste? Sentias-te ansiosa por mudares para um “clima” diferente...

Maria – Sentia-me ansiosa, mas pelo lado positivo, porque eu ia sair lá...

Ent. - Querias sair, não é?

Maria – Eu queria era sair dali. Sair para um sítio novo, pessoas novas, já não tinha a minha mãe... por um lado era diferente, não é? Porque, pronto, comparada com a escola ali em baixo aquilo era gigante, era uma coisa completamente diferente. Mas foi bom. Porque, “pá” já passou.

Ent. - Já passou...

Maria – Já passou, já não tenho que lidar com pessoas assim, e foi bom ter pessoas novas e adaptei-me logo muito bem. Pronto.

Ent. - Quanto tu eras pequena, lembras-te de ouvir histórias dos teus pais em que eles queriam muito ter uma menina ou queriam mais ter um rapaz...ou que vieste altura certa... ou devia ser mais cedo ou mais tarde... histórias assim que te contassem de quando tu eras pequena?

Maria – Eu não tenho a certeza, mas eu acho que... eu acho que fui planeada... acho que nasci porque, pronto... mas eu acho que houve umas complicações na gravidez. Pronto, e acho que eles, na altura eles ficaram um bocado indecisos se queriam ou não ter criança. Pronto. Mas acho que pronto, correu tudo bem. Entretanto depois cresci e tal, e não sei quê, e depois, entretanto o meu irmão nasceu e quando ele... ainda estava grávida, a minha mãe, estávamos os três deitados na cama e disseram...”então e que nome vamos

dar ao bebé?” e eu disse “João”, e pronto, fui eu que escolhi o nome do...mas eu queria uma irmã.

Ent. - Querias uma irmã?

Maria – Queria uma irmã.

Ent. - Já ouvi dizer que tu querias fazer uma troca...

Maria – É...também com uma miúda lá do ATL.

Ent. - Olha, então não tens noção de como é que foi a gravidez. Do que é que tinha acontecido...

Maria – É assim, soube que houve uma doença qualquer que tinha a ver com um gato, o Silvestre, que acho que era o Silvestre. E que isso poderia fazer com que eu tivesse...que tivessem que abortar, não é? Acho que era isso. Exato. Mas, entretanto, acho que conseguiu...

Ent. - Se a “coisa corresse mal”, mas não correu.

Maria – Exato.

Ent. - E depois, mesmo ali naquelas últimas semanas acho que também houve “para ali uma coisa” ...acho que tu não estavas a aumentar de peso...

Maria – Sim, exato. Eu estava a crescer demasiado e não estava a engordar, então tiveram que me tirar mais cedo, e, entretanto, eu engordar cá fora.

Ent. - E tu já sabias dessas histórias todas quando a tua mãe engravidou do teu irmão?

Maria – Já não me lembro..., mas eu acho que é que todos os anos quando eu faço anos, a minha mãe conta-me essa história. Num dia antes de eu fazer anos, ela conta-me a história.

Ent. - Então e ficaste com medo quando ela engravidou que pudesse alguma coisa correu mal ou estiveste sempre tranquila?

Maria – Não... é assim... porque lá está, a minha mãe antes de engravidar do meu irmão ela teve vários abortos, pronto...

Ent. - Tu ias sabendo?

Maria – Sim, porque, lá está, a minha mãe, sempre que ela engravidava ela contava-me, pronto. E acho que foi um dia em que eu cheguei a casa com o meu pai e ela estava deitada ali no sofá e estava murchinha, “estava coiso”, e pronto acho que tinha sido no dia anterior que tinha havido uma festa qualquer e pronto. E quando ela... e quando eu cheguei a casa ela estava muito triste e não sei quê, e disse minha perdido o bebé. E depois quando ela me contou que estava grávida fiquei feliz, claro...mais um irmão e tal e não sei quê...e acho que nem tive tempo para pensar nessas coisas. Também era miúda, não tinha noção disso, portanto acho que não, não tive esse tipo de inseguranças.

Ent. - Então vamos lá voltar ali ao 5º ano. O que sentiste quando as aulas começaram e te deparaste com uma turma com miúdos tu não conhecias, com não sei quantos professores em vez de ser só a mesma...?

Maria – Eu acho que senti-me feliz, porque lá está, eram pessoas novas e pensei que me tinha tentado adaptar bem e depois...no primeiro dia fui com a minha mãe e ela, eu acho que ela estava mais preocupada do que eu. E eu lembro-me de perguntar em que turma é que ia ficar e depois eles juntaram-me ao grupinho da turma, pronto, e a partir daí a minha mãe nunca mais me viu, eu juntei-me ao grupo, fui para a sala com a turma e a minha mãe ficou lá, e eu nunca mais...pronto. Eu acho que não me preocupei. Foi normal.

Ent. - O 5º ano correu bem?

Maria – Sim.

Ent. - Deste-te bem logo com os colegas todos, não tiveste nunca nenhum problema, nenhum incidente?

Maria – Acho que é só aquelas coisas básicas, de haver ali algum conflito, mas não é assim nada de especial. Entretanto... acho que, entretanto, houve lá qualquer problema qualquer

que eu já estava... já estava cansada daquela turma. Já não sei o que é que tinha acontecido e... não sei...foi uma discussão qualquer parva. Foi no sexto ano, porque eu estive 2 anos com essa turma, não tive 3 anos, do 5º ao 7º. Depois chumbei no 7º e fiquei com esta turma até ao 9º, prontos e foi a melhor coisa que me aconteceu. Não sei eu já não me lembro, e pronto, foi até ao fim e foi a melhor turma que eu tive.

Ent. - A outra...

Maria – Do 7º ao 9º.

Ent. - Gostaste mais destes, não é? Então e não sei...que queres contar alguma coisa dessa altura...?

Maria – Do segundo 7º ao 9º?

Ent. - Não, da primeira.

Maria – Não. Acho que não há nada assim que eu me recorde, porque também não...lá está, não me ficaram aqui...nada de especial.

Ent. - Então vá, vamos para a segunda turma. Na segunda turma conhecias alguém ou também eram todos...

Maria – Eu acho que havia lá uma colega minha, mas eu... porque lá está, porque ela acho que também tinha chumbado e foi nessa turma que quando eu cheguei ao grupo eu reconheci-a logo, não sei se eu a conhecia na turma ou conhecia alguém... que tínhamos alguém em conjunto, pronto, mas sim, foi logo a primeira pessoa que eu conheci foi ela, e partir daí fui conhecendo as outras pessoas.

Ent. - E ficaste sempre a dar-te com ela?

Maria – Sim, não era aquele tipo de amizade que estivéssemos nos intervalos e não sei quê, mas dávamo-nos bem, e ainda hoje vamos na rua e cumprimentamo-nos e tal.

Ent. - E nos intervalos? O que é que tu gostavas de fazer, quando andavas lá nessa escola?

Maria – Ir lá para trás falar com as minhas colegas.

Ent. - Ao pé do portão...

Maria – dos professores.

Ent. - Alguém que tenha marcado, da turma do 5º ao 7º. Ficaste com alguma amizade? Ainda hoje falas com alguém?

Maria – Não. Não falo com ninguém.

Ent. - Ninguém. E na outra turma? tinhas um grupinho de amigos?

Maria – Tinha. Ainda...foi...lá está o problema agora é que nós não temos quase tempo nenhum para estar juntas, é raro, e quando estamos é de tipo duas pessoas e pouco mais, ou quando tentamos combinar uma coisa, “ah não posso, tenho qualquer coisa combinada”, nunca dá..., portanto é raro estarmos todas juntas, mas quando estamos é uma festa.

Ent. - Esse grupinho era de quantas pessoas?

Maria – 5

Ent. - Enquanto estiveste lá a estudar tinham mais tempo para se encontrar, ou era só na escola que estavam juntas?

Maria – Era na escola e nos dias de aniversário, pouco mais.

Ent. - Olha, aniversário! Sempre foste convidada para ir a festas, ias não ias...?

Maria – É assim, na da...na primeira turma do 5º ao 7º era raro ser convidada. Acho que só houve uma vez em que eu fui ao cinema com elas. No segundo ano já fui mais convidada para festas, sim.

Ent. - A tua mãe falou-me de episódio em que tu foste a uma festa e depois ela quando te foi buscar tu choraste...

Maria – Mas isso foi na primária.

Ent. - Foi na primária, lembraste disso?

Maria – Lembro.

Ent. - O que é que aconteceu?

Maria – Lá está, era aquele grupinho de interesseiros, que era...tínhamos... Era para irmos a casa de uma delas, ficávamos lá a passar a tarde, e não sei, de um momento para o outro ela puxa-me de encontra o portão e começa-me a gritar e a chamar nomes e não sei quê, e quando a minha mãe chegou estava a chorar, pronto. Não, não sei porque é que ela fez aquilo.

Ent. - Nessa altura não pediste a mãe dela para chamar a tua mãe...

Maria – Não. não me lembro.

Ent. - Ficaste lá toda a tarde...

Maria – Pois. só lembro mesmo dela me empurrar de encontra o portão e pronto.

Ent. - E nesse grupo de amigos, dos cinco, onde é que entra a Maitê?

Maria – A Maitê entra na altura em que a mãe dela foi minha professora, que foi no segundo 7º ano, acho eu, não...foi no 8º ano, e que havia um colega meu que conhecia, pronto. Pronto, e ele disse “eu sou amigo da filha da stora”, pronto, e eu fiquei...”a sério?” e elas são...” fiquei curiosa...”e elas são parecidas? e não sei quê...”, “ah são, e tal, e não sei quê...” e eu “pronto, ok, está bem...” e entretanto um dia...passados uns dias encontrei-a e pronto, ficamos a falar e não sei quê...e ficamos muito amigas. E pronto, foi a partir daí.

Ent. - Quando é que tu começaste a sentir-te assim mais triste, mais...sempre achaste que não tinhas muito a ver com os miúdos da tua idade, não é? E foste-te isolando ou...

Maria – Eu acho que foi, lá está, no segundo 7º ano, em que comecei a importar-me demasiado...não é demasiado, mas com as notas. como comecei a ver que eles tinham... eram mais inteligentes do que eu entre aspas, pronto, e acho que isso afetou-me um bocado.

Ent. - Então o facto de teres repetido o 7º...

Maria – Isso a mim não... porque até me fez bem.

Ent. - Pronto, porque percebeste e até estiveste numa numa outra turma que gostaste mais e tudo, não é? mas se calhar foi um clique para tu começares a pensar nas notas...

Maria – Exato. Também eu acho que quando eu chumbei foi por causa de educação física, nem foi por causa das outras notas, foi educação física e matemática, pronto, e educação física nessa altura ainda contava.

Ent. - Agora já conta outra vez.

Maria – Pois, mas eu agora... (risos).

Ent. - Então, mas fala-me dessa altura...conta-me, tudo o que tu te lembrares, do que tu ias sentindo, de...tudo...isto é a história da tua vida. Dos teus sentimentos, das coisas que tu foste pensando, das coisas que te foram acontecendo, das coisas que te marcaram...

Maria – Como eu estava a descer as notas os professores começaram-me a indicar para os apoios, pronto, e eu acho que eu senti-me um bocado frustrada nessa altura, porque eu era a única aluna dentro da sala com um professor, pronto.

Ent. - Mas tu já tinhas apoio quando eu lá estava. Sentias-te mal nessa altura?

Maria – Não porque nessa altura ainda tinha alunos comigo, não era só eu na sala. Eu acho que isso também me fazia confusão, porque eu era a única aluna ali e os professores também estavam sempre a forçar, por exemplo diziam para fazer aquele exercício, eu ainda estava a pensar nesse exercício “já fizeste”, já estavam a forçar uma pessoa e eu não gostava muito daquilo e depois sentia-me bué esquisita, pronto, eu acho que isso também não ajudou muito. Depois também tive...porque, entretanto, também mudei de centro de estudos, porque isso também foi uma grande...acho que isso também foi uma grande mudança para mim. Eu não gosto de mudanças. Porque eu estava num centro estudos e a minha explicadora tinha saído e eu fiquei com outra, credo, que aquilo até fazia imensa confusão e eu, entretanto, foi no 7º ano também acho eu...portanto, no 7º ano foi aquela mudança mesmo BUM...

Ent. - Muita coisa a acontecer ao mesmo tempo.

Maria – Exato. E, entretanto, eu decidi “não vou continuar aqui porque eu não me sinto bem aqui” e então fui para outro centro de estudos e nesse centro de estudos eu tinha uma explicadora...eu tinha a explicadora que me ajudava imenso com os estudos e também com problemas que ela também é psicóloga, pronto, e eu falava imenso com ela.

Ent. - Sobre o que é que tu falavas com ela? O que é que tu achavas nessa altura que eram os teus problemas? O que sentias?

Maria – Também tinha a ver com as notas. Que eu sentia-me triste. Eu chegava ao centro estudos a chorar por causa que tinha uma negativa, por exemplo, e entretanto ela queria falar comigo, queria tentar perceber o que é que se passava para além das notas, pronto, e eu falava com ela, que eram as coisas em casa, que era por exemplo uma discussão que eu tive com os meus colegas, um comentário negativo sobre mim, qualquer coisa, qualquer coisa me fazia mal, pronto. E passado uns tempos foi aquela situação dos cortes, pronto, que ela...foi ela que disse aos meus pais, o que é que se passava.

Ent. - Sabes que eu tinha um bocadinho de medo, quando vim falar com eles, porque achei que eles não sabiam de nada, e que se nós íamos falar sobre isso...porque é assim, o trabalho vai ser anónimo, não é? Ninguém vai saber que o trabalho é sobre ti, mas os teus pais depois podem querer ler o trabalho e iam ficar a saber. Mas os

teus pais sabem de tudo e parece-me que eles te apoiam sempre em tudo. Estão sempre do teu lado, não é?

Maria – Sim porque eu também tinha um bocado de medo de lhes contar, porque lá está, isso da psicóloga foi, ela descobriu, porque eu mostrei-lhe. Ela disse-me “o que é que se passa e não sei quê...” e eu mostrei-lhe e ela disse-me, avisou-me pelo menos 2 ou 3 vezes “se voltas a fazer isso conto aos teus pais” e eu feita parva resolvi fazer outra vez, pronto. E ela houve um dia em que disse “olha então é assim, a próxima semana, reunião com os teus pais e tu vais contar o que é que se passa” e eu “ok”. E pronto, e ela disse e disse-me “queres que eu conte ou contas tu?” e eu “eu conto” e pronto e mostrei-lhe. Eu achei que a reação deles foi melhor do que aquilo que eu estava à espera. Pensei que eles fossem ficar tipo monstros, mas não. Foi...tentaram ouvir, tentaram perceber o que é que se passava e não sei quê e nesse dia não falamos no assunto, não falamos, saímos do centro de estudo viemos para casa e como se nada tivesse acontecido e desde aí não falamos mais no assunto.

Ent. - E achaste estranho? Estavas à espera que eles falassem? Precisavas que eles falassem?

Maria – Não, não é precisar que eles falassem, só achei estranha a atitude deles. Não estava à espera que eles simplesmente...eu sei que eles não ignoraram, mas não foi aquela atitude que eu estava à espera.

Ent. - Porque é que achas que eles decidiram não falar?

Maria – Porque eu acho que eles perceberam que aquilo já tinha acabado. Porque pronto, eles sabiam, a explicadora sabia, mas a minha psicóloga não sabia. Porquê? Porque houve uma altura no primeiro 7º ano em que as minhas colegas todas andavam parvas a fazer aquilo, mas é que era mesmo à toa. Faziam porque estava na moda fazer aquilo.

Ent. - Foi na altura do jogo da baleia azul?

Maria – Não, isso já foi há bastante tempo.

Ent. - Isso voltou agora outra vez...

Maria – Enfim...e eu não disse à minha psicóloga porque nessa altura em que elas andavam a fazer isso eu dizia que não percebia o sentido daquilo, pronto. Eu achava que ela ia, tipo apontar o dedo “ah andas a dizer aquilo e não sei quê, mas depois fazes”. Então, passado uns dias a minha mãe disse “ah, encontrei a Dra. Mónica e contei-lhe” e eu disse “ah ok”, “que é para quando estiveres com ela dizeres-lhe” e eu “ok”. Quando estive com ela contei-lhe e ela disse “ah é normal na tua idade” e eu “...an ok” (riso de lol) eu fiquei assim...pronto, está bem, ok, o que é que eu posso dizer? E pronto.

Ent. - Lembras-te do que é que te passou pela cabeça, o que é que pensavas nessa altura? Porque é que fizeste isso? Tiveste algum motivo, alguma coisa que te levasse a pensar nisso? Lembraste porque é que te sentias assim?

Maria – Porque nessa altura como eu trazia tantas negativas para casa eu achava que tinha de ser castigada de alguma maneira, pronto. E tinha que ser eu a castigar-me. E era essa a maneira que eu encontrei.

Ent. - Sabes que nem todas as pessoas vão ser doutoras, advogadas, e por aí a fora...e sabes que todas as profissões são importantes. Não é preciso...imagina que só havia engenheiros e médicos...e os teus pais...alguma vez sentiste da parte deles que eles queriam que tu estudasses muito, fosses muito inteligente e tivesses boas notas, alguma vez sentiste alguma pressão?

Maria – Houve uma vez que, era a inglês, porque eu também tinha muitas dificuldades a inglês, mas, entretanto, quando fui para o outro centro de estudos foi assim uma coisa fantástica, em que eu tinha muitas negativas a inglês também e o meu pai fez assim “tiras positiva a inglês no próximo teste, levo-te a Londres”...nunca mais fui a Londres e tive positiva no teste. E lá está, eu acho que era isso, eu queria ter boas notas para ficarem contentes e para eu também ter alguma coisa em recompensa.

Ent. - Tu sabes que a tua mãe também tinha muitas dificuldades na escola, ela alguma vez te falou disso?

Maria – Ela...eu acho que oiço mais o meu pai falar sobre isso do que a minha mãe, a minha mãe fala mais é da António Arroio. Da altura da António Arroio. O meu pai não. O meu pai fala mais da escola dele, porque lá está, ele também tem dislexia, então ele também se identifica um bocado comigo nessa situação.

Ent. - Mas tu sabes isso agora ou sempre soubeste?

Maria – O quê?

Ent. - Que ele também teve dificuldades, que passou pelo mesmo que tu...

Maria – É assim eu acho que eu tenho mais memórias agora, porque também, pronto...

Ent. - Porque já consegues ver as coisas de outra forma...

Maria – Exato. Na altura não me lembro se ele me dizia estas coisas, mas agora ele fala e diz que se fosse na altura dele se calhar com estas regras ele se calhar tinha melhores notas, pronto...

Ent. - Então tu na altura não te devias estar a sentir nada bem e decidiste experimentar...não é? Experimentar...(riso) como é que se experimenta a fazer uma coisa destas? Ainda por cima que dói...

Maria – Porque eu...aquilo...como é que eu vou explicar isto? Aquilo não dói...não é...

Ent. - Não dói porque naquela altura...o estado de espírito é...

Maria – Exato, na altura nós estamos a pensar naquilo, mas não é a mesma coisa que a gente fazer um corte sem querer, pronto, a gente está a fazer aquilo e sabe o que estamos a fazer, pronto não é aquela dor...arde depois, mas não dói.

Ent. - E fizeste isso durante quanto tempo?

Maria – Um ano e tal, pra aí...

Ent. - E lá na escola era normal, muita gente fazia isso?

Maria – Na altura...é assim, também não sei, as pessoas também não andam para aí a...quer dizer há pessoas que fazem, porque é assim eu conhecia pessoas que diziam “ah eu fiz isto, e tal e coiso...”, mas eu não, eu por exemplo quando fazia, eu tentava esconder ao máximo, era camisolas largas, era pulseiras e não sei quê, mas é assim que eu saiba, não era assim tantas pessoas, porque lá está eu tinha aquela coisa que é eu faço mas se

eu sei que alguém faz eu vou tentar que a pessoa pare, ou tentar perceber o porque é que ela faz e tentar chamá-la à razão para ela parar de fazer aquilo, pronto. Houve pelo menos 2 pessoas que eu vim a descobrir e eu fiz tudo para elas pararem. Houve 1 que eu consegui que parasse, porque aquilo também 1 coisa de meses com ela e passou rápido, houve outras que pronto não, não consegui, elas também não queriam ser ajudadas, portanto não podia fazer nada.

Ent. - Portanto quando tu tentaste ajudar as tuas amigas já tinhas parado?

Maria – Não. Acho eu. Já não me lembro. Acho que não, não.

Ent. - E como é que tu conseguias r que para os outros estava errado e continuavas a achar que era uma forma boa para te castigar a tinha? Porque é que havias de merecer castigada?

Maria – Isso é outra coisa que é na altura parecia certo, mas depois era arrependimento por ter feito, porque sabia que aquilo era errado. Pronto.

Ent. - Tinhas ali um misto de sensações

Maria – Porque lá está, quando eu o fazia sabia que estava errado, mas fazia à mesma pronto, mas depois de fazer eu arrependia-me de fazer aquilo arrependia-me e achava que aquilo era uma estupidez, mas pronto já estava feito já não podia fazer nada. E depois quando voltava, voltava a fazer e pronto.

Ent. - Então fala-me sobre a Maitê, por exemplo.

Maria – O que é que há para dizer? Foi uma pessoa que...eu tenho uma ideia que é assim...as coisas acontecem por algum motivo, pronto, ela tinha que estar na minha vida...aconteceu, durou...sofremos...

Ent. - E achas que ela esteve na tua vida porquê? Para tinha ou para ela? Tu tinhas a aprender com ela ou porque ela precisava da tua ajuda?

Maria – É assim, eu na altura também...se a gente for a ver as amigas que eu tinha, não tinham nada a ver comigo, eram pessoas completamente de outro universo, pronto, e a Maitê naquela altura era uma pessoa...

Ent. - Com quem mais te identificavas...

Maria – Com quem me identificava ali psicologicamente era a pessoa com quem pronto...portanto acho que isto foi um *fifty fifty* pra mim e para ela, que ela precisava de alguém que a puxasse para cima e eu alguém que me compreendesse a maneira como eu pensava, pronto, portanto, acho que foi um bocado *fifty fifty*, nesse aspeto. Entretanto a situação foi piorando e ela é que me baixava, não era eu que a levantava, pronto, e acho que isso chegou a um ponto que eu desisti.

Ent. - E nessas alturas em que tu te sentias assim conversavas mais com...além de dela, não é? Tu tinhas muito apoio de alguns professores...

Maria – Sim, mas não era, eu acho que não era o apoio ideal.

Ent. - Não?

Maria – Não. Eu acho que aquele apoio era, tinha segundas intenções.

Ent. - Achas?

Maria – Acho

Ent. - Estás a falar de quem, então?

Maria – De P₁₂.

Ent. - Na altura era a que mais te apoiava?

Maria – Lá está, eu achava que me estava a apoiar. Mas, não. Porque é assim eu quando, porque lá está, essa professora era a pessoa mais próxima da mãe da Maitê. E o que é que eu tentava...tentava perceber, porque lá está, também era a pessoa com aquela idade, que tem mais experiência de vida, pronto, e eu sempre que tinha algumas dificuldades com

a Maitê eu ia recorrer a ela, mas agora que eu penso eu sinto que ela usava-me para depois ir meter nas orelhas da senhora, pronto, porque é assim, acabava sempre no mesmo ciclo vicioso, eu falava com a professora, ela ia falar com P₁₂ e a Maitê levava por tabela, e pronto, era sempre aquilo. E eu achava que aquilo era normal. Ela ia falar com a mãe e a mãe falava com a filha e pronto. Agora eu acho que não é bem assim, acho que aquilo havia ali mais qualquer coisa e pronto.

Ent. - E fala-me lá de P₉, a tua dt.

Maria – A P₉ é a minha dt preferida. Eu tive muitos dts, muitos.

Ent. - Também deves ter gostado muito da professora Ana Esteves...

Maria – Essa mulher...é uma coisa fantástica. Sim, acho que a professora Helena é mesmo aquela pessoa ideal para ser professora e dt.

Ent. - Sabes que ela me falou na faculdade...

Maria – Eu sei.

Ent. - Ela disse-me que te prometeu que ia lá contigo

Maria – Eu sei

Ent. - E eu achei esplendorosa essa ideia

Maria – Eu sei. Eu sei, ela sempre que está comigo fala-me do assunto.

Ent. - Ela não se vai esquecer e acho muito bem que ela não se esqueça

Maria – Mas eu também lhe disse, já lhe disse que agora tem que ser com calma, que eu estou com a minha vida de pernas pro ar.

Ent. - Mas é normal. É um passo de cada vez

Maria – Foi o que eu lhe disse...

Ent. - Não podes ir pra faculdade agora, estás a acabar agora a secundária.

Maria – Eu disse-lhe que tenho que ser com calma, depois do estágio, depois das aulas de condução...depois do curso acabar, ou um bocadinho antes, para não ser tudo em cima da hora...

Ent. - Não, um bocadinho antes, para tu depois também teres aquela noção do que vem a seguir.

Maria – Mas tem que ser com calma que eu agora estou com a cabeça a andar à roda.

Ent. - O que é que te cativou, na conversa dela? A forma como ela falava contigo, a maneira como ela te ouvia...

Maria – A “stora” P₉, eu acho que foi a maneira como ela nos tratava, porque ela não nos tratava simplesmente como alunos, para ela nós éramos uns filhos da escola, pronto, ela fazia tudo por nós. E nós se pudéssemos também fazíamos qualquer coisa por ela. Eu por exemplo sou secretária fora da escola, ela quando precisa de falar com algum dos meus colegas é a mim que ela recorre. E eu claro aceito logo. Porque lá está, é uma pessoa que se interessa pelos alunos e faz tudo por eles e eu gosto disso nela. Mesmo que não goste da disciplina dela.

Ent. - Francês, não era?

Maria – Sim.

Ent. - Então fala-me lá da professora P₈.

Maria – A stora P₈ deu-me francês quando eu ainda estava na outra turma e depois deu-me português, e depois voltou-me a dar francês. Eu acho que, lá está, ela é tipo a tia. A prof. P₉ é a nossa mãe e a prof... P₈ é a nossa tia. Porque elas gostam muito de nós e nós gostamos muito delas. E ela também deu-me apoio e eu gostava muito dela. E quando eu tinha dificuldades ela ajudava-me imenso.

Ent. - Então nessa altura já tinhas percebido que o apoio não funciona só para quem é muito diferente...gostavas do apoio com ela... (risos)

Maria – Não, mas nessa altura tinha um colega comigo também.

Ent. - Sabes que quando se tem o apoio sozinho na escola é muito melhor do que quando se tem acompanhado. Isto porque tu vais para o apoio, é como tu ires para uma explicação cá fora. Tem vantagens, não tens que pagar...e não tens que gastar tempo fora da escola.

Maria – Pois, mas eu não gosto. Tenho a atenção toda para mim, portanto...

Ent. - Porque é que não gostas de ter a tenção toda para ti?

Maria – Não sei, sinto-me esquisita. Não gosto, não gosto do foco em mim.

Ent. - Mas ter o foco em nós é bom.

Maria – Ah mas eu prefiro ficar no meu cantinho. Não há necessidade. Há pessoas que preferem, elas que fiquem com ela, que eu fico aqui no canto.

Ent. - Fala-me da prof. de educação Especial.

Maria – De Educação Especial...

Ent. - De Educação Especial.

Maria – Eu não me dava com ela.

Ent. - Não?

Maria – Não. Eu acho que só falei uma vez com ela e foi por causa de uma reunião qualquer que a minha mãe tinha que ir e ela foi falar comigo. De resto...

Ent. - Então o apoio era indireto, era só olha sei que esta menina existe, está lá na sala...era assim? Não tinhas apoio indireto? Nessa altura tu tinhas educação especial?

Maria – Sim.

Ent. - O que é que eles te “faziam”? Por parte de EE o que é que tu tinhas?

Maria – Eu não tinha EE.

Ent. - Não tiveste nunca?

Maria – Não.

Ent. - Pronto, apoio indireto, ou seja, tu só tinhas alguém responsável por fazer lembrar aos professores que tu precisavas de mais tempo nos testes, exercícios diferentes...

Maria – Exato. Só.

Ent. - Então a prof. de Educação Especial, para o caso de não teres percebido, era ela que fazia isso. Falava com os prof. todos do conselho de turma, explicava qual é que era a tua situação, que tinhas dislexia, ...o que é que é isso da dislexia, o que é que é preciso fazer, e ela fazia...então vocês têm que fazer os testes mais curtos, mais direcionados, com este tipo de exercícios...era ela que fazia isso. Bom, tirando a Professora P₉ e a professora P₈, com quem mais tu te davas na escola que gostasses?

Maria – Eu gostava muito da professora P₁.

Ent. - Ah pois, a professora P₁. Foi a primeira a responder à entrevista.

Maria – Eu gostava muito da professora P₅, mas ela é uma professora que dentro da sala de aula gosta de aluno/professor, pronto. Mas depois cá fora é uma pessoa espetacular, à sua maneira, mas gosta dos seus alunos, pronto. E nós gostamos muito dela.

Ent. - Então e pela negativa? Quem é que te marcou pela negativa? Alguém que te tenha afetado com algum comentário...alguma vez foste tratada de maneira diferente nalguma aula, por alguém, alguém que te tenha marcado pela negativa...

Maria – É assim, eu basicamente acabo sempre por ser tratada de maneira diferente por causa da dislexia. Tinha que ficar à frente, mas como era alta tinha que ficar no canto à frente da professora, portanto, era sempre, acabava por ser tratada diferente, por exemplo os meus colegas estavam sempre a refilar “porque é que a Maria está lá a frente?” e eu “tem que ser” ...pronto ma acaba por ser tratada diferente.

Ent. - Sim, mas isso é uma situação que toda a gente acabava por perceber, agora por parte do professor, alguma vez sentiste que... que te tenha chamado qualquer coisa, ou que tenha, ...

Maria – Houve uma vez, uma professora de FQ, eu acho que era a professora Conceição qualquer coisa, houve uma vez em que depois do teste ela entregou-me e eu não sei porque é que eu perguntei aquilo, mas disse “é negativa, não é?” e ela disse “claro” e eu fixe, ok, nada fora do normal.

Ent. - Ou seja, claro, ela já não esperava que tu conseguisses...e tu perdeste a esperança? Ou já não estavas a investir nada na disciplina?

Maria – Eu acho que nunca fui muito boa a FQ.

Ent. - Olha, achas que te faz diferença...já alguma vez te aconteceu tu gostares muito da disciplina e teres um professor que tu detestavas e nunca mais ligaste “àquilo”? ou alguma disciplina em que tu não gostavas nada, mas gostavas tanto daquele professor que até te entusiasmaste e até quiseste aprender mais?

Maria – Pela negativa, de não gostar do professor acho que não, pronto lá FQ não gostava nem da disciplina nem da professora, a...matemática acho que no início...matemática nunca gostei de matemática pronto, e no início eu não gostava muito da professora, mas entretanto eu fui começando a gostar mais da professora, não sei porquê comecei-me a...mas lá está, não me esforçava por matemática porque eu não percebia matemática, a professora estar a falar ali, os números para mim não me diziam nada, a...

Ent. - Mas faz diferença, por exemplo ainda hoje, tu chegaste à escola e...dedicas-te mais ou menos à disciplina consoante o professor que tens, se tens uma afinidade com ele ou não?

Maria – Não.

Ent. - Ou é-te indiferente?

Maria – É-me indiferente.

Ent. - Não gostas do professor, mas continuas a dedicar-te muito à disciplina?

Maria – Sim. Eu também ali na secundária ainda não tenho esse tipo de relações com os professores, portanto, é aquilo é aquilo. Pronto, se eu não gostar...

Ent. - Sim, mas para trás.

Maria – Não.

Ent. - Pensando nas disciplinas todas que já tiveste

Maria – Não.

Ent. - Não te influencia? É indiferente. Podem-te lá por assim uma pessoa que é aquilo e acabou a conversa e tu..." tá-se" bem na mesma.

Maria – Sim.

Ent. - Tiveste pena de sair da 2/3?

Maria – Tive. E eu sempre que posso vou lá.

Ent. - Olha, ouvi contar...foste ao baile de finalistas?

Maria – O ano passado, sim.

Ent. - E gostaste de ir?

Maria – Eu senti-me um bocado triste, entre aspas, no sentido que, por exemplo no meu baile de finalistas os professores foram todos. Eu acho que aí há uma grande diferença. Eu acho que quando a gente saiu da 2/3 houve ali uma mudança drástica da mentalidade dos alunos, porque é assim, os professores lidam todos os dias com os alunos, eu acho que também era bom tê-los num dia de festa para comemorar mais uma etapa e não sei quê, na nossa altura nós convidamos todos os professores, eles não, eles só convidaram um professor e pronto, foi aquilo. Foi só aquilo. Eu achei um bocado chato da parte deles, mas de resto sim, tirei fotografias e tal.

Ent. - E tu quiseste ir desde o princípio?

Maria – Desde o princípio não, foi uma amiga minha que me perguntou se eu queria ir ao baile de finalistas e eu disse que sim, pronto.

Ent. - E estavas muito gira. Quem te ajudou a escolher a roupa?

Maria – Quem me...espere aí...estamos a falar do ano passado?

Ent. - Não no baile de finalistas da 2/3.

Maria – O meu?

Ent. - No ano passado também tiveste um baile de finalistas?

Maria – Não. Estávamos a falar do meu? Ok. Há dois anos na 2/3 foi um vestido que eu tinha aí em casa, pronto, e depois foi uma coisinha que a minha mãe pediu para fazer ali na costureira em baixo.

Ent. - Mas a mim um passarinho contou-me que tu não querias ir ao baile porque não encontravas uma roupa que tu gostavas.

Maria – Não. Eu não queria ir ao baile porque simplesmente não me estava a interessar ir ao baile. Não achava interessante, preferia ficar em casa, mas, entretanto, as minhas colegas começaram-se a entusiasmar e começaram a falar do baile e não sei quê, e eu pronto, está bem, eu vou. E pronto, fui. Não tinha a ver com a roupa.

Ent. - Então, tu não ligas nada a isso da roupa?

Maria – Não.

Ent. - Então, para ti ter ido ao baile com aquele vestido ou ter ido com umas calças...

Maria – Com umas calças e uma camisola, estava feito.

Ent. - Porquê?

Maria – Porque eu sou assim, simplesmente não...

Ent. - Pois, eu quero é que tu me fales de ti. Tu não falas eu tenho que te perguntar.

Maria – Não sei, porque eu não sou assim vaidosa.

Ent. - Mas tu és tão gira. E tu sabes, tu és gira. Tu tiras imensas fotografias a tinha própria. E tens a noção que és bonita, não tens? Sabes isso, não sabes?

Maria – Há dias que sim, há dias que não. (risos) Depende.

Ent. - Então, nos dias em que tu tiras, nesses dias estás sempre a achar que és bonita.

Maria – Não, simplesmente olho para o espelho e “ah está bem, hoje aproveita-se qualquer coisa...” (risos).

Ent. - Fala lá de ti. Porque é que te sentes assim? A tua altura faz-te diferença?

Maria – Eu acho que já fez mais diferença, agora estou-me um bocado...

Ent. - E fazia-te diferença porquê? Só porque os outros eram mais baixos do que tu?

Maria – Sim porque eu achava estranho os adolescentes da minha idade serem normais, pronto, assim dizendo, e eu ser uma pessoa de 1,85m

Ent. - E porque é que eles é que eram os normais? O que é que é isso de ser normal então?

Maria – Porque a sociedade decidiu assim.

Ent. - Ah não decidiu não. Vai lá ver as modelos!

Maria – Pronto, lá está, mas aqui em Portugal, a sociedade decidiu...a mentalidade das pessoas é 1,60m 50, ta bom.

Ent. - Tu sabes que as pessoas são todas diferentes...

Maria – Sim, eu sei.

Ent. - Tu sabes que as pessoas crescem todas de maneira diferente. Alguma vez te passou pela cabeça que tu só estivesses a cumprir o teu plano de crescimento?

Maria – Ah não...cheguei a uma altura em que eu pensei “eu sou normal e eles são todos anormais”

Ent. - Sim, mas é que as pessoas crescem em alturas diferentes. Hoje em dia os teus colegas são todos mais baixos do que tu?

Maria – Sim.

Ent. - Não tens ninguém da tua altura?

Maria – Tenho uma. Que é um bocadinho mais abaixo do que eu. De resto...

Ent. - Mas da tua turma?

Maria – Sim.

Ent. - Mas na tua escola tu encontras imensa gente da tua altura.

Maria – Rapazes.

Ent. - Ai...

Maria – Juro.

Ent. - Então as miúdas foram todas para a escola lá de manequins, queres ver...

Maria – Juro. (risos) daquilo que eu vejo, só vejo rapazes da minha altura ou mais altos, de resto é tudo ...

Ent. - Mas agora já consegues achar piada em ser mais alta...

Maria – Sim, muita gente diz: “mas porque é que não vais para basquete?” e não sei quê, porque eu não gosto.

Ent. - Ok, não gostas não vais, não tens que ir.

Maria – Ai! mas é quase todos os dias. “porque é que não fazes desporto?” porque eu não quero...

Ent. - Mas quando as pessoas te dizem assim “olha porque é que...” ... “porque é que não fazes um *booking*”, “porque não pensas em ser modelo?”. As pessoas dizem-te isso porque realmente as pessoas gostam de ti. E gostam de ti assim....

Maria – Hum, hum.

Ent. - Então não havia assim tantas razões para teres esses problemas todos “sou mais alta e os outros são todos pequenos e eu sou tão alta porquê? Mas porque é que me aconteceu isto a mim?” a ti estava-te a acontecer uma coisa boa, só que tu estavas preocupada com outras coisas e não conseguias perceber isso. Pensas assim agora ou continuas a achar que tu é que eras a desajustada?

Maria – Não. Acho que agora já não me preocupo tanto com isso. Sou alta, sou alta, olha saí ao meu pai.

Ent. - E o teu pai todo orgulhoso com isso...

Maria – Ele agora está com “medo” que eu lhe passe. Mas agora já não devo crescer mais.

Ent. - Então, vamos falar da escola nova. Isto está a ir é muito rápido, temos que voltar depois atrás e pegar nessas coisas todas outra vez...

Quem é que te falou em mudar de escola e passar para um curso profissional?

Maria – Foi a psicóloga lá de baixo. Que me falou no curso, porque eu disse-lhe que não fazia a menor ideia do que queria fazer. Quando eu saísse da 2/3 para mim era tipo “para onde é que eu vou?”. Eu sempre andei na 2/3 e eu não sei o que é que eu vou fazer, não sei o que eu quero fazer, não tenho a mínima ideia, para mim não tinha futuro...naquela altura para mim não tinha futuro, pronto. E ela disse-me assim “conhecendo-te como te conheço, eu sei que para ciências não vais.” Porque ciências é um curso que puxa muito e eu não tenho miolos para isso.

Ent. – Oi!...

Maria – Não, porque é assim, eu vejo os meus colegas e os meus ex-colegas estão em ciências e estão a “bater com a cabeça nas paredes” porque não sabem o que é que hão-de fazer, é só estudar, não têm vida social. E eu não tenho psicológico para isso. Pronto, e ela falou-me “e que tal ir para um curso profissional?” e eu fiquei interessada.

Ent. - E explicou-te?

Maria – E explicou-me o que é que consistia e mais não sei quê, e eu fiquei interessada, “está bem” e na altura não sabia o que é que era a secundária, porque lá está, eu sempre andei aqui em Monte Abraão e não sabia que existia nenhum...

Ent. - Portanto, ela primeiro explicou-te que existia a saída curso profissional, diferente do “via ensino só estudo, só estudo e depois se não entrar na universidade não faço mais nada porque não aprendi a fazer mais nada.” E ficaste convencida a ir para um curso profissional, mas sem saber qualquer querias ir para fotografia ou ficaste logo a pensar na fotografia?

Maria – Eu quando falei com ela disse-lhe, porque ela começou-me a dizer os cursos que haviam e não sei quê, e o de fotografia foi o único que me fazia sentido, porque era aquilo que eu fazia nos meus *hobbies*, pronto, tirar fotografia às pessoas, aos animais e a tudo aquilo que me aparecia à frente. Pronto, e acho que era aquele curso que se calhar me cabia mais no perfil. E pronto, e ...

Ent. - Mas tu nessa altura pensaste no imediato, “eu vou para fotografia...”

Maria – Não....

Ent. - Porque “é aquilo que eu gosto de fazer”, ou alguma vez te passou pela cabeça “eu vou para fotografia porque eu até gostava de vir no futuro a trabalhar nisso”

Maria – Não. Eu quando ela me falou no curso de fotografia eu só pensei “é fotografia”. Porque lá está, quando as pessoas ouvem falar num curso de fotografia pensam “ah um curso de fotografia, basta pegar numa máquina e tirar fotografias, não vais aprender nada de novo”, pronto, e eu não sabia para o que é que ia. Foi a primeira coisa que me ocorreu.

Ent. - Mas interessava-te nessa altura aprender mais e fazer aquilo que tu gostas de fazer ou nessa altura tu já pensaste no futuro? “sim se calhar eu no futuro, eu um dia vou ter que trabalhar e vejo-me a trabalhar em fotografia” ...

Maria – Não, simplesmente...

Ent. - Pensaste no imediato...

Maria – Exato.

Ent. - E depois como é que foi chegar a uma escola onde tu na conhecias ninguém...

Maria – Foi um ataque de pânico. Não conhecia ninguém, estava completamente perdida, aquilo é uma escola gigante...

Ent. - É diferente, aquilo até já tem um aspeto até de faculdade, não é?

Maria – Eu fiquei completamente em pânico. No primeiro dia “ah e tal, dia tal têm que ir à escola e vão ter uma reunião com a dt e tal e não sei quê, na sala tal” e eu “pronto, ok.” Fui para o portão...para a sala lá do pavilhão, e fiquei lá durante não sei quanto tempo e de repente passou lá uma menina “então, mas olha lá, onde é que está aqui os...”, “ah eles estão no auditório” e eu “ah...no auditório?” (risos) eu disse “logo no 1º dia no auditório? Está bem” pronto, e depois já tinham acabado lá a reunião com o diretor e eu não estava no auditório. Pronto, perdi as regras todas da escola e tudo mais, e eu “pronto, olha, está

bem”. Depois passado uma semana foi a reunião com a turma e eu também não perdi nada. E pronto.

Ent. - Então, qual é que era a tua principal preocupação quando mudaste de escola? Era o espaço físico ser outro, não conhecer ninguém, como ir para a escola...como é que tu vais para a escola, como é que tu começaste a ir para a escola? A mãe ia-te pôr e buscar?

Maria – O 1º dia ela levou-me de carro, acho eu. Mas tive que ir perguntar que autocarros é que passavam à frente da escola, se eu conseguia apanhar aqui, e pronto. Mas, foi...foi assim.

Ent. - O que é que te inquietava mais? Não conhecer ninguém, não conhecer o espaço físico da escola, não saber o percurso que tu ias ter que fazer de autocarro...

Maria – A 1ª coisa foi ter que andar de autocarro sozinha, que eu nunca tinha andado.

Ent. - É uma preocupação que não é só tua. É verdade... hoje em dia... às vezes a gente sofre por antecipação, sabes?

Maria – Outra coisa foi...eu cheguei, no 1º dia, eu cheguei à escola, estava toda vestida de preto, com uns óculos de sol, e ao que parece estava com uma cara trancada, não sei, porque no dia a seguir uma pessoa da minha turma disse “ah eu quando a vi pela 1ª vez achava que era uma mãe” e eu “an...”. “sim estavas toda vestida de preto, com uns óculos de sol e com uma cara trancada” e eu “olha, olha não sabia”. Mas, pronto, depois foi logo no 1º dia da reunião com a dt, uma rapariga, ela tinha 18 anos na altura, e eu fiquei “tu tens 18 aos?”. Uma coisinha assi, com uma voz “bué” esganiçada, ainda por cima uma miúda de 15/16 anos...” ah sou a Tatiana” e eu... a Tatiana, aquela, uma das que fez a entrevista... e eu, pronto, comecei a ser amiga dela, começamo-nos a conhecer melhor...entretanto fui conhecendo o resto da turma. No 1º dia de aulas estávamos todos sentados, estava eu com a Tatiana, e de repente só ouvimos assim “então, tudo bem meninas?” e eu “oi?”, mas foi assim de um momento para o outro, estava a tentar falar connosco e eu fiquei assim “ok” foi logo assim uma coisa À 1ª. E pronto, acho que depois fomos todos nos conhecendo e tal e não sei quê, e ficamos todos amigos.

Ent. - Então, afinal havia razão para tanta preocupação?

Maria – Não. Ma lá está, eu para ser sincera eu só sou amiga das pessoas da minha turma, porque de resto eu não conheço ninguém na escola.

Ent. - Mas tu estás numa fase diferente do teu crescimento, não é? Quando somos mais novos gostamos de ter muitos amigos, quando vamos crescendo vamos reduzindo ali o grupo de amigos, mas vamos criando uma relação diferente com os que são agora nossos amigos. Olha para a tua turma e olha para todos os outros colegas que tu tens lá da 2/3 na altura em que lá estavas, e olha agora para a secundária e para a tua turma, o que é que para ti consideras até melhor... a situação que tu estás a viver agora, os amigos que tu tens agora, ou quando tu estavas lá em cima que tinhas ali...amigos teus eram uns 4 ou 5 não é? E depois tinhas os outros...que conhecias...então, o que achas que é melhor? Conhecer muita gente, mas ter poucos amigos, ou ter uma turma onde todos são amigos e precisas de uma coisa e qualquer um da turma ajuda-te logo?

Maria – É assim, é um bocado complicado porque na 2/3, é assim é a tal...eu tinha aquele grupinho de 5 raparigas e ainda falo com elas, não falo com o resto da turma, mas com elas as 5 eu sei que posso contar com elas para qualquer coisa. Ali eu tenho uma turma inteira, sim, mas vivem todos “tipo” ...lá no fundo...lá está, eu posso contar com eles na escola, mas agora que eu não estou com elas na escola posso contar com elas fora da escola, mas eu acho que... não consigo escolher...

7º, 8º, 9º, três...10º, 11º. Ainda não estiveste 3 anos com eles todos, não é? E já têm todos outro tipo de interesses, já estás a trabalhar... é tudo diferente, não é? Olha e os professores?

Hum...os professores...o meu professor preferido...eu tenho 2 professores assim mais preferidos, um que já não é meu professor, foi o ano passado, que é o professor João e o meu...que ainda é meu professor é o professor Jorge que é o de fotografia. Depois pronto, são os outros.

Ent. - Então, não tem nada a ver com tu gostares mesmo de fotografia e da disciplina?

Maria – Não, porque a disciplina dele...é assim, no início a disciplina dele até era interessante, eram coisas novas...O professor Jorge...a disciplina dele até é engraçada,

pronto, mas começa-se...é como todas as disciplinas práticas, começa-se a cansar um bocado. Porque é assim, nós temos aquele tempo para fazer cada trabalho, pronto, e há certos trabalhos que aquilo logo no início perde...não queremos fazer isso, não tem interesse, não estamos interessados e a gente diz-lhe mesmo «oh “stor” isto? A sério? Vá lá, uma coisa mais interessante» e ele diz “não, temos que fazer, vá lá, pesquisem e não sei quê” e a gente lá faz aquilo. Mas ele é muito engraçado, nós gostamos muito dele. E o “stor” João é...como é que eu hei-de explicar? É um senhor com mentalidade de adolescente. Pronto, é muito à frente nós gostamos muito dele, é assim 5*.

Ent. - E a dt?

Maria – A dt...a dt como é que eu vou explicar isto? Ela é uma dt um bocado diferente daquilo que nós estamos habituados, pelo menos eu, não sei como é que eles...pelo menos na disciplina dela é temos uma matéria para dar...ela dá-nos uma ficha, com matéria, entrega-nos...façam o trabalho e pronto. Temos para aí 12 aulas para fazer...para dar a matéria, ela dá a 1ª aula a folha, nós temos essas 12 aulas para entregar o trabalho e pronto, a gente fica...quem fizer o trabalho no 1º dia, temos o resto das 11 aulas para ficar no computador a ver coisas que a gente quer. Pronto, mas ela é 5*, ela ajuda-nos em tudo o que pode, tenta proteger-nos ao máximo. É um dt muito fixe.

Ent. - Mas muito diferente da professora P₉, não é? A professora P₉ tinha outra relação com vocês.

Maria – Sim. Acho que...também eu acho que, é assim nós somos turma casada, e com a professora P₉ ela só tinha 1 turma para tomar conta, por assim dizer...aquela stora não, tem 2 turmas com coisas completamente diferentes, portanto, é sempre mais...

Ent. - E as auxiliares? Quem é que te marcou mais na 2/3?

Maria – Na 2/3, deixa-me ver...eu acho que foi a D. São.

Ent. - A D. São é assim...marca qualquer um. Tem uma forma muito diferente de ser e de ver as coisas. E aqui, nesta escola?

Maria – Nesta escola a D. Fátima, que o ano passado era a nossa funcionária lá em baixo e que infelizmente foi mudada...não foi mudada para um sítio, ela anda a dar a volta à

escola, a gente já brinca com ela...”então D. Fátima já está aqui no portão?” e ela disse “pois, ando aqui de um lado para o outro, não faço mais nada na vida, qualquer dia estou fora da escola” e a gente...”pois já viu? Estava bem era lá em baixo connosco” e ela disse “pois estava, mas olha, tiveram que me mudar”. Agora está lá uma sra. que credo, aquilo é mesmo...é uma coisa mesmo esquisita. Ninguém gosta dela.

Ent. - O estágio? Vamos falar do estágio.

Maria – O estágio está...

Ent. - Foi stressante para ti estares assim até muito em cima sem saberes o que ias fazer? Ou...

Maria – Foi. Foi porque também tinha muita pressão dos meus pais. Porque, lá está, o professor...isto é um bocado mau, mas é assim, quando eu fui para o curso, eu não fazia a mínima ideia que íamos ter estágio. Pronto, nem estágio, nem PAP. Foi só a meio do 1º ano que me disseram “ah para o ano vamos começar estágio” ... e eu...”an, o quê? Estágio?” “sim, depois no 3º PAP” e eu...” o quê? Mas eu vim para um curso e agora vou ter que...está bem...ok”. E o 1º ano foi muito complicado para mim com a ideia de ter que ir estagiar. Porque, lá está, quando me falaram do estágio, falaram-me que tínhamos que ir para lojas. E aí é que eu acho que o meu batimento cardíaco ficou ali nas altas...

Ent. - Tiveste o 1º ano sempre a sofrer...

Maria – Por antecipação.

Ent. - Por antecipação porque ias para o estágio no 2º.

Maria – Numa loja, a atender ao público, que foi aquele momento mesmo dramático. Porque eu sentia que não ia conseguir, porque lidar com público e ter que falar, e ter que...

Ent. - Olha, mas tu falas muito bem.

Maria – Ai...falo lindamente. Mas lá está isso é outra que é assim, eu no 1º ano entrava em pânico, mas já agora neste ano eu já estava mais conformada com a ideia de ter que ir para uma loja. Porque eu até disse ao “stor” “é assim se eu tiver que ir para uma loja eu

vou para o Rossio e fico lá...eu desenrasco-me, já estou preparada psicologicamente”, pronto. Eu acho que fui conseguindo lidar com a situação e tentar acalmar-me e...” algum dia há-de ser” e eu tenho que enfrentar este medo. Mas pronto, ainda não foi agora. (riso)

Ent. - Porque é que tu dizes que é o medo?

Maria – Porque eu acho que não lido bem com as pessoas.

Ent. - E porque é que dizes isso?

Maria – Eu não sei, eu quando falo com uma pessoa que não conheço muito bem eu começo a engasgar-me e a dizer coisas que não tem nada a ver. E fico...não consigo olhar nos olhos e fico muito vermelha...não sei.

Ent. - Mas isso não tem razão de ser, pois não? Pensa lá um bocadinho.

Maria – Não sei, simplesmente acontece.

Ent. - E porque é que as outras pessoas que tu não conheces hão-de ser diferentes daquelas que tu conheces? Tu és sempre tu. E se tu não as conheces porque é que Hades dar tanta importância aquilo que elas vão ficar a pensar? Imagina que tu estavas a trabalhar numa loja e não me conhecias e eu vinha aqui comprar qualquer coisa, ias ter algum problema em falar comigo? Não me conheces...

Maria – Não sei, não consigo explicar.

Ent. - Tenta.

Maria – Porque, por exemplo, tenho falado com os meus colegas sobre o estágio e há muitas que estão nas lojas, pronto, e elas dizem mesmo que é assim o problema delas nem é falarem com as pessoas, são as pessoas que têm a mania, pronto, acham que têm razão, têm razão até ao fim e se alguém as contrariar, pronto, é o fim daquilo...elas têm...

Ent. - Mas tu estás em estágio, é assim se tu fosses trabalhar numa loja eles primeiro têm que te explicar como é que as coisas funcionam e que tipo de atendimento é que tu tinhas que fazer. E se não corre bem, chamasse um superior e ele acaba de

resolver a situação. Não tens que ter medo de lidar com ninguém. O que é que tu fazes agora no estágio? Afinal qual é o teu trabalho?

Maria – Vai variando de dia para dia. Posso dobrar, posso ter que por coisas em envelopes, posso ter que por chapas em máquinas, vai variando.

Ent. - Trabalhas numa loja com quantas pessoas? É uma loja, é um armazém...?

Maria – Aquilo é uma gráfica, pronto, e aquilo...

Ent. - É um armazém? Não entra ninguém...não vai lá ninguém diretamente?

Maria – Aquilo está escondido, mas quem quiser pode abrir a porta e entrar.

Ent. - Mas não atende ao público.

Maria – Não, não.

Ent. - E tu trabalhas para um fotógrafo.

Maria – Não.

Ent. - Então, explica-me.

Maria – Eu trabalho para uma empresa.

Ent. - Trabalhas numa empresa. E fazem...é uma gráfica, as pessoas encomendam coisas e vocês fazem, é isso?

Maria – Sim, aquilo basicamente é as pessoas ligam para lá e dizem por exemplo, aquilo é mais trabalham para empresas, não é para uma pessoa que quer imprimir alguma coisa, não.

Ent. - Uma empresa liga para lá e diz “olhe eu quero 500 envelopes com o logotipo tal...”

Maria – Exato. E a gente...

Ent. - E vocês fazem o envelope com o logotipo...

Maria – Exato

Ent. - E quantas pessoas trabalham contigo?

Maria – Para aí umas 10/15 pessoas.

Ent. - E sentes que isso está relacionado com o teu curo? É o tipo de trabalho que tu gostavas de fazer?

Maria – É assim, aquilo está relacionado indiretamente. Porque é assim, nós agora na nossa escola, nós todos os anos lançamos um livro que é o “Emoções”, pronto...

Ent. - Emoções?

Maria – É.

Ent. - Olha isso é giro.

Maria – Que tem trabalhos dos alunos, pronto. E ali nós acabamos por perceber como é que é o processo de imprimir um livro e por as folhas e não sei quê, pronto. Aquilo acaba por ser...

Ent. - Já aprendeste muita coisa lá?

Maria – Lá está, eles não nos vão dar trabalhos assim muito importantes, dão-nos aquilo que nós podemos fazer.

Ent. - Mas tu vais ver como é que os outros fazem...

Maria – Sim, eu às vezes vou dando uma espreitadela, como é que eles trabalham nas máquinas, o que é que eles fazem...

Ent. - Achas que era um trabalho que tu gostavas de fazer quando acabasses o curso trabalhar numa gráfica por exemplo?

Maria – Eu acho que não porque eu não gosto de ficar fechada num sítio durante muito tempo.

Ent. - Ah, muito bem..., mas para quem não gosta de falar com pessoas não quer ficar fechada. Muito linda. Então e diz-me lá uma coisa, imaginaste a fazer o quê? Imagina que acabavas agora, já consegues imaginar?

Maria – Não. Ainda estou perdida.

Ent. - Nessa idade a pessoa ainda não consegue ter muito bem a noção. Olha tu com a idade que tens ainda não tens que trabalhar, se calhar nem tens muito bem a noção que vais ter que trabalhar para te sustentar no futuro, não é?

Maria – Eu acho que é assim, hoje em dia os adolescentes têm aquela ideia que é assim, nós passamos a vida na escola...

Ent. - Não é só os adolescentes (risos)

Maria – Pois, mas é que se a gente for a ver, desde que nos lembramos que somos gente até aos 18 e quem vai para a faculdade, e vai tirar cursos superiores e não sei quê, passa a vida na escola. A gente não sabe o que a gente quer fazer na vida porque é assim, de um momento para o outro vamos trabalhar e pronto, o que é que vamos fazer? Na sabemos. Eu estou...não sei, estou...completamente a zero.

Ent. - Mas, até agora sentes que estás ligado à fotografia ou se calhar passa pela fotografia?

Maria – Eu acho que...não sei se vou viver...não é viver na fotografia, mas com alguma coisa relacionada com a fotografia, porque eu lembro-me que desde pequenina que eu gostava de trabalhar com animais marinhos...não tem nada a ver...mas sempre gostei de animais marinhos. Porque o meu animal favorito é o golfinho e eu sempre fiquei fascinada por trabalhar com animais marinhos e ia ao zoo marinho e ficava fascinada por eles estarem lá a brincar com os golfinhos. Mas pronto, para isso precisamos de ir para ciências, não é? E não.

Ent. - Ou não. Podes sei lá, imagina que tu até vais para jornalismo, para fotografar animais, fazer fotojornalismo, há muita coisa que pode estar relacionada com animais e que não passe por ir para ciências.

Maria – Pois, não sei.

Ent. - E por exemplo, não sei como é que isso funciona, mas há de haver sítios onde tu podes ir trabalhar de voluntária nas férias, para poder contactar com outras realidades para depois poder escolher.

A única escola, que te falaram, que tinha o curso de fotografia era aqui a secundária?

Maria – Sim porque esta é a única escola no país onde não se paga para ter um curso profissional de fotografia, acho que há uma também no Porto e tem que se pagar.

Ent. - Então e a António Arroio não tinha nada que te interessasse?

Maria – A António Arroio...

Ent. - É porque essa escola tem muita fama.

Maria – Pois tem, mas na António Arroio eu acho que...é assim eu 1º a António Arroio foi...eu acho que tirei logo essa ideia da cabeça porque lá está, tinha a ver com os transportes, e eu acho que isso também...porque é assim, eu não me, lá está, eu quando saí da 2/3 eu não fazia a mínima ideia para onde é que ia. E pensar ir para Lisboa...assim...não, não vai acontecer! Já para ir para a Amadora foi o que foi, nem quero imaginar no que tinha sido ir para Lisboa. Apanhar comboio, apanhar metro...

Ent. - E se fosse agora?

Maria – Se fosse agora muito menos. Porque a outra...tá lá, não...muito menos.

Ent. - Esquece a “outra”. Nem estava a pensar na outra.

Maria – Pronto, mas eu não.

Ent. - Imagina que ela não existe, e se fosse agora?

Maria – Não, não.

Ent. - Achas que essa escola te trazia mais, abria-te mais horizontes?

Maria – Não, porque eu tenho falado com algumas pessoas que também estão lá, por exemplo a Cláudia que é uma amiga minha também, está lá a estudar e ela está em artes mesmo e ela não tem estágio acho eu.

Ent. - Ai não?

Maria – Não têm estágio e eu acho que isto é uma coisa boa, que é o estágio, a gente ter noção do campo de trabalho que a gente pode ter se sempre seguir com fotografia. Eu acho que lá na Arroio não há estágio.

Ent. - Então, e diz-me uma coisa, o estágio do próximo ano vai ter que ser no mesmo sítio ou pode ser num sítio diferente?

Maria – É assim, se a gente quiser acho que pode ser, mas os meus pais já me disseram que não querem que eu fique 2 anos seguidos no mesmo sítio e ainda por cima 2 meses. Não é só 1, são 2 meses. E eu já tenho andado assim a rondar a situação que é assim a minha mãe deu-me a ideia, a minha mãe não, a minha avó falou-me num assunto que era ir para o jornal Avante, pronto. E eu já lhe falei no assunto, para ela ir falando lá com alguém e ter contactos. Já falei também foi com uma amiga dos meus pais que trabalha numa revista, a telenovelas, para saber se ela também arranja lá estágios, pronto, já andei assim a ver mais sítios.

Ent. - Olha que bem, estás a ver, é assim mesmo que tens que fazer começar já a preparar o caminho para o próximo ano. Estou a gostar.

Maria – Agora falta saber se o professor aceita e se também me aceitam nos sítios.

Ent. - Mas tu quando fores fazer a proposta ao professor, se levores já “olhe eu posso ir para aqui, tenho esta oportunidade, o que é que me diz?”, é melhor do que dizeres-lhe assim “olhe estava a pensar ir para um sítio diferente, o que é que acha?... Ah

vou tentar arranjar” e depois sabes que à última da hora é complicado arranjar, não é?

Maria – Sim.

Ent. - E se tiveres 2 ou 3 alternativas, melhor ainda. Mas olha estás tão diferente, pelo menos de há uns 2 ou 3 anos para cá cresceste muito...e não é em altura (risos)

Maria – Isso estou a diminuir pelo que já vi.

Ent. - Então e diz-me lá uma coisa, carta de condução?

Então, carta de condução já comecei. Só mais uma coisa para a minha agenda.

Ent. - Estás a gostar?

Maria – Há dias que sim e há dias que não. Vai variando. Há dias que eu tenho vontade de pegar no carro e ir e há outros dias que...é mais um dia para ir para a escola de condução. Mas pronto.

Ent. - Mas sabes que...se fores enrolando...

Maria – Ah não, eu quero é despachar isto para ver se os meus pais também me largam da mão.

Ent. - E depois quando começou a conduzir, dizia assim “ai s eu soubesse, já tinha feito isto há mais tempo”.

Maria – Lá está, eu escolhi, não foi escolher, é assim, os meus pais já me andavam a falar disto pelo menos desde o ano passado, quando tinha 17 anos, quando eu podia fazer e tinha tempo, porque é assim, eu agora é estágio, é aulas de código é tudo e mais alguma coisa, pronto. E o ano passado eu tinha tempo, porque era só escola e casa, pronto, e agora não, agora é isto tudo não estou a ver como é que...por acaso tive sorte no horário, que é de tarde dá para fazer tudo, mas, ai...cansaço.

Ent. - Faz bem o stress, eu funciono bem com stress.

Maria – Ai eu não. Vou ter um brack down qualquer dia. (risos)

Ent. - Depois vais lá para baixo. Vais para baixo nas férias?

Maria – Não sei. Depende também do horário do “coiso” da minha mãe. Mas não sei. Agora este fim de semana vou para o outro lado.

Ent. - Para a Costa?

Maria – E os meus pais vão para um SPA.

Ent. - Ah que bem...

Maria – Pronto. Vamos todos relaxar. Estamos todos a precisar.

Ent. - E o João? Vai estar contigo?

Maria – Vai.

Ent. - Então vá. Vamos lá falar do João. É bom ter um irmão mais pequeno?

Maria – Eu acho que ele está numa altura tão parva, que não. Na altura em que ele não dizia nada e que era só uma coisinha pequenina era tão bom. Mas agora...

Ent. - Gostas de bebés, portanto.

Maria – Gosto, gosto muito de bebés. Isso também era uma coisa engraçada, lá no outro centro de estudos. Aquilo era um colégio, então havia o centro de estudos e depois havia as várias salas com as idades dos miúdos, pronto, e eu de manhã era sempre das primeiras a chegar à escola, ali ao centro de estudos porque a minha mãe tinha que estar muito cedo no trabalho, pronto, e eu quando chegava era a primeira e depois começavam a chegar os mais pequeninos e então, eu ficava sempre a brincar com eles e a pegar neles ao colo, porque eles ficavam a chorar e depois acalmavam e não sei quê, pronto, e isso eu gostava muito de brincar e tomar conta dos bebés. Mas pronto, depois o João cresceu e pronto, agora estamos sempre às turras.

Ent. - Vocês têm uma diferença de quantos anos?

Maria – 8

Ent. - Então, e gostas mais de bebés ou gostas mais de fotografia?

Maria – Eu gosto de fotografia, mas a fotografia que eu gosto é uma fotografia que é tirar fotografia das pessoas quando elas estão distraídas, porque acho que as fotografias quando as pessoas estão a olhar, as fotografias não ficam com aquele efeito assim interessante, não, é só uma fotografia com uma pessoa a olhar para a câmara. Quando tiramos fotografias com as pessoas desprevenidas, acho que a fotografia fica mais interessante.

Ent. - Portanto, gostas mais de fotografia do que de bebés?

Maria – Hum, hum.

Ent. - Estava só a pensar que, sei lá, auxiliar de educação...

Maria – Na...

Ent. - Gostas de ficar sozinha com o João? Tomar conta dele?

Maria – Como é que eu vou explicar isto ... o João quando está sozinho comigo ele não se mete comigo, porquê? Porque ele sabe que naquele vale a pena. Porque ele sabe quando eu estou sozinha...ele fica lá no canto dele e eu fico no meu, não há discussão possível. Porque ele sabe que consegue me tirar do sério, mesmo que não...qualquer coisa me chateia, pronto, e então, ele fica lá e eu fico aqui e está...

Ent. - Então, descreve-me lá o João. Descreve-me, como é que ele é?

Maria – Ele é. Ele consegue ser muito carinhoso quando quer. Mas o problema do João é ele faz porcaria, mas passados 5 minutos já está agarrado a mim e a tentar pedir desculpas e eu digo “não é assim que se resolve as coisas”, porque não é, porque é assim eu estou a irritada com ele e ele força-me a abraçar, ainda me enerva mais. Porque eu sei que ele está a fazer aquilo para ver se me consegue acalmar, mas não, só me irrita mais, e ele já percebeu isso e às vezes tenta outras vezes não tenta. Mas sim, ele é um bocadinho

contraditório. É brincalhão. Ele sim é que vai para a António Arroio porque ele tem...ele sai tal e qual à mãe em relação às artes. Está sempre a desenhar, está sempre a pintar...

Ent. - E tem jeito?

Maria – Tem. Tem muito jeito. Por acaso...tem o jeito que eu não tenho. (risos)

Ent. - Qualidades. E defeitos?

Maria – É muito chato. Embirra bastante. Ele gosta de me provocar. E eu não consigo evitar, irrito-me, pronto, e depois levo na cabeça, dos meus pais, porque irrito-me facilmente.

Ent. - Então, e o que é que tu sentes por ele?

Maria – Sinto amor de irmã.

Ent. - Então, é aquele “cão e gato”, mas que não sabes viver sem ele na mesma...

Maria – Exato, porque é assim... como é que...

Ent. - Sentes falta dele agora que não está cá?

Maria – Não. Não, não.

Ent. - De embirrar com ele?

Maria – Não, não. Não. Uma semana sem ele é a melhor coisa que me podiam ter feito. Uma ou duas semanas sem ele..., mas por exemplo, ainda estive com ele ontem, portanto, não...estive com ele ontem, vou estar com ele amanhã, amanhã não, na quinta feira, portanto, acabo sempre...e também ele liga para os pais ou os pais ligam para ele, portanto, nós acabamos sempre por falar.

Ent. - E se ele não ligar?

Maria – Ligar, ligar?

Ent. - Sim. imagina, hoje não ligava, amanhã não ligava, no outro dia não ligava...

Maria – Pronto, olha, a gente depois fala. Porque lá está, eu tenho uma grande dificuldade...

Ent. - Mas tens saudades dele, não tens?

Maria – Eu às vezes sinto a casa demasiado sossegada, e fico “ok, isto está a ser demasiado estranho”, mas depois pronto, distraio-me e não é nada. Mas às vezes sinto aquela falta de agitação, porque ele agita a casa, ele está cá...

Ent. - E o que tu achas que ele sente por ti?

Maria – Amor de irmão, talvez...não?

Ent. - E tu na idade dele gostavas de ter atenção, eras carinhosa, gostavas que as pessoas te dessem abraços...

Maria – É assim, daquilo que eles me dizem, que eu não me lembro, eu era a princesinha, dava abraços, eu era fofinha e não sei quê, e eu era um bocadinho o contrário do meu irmão. A mim bastava uma vez me dizer não faças e eu não faço, bastava-me um olhar. A ele não, a gente diz que não, e ele vai lá mais umas 5 ou 6 vezes lá a fazer o mesmo. E se a gente reclamar com ele, ele ri-se na nossa cara, pronto. Eu era um bocadinho diferente dele.

Ent. - Mas tu, achas...achas que lhe dás miminhos suficientes ou achas que és assim...

Maria – Não.

Ent. - Tens a noção que lhe dás pouco mimo?

Maria – Hum, hum.

Ent. - E sabes que tu na altura dele também gostavas de miminhos...porque te dizem, no mínimo dizem-te, sabes porque te dizem, não é?

Maria – Sim, mas eu sei, mas lá está, eu também era filha única e então a atenção era toda para mim. Tinha a minha prima que era mais velha, mas, lá está, era mais velha, eu era aquela coisinha pequenina que toda a gente andava...

Ent. - E sentiste quando o teu irmão nasceu que deixaste de ter as atenções só para ti?

Maria – Não. Também já foi há bastante tempo...não, acho que não.

Ent. - E sentes que ele como criança quer as atenções só para ele?

Maria – É assim, há momentos em que se percebe mesmo que ele quer atenção, que é por exemplo, eu estou a ter uma conversa com a minha mãe e ele vai lá e interrompe e começa a falar por cima da gente e pronto, é só mesmo porque quer atenção. Não sei se quer atenção ou não se apercebe da situação e simplesmente começa a falar e acha que não faz mal, mas acho que muitas vezes é mesmo por atenção porque está a sentir...por exemplo ele está ao telefone e de repente começa a ouvir uma conversa e vai lá meter-se e começa a abraçar e a dar beijinhos e a falar “oh mãe, oh mãe” e eu “pronto, está bem”.

Ent. - Mas já pensaste alguma vez sobre isso? Se ele está carente e precisa de atenção... experimentar uma estratégia diferente...

Maria – Houve uma vez em que ele estava com algumas dificuldades na escola e estava a trazer más notas para casa, e a minha explicadora disse “epá se calhar convém falar com ele, e não sei quê” e eu tive uma conversa muito longa com ele, expliquei-lhe tudo e mais alguma coisa, estive-lhe a dizer tudo o que ele precisava de perceber e não sei quê. Passou uma semana muito bem, na semana a seguir já tinha tudo ido por água a baixo. E eu disse “pronto, ok”. Valeu a pena, mas não valeu porque ele percebeu durante uma semana, mas passado uma semana já acabou a conversa não lhe disse nada.

Ent. - E se calhar ele estava à espera que tu passado uma semana voltasses outra vez... “olha João...”. Não é por mal, porque na idade dele, ele não tem maturidade suficiente para “gravar” aquilo por muito tempo. Mas se calhar ele quando te abraça muito e te faz assim essas coisas é porque quer que tu lhe mostres mais que tu gostas dele. Porque tu gostas dele...e também te sabe bem às vezes os abracinhos dele...não sabe?

Maria – Às vezes, é aquela coisa demasiado, porque é assim, por exemplo ou está muito calor, estamos todos cheios de calor e ele ainda vem abraçar-se a nós e a gente “oh pá, oh João, está calor, vá lá”, e ele “mas eu quero dar um abraço”, e eu fico assim “pronto...vem cá dar um abraço, mas depois larga-me”...pronto, mas fica lá a fazer outra coisa e eu...”ok, não vale a pena”, porque falar com ele ou falar com uma parede é igual, muitas vezes.

Ent. - Olha, naquela altura em que tu eras mais pequena, o pai trabalhava muito longe, não trabalhava? Isto fazia-te diferença, ou compreendeste sempre isso?

Maria – Eu acho que na altura eu não tinha bem a noção.

Ent. - Não pensavas muito sobre isso?

Maria – Eu até gostava...ia dormir para a cama com a minha mãe. Ele lá e eu aqui...

Ent. - Eras compensada com mais atenção. Não é?

Maria – Então, e como é que foi agora quando a mãe esteve doente?

Eu acho, na altura foi um bocado o choque. Porque quando eu soube foi para aí uma semana antes de eu ir para o algarve com os meus avós. Portanto, foi ali um espaço de tempo demasiado curto para eu ter a informação dentro de mim e conseguir transmitir à minha mãe aquilo que eu queria, pronto.

Ent. - E conseguiste? Transmitir?

Maria – Eu acho que depois quando estive com ela, passei mais tempo com ela, fui com ela ao hospital e isso tudo... a fazer a quimioterapia e isso tudo, eu estive com ela lá. Durante essas 2 semanas que estive no algarve, sentia que não estava com ela lá e era um bocado chato. Mas depois, ia quase todos os dias com ela ao hospital.

Ent. - Como é que ela te contou?

Maria – Foi...estávamos na sala e ela chamou-me e disse-me “ah tenho uma coisa para te contar”, e eu fiquei assim um bocado...o que é que se passa? E ela disse-me “ah a mãe tem um problema e tal e não sei quê, tem que começar a fazer tratamentos, vou começar a perder o cabelo, e não sei quê” e eu fiquei assim um bocado em choque...

Ent. - Mas pensaste nessa altura...

Maria – Pensei o pior.

Ent. - E o pior é...

Maria – É que ela não ia conseguir superar. (lágrimas nos olhos)

Ent. - É difícil, não é? Foi a primeira vez que tu passaste assim por uma situação de doença?

Maria – Mais ou menos. É assim, com esta mentalidade foi. Porque eu também tive o meu avô “Dapero”, era assim que nós o tratávamos, pronto, em que ele teve durante 6 anos com uma doença...e ele...é assim, na altura eu não...pronto, era uma pessoa que estava com um problema qualquer e às vezes eu ia visita-lo ao hospital, mas...acho que foi essa situação que marcou mais.

Ent. - Mas, pronto, tu sabias que ele tinha tido essa doença e sabias que ele acabou por não resistir...

Maria – Ainda durou muitos anos. Porque acho que pelo que eu percebi os médicos davam-lhe para aí 6 meses de vida e ele durou 6 anos., por isso...

Ent. - E de repente a tua mãe vem-te dizer “olha...”

Maria – Pois.

Ent. - O que é que pensaste? Vai passar pelo mesmo processo...

Maria – Não sei, acho que foi aquele choque, porque ela começou-me a dizer os...o que ela tinha que ir fazer e não sei quê, e eu “ok, isto vai ser complicado”, mas pronto. Depois, acho que o choque passou e eu depois também ia com ela aos tratamentos e também via o que é que ela passava e ela também começou-me a dizer os sintomas e não sei quê, e acho que isso também ajudou um bocado...não foi aquele choque “ah o que é que se passa? O que está a acontecer?”.

Ent. - E durante o tratamento? Achaste sempre “vai correr tudo bem” ou tiveste medo?

Maria – Não, acho que depois...lá está, também estava sempre todos os dias com ela, também conseguia ver a energia dela. Sim, acho que depois dos tratamentos, achei que ia correr bem.

Ent. - E o João, achas que ele conseguiu...

Maria – Não. É assim, ele tinha uma mínima ideia, porque a mãe contou-lhe, disse-lhe, mas acho que ele não chegou lá...não chegou ao ponto que a mãe podia...pronto.

Ent. - E ainda estás preocupada com isso, ou já estás descansada?

Maria – É assim, há umas semanas atrás, a minha mãe disse que ia fazer uns exames para saber se estava tudo bem, mas como ela ainda não me disse nada, também não sei se...mas acho que está tudo bem.

Ent. - Perguntaste-lhe se já sabia...

Maria – Sim, às vezes eu pergunto-lhe “então, os exames e não sei quê” e ela disse “ah ainda não saiu nada, e eu já fui lá, fui só fazer uns exames, mas acho que está tudo bem” e eu fico tranquila.

Ent. - Gostas de ir para avó?

Maria – Para avó Ana? Gosto porque não faço nada. Passo os dias de pijama em frente ao computador.

Ent. - Então, e tu tens uma prima que também ia muito para lá...

Maria – Tinha, mas, entretanto, já...ela já...já está na vida dela

Ent. - Chegaste a ir para lá com ela?

Maria – Cheguei. Cheguei. Houve um ano, eu lembro-me, mas isto já foi há bastante tempo, acho que o João ainda não era nascido, em que eu soube que ela ia lá a passar o fim-de-semana e eu fiquei toda contente “eh a prima está lá, vai ser uma festa” e cheguei lá “ah a prima não vem” e eu “o quê? Deves estar a brincar comigo” e foi aí nesse dia que a minha avó decidiu pôr-me em frente ao computador e desde aí não largo o computador.

Ent. - Ela é mais velha que tu, não é?

Maria – Sim.

Ent. - E tu, quando quiseste uma irmã em vez de um irmão, pensaste alguma vez na tua prima...chegaste a conviver muito com ela, ou era mais ela vai agora eu vou depois...

Maria – Eu não me lembro muito bem de eu ir com ela para lá. Porque lá está, ela também passava muito tempo com os pais e eu depois...

Ent. - Mas tinhas vontade? De te juntar lá com ela?

Maria – Não, porque a gente também se dava muito mal.

Ent. - Então, a ideia de ter uma irmã em vez de um irmão, não tem nada a ver com teres uma prima...

Maria – Não. Não tem nada a ver a gente...estávamos sempre a discutir e a berrar uma com a outra, era sempre assim... não havia...há aquela amizade de primas, mas aquela distância...

Ent. - Achas que havia competição? Pela atenção? Achas que ela sentia...ela ia mais vezes do que tu ou menos vezes?

Maria – Ela ia muitas mais vezes que eu.

Ent. - Tu falaste-me da Professora P₁, mas depois acabamos por não falar dela, passamos para a P₅ e não falamos na P₁. Podes então dizer-me que tipo de relação é que tinhas com a professora P₁, como é que ela te apoiava, o que é que conversavam...

Maria – Eu nunca fui muito boa a desenhar, então, nunca tinha muita motivação para a aula dela, então, ela arranjava sempre assim...”desenha aquilo que tu quiseres e faz o que te apetecer”, porque eu, lá está, eu não tenho aquela veia artística da minha mãe, então, eu não tinha aquela motivação mas desenhava coisas pronto, fazia o que ela mandava, e depois pronto, ela dava-me assim coisas assim aleatórias para eu fazer na aula.

Ent. - E fora da aula, conversavas muito com ela? Tinhas uma relação...para além das aulas?

Maria – Não falava assim muito com ela, era só assim quando a via nos intervalos ou uma coisa assim, não era assim nada de especial.

Ent. - Com os professores com quem tu tinhas assim uma relação para além das aulas conversavas sobre o quê? Alguma coisa que tu achasses naquela altura que tivesse sido um problema e que tenhas desabafado com alguém, que te tenha ajudado a superar...

Maria – Superar não superei, mas foi aquela história dos cortes que falei com a professora Sandra Cadima. Falei com ela durante vários...durante o tempo em que fiz aquilo tudo, “vá” pronto, falei com ela, mas não foi por causa dela que eu superei.

Ent. - Falavas com ela assim cara a cara, pessoalmente?

Maria – Não, cara a cara era só mesmo nas aulas, porque de resto.

Ent. - Desses assuntos falavas por mensagens?

Maria – Sim.

Ent. - E nas mensagens, que tipo de incentivo é que ela te dava?

Maria – Aqueles comentários, comentários não, aqueles conselhos básicos “isso é só uma fase”, “isso passa” e não sei quê, mas não passava disso, pronto.

Ent. - A série “por 13 razões” que tu me falaste, gostaste muito desta série?

Maria – Eu gostei da primeira temporada, a segunda não me chamou a atenção.

Ent. - E o que é que te chamou a atenção na primeira?

Maria – Acho que abordava assuntos interessantes. Acho que aquilo era...na altura que eu vi aquilo achei que era uma série que falava daquilo e não...pronto, era aquilo e aquilo, não havia mais...

Ent. - Então, estamos a falar do suicídio?

Maria – Sim. E as razões que na cabeça das pessoas, “ah é por atenção e não sei quê”, não eles iam aos assuntos e iam perceber o porquê de ela fazer aquilo.

Ent. - Achavas que era importante, por exemplo nas escolas, falar-se sobre isto?

Maria – Eu acho que sim. porque acho que é um assunto que...acho que é naquela altura quando eu estava no 7º/8º ano, acho que é nessa altura em que os adolescentes precisam de ter essa conversa.

Ent. - Alguém teve essa conversa contigo?

Maria – Eu tinha a minha explicadora, que lá está, ela era psicóloga e eu falava muito com ela, e ela chamava-me muito a atenção e acho que foi a pessoa que cara a cara, foi a pessoa com quem mais falei disso.

Ent. - Tu passaste por uma fase da tua adolescência em que te sentias triste!

Maria – Sim.

Ent. - Explica-me como vivias nessa altura, que tipo de pensamentos é que tinhas, o que é que te aborrecia, ...

Maria – Eu basicamente ficava no meu cantinho a ouvir música. Não convivia com ninguém e não sei quê, e pronto, mas sentia-me frustrada, sentia-me triste, sentia-me deprimida, foi uma fase mesmo triste, mesmo escura.

Ent. - Alguma vez te sentiste triste a ponto de pensares em suicídio? Quando te cortavas alguma vez pensaste que se a “coisa corresse mal” ...

Maria – Não. Porque lá está...

Ent. - Ou os cortes não eram assim tão fundos...

Maria – Lá está, porque eu não fazia aquilo para matar-me, era mesmo para castigar-me.

Ent. - Essa situação dos cortes então achavas que era uma forma que servia para te castigares de não teres as notas que tu querias. Que tu querias, ninguém te impunha...sentias-te pressionada...não...os teus pais, achas que eles estavam dececionados e querias melhorar por eles ou querias melhorar por ti?

Maria – Acho que era um bocadinho os dois.

Ent. - Mas nunca te passou pela cabeça...

Maria – Não.

Ent. - Nunca estiveste assim tão triste a ponto de...

Maria – Não.

Ent. - Achas que é importante haver séries assim de algum outro assunto parecido com este? Que chamem a atenção para os jovens?

Maria – Sim. acho que sim, acho que hoje em dia acho que já há possibilidade de haver séries para tudo, não é só por exemplo para o romance ou comédia, não acho que já há possibilidade para haver séries para um bocadinho de cada assunto que existe na sociedade hoje em dia.

Ent. - Olha, essa fase de tristeza e desânimo já passou?

Maria – Já estou bem melhor, mas acho que há dias em que também volto um bocado atrás, mas depois passa.

Ent. - Superproteção dos pais. Achas que é um problema da sociedade atual?

Maria – Eu acho que não me sinto superprotegida pelos meus pais, pronto, sou uma adolescente, os meus pais tentam...pronto, são pais, não é? Mas acho que há filhos que estão mesmo muito protegidos, são aqueles filhos que os pais andam com eles ao colo. Eles têm razão até ao fim e são os reis do mundo, e mais ninguém pode ter uma opinião. Eu acho que isso...há algumas exceções. Mas não acho que toda a gente seja protegida pelos pais, há sempre aquelas exceções, pronto.

Ent. - Nunca tiveste então esse problema, nunca te sentiste superprotegida?

Maria – Não.

Ent. - Uma professora tua, com quem eu falei, disse que tu às vezes te sentias muito triste por causa da roupa. Que não conseguias encontrar assim roupa que tu gostavas por causa do teu tamanho.

Maria – Sapatos e roupa...os sapatos é aquela coisa de...pronto, como sou muito alta os pés também são muito grandes e então eu só consigo arranjar calçado de homem basicamente, pronto.

Ent. - E a roupa?

Maria – A roupa, eu acho que também tinha a ver com o meu peso. Eu sentia-me bem era com roupas largas. Não gostava de me sentir apertada. Então, usava sempre roupas largas, e eu acho que usar o preto também é uma cor que faz parecer as pessoas mais magrinhas...pronto. Mas também foi uma coisa que eu por exemplo se usar uma roupa mais colorida já não me sinto bem. Já é uma coisa minha.

Ent. - Porque habituaste-te a usar o preto para disfarçar aquilo que tu achavas que era um problema.

Maria – Exato.

Ent. - Esse estado de espírito que tu tinhas muitas vezes de ficar triste e te apetecer ficar sossegadinha, achas que tinha a ver especificamente as tuas dificuldades, por teres dislexia, por seres mais alta, o que é que te passava na cabeça?

Maria – Eu acho que também tinha a ver naquela altura era mais velha que os meus colegas de turma e então, eu tinha aquela ideia que...eh pá, eu ir para ali brincar com eles não me vai dizer nada porque lá está, eu sou mais velha e as brincadeiras deles não me dizem nada, acho que tinha mais a ver com isso.

Ent. - Estavas numa fase de crescimento diferente...

Maria – Exato.

Ent. - Já tínhamos falado que quando tu eras pequena não tinhas muitos amigos, e os teus colegas também não moravam por aqui...e os amigos dos teus pais? Miúdos da tua idade...

Maria – Não me lembro, só mesmo aqueles que ainda estão...ainda convivem connosco, pronto, só me lembro mesmo destes, de resto também não tenho assim uma grande ideia. Mas dou-me bem com eles, tenho conversas normais com eles, não é nada de mais.

Ent. - A reeducação da tua dislexia consistiu apenas em exercícios...

Maria – Sim.

Ent. - E tu hoje em dia não tens dificuldades...lês bem...consegues...

Maria – Eu acho...eu sinto que tenho mais dificuldades a falar, algumas palavras e a escrever...são palavras assim raras, por exemplo senhor eu houve um dia em que eu queria escrever senhor e não estava a conseguir perceber como é que se escrevia e fiquei ali não sei durante quanto tempo a tentar perceber e depois tive que parar e pensar e depois “ah escreve-se com s...ok”

Ent. - Bloqueaste...

Maria – Pensava que era com c..., mas eu percebi que aquilo não estava certo, mas depois consegui...

Ent. - Autoagressão tu disseste que era uma forma de te castigares pela escola, pelos resultados...

Maria – Hum, hum

Ent. - O futuro, ainda não sabes muito bem, pois não? Há-de ter a ver com fotografia.

Maria – Sim.

Ent. - E pensaste naquela ideia de nas férias ires fazer estágios em campos de férias ou “coisas assim”, só pela experiência?

Maria – Não sei...

Há uma coisa que é mais recente e eu acho que convém falar disso. Foi um assunto que eu acho que os meus amigos lidaram muito bem com isso, os meus amigos, colegas, foram todos espetaculares em relação a isso...da bissexualidade...foram todos espetaculares. Eu falei com eles, porque eu contei à pessoa que gostava.

Ent. - Então vamos lá começar do princípio que isso ainda não foi dito. Alguma vez tiveste namorados?

Maria – Não.

Ent. - Nunca chegaste a ter namorados.

Maria – Não.

Ent. - Porque não te interessavam?

Maria – Não. Porque eu gostei de rapazes e dizia-lhes, eu era...dizia-lhes logo. Eles não gostavam de mim, portanto, não dava..., portanto, não, nunca estive namorados. Mas já gostei de rapazes.

Ent. - Há pouco tempo então descobriste que gostavas de uma rapariga.

Maria – Sim. Descobri e disse-lhe. Disse-lhe, mas custou porque eu queria-lhe dizer logo mal comecei a perceber, mas ela arranjava mil e uma desculpas para não estar comigo e não sei quê, e pronto, foi-se adiando a situação.

Ent. - Mas achas que ela já tinha percebido?

Maria – Não. Porque quando eu lhe contei ela até pronto, ficou completamente espantada. E pronto, ainda demorou umas semanas a contar-lhe, entretanto eu precisava de falar com alguém e falei com uma amiga minha que acho que é das únicas amigas com quem eu tenho estado a falar sobre isto tudo que era da 2/3, e falei-lhe e ela apoiou-me, mas também disse-me “Maria tens que ter calma, sabes que provavelmente isso não vai acontecer e tal, e não sei quê”, e pronto, portanto, estava ali no...sabia que não ia acontecer mas também podia acontecer...e no dia em que eu ia falar com ela as minhas colegas da secundária, eu disse-lhes “ah vou falar, vou contar e tal...” e elas “ah e só agora é que nos dizes! E não sei quê, podias ter dito, para nós te arranjarmos...” pronto, foi assim uma coisa muito tranquila, reagiram muito bem. E pronto, falei com ela e ela pronto, deu-me uma negativa e pronto, foi isso.

Ent. - Mas continuaram amigas?

Maria – Eu queria, mas não falamos desde esse dia. Ela disse “ah e tal vamos combinar qualquer coisa” ...nunca mais, eu já tentei várias vezes, mas não.

Ent. - Mas antes era uma rapariga que estava muito contigo?

Maria – Sim.

Ent. - É da tua turma?

Maria – Era da minha turma, da 2/3.

Ent. - Era da 2/3? Daquele grupo dos cinco?

Maria – Não.

Ent. - E chegaste a contar aos teus pais?

Maria – Não, é assim que eles vão descobrir, acho que é mais fácil assim.

Ent. - E como é que achas que eles vão encarar isso?

Maria – Não sei porque eu também estive uma colega na minha turma também descobriu e tal...descobriu...acho que isso não se descobre, foi assim uma coisa que ela se apercebeu e pronto, e tem uma namorada e contou aos pais. A mãe não reagiu assim muito bem. E pronto, eu contei aos meus pais a situação e tal e não sei quê, e a minha mãe disse “ah eu acho que a reação da mãe dela não foi a melhor, mas também não sabia qual é que seria minha reação, portanto, não sei.

Ent. - E o teu pai?

Maria – O pai, não sei...eu acho que eles não vão ficar assim...pronto, vão reagir à maneira deles, não é? Mas não vão ficar assim...

Ent. - Isso também não é uma coisa definitiva, não é? Se já gostaste de rapazes noutra altura...

Maria – Lá está, isso é a coisa de ser...pode ser rapaz, pode ser rapariga...

Ent. - E tu ainda és nova, também ainda não sabes como é que vai ser o teu futuro...tens tempo de fazer descobertas.

Maria – Exato.

Ent. - A adolescência é uma fase em que a maior parte dos adolescentes têm ali uns problemazinhos...

Maria – Eu acho que temos todos, só que uns escondem melhor que outros.

Eu lembro-me no centro de estudos antigo, lembro-me que houve uma vez, a minha mãe ainda estava a trabalhar no ATL, e ela tinha um horário mesmo daqueles que entrava muito cedo e saía muito tarde pronto, e o Centro de Estudos fazia no final de todos os anos, fazia uma festinha para os pais e para os filhos, para estarem todos juntos e não sei quê, e houve um ano em que a festa era uma hora antes da minha mãe sair do trabalho e eu fiquei super chateada, porque a minha mãe quase nunca podia ir e o meu pai não estava cá ou o que é que era, pronto, e eu fiquei muito chateada e tal e não sei quê, e fui para a escola toda revoltada e passou por mim a minha melhor amiga na altura, e ela disse-me “o que é que se passa e não sei quê” e eu disse “então, lá a explicadora vai fazer lá aquela festa e vai fazer no horário que a minha mãe não pode” e ela disse “então mas ela não tem culpa e não sei quê” e eu “quero lá saber, eu não tenho nada a ver com ela e não sei quê” e estava furiosa pronto, e quando cheguei ao Centro de Estudos estava a explicadora muito chateada a olhar para mim e eu disse “então mas o que se passa?” “ah és tu que és uma falsa e não sei quê” e eu “an uma falsa?” ela disse “sim, andas a falar mal de mim nas minhas costas” e eu “o quê?” e pronto, foi assim uma coisa...e depois acho que entretanto os meus pais vieram a descobrir e disseram “ah agora tens que ir pedir desculpa” e eu “a sério? Eu é que tenho que ir pedir desculpa?” e pronto, estive que ir pedir desculpa só para ver se aquele ambiente parava. E no dia a seguir veio “ai desculpa ter gritado contigo, ah tu sabes como é que eu fico quando tu não me ligas nenhuma” e eu “o quê?!” “oh pá a sério” e pronto, foi assim um episódio um bocado, um dos episódios que aquela explicadora...enfim...

Ent. - E com essa psicóloga que te acompanhava, nunca mais estiveste com ela?

Maria – Não.

Ent. - Fala um bocadinho da tua avó. Costumas passar muito tempo com ela?

Maria – Passar com ela é só mesmo nos fins-de-semana e pouco mais e é por exemplo nas férias de verão, que normalmente ou vamos para o algarve ou para o Alentejo. E é na Páscoa, este ano não fomos porque fui para Paris, mas normalmente todos os anos na Páscoa nós vamos para o norte com um grupo de amigos que é “Os Panelas de Ferro”.

Ent. - Ah ela falou-me nos Panelas de Ferro. Gostas de ir?

Maria – Gosto. Gosto bastante.

Ent. - O que é que fazem lá?

Maria – Convivemos e cantamos e falamos, vemos jogos de futebol, e tanta coisa.

Ent. - Tens muitos amigos lá?

Maria – Não.

Ent. - Mas as pessoas com quem conversas lá são pessoas da tua idade, são pessoas mais velhas...

Maria – Lá está, os Panelas de Ferro foram crescendo tanto que agora já temos todas as idades, dos mais velhos até aos mais pequeninos mesmo. Mas eu falo mais é mesmo com os adultos. Porque eu lá não tenho assim quase ninguém da minha idade e quando tenho e não é da minha idade é a minha prima que vai também acho que é ano sim ano não, que ela vai connosco. Mas de resto...

Ent. - E quando ela vai preferes estar com ela ou com os outros adultos com quem estás quando ela lá não está?

Maria – Ela está com os adultos, portanto, tem que estar com os dois.

Ent. - Olha que tipo de...já aprendeste coisas lá...falam sobre quê? Tradições...

Maria – É assim, eles falam, porque lá está, eles normalmente fazem assim, fazem este encontro na Páscoa no fim-de-semana e depois passado um mês têm o 25 de abril, então,

são só esses 2 fim-de-semana que eles estão juntos. Eles falam de tudo, mas falam de política, falam de tudo...

Já vais há muito tempo?

Maria – Sim, eu lembro-me de ir desde pequenina, portanto, sim.

Ent. - O João também vai?

Maria – Vai.

Ent. - E participa nas conversas?

Maria – Ele brinca é com os miúdos da idade dele. Pronto, vão pra piscina e essas coisas.

Ent. - Vocês têm tarefas?

Maria – Sim. Temos. Pomos a mesa, tiramos a mesa, ajudamos a fazer o jantar...toda a gente ajuda ali. Ninguém está parado a olhar uns para os outros.

Ent. - Então, este ano não foste?

Maria – Não. Fui para Paris.

Ent. - E depois de estares em Paris, preferiste?

Maria – Sim.

Ent. - Gostas de passear?

Maria – Não. Preferia estar lá nos Panelas. Porque lá está, eu não sei porquê senti que aquilo não me dizia muita coisa.

Ent. - A Disney?

Maria – Sim. não me senti... “ah e tal saí do país...e vim a Paris”. Acho que me sentia melhor se tivesse ido mesmo à cidade de Paris do que ter ido à Disney, porque a Disney, sei lá, já não me diz... lá está, quando eu fui tinha 8 anos e aquilo era tudo...agora não, aquilo...são bonecos.

Ent. - Mas o João adorou aposto.

Maria – Sim, acho que gostou, pelo menos...porque aquilo também, lá está, aquilo também cansa bastante. Na altura aquilo era andar a correr de um lado para o outro e não sei quê, agora aquilo não...é estarmos ali quase uma hora na fila para estar quinze minutos na diversão e para ir para outra diversão mais uma hora...mas pronto.

Ent. - A carta?

Maria – A carta está a andar. Agora está a ficar mais complicado, mas é porque eles tiveram lá várias inscrições, porque agora com o início do verão devem ter decidido todos tirar a carta. Então, agora têm uma turma com quarenta e tal pessoas. O que é que acontece às pessoas que...não há... “ah e tal, viemos à aula...”

Ent. - Tens prazo para fazer o exame de código, ou não?

Maria – Há dias que sim e há dias que não. Há dias que “embora vamos fazer” e há outros que “será que vale...hum não sei...” é aquela insegurança, não sei.

Ent. - Tens que ter atenção ao exame de condução. Atenção às aulas bem programadas depois com o exame.

Maria – Sim. Nós também, porque lá está, lá nós temos um simulador, então, aquilo é...porque eles dizem mesmo que se agente fosse logo para o carro, o carro ia ficar lá parado pelo menos duas ou três aulas, que é para a gente saber o que tem que fazer com as coisas e não sei quê, no simulador não, no simulador a gente aprende vai treinando e depois quando vamos para o carro já sabemos mais ou menos o que temos que fazer, pronto.

Ent. - Portanto, não estás a pensar marcar o exame antes de ires de férias?

Maria – Eu não, eu estava a pensar...eu nem sabia que aquilo abria em agosto. Pensava em agosto não, em agosto...

Ent. - Mas tu vais estar cá em agosto?

Maria – Não sei, eu, depende...

Ent. - Se calhar agosto era uma oportunidade boa, tem menos gente. As pessoas vão de férias.

Maria – Pois, não sei.

Ent. - Tens que ver se não gastas as aulas todas para depois não ficar muito desfasado do exame de código.

Maria – Tenho que ver isso, que isso é muita coisa para a minha cabeça.

Ent. - Mas vai fazendo, a fazer testes a acertar e a errar também aprendes muita coisa.

Maria – Os testes *online*.

Ent. - Neste momento sentes-te bem?

Maria – Sim.

Ent. - A tua DT é espetacular, não é?

Maria – Só espero que fiquemos com ela pro ano, porque se vier uma nova a gente não aguenta nem passado duas semanas das aulas começarem.

Ent. - Tens estado a tentar resolver aquela situação do estágio do próximo ano?

Maria – Não, porque lá está, a minha avó disse que ia lá falar com umas pessoas, a outra senhora disse que ia lá falar com outras pessoas, portanto, estou aqui na...à espera.

Ent. - Tu depois comes o estágio quando?

Maria – Eu acho que é passado dois ou três meses de começar a escola.

Ent. - Então tens tempo de resolver isso. E estás ansiosa, receosa...porque é o último ano? Depois tens a Prova.

Maria – Não sei, porque aquilo, porque lá está, eu não...fazer a PAP é fácil, o problema depois é ter que falar para os professores e explicar o que está ali, porque nós estamos completamente...não sabemos o que é que havemos de fazer ali, ninguém ainda nos conseguiu dizer o que é que temos que fazer, pronto, então, agente está completamente às aranhas, não temos a mínima ideia como fazer aquilo.

Ent. - Essa parte é mais complicada, fazer...porque depois de teres feito, se foste tu que fizeste sabes explicar perfeitamente.

Maria – Pois, não sei. Temos que ver isso.

Ent. - Fumas agora...ocorreu-te assim? os teus colegas fumam?

Maria – Sim. mas isso foi uma coisa, que eles estavam...estamos todos no café e não sei quê, e eles estavam ali “Maria queres fumar?” e a nessa altura ainda não fumava, “ah queres fumar?” e eu disse “não, não quero, hoje não me apetece” e eles “ah está bem” e eu disse “talvez amanhã” e pronto, passou o dia a seguir, estávamos todos a conversar no parque e eles disseram “ah queres fumar?” e eu “ya dá aí um bocado” e pronto, foi assim.

Ent. - Mas sentiste-te um bocado pressionada...

Maria – Não. Nada que isto eles já fumavam há bastante tempo e perguntavam-me e eu dizia que não, e eles ficavam “ok, na boa”. Não houve pressão de ninguém, foi mesmo eu que decidi e pronto.

Ent. - E sentes-te bem?

Maria – Sim.

Ent. - Tens sido saudável? Nunca tiveste assim alergias...

Maria – Não. A única alergia que eu tive, que eu tenho desde pequenina é ao pó. De resto e é só aquelas alergias...

Ent. - E não tens ao pólen?

Maria – Tenho é àquelas coisinhas amarelas, de resto não...

Ent. - É isso, ao pólen, na mudança de estação?

Maria – Exato. De resto, não tenho nada.

Ent. - Mas fazes medicação?

Maria – Só na altura quando estou...

Ent. - Fazes um *spray*?

Maria – Faço.

ANEXO Nº9

Transcrição da entrevista à mãe da Maria

Ent. – Qual é que é o seu nome?

Mãe – Ana -----...é completo?

Ent. – O último chega.

Mãe – -----

Ent. – Que idade é que tem?

Mãe – 45.

Ent. – A sua data de nascimento?

Mãe – 9 de abril de 1973.

Ent. – Nacionalidade?

Mãe – Portuguesa.

Ent. – Naturalidade?

Mãe – Campo Grande. Lisboa, Campo Grande.

Ent. – Nasceu mesmo em Lisboa?

Mãe – Nasci mesmo em Lisboa.

Ent. – E foi criada sempre lá?

Mãe – Sempre, sempre.

Ent. – Em ambiente de bairro?

Mãe – Sim, é. Em ambiente de bairro. Era ali mesmo em Entrecampos. Ao cimo de Entrecampos. Tenho umas saudades enormes daquilo. Pronto, era aquela lisboa antiga, em que as crianças passavam a vida na rua, praticamente só íamos a casa para comer e para dormir. Era uma maravilha. Toda a gente se conhecia. Toda a gente se ajudava. Era uma família aquilo.

Ent. – Pois era...fale-me um pouco da sua infância...

Mãe – Fui criada em lisboa. No centro de lisboa onde a minha avó era porteira do prédio onde nós morávamos. E a minha tia, a irmã da minha mãe, morava também no mesmo prédio e por isso estávamos todos juntos, todos em família, e pronto, o facto de a minha avó ser porteira do prédio, também toda a gente nos conhecia, não é?... os netos da porteira...e estudei também lá em lisboa na escola pública até ao quarto ano, depois quando passei para o...aquilo não era o quinto ano...antigamente, para o primeiro ano do ciclo, aí fui para um particular. Fui para um colégio particular. Também tinha muitas dificuldades de aprendizagem e então decidiram-me por num particular, porque acharam que era melhor, que era capaz de ter mais...surtir mais efeito. Andei três anos num colégio particular. Nessa altura de adolescência foi quando os meus pais decidiram vir morar para aqui para o Monte Abraão, para Queluz...

Ent. – Foi um choque?

Mãe – Foi horrível...foi um trauma mesmo...foi um choque...foi um trauma...

Ent. – Coincidiu tudo...a mudança da escola

Mãe – Tudo

Ent. – De ambiente...

Mãe – Tudo...a mudança de escola não porque eu consegui convencê-los a deixarem-me ficar a estudar lá. Mas também não foi fácil porque tive que enfrentar os transportes para chegar a lisboa e voltar todos os dias, mas preferi manter os meus colegas e amigos lá...só mais tarde, só já no oitavo ano é que então vim estudar para a que é agora a Miguel Torga,

na altura não se chamava Miguel Torga, era ali a escola de Massamá...e pronto foi outro choque... (riso) foi outro choque...mas pronto, mas depois...agora adoro isto.

Ent. – Agora já é uma vida...

Mãe – Agora já pertenço aqui. Já pertenço à terra (riso). Mas foi de facto, assim um choque, e para a minha irmã ainda foi pior...

Ent. – A sua irmã era mais velha?

Mãe – A minha irmã era mais velha. A minha irmã quase que cortou relações com a família, por ter de vir viver para aqui. Aliás ela ainda durante muito tempo se manteve..., e também já namorava, não é?... e já tinha mais liberdade, já era maior de idade, e então já tinha mais liberdade e ela ainda conseguiu durante muito tempo ficar em casa das amigas, e porque ficava em casa do namorado e por isto e por aquilo...ela ainda ficou lá durante muito tempo, ela só, só quando realmente arranjou um namorado aqui em Queluz é que ela regressou.

Ent. – Então e a Ana nessa altura sentia dificuldades na escola, era o quê? Era assim como a Maria dislexia?

Mãe – Nunca fui diagnosticada como dislexia...

Ent. – Mas nessa altura também...

Mãe – Pois não sei, porque é assim, porque eu fui acompanhada também com...porque eu era muito...como diziam, era muito acanhada...

Ent. – Muito introvertida...

Mãe – Era. Era e acho que ainda sou, mas pronto...agora já tenho outra maturidade já consigo lidar com a situação. Mas na altura era muito complicado. Porque eu era assim, se não falassem comigo, eu não falava com ninguém.

Ent. – A Maria também era assim.

Mãe – Pronto...e eu sei que era assim. Tenho essa noção. E pronto, sempre tive muita dificuldade a nível da escola..., mas não...nunca me diagnosticaram com dislexia nenhuma...e fiz...e andei durante quase parte da primária e ainda o “primeiro ciclo” quase todo a ser acompanhada por psicóloga, mas dislexia eles nunca me diagnosticaram.

Ent. – E o que é que sentia? Tirava más notas?...

Mãe – Tirava.

Ent. – E o que é que os professores diziam aos seus pais? Lembra-se nessa altura?

Mãe – É assim posso...é assim...muito distraída sempre, é assim eu vi-me um bocadinho nos primeiros anos de escola, nos primeiros e ainda hoje..., mas é assim eu lembro-me que a professora primária da Maria que nunca pôs hipóteses nenhuma de dislexias nem nada, fui eu é que lhe ia perguntando e ela dizia que nem pensar...a Maria é preguiçosa e distraída. Foi o rótulo que ela lhe pôs, logo no primeiro ano. E comigo era também um bocado assim, eu era preguiçosa e distraída. Até que me deixei ir pela preguiçosa e pela distraída, julgo eu que terá...

Ent. – Porque era mais fácil...

Mãe – Foi por aí...

Ent. – Deixar os outros ganharem...

Mãe – Exatamente. Pronto é assim eu realmente nunca tive, a matemática para mim sempre foi um castigo, nunca consegui decorar tabuadas nenhuma, e para mim eu acho que a matemática foi por aí...não apanhei as bases e a partir daí acabou...porque depois mais tarde quando eu andei a estudar na António Arroio no 11º 12º ano à noite já...que eu lembro-me que a matemática não tem nada a ver...não é? Ou pelo menos nós estávamos a dar...

Ent. – Isto também já visto com outros olhos...

Mãe – Exatamente. É assim, eu para mim acho que eu consegui tirar notas naqueles anos que nunca na vida no resto da escola que fiz consegui. Porque tenho ideia que aquela matemática ficou para traz e começamos a dar uma matemática nova. Lógica, tinha a ver com a lógica e tinha a ver com essas coisas, e começou do “B, A, Bá”, não é? A professora começou-nos a dar aquilo desde o “B, A, Bá”, e eu apanhei aquilo tudo e adorava aquilo. A matemática do 10º, 11º e 12º eu fiz aquilo com uma perna às costas por isso eu a ideia que tenho é que realmente como não consegui apanhar as bases da matemática, a matemática para mim sempre foi um castigo e nunca consegui ser...e depois chegou uma altura que eu nem me esforçava minimamente...eu tenho consciência que epá...eu...

Ent. – Sente que a própria atitude da professora em relação à Ana influenciou muito...

Mãe – Sim, sem dúvida, sem dúvida... sem dúvida alguma. Tanto que eu lembro-me de ter anos...passar o verão e tal e aquilo eram meses de férias...acho que até tínhamos mais férias do que eles têm agora, e a chegar uma altura que eu já estava farta de férias...e queria era voltar para a escola e eu a falar comigo mesma dizia eu este ano vou começar desde o primeiro dia de escola a tomar atenção nas aulas, a fazer os trabalhos de casa todos e tal...e não sei quê não sei que mais...e aquilo era só a primeira aula porque a seguir ela começava a fazer revisões do ano anterior e pronto e eu como não...aquilo para mim era chinês e eu perdia-me completamente e pronto e já não apanhava nada.

Ent. – Lembra-se assim na adolescência de ter-se sentido mal com isso...sentia-se diferente dos outros...sentia-se triste...

Mãe – Sim, sim...sentia. E sentia bem na pele, porque lá está...eu adorava aquilo, mas por outro lado...era a história de andar num colégio particular, não é?... era tudo meninos e meninas todas ali...todos muito certinhos e “muito coisos e tal” bons alunos, excelentes alunos, alguns não..., mas esforçados e depois tinham 555 explicações e tal...e eu não, pronto, eu não. Eu tinha as aulas e pronto e acabou...e não conseguia mesmo tirar...nem...é assim eu só conseguia tirar positivas nos trabalhos manuais, na educação visual, que aí era a minha praia...pronto...história lá conseguia com algum esforço tirar positiva, pronto porque aí era estudar mesmo, se a matéria lá está...aí era um bocadinho como o João, se a matéria me interessasse conseguia tirar notas excelentes, agora se me viessem falar dos reis e coisas já...isso aí já para mim já me passava tudo ao lado e, e pronto e era um bocadinho por aí... (campainha, chegam os filhos).

Ent. – Sente que os seus pais alguma vez a pressionaram a continuar a estudar?

Mãe – Não.

Ent. – Depois mais tarde foi estudar porque quis? Sentiu necessidade?

Mãe – É assim eu nunca parei de estudar, Eu nunca parei de estudar, passei foi do... (entra a Maria e cumprimenta) é assim porque eu nunca parei, eu o meu percurso escolar foi assim, fiz a primária, depois acabei a primária fui para o...chumbei um ano na 4ª classe, depois foi quando fui para o colégio académico, onde estudei até ao 8º ano, chumbei no 8º ano, foi quando passei para a Miguel Torga, na Miguel Torga tenho ideia que andei lá dois anos e depois comecei a trabalhar, quis começar a trabalhar.

Ent. – A fazer o quê?

Mãe – Comecei a trabalhar no jornal de Queluz. Digitava texto no jornal de Queluz.

Ent. – Muito interessante.

Mãe – Ah...e depois...aí foi quando eu quis começar a trabalhar e então passei lá para baixo para o liceu à noite. Matriculei-me, comecei, mas não fiz nada nesse ano, fui começando a fechar disciplinas...

Ent. – Porque com o trabalho também era mais exigente...

Mãe – O trabalho, o namoro, porque aí é que, lá está...aí foi quando comecei a namorar com o meu marido, e então quis, porque pronto...não era nada daquilo que eu queria fazer...pronto, não estava nada na minha área, aquilo era humanísticas, estava a dar alemão e latim, e sei lá mais o quê, e aquilo também não me interessava para nada, e fui cancelando disciplinas, cancelando...cheguei ao final do ano para aí com duas ou três e mesmo essas já nem lá fui ver o que é que se tinha passado. No ano seguinte, há porque entretanto depois também estava a... quando o ano letivo começou e eu me matriculei à noite trabalhava mas também estava fazer um curso de artes em lisboa na ARCO, pronto...mas também não o conclui, e pronto...e esse ano a nível de escola foi um fracasso mais um...mas entusiasmei-me com a história de ir estudar à noite para a António Arroio, pronto...e a partir levei aquilo à séria mesmo, fiz os anos todos, as disciplinas todas, quer dizer fiz entre aspas, fiquei com a matemática do 12º ano por fazer, porque entretanto a

professora estava grávida e entretanto foi ter bebê, não arranjam professor substituto, e entretanto pronto aquilo acabou por ficar ali...fiz tudo o resto e depois não me apeteceu voltar no ano seguinte para fazer só a matemática, porque ter que...quer dizer, podia ter feito aqui...mas ter que ir para lisboa por causa de uma disciplina, era...não me estava a apetecer. E pronto, e fiquei por aí, aí é que pronto, dei por concluída, porque pronto aí já namorava já trabalhava, e aí já não estava a trabalhar no jornal, depois o jornal entretanto fechou, já estava a trabalhar na Liga Portuguesa dos Deficientes Motores aqui numa unidade local que existia na escola lá em baixo na primária em frente aos bombeiros, e pronto e já era uma coisa mais à sério e já estávamos a pensar em montar casa e tal, e então os estudos foi..."há isto depois mais tarde quando me apetecer e tal...e foi passando e pronto e acabei por nunca mais fazer nada...

Ent. – E agora também já não lhe apetece?

Mãe – Agora já não estou com pedalada para isso, pode ser que mais tarde sei lá...isto agora...

Ent. – Ficava com o 12º acabado.

Mãe – Pois isso era.

Ent. – Também só por uma disciplina...

Mãe – Exatamente, mas isso agora a matemática...se na altura não era fácil agora vai ser complicadíssimo.

Ent. – E agora a loja? Foi um projeto que surgiu quando?

Mãe – A loja foi um projeto que surgiu por acaso, é assim já existia, não é..., era uma coisa que já existia aqui desde que a gente veio viver para aqui que já existia ali a papelaria e, entretanto, era de um casal que o senhor simpatizou muito com o meu marido e falavam muito e tal, e não sei quê...até que houve um dia que o José chega a casa a dizer olha sabes o que é que o Sr. Ramalho disse? O Sr. Ramalho está a ver se me consegue vender a papelaria, é pá mas isto nem pensar e tal...e não sei quê...e eu pronto...que já nadava também um bocadinho, um bocadinho é favor, já estava saturadíssima da escola lá em baixo do ATL, porque aquilo perdeu o interesse, aquilo deixou de ser um ATL e tinha

passado a ser um depósito de crianças sem condição nenhuma, aquilo era horrível e eu já andava desesperada e...mas também não tinha vontade nenhuma de andar à procura de emprego, isto era...e então quando eu lhe disse mas porque não e tal e não sei quê...e começamos a pensar e dava para conciliar as duas coisas porque acabava por pronto tinha um negócio e dava para eu ir fazendo as minhas coisinhas e pondo à venda e pronto e a papelaria também está dentro da minha área, e pronto e começamos a pensar no assunto. E pronto, e falou-se e combinou-se e tudo e, ou seja, correu tudo como deve ser só que isto foi quê?...a gente fez o negócio com eles e passado para aí quê um mês? Foi quando eu fui ao hospital para me dizerem que eu estava com o cancro. E pronto, mas disse-lhes mesmo isto não vai implicar em nada pelo menos da minha parte não vai implicar em nada vamos ver como é que isto vai correr e tal, mas pronto, mas correu bem e cá estamos.

Ent. – Ajudou a superar também?

Mãe – Claro que sim, claro que sim. Porque eu em vez de ter ficado em casa, não é? De baixa, não meti baixa nenhuma, não é? Por isso todos os dias sempre sem parar, os únicos dias que eu parei...

Ent. – Já foi?

Mãe – Já foi.

Ent. – Ainda bem.

Mãe – Já foi tudo.

Ent. – Então disse-me há pouco, com que idade é que conheceu o José?

Mãe – Eu conheci o José com 16 anos. Fomos...fazíamos campismo lá em baixo em Melides, e com 18 anos começamos a namorar.

Ent. – Tinha tido outros namorados antes dele?

Mãe – Sim, sim, sim, nunca nada sério.

Ent. – Então e o que a fez perceber que era aquela a pessoa certa?

Mãe – Não sei se calhar porque dos outros não passaram realmente de namoricos, pronto de...

Ent. – Era novita, tinha 18 anos

Mãe – Sim tinha, tinha 18 anos, mas pronto, mas os outros foi assim coisas de adolescente. Era aquilo a que a gente chamava as curtes... (risos) eram só as curtes e pronto e com o José não. Com o José começamos a namorar...

Ent. – Fale-me lá um bocadinho dele...Quais são as qualidades que mais admira nele?

Mãe – Ele tem muitas qualidades o meu marido, e aproveitar que ele não está cá. É o que eu lhe costume dizer eu sou a tua maior fã, mas é daqui para fora, á tua frente...o meu marido é 5 estrelas, é amigo, é super amigo e está sempre...só não faz aquilo que não puder para nos ver a todos felizes. É uma coisa...pronto “trabalha que nem um cão” todos os dias...

Ent. – O que é que ele faz?

Mãe – Ele é eletricista

Ent. – Por conta própria ou numa empresa?

Mãe – Ele é eletricista, trabalha numa empresa, que fazem postos de abastecimento, de combustível. Constroem e dão assistência. Pronto e essa empresa é uma empresa onde ele trabalha mas que também é dele porque herdou porque era do pai e com outros sócios, pronto entretanto o meu sogro faleceu já há seis anos, pronto e ele ficou, já lá trabalhava, ele tem um irmão mas o irmão não trabalha lá. Já trabalhava lá e, entretanto, pronto acaba por agora estar um bocadinho a fazer as duas coisas a gerir e a trabalhar. Que é o que ele diz, “eu gosto mesmo é de trabalhar na eletricidade”, mas tem que tomar conta daquilo porque a mãe não percebe nada de negócios e então ele é que acabou por tomar as rédeas dos negócios do pai. Para além disso também já tem uma dele, pronto para fazer biscates. Faz eletricidades prontos, geral, se for preciso uma obra numa casa ou num sítio qualquer,

ele faz já tem aí uma empresazinha com um empregado e pronto e faz essas coisinhas. E pronto e é...

Ent. – Esta chatice da doença também vos aproximou...?

Mãe – Também, também...

Ent. – É complicado...?

Mãe – É muito, é muito e sem dúvida, sem dúvida alguma. Cinquenta por cento da cura tem a ver com o apoio que nós temos ao nosso lado. Sem dúvida alguma. Eu vejo mulheres que passaram e estão a passar por esta situação que não têm apoio nenhum dos maridos e é terrível, é muito...

Ent. – Pois...

Mãe – aliás eu costumo dizer que, mas já dizia antes deste processo todo que é assim eu nunca fui mimada, os meus pais nunca me mimaram e eu, e como sou a mais nova, não sei porquê, mas tenho a ideia que os mais novos normalmente, os mais novos os primeiros são mais mimados que os mais novos...não sei porquê...

Ent. – Devia ser ao contrário, não é? ...

Mãe – bom, mas eu sempre achei que não era mimada, aquilo que me diziam eu acatava e pronto e não há cá birras não há cá fitas não há cá nada, ...o ...e costumo dizer que o meu marido mimou-me. Prontos desde que começamos a namorar que eu me tornei um bocadinho mimada por conta dele porque me faz as vontadinhas todas e tá sempre super...

Ent. – Ainda bem...

Mãe – É...ele é muito..., aliás ele é uma excelente pessoa toda a gente que o conhece, aliás e ele conhece toda a gente, agora que estou ali na papelaria é que as pessoas também já me falam um bocadinho mais porque aqui até há uns tempos atrás eu era a antipática e o meu marido é que era aqui o...porque ele conhece toda a gente e cumprimenta toda a gente e pergunta a toda a gente se tá tudo bem, se quer alguma coisa e tal...e é assim... (risos)

Ent. – Mas ele já morava aqui? ... foi criado aqui?

Mãe – Não, não.

Ent. – Há ele também não...

Mãe – Também não, ele vem dos Olivais.

Ent. – Há vem dos olivais? ...

Mãe – Ele vem dos olivais, ele foi nascido e criado nos olivais. Aliás ele nasceu também, ... ele já pertence a alvalade, mas já ali assim no fim do campo grande também nasceu aí, mas sempre viveram nos olivais.

Ent. – Mas vocês conheceram-se lá?

Mãe – Nós conhecemo-nos em Melides. No Alentejo.

Ent. – Sim, mas moravam ainda lá, Nessa altura?

Mãe – Não, eu já morava aqui em Queluz, ele é que morava nos olivais, pronto, mas conhecemo-nos em Melides, mas depois viemos para Queluz.

Ent. – Então e depois quando vocês casaram como é que foi? Compraram logo casa, tiveram logo a vossa casa?

Mãe – Sim.

Ent. – Alugada, comprada?

Mãe – Comprada.

Ent. – Aqui?

Mãe – Aqui, neste prédio, mas no r\c, foi no r\c primeiro. Compramos a do r\c, depois passados 6 anos esta casa vagou e nós compramos também. Pronto, e pusemos, e alugamos a do r\c.

Ent. – Há ficaram com as duas?

Mãe – Ficamos com as duas. Pronto, porque a de lá a do r\c foi comprada e paga logo, esta aqui é que depois ficamos a pagar. Mas, entretanto, pusemos a outra a alugar.

Ent. – Quando a Maria nasceu já moravam cá em cima?

Mãe – Não, quando a Maria nasceu morávamos no r\c. a gente só veio viver cá para cima passados 6 anos. Eu acho que ela tinha...foi na altura em que ela estava a entrar para a escola sim, foi exatamente nessa altura que ela entrou para a escola.

Ent. – Esta foi por ser maior então?

Mãe – Foi, foi porque era maior, foi porque tinha esta possibilidade que a gente já sabia que tinha (fazer duplex abrindo escada para o sótão onde nos encontrávamos, num grande escritório/ sala/ atelier), e pronto e porque tivemos hipóteses de o fazer, porque como a outra estava paga também não tínhamos nenhuns encargos.

Ent. – Ainda por cima com a loja...

Mãe – Exatamente, aqui agora já pertencemos, já fazemos parte da mobília.

Ent. – Mas no início quando a Maria era pequena, já conheciam muita gente?

Mãe – Já, já...

Ent. – Imagine, era preciso ir buscar a menina à escola, mas alguém não podia, tinham apoio...?

Mãe – ...Sim, quer dizer, isso nem se punha porque eu acho que devo ter sido sempre eu a ir buscar a Maria... (risos) é assim a Maria andou no infantário e era eu que a ia deixar sempre e que ia buscar, depois quando entrou para a primária, foi para onde eu estava por isso ela ia comigo e vinha comigo.

Ent. – Ela ia para a mesma escola? Ela era do agrupamento cá de cima?

Mãe – Ela não. Ela fez a primária lá em baixo na nº 2 de Queluz, ao lado do liceu.

Ent. – Então, ela nasceu estavam vocês casados há quanto tempo?

Mãe – A Maria quando..., ora então, julgo que dois anos, ora 97, 98, 99, 4? Não, não pode ser... eu tenho sempre que fazer este número... (riso tirou a aliança para confirmar a data do casamento) então a Maria nasceu em 2000, eu acho que estávamos casados há 2 anos. Sim 97, a gente casou-se em 97, pois exato, 2 anos, a fazer três.

Ent. – Então foi uma gravidez planeada?

Mãe – Foi, foi, foi a Maria foi planeadíssima.

Ent. – Era um desejo dos dois naquela altura? Já queriam os 2 ter filhos?

Mãe – Sim senhor.

Ent. – A Ana tem só uma irmã?

Mãe – Sim só.

Ent. – E o José?

Mãe – O José também só tem, o José tem um irmão mais velho também e tem uma irmã adotiva.

Ent. – Que giro.

Mãe – É. É a Jéssica, que foi uma menina que os pais, a mãe, pronto que a mãe como, a mãe era cabeleireira de ofício e, entretanto, depois naquela altura o meu sogro achou que ela devia ficar em casa e tal, ela desfez-se do salão, ela tinha mesmo um salão, e ainda trabalhou durante uns tempos em casa, as clientes iam lá, mas depois, entretanto quando nasceu o José o meu sogro achou que ela devia deixar de trabalhar, e deixou pronto. Depois quando eles começaram a ir para a escola, ou seja, o meu cunhado já secar já para o ciclo e o José já estava na primária, a minha sogra começou a não ter ocupação, e então decidiu tomar conta de uma menina. Pronto, e foi, só que, entretanto, os pais da menina deixavam-na ficar e iam para França assim durante meses e meses e meses e meses, e sem dar notícia sem nada, e os meus sogros começaram a tratar do processo de adoção, e pronto e, entretanto, é assim, também nunca foi, nunca concluíram realmente o processo

de adoção porque ela nunca quis. A Jéssica nunca quis desligar-se completamente dos pais, mas ficou lá em casa até aos 18 anos, quando fez os 18 anos ela decidiu ir à vida dela. É assim, mantêm contacto e tal, mas foi assim um processo um bocadinho complicado. Bastante complicado, tanto que eu depois da Maria não quis ter mais filhos, não queria, não era não queria ter filhos, eu queria ter filhos, achei é que o mundo não estava preparado para isso, mas não me importava nada de adotar. Mas o José nunca quis.

Ent. – Mas a Ana sabia a história da Jéssica...?

Mãe – Sabia.

Ent. – E mesmo assim nunca se importou de adotar?

Mãe – Não. Aliás eu até pus a hipótese de outra coisa que era sermos só a família de acolhimento, mas o José ficou mesmo muito traumatizado com a situação toda e não, nunca quis. Pronto e então como nunca quis eu acabei por ter mais um filho (risos).

Ent. – Então nessa altura queriam muito ter um filho, a Maria, e depois já pensarem ficar assim? Não queriam já...

Mãe – É assim, eu não quis, nós decidimos que não queríamos mais por vários fatores, isto foi na altura em que tudo aconteceu no mundo, não é? Foi quando foi aí essas as guerras e os atentados, e foi uma série de situações que eu pensei oh pá, não isto o mundo...a gente não sabe o mundo como é que vai estar amanhã e isto tá tudo a piorar não vou estar a trazer a criança, mais crianças ao mundo pra quê? Pra sofrerem e tal, não, por isso é que eu depois achei que não vou trazer mais ao mundo, é pá, mas se calhar há para aí muitas crianças que precisam de um lar, de uma família, e tal, mas pronto.

Ent. – Então e depois mudou de ideias? Ou aconteceu?

Mãe – Pois, depois mudei de ideias, pronto, depois achei, e pá, se calhar, se calhar é disparate, vamos lá tratar do assunto antes que seja tarde demais, depois é que já não há nada a fazer. E arrependi-me, é assim arrependi-me realmente, eu acho que o ideal teria sido ter tido um entre eles os dois (risos).

Ent. – Então gostava de ter tido 3?

Mãe – Sim, gostava.

Ent. – E o José também, gostava de ter tido 3?

Mãe – o José gostava também.

Ent. – Eles eram três.

Mãe – É. Exatamente, eles eram 3. E tinha sido, mas pronto também são bons 2. Está tudo bem.

Ent. – E quando a Maria nasceu, vocês queriam uma menina, um menino ou era indiferente?

Mãe – Era indiferente, era indiferente. Aliás nós estivemos sem saber e soubemos por obrigação, porque quando eu fiquei grávida da Maria apanhei toxoplasmose, pronto, e tive que fazer a amniocentese, pronto e nos resultados da amniocentese vem lá, pronto, mas era indiferente, aliás e o segundo também era indiferente, mas no segundo já quis saber (risos) já não fiquei à espera para saber, mas, não, nisso eu não tinha, nem eu nem ele, não tínhamos nada...

Ent. – E na altura, quando engravidou da Maria, ficou muito tempo à espera para conseguir engravidar? Ou foi...

Mãe – Não, por acaso não. Já não tenho a certeza de quanto tempo, mas acho que foi..., estava a qui a ver se realmente se me conseguia lembrar.

Ent. – Ela agora tem?

Mãe – A Maria? 18.

Ent. – 18. Já fez?

Mãe – Já fez, já fez. Sim é assim, porque e foi mesmo planeado e programado e tudo, porque eu sempre tomei a pílula desde comecei a namorar com o José, e por isso das 2

gravidezes que eu tive, tive que largar a pílula para a coisa acontecer, não é? Por isso, mas para aí quê? 2/3 meses talvez.

Ent. – Nunca teve nenhum aborto?

Mãe – Tive um aborto espontâneo.

Ent. – Antes dela, depois dela?

Mãe – Depois, entre os dois. Quando já estava a tentar ficar grávida do João, é assim...

Ent. – Foi muito no início?

Mãe – Foi, foi logo assim que..., aliás o médico no hospital até dizia que aquilo se calhar até nem era nada, mas pronto, mas foi.

Ent. – E há bocadinho esqueci-me de perguntar, problemas de saúde nunca teve assim nada de...

Mãe – Nada.

Ent. – E como é que soube que estava grávida? Sentiu?

Mãe – É assim, da Maria eu acho que eu não senti nada, mas a gente fica tão ansiosas que..., eu fiz um teste daqueles caseiros, de comprar e de fazer em casa, porque pronto, como andávamos a tentar acho que todos os meses passava aquela fase de vamos ver, e tal e não sei quê, estou atrasada 1 dia ou 2 e já estávamos a fazer testes, ou..., foi assim, foi por aí... e o João a mesma coisa também pronto, mas o João eu acho que senti. É aquelas pancadas de mulher, mas eu acho que senti, do João eu senti...

Ent. – Também já era a segunda vez, já sabia o que é que ia sentir, ...

Mãe – Exato, também é verdade, mas do João senti logo que, antes de começar até com as faltas e tal, acho que senti, ...

Ent. – Pois, também era rapaz podia ser diferente...e as duas gravidezes correram sempre bem?

Mãe – Sim. Sempre, pronto só tive a história da toxoplasmose da Maria, que também foi assim complicado, não é? Porque só ao 5º mês de gravidez é que a minha médica do centro de saúde me liga a dizer para lá ir e tal, porque as análises e coiso..., quer dizer, desde o primeiro dia que a gente andava a fazer análises para ver se estava tudo bem, mas os resultados de toxoplasmose deram mal desde logo do primeiro, mas ela só ao 5º mês é que o laboratório onde eu fazia as...pra onde mandavam, é que ligaram para ela a dizer “olhe esta grávida que faz estas análises, e tal e não sei quê...isto não, isto não está bem.” Não estão a fazer nada porque aquilo continuava, ou seja, a gente quando faz análises de toxoplasmose aquilo dá 2 valores, e os valores têm que andar assim... (desencontrados, gesto), desencontrados, mas os meus não, ou seja, quando um sobe o outro desce e quando..., pronto, e aqui os meus valores desciam, mas desciam os dois, e ela como desciam os dois, tá tudo bem, ah isto está a baixar e não sei quê..., pronto, e então só ao 5º mês...

Ent. – Por insistência do laboratório...

Mãe – Por insistência do laboratório, é que ela me chamou para ir lá e tal, e não sei quê..., pronto, por isso é que a Maria nasceu na maternidade Alfredo da Costa, porque depois aí eu fui ter com uma amiga obstetra e, que trabalhava na Alfredo da Costa, e disse olha passa-se isto e isto e isto...

Ent. – E depois passou a ser seguida lá até ao final...

Mãe – E, entretanto, eles a partir da altura que se entra lá, podemos ser, temos essa opção, e eu claro que sim. Quero ficar aqui. E pronto, e foi, foi complicado porque ao 5º mês de gravidez já não havia nada a fazer, não é?...e pronto e fui ao hospital fazer a amniocentese, e a amniocentese para sair o resultado são mais 2 meses, e então foram aqueles 2 meses que a gente anda ali, que eu parece que ando a pairar, quer dizer eu não quero, não quero acreditar que tá tudo mal, mas também não quero acreditar que está tudo bem, porque pode não estar, não é?...e então uma pessoa anda ali um bocadinho numa bolha sem querer nem perguntas nem nada, é assim, eu naquela fase melhor, não é? Da gravidez, foi horrível porque a gente não quer estar a transmitir aos outros que a coisa não está a correr bem, mas também não queremos convencer-nos de que vai correr mal, foi

complicado. Pronto, a partir da altura que saiu o resultado e que tá tudo bem e tal, e não quê, pronto aí foi a euforia.

Ent. – Então e a toxoplasmose apanhou-se como?

Mãe – A toxoplasmose apanhou-se porque eu na altura tinha uma loja de animais e tinha um gato, e pronto, e pode ter sido de qualquer maneira, até na comida, não é? Isso já ninguém me pode dizer, olha apanhaste por causa disto...

Ent. – Mas depois de uma gravidez para a outra já não faz...

Mãe – Depois fiquei imune.

Ent. – Exatamente.

Mãe – Depois a partir daí fica-se imune. Posso ter os filhos que quiser que nunca mais apanho toxoplasmose.

Ent. – Pronto, alguma vez sentiu ansiedade por saber se ia correr tudo bem, foi esta parte aí angustiante, esse tempo todo.

Mãe – Exatamente. Mas isso a gente...

Ent. – E depois no João já foi seguida sempre lá na maternidade? Ou foi à mesma médica aqui?

Mãe – Não...não, não. Lá na maternidade eu só podia por causa daquela situação, mais nada. Foi no hospital aqui o Amadora Sintra. Não, não fui pela mesma médica, não, aliás disse ao meu médico de família, mande-me para quem quiser menor para a doutora Goreti que eu nem a posso ver..., e não, depois aí já fui acompanhada por outra médica, também no centro de saúde, que eu sou e sempre fui apoiante do SNS. A sério que sim. Gosto, posso ter tido sorte com os médicos e com a zona, porque realmente é assim eu não troco o centro de saúde e o hospital por clínicas nenhuma, a não ser que não haja, pronto, agora por exemplo fui a uma consulta de otorrino porque não há..., pronto, não há e então aí tenho que recorrer ao particular, mas tudo o que eu puder é SNS.

Ent. – E o seu marido? Ia sempre às consultas?

Mãe – O José não foi a todas, não foi a todas, aliás ele não foi ele que me acompanhou na amniocentese da Maria, mas é assim devido à profissão...

Ent. – Claro.

Mãe – Aliás ele nessa altura ainda tinha uma vida bem mais complicada a nível de..., é assim o José só depois quando o João nasceu é que acalmou porque ele até aí era, mas era assim já quando nós começamos a namorar e pronto, e foi sempre assim, que era fazia a malinha ao fim de semana à segunda-feira saía de casa e regressava à sexta. Era tipo caixeiro-viajante.

Ent. – Trabalhava longe?

Mãe – Porque eles como fazem assistência no país inteiro, ele tinha que ir para o Porto, para o Algarve, por aí fora. E era de segunda a sexta.

Ent. – E agora já não faz isso?

Mãe – Agora já não faz isso. Muito raramente. Até porque como está muito mais tempo no escritório, pronto, é ele que distribui os outros.

Ent. – Ele é que pede aos outros para irem.

Mãe – É.

Ent. – E o enxoval dos bebés?

Mãe – O...

Ent. – O enxovalito? As coisinhas...

Mãe – O enxovalito...ah isso, isso eu fiz tudo.

Ent. – Faziam os 2? Ele interessava-se?

Mãe – Sim também, também, ele também gosta muito dessa parte. Mas sim, fizemos tudo, com o maior dos gostos, e com a ajuda da família, claro. Então da Maria, foi a primeira...

Ent. – Era a primeira neta dos 2 lados?

Mãe – Não, não, não, não, de nenhum dos lados. A Maria já tínhamos, do meu lado já existia a Marta e do lado do meu, do José já existia a Mafalda que é a mais velha do meu cunhado. Por isso também herdou muita coisa, também é verdade, também herdou muita coisa das primas que é ótimo, se bem que quando é o primeiro a gente gosta sempre de..., pró segundo já não é tanto, por acaso, pro segundo tudo o que vier é bem-vindo. Mas quando foi da Maria claro que aproveitei muita coisa das primas, mas, também fiz questão que ela tivesse as coisinhas dela e pronto, e como também era a primeira e porque era a nossa princesa, não é?

Ent. – Então e o João nasceu onde?

Mãe – Nasceu aqui no Amadora Sintra.

Ent. – As 2 gravidezes foram do mesmo tempo mais ou menos ou...

Mãe – Foram. Foram exatamente do mesmo tempo, 38 semanas tanto um como o outro. A Maria foi parto induzido, devido aos problemas que ela tinha, quer dizer...digo eu que foi por causa da toxoplasmose, mas também não tenho a certeza do que estou a dizer. Às 38 semanas fui a uma consulta na maternidade, uma consulta de rotina, na altura já eram semanais, para fazer CTG's e não sei quê..., e então onde eles concluíram que que a Maria naqueles últimos 15 dias tinha crescido, não é? Mas não tinha ganho peso nenhum. Estava exatamente com o mesmo peso que há 15 dias atrás. Pronto, e então eles aí disseram quer não valia a pena estar...ela já estava, tinha 38 semanas, já estava, já não era prematura...

Ent. – Ela cresceu muito nessa altura? Ela nasceu comprida...

Mãe – Ela nasceu comprida, a Maria parecia um ET quando nasceu..., coitadinha (risos), porque ela era muito magrinha, muito magrinha, pele e osso completamente, uma imagem

que eu nunca me hei-de esquecer é as orelhas dela...parecia um bocado de papel assim amarfanhado...porque vinham todas, todas...sei lá...fininhas, fininhas, fininhas.

Ent. – E de comprimento?

Mãe – De comprimento pois...

Ent. – Já não se lembra?

Mãe – Não. Mas isso não é difícil...posso..., mas uns 57 cm com 2,700kg

Ent. – Pronto, mas lá está...ela parecia muito mais magra porque era muito comprida. E o João?

Mãe – O João foi mais ou menos o mesmo comprimento, mas já com 3,200kg por aí. Pronto, já vinha bem mais composto.

Ent. – E ele foi parto normal...

Mãe – Ele foi parto normal. Foram os 2 parto normal...

Ent. – Não...nasceu quando...

Mãe – Sim ele foi...

Ent. – Foram os 2, parto normal.

Mãe – Sim foram os 2 parto normal...o João foi exatamente um fim-de-semana sem elevador neste prédio, e então, cada vez que queria sair de casa tinha que...

Ent. – Este é que andar?

Mãe – Este é um 4º, 4º andar.

Ent. – Tinha que descer e subir...

Mãe – Exatamente, tinha que subir e descer, subir e descer, quando chegou ao domingo à tarde eu comecei a sentir contrações, quando chegou à noite já estava bem acelerado, e pronto, e as 4 da manhã eu fui ter com o José e disse-lhe olha vai-me lá levar, vamos ligar para a minha irmã que morava aqui em cima, para vir para aqui para tomar conta da Maria, porque...e foi e ele nasceu aí por volta das 8 da manhã. 7 e meia/8 da manhã...

Ent. – Demorou mais tempo em trabalho de parto dele ou dela?

Mãe – Foi, foi dif... dela, foi porque, entretanto, é assim, ele lá está...ele foi quase...

Ent. – Se calhar foi mais tarde para a maternidade se calhar...

Mãe – Acabou por ser a mesma coisa, pronto, acabou por ser uma noite inteira de trabalho de parto, porque eles acabaram por nascer os dois à mesma hora, entre as sete e meia e as oito, eu do João vá comecei com contrações no dia anterior à noite, a Maria foi diferente porque foi lá, mas eles puseram-me os comprimidos para aí à tarde, na véspera à tarde, comecei a sentir umas contraçõeszitas à noite, e pronto, e deviam ser pra aí umas 2 da manhã quando me rebentaram as águas. Pronto, mas depois, depois ele também já só saiu às sete e meia da manhã.

Ent. – O seu marido assistiu a algum parto?

Mãe – Aos 2.

Ent. – Assistiu aos dois?

Mãe – Assistiu aos 2. Aliás do João era só ele e a parteira, não estava lá mais ninguém. O médico só apareceu passado..., anestesista não havia.

Ent. – Não levou a epidural de nenhum?

Mãe – Não. Da Maria levei, do João não. Anestesista não havia e o médico também não estava lá, quem me fez o parto foi a enfermeira, a parteira...pronto, e estava lá uma enfermeira que ela dispensou-a e mandou-a à vida dela porque segundo o José estava

mais a atrapalhar do que a ajudar e então ela mandou-a ir à vida. Ainda acabou por ser ele que acabou por dar ali uma ajuda à enfermeira com algumas coisas, e pronto, e foi assim.

Ent. – Qual é que foi assim, lembra-se ainda da 1ª sensação quando olhou pra bebé?

Mãe – Da Maria lembro-me, da Maria lembro-me perfeitamente.

Ent. – Alívio? Ou já sabia que estava tudo bem? Nessa altura já sabia que estava tudo bem?

Mãe – Sim, nessa altura já sabia que estava tudo bem. Pronto, ainda estava um bocadinho enganada, é assim, a partir da altura que sai o resultado da amniocentese disseram que estava tudo bem que a bebé não tinha sido contaminada e tal e não sei quê...pronto, mas a verdade é que só quando ela fez um ano é que ela teve alta hospitalar. Ou seja, só a partir do ano é que os médicos disseram “ela pode ir à vidinha dela porque...”

Ent. – E o facto de estar com o mesmo peso? Só mesmo na altura que nasceu é que descansou e ficou...

Mãe – Sim, é assim, aliás eles quando me disseram vamos tirá-la porque ela não está a engordar, por isso, e lá dentro a gente não consegue fazer nada...vamos tirá-la cá para fora porque cá fora a gente...e eu aí fiquei descansada também, não é? Porque realmente cá fora a gente consegue controlar...e foi assim, eu acho que foi sempre uma mãe..., mesmo depois destes processos todos, acho que consegui ser uma mãe bastante tranquila, pronto, nunca fui de matutar em... nestas coisas. E eles também como foram também uns bebés tranquilos também... tranquilos...o João não foi bem assim, não foi tão tranquilo, mas sempre foram saudáveis e pronto. É assim a Maria a partir daí, aliás a gente vê, não é? Aliás eu acho que foi com um mês de idade que eu fui à pediatra aqui ao centro de saúde, foi uma coisa que eu achei o máximo, a Maria teve pediatra no centro de saúde até fazer o ano de idade, só ao fim do ano é que ela passou para o médico de família. No centro de saúde não há pediatras...! Pelo menos agora não há. Mas ela teve, e com para aí um ano, um ano...um mês, já não tenho a certeza se foi com um mês se foi com 15 dias, que ela foi a consulta e a pediatra vira-se para mim e diz: “essa menina que está aqui é uma menina que vai chegar ao metro e oitenta pelo menos.” Por aquilo, pelos percentis e aquelas coisas todas ela disse-me logo, ela vai ter um metro e oitenta no mínimo. E eu disse muito bem pronto, e é assim, a verdade é que ela com 15 dias já estava quase o

dobro, com um mês já tinha crescido imenso, e a partir daí pronto, foi aquilo que a gente viu...nunca mais parou... (risos).

Ent. – Na altura aqueles testes que fazem à nascença, tem noção deles terem dito: “ah está tudo bem...a menina nasceu e está tudo bem”?

Mãe – Exatamente, sim, sim.

Ent. – Foi saudável sempre quando era bebé?

Mãe – Sim, sim. Foi, sim, sim.

Ent. – Ela mamou? Mama?

Mãe – Sim

Ent. – Os dois?

Mãe – Os dois.

Ent. – Acha que isso tem alguma importância, faz diferença?

Mãe – Faz. Eu acho que faz. Quer dizer, eu acho que é importante para a mãe e para o bebé aquele momento, por isso eu acho que faz diferença. Cria-se ali laços para a vida. Nem a gente sabe nem eles sabem, mas, eu acho que sim. Aquela momento é importante.

Ent. – Voltando aqui um bocadinho atrás... e o pai ter assistido ao parto, acha que é importante?

Mãe – Eu acho que sim. Para mim foi. Para mim foi.

Ent. – E para a relação com bebé?

Mãe – Exatamente...ah...também, também. Também faz..., acho que se criou também ali um elo entre pai e filho e entre filha que se calhar se não tivesse presenciado aquele momento..., quer dizer eu acho que sim, não sei...mas eu acho que é importante.

Ent. – Sim eles quando nascem até a voz, o cheiro...

Mãe – É exatamente, principalmente o João, a Maria não, a Maria quando nasceu puseram-na logo aqui em cima de mim, o uno quando nasceu foi para o colo do pai. Aliás eu só tive o João comigo já depois na enfermaria quando..., depois de já estar todo limpo e não sei quê..., já na enfermaria então é que eles me puseram...

Ent. – A Ana ficou bem dos 2?

Mãe – Sim, sim, fiquei, fiquei.

Ent. – E depois as comidinhas? Foi tudo normal?

Mãe – Foi, foi, quer dizer...na Maria não foi assim tão normal, não é? Porque a Maria (risos) a maria...aquilo já não sabia o que havias de fazer mais à minha vida para...para a satisfazer porque vinha esfomeada, eu acho que ela vinha esfomeada, e então recuperou tudo aquilo que não conseguiu durante 9 meses (risos), porque a Maria mamava das duas mamas, esvaziava-me as mamas e a seguir ainda bebia um biberon de suplemento já com aditivo...porque aquilo era uma coisa impressionante. Mas a Maria era o come e dorme, a Maria era espetacular nesse aspeto...

Ent. – Ele era mais agitado?

Mãe – Ele durante os dois primeiros anos não soube o que era dormir uma noite...

Ent. – Dele?

Mãe – Dele. Foi terrível, eu já só me apetecia era atirar com o puto pela janela a fora... (risos) porque, e pá...terrível mesmo, e durante os primeiros..., é assim, para mim foi igual, mas durante os primeiros meses que estive em casa com ele, pronto, uma pessoa pensa...he pá amanhã descanso mais um bocadinho, e tal e não sei quê...e pronto, nunca se consegue descansar quando se...não há botão para desligar. Mas depois começando a trabalhar, então é... é terrível e depois porque também deixa de haver razão. Enquanto eles são pequeninos tudo bem, pronto é pequenino e tem aqui uma cólica e tem isto, é o dentinho ta a rebentar e tal e não sei quê, a partir da altura que eles têm os dentes todos cá fora e já não fazem cocó e xixi normalmente..., porque é que ele não dorme??? (risos) mas é.

Ent. – Portanto, ela foi sempre mais sossegada?

Mãe – Ah muito mais.

Ent. – Deu sempre boas noites de sono...

Mãe – Sempre...pronto a Maria, é assim, sempre foi de acordar para comer, pronto é assim, mas comia e acabou, mudava-lhe a fraldinha, metia-a na cama e ela ficava.

Ent. – Luz de presença, luz acesa?

Mãe – nada, nada...

Ent. – Nem ele?

Mãe – ah ele não, ahahahah ele já tem todo um arsenal... ainda hoje...ele ainda hoje dorme com uma luz de presença, mas dela, sempre dormiu na cama...aliás eu..., mas isso tanto ele como ela, e porque se calhar aí...também o problema foi esse... porque eu da Maria, eu nunca tive berços, tinha uma alcofinha, daquelas normais, todas acolchoadinhas e tal, tinha uma mesinha onde ela estava ali ao lado da nossa cama. E dormia ali. A partir da altura em que ela deixou de caber na alcofinha...

Ent. – Que foi rápido...

Mãe – Que foi rápido, ou seja, aos 3 meses, a Maria já estava a dormir no quarto dela. Porque eu não montei camas de grades no nosso quarto, nunca...era...quando eles nasciam já tinham o quarto deles montado, pronto, a única coisinha era a alcofinha que então aí vinha para o nosso quarto, pronto, e a Maria aos 3 meses deixou de caber na alcofinha e foi dormir para a cama dela e impecável, sem problema nenhum. Ela acordava, tinha fome, eu ia lá, tinha um sofázinho onde me sentava com ela, ela mamava, trocava-lhe a fralda e voltava para a acama e eu voltava para a minha, e pronto. O João não...quantas noites a gente dormiu na sala com ele, para conseguirmos, para ele dormir, para o José poder descansar, e eu vinha para a sala com ele e estávamos os dois ali no sofá, ligava a televisão, e tal e não sei quê..., aquilo era terrível... (olhava para o relógio).

Ent. – Se estivermos em cima da hora ...se tiver que ir...

Mãe – Ainda dá mais um bocadinho.

Ent. – Sonâmbulos nunca foram nenhum...?

Mãe – A Maria.

Ent. – É?

Mãe – É.

Ent. – Ainda agora?

Mãe – Quer dizer...agora...agora já está mais calma..., mas a Maria ainda hoje a gente fecha a porta de casa à noite porque a Maria, é de...é assim, mesmo de sonambulismo já há algum tempo que ela não tem. O que ela tem é de se levantar e falar connosco normalmente...

Ent. – A dormir?

Mãe – A dormir...exatamente. A dormir. Mas sonambulismo a sério! A ponto de ela acordar, atravessar a casa toda e ir se sentar, isto na outra casa, tínhamos, ela, o quarto dela era o primeiro..., eu já não me lembro como é que era a nossa casa antiga... (risos), ora bem, não...foi aqui...era nesta, agora estou toda baralhada. Foi nesta. Antes do irmão nascer o quarto do irmão era o escritório, e antes de termos esta parte aberta, era o escritório e era o meu *atelier*, e então há uma noite que eu comecei a ouvir, comecei a ouvir não, sim...comecei a ouvir barulhos no escritório, levantei-me fui ver era ela que estava sentada à mesa do computador e pronto, não estava a mexer em nada, mas estava ali sentada e eu disse assim: então Maria o que estás aqui a fazer? Não estou a fazer nada. Levantou-se e foi à vida dela. Mas muitas situações assim. Houve uma que eu apanhei um susto, mas um susto valente, porque aí eu pensei...esta miúda um dia destes mata-se. E foi aí que eu...então é assim, ela na altura tinha a cama que tem agora o irmão que é uma cama que (explicou com gestos que é uma cama com grades dos três lados, tipo sofá), por isso isto faz de conta que é o colchão, não é? e tem, faz isto...pronto, vá, não é? Isto é o colchão, depois tem assim...é tipo um sofá...vá...tem assim e tem assim e aqui, pronto, os pés e a cabeceira são assim altos, então há um dia que eu ouvi barulhos fui ao quarto da

Maria e estava a Maria, e isto já foi com que idade? Eu acho que ela já andava na escola 2/3, por isso está a ver o tamanho dela, a Maria levantou-se da cama e pôs-se em pé aqui (no ponto mais alto na grade), assim... (risos) e eu...Maria! E eu já não sabia o que é que havia de fazer...porque para pegar nela ao colo..."tá quieta", acordá-la a assusta-la pior...bem foi assim um susto de morte que a gente apanhou e eu não sabia, já não me lembro como é que eu me desenrasquei e como é que a consegui tirar dali mas sem que ela se assustar, sem que ela acordasse, sem que...bem, foi assim uma cena...que eu...mas muitas...e não só aqui, também quando vai para casa dos avós, também acontece...

Ent. – Pois, é preciso cuidado...

Mãe – Mas agora por acaso já há bastante tempo que não se levanta...tanto que ela agora já brinca connosco. Se se levanta a meio da noite ou se a gente está ali à noite ao serão e tal e ela já está na cama e levanta-se para ir beber água e não sei quê, a gente fica logo...os dois...e ela (faz um gesto engraçado de teatralidade) estou acordada. (risos).

Ent. – E de pequenos? Algum teve assim alguma...iam ao hospital com regularidade...ou...pois, já tinha dito...foram sempre os dois saudáveis?

Mãe – Sim. É assim, da Maria, tanto dela como dele, as idas a hospitais com a Maria teve a ver com ossos, mais com ossos, mas prontos, que a Maria conseguiu partir um dedo a saltar à corda, a Maria torcia, aliás isso é lá tá, isso é, acho que é um problema que ela tem e vai ter...ainda o médico ainda nunca...estou farta de lhe chamar a atenção mas ele até agora ainda não..., que é assim, eu acho que a Maria devido ao crescimento instantâneo que ela teve é fraca de ligações, as articulações e os tendões e não sei quê, ela tem muitos problemas e é assim, e incha-lhe o pé, entorse com muita facilidade, pronto, temos que andar sempre com aqueles emplastros para as dores, e tal, e então foi mais por aí que as idas da Maria ao hospital teve a ver com ossos...o João foi, o João já foi operado aos ouvidos, fazia muitas otites e foi...pronto, foi...fez aquelas operações típicas de infância, ouvidos, garganta, adenoides e essas coisas e pouco mais. Uma cabecita partida e tal..., mas nada de...felizmente.

Ent. – Então ela mesmo desde criança estava habituada a ficar na escola e não lhe custou...porque quando foi para a escola...ela fez pré?

Mãe – Ela fez pré. Ela fez 2 anos de pré.

Ent. – E foi difícil assim a 1ª vez que ela ficou na pré? Lembra-se?

Mãe – Sim, mas não foi aquelas...

Ent. – Há crianças que fazem aquelas birras...

Mãe – pois, não...é assim, ela fez para aí 2 dias assim uma cenazinha, mas não...também não lhe dei abébias e ela viu que aquilo não ia longe... ela percebeu e encarou bem...

Ent. – E o João?

Mãe – O João Também. O João Também.

Ent. – E a nível de...de...irrequietos? São muito parecidos, são muito diferentes? São os 2 irrequietos?

Mãe – Não. A Maria não tem nada a...

Ent. – Ela era calminha...

Mãe – É...a Maria...bem pelo contrário, a Maria é preciso a gente quase abaná-la para ela... (risos) o João já é mais, já é mais mexido. O João não consegue estar, aquela típica de bichos-carpinteiros...é porque ele não consegue estar parado a fazer a mesma coisa durante muito tempo, está sempre a mexer-se e mesmo à mesa está sempre e tal e levanta-se e senta-se e depois põe o pé e depois tira o pé, depois pontapé para aqui, pontapé para ali, pronto são o...o João é mais..., mas é assim é mexido porque pronto, mas é assim...estando ali sosse...como é que eu hei-de explicar? Ele não consegue estar quietinho e sossegadinho, ali paradinho, mas também não é de...ele se estiver em casa um dia inteiro...

Ent. – Ninguém dá por ele...

Mãe – Exatamente... (olha novamente o relógio).

Ent. – Se estiver a incomodar diga.

Mãe – Mais 10 minutos um quarto de hora...ainda dá.

Ent. – Choravam facilmente? Algum deles?

Mãe – Nem um nem outro.

Ent. – Tiques também nunca tiveram?

Mãe – Tiques...não...

Ent. – E coisas assim rotinas...usar uma mantinha...estar sempre...

Mãe – Ah isso sim... isso sim. Isso tanto um como o outro (risos) tinham a chucha, pronto, mas também não foi difícil de largar tanto um como o outro tinham a chucha e uma fralda, uma fralda de pano que andava sempre com eles, pronto, quando era a hora do soninho tinham que ter ali aquele maminho para...

Ent. – Portanto ela entrou na pré a que idade?

Mãe – Ela entrou na pré com ...quatro. Ela fez 2 anos. O João fez 3 de pré. Mas ela fez 4.

Ent. – Dou muito as vossas rotinas, quando ela nasceu ou continuaram mais ou menos a fazer a mesma...

Mãe – Não. Quando ela nasceu não. Mais ou menos mantivemos as mesmas rotinas sim.

Ent. – E na pré? Ela deu-se sempre...era muito calada, não é? Ou dava-se logo com os miúdos?

Mãe – Não...por acaso eu acho que não. Ela na pré, eu acho que ela na pré, ela ainda estava bem...isto...ainda estava bem...porque eu acho que a Maria foi na primária que ficou mais introvertida, sim.

Ent. – Teve alguma coisa a ver com a atitude da professora?

Mãe – Provavelmente. Provavelmente.

Ent. – Ela teve a mesma professora nos 4 anos?

Mãe – Foi. Ela teve a mesma professora sempre, e a mesma turma sempre...a...e... eu tenho...acho que deve ter sido o facto de lá está, ela ter as dificuldades que tem, que tinha, a professora não saber lidar com elas e de lhe ter posto rótulos...e depois que as crianças também são...

Ent. – Nessa altura a Ana como, já tinha...sabia o que ela estava a passar, não é? Por experiência própria, nunca ponderou ir falar com a professora? Alguma vez foi?

Mãe – Eu falei com a professora. Eu falei com a professora. Aliás eu passei o 1º ano, pronto...era o 1º ano, da Maria e sabia que todas as crianças...cada criança tem o seu ritmo, e tal e não sei quê...pronto, a professora começou-me logo que a Maria não lia e que ela não está a ler, e ... pronto, e então, foi para uma explicadora.

Ent. – Na primária?

Mãe – Na primária. Foi para uma explicadora. E na explicadora, a explicadora combinamos, aliás ela começou a ir a um centro de estudos, mas, entretanto, o centro de estudos despachou a Sra., a explicadora, a professora, só que a Maria de facto gostou muito dela e eu vi resultados, alguns resultados, e então, falei com a Sra. se ela queria continuar coma Maria e então combinamos uma vez por semana ela vinha cá a casa dar explicações à Maria. 2 horas. E então como a Maria tinha dificuldades em tudo, o que é que ela começou a fazer? Uma semana dava português, na semana seguinte dava matemática...pronto, e então foi a explicadora que me disse, olhe é assim, eu não quero estar aqui a coiso e não sei quê...mas, se calhar convinha levarem a Maria a fazer uma avaliação, porque eu não achoa que seja normal eu passar aqui 2 horas a dar matéria à Maria onde ela fica, ao fim de 2 horas fica completamente bem..., pronto sabe o que é que está a...o que é que

estamos a falar, eu faço-lhe perguntas e ela responde-me, e sabe tudo, e depois daqui a 15 dias quando a gente retoma está tudo a zeros porque ela não sabe, já não se lembra de nada, e eu acho que isto não é normal. Pronto, e foi, pronto. Eu aí peguei na Maria fui fazer uma avaliação, não é? Andamos durante um mês...íamos uma vez por semana, era em Oeiras, para ela ir fazer testes e tal e não sei quê e depois deram-nos a avaliação, onde se confirmou...pronto e depois eu peguei e fui ter com a professora e disse-lhe: professora, está aqui.

Ent. – E o que é que dizia na avaliação, recorda-se?

Mãe – Sim a avaliação dizia que a Maria tinha dislexia severa, assim...pronto...

Ent. – Ou seja, quando a professora trabalhava com ela e era ela a explicar-lhe e era ela a dizer-lhe, ela compreendia, mas depois quando...

Mãe – Ao fim de 1 dois dias aquilo apagava tudo. Tanto que, e ainda hoje é um bocadinho assim, a psicóloga, porque depois ela passou a ser acompanhada aqui na associação, como é que se chama aquilo?...não interessa, lá em baixo, é uma associação, aquela que tem a APDJ que tem e é a psicóloga também que eu adoro aquela psicóloga que a acompanhou e que ela é que me disse: é assim a Maria tem, têm que lhe adaptar, têm que arranjar métodos para ajudar a Maria e a vocês também, pronto e então é assim, a Maria a nível de escola é assim ela tem que ler as coisas várias vezes repetidamente e sempre em voz alta, que a maria não visualiza as coisas mentalmente como nós, por isso ela tem que ouvir para conseguir ver as palavras ou, e mesmo a nível de tarefas caseiras ou...é têm que fazer com ela e têm que lhe dizer as coisas várias vezes para ela interiorizar porque se não...se lhe dizem uma vez, não vale a pena que ela não fixa as coisas. E pronto e foi assim uma luta...

Ent. – E fez diferença nessa altura? A professora acatou essas indicações?

Mãe – Acatou! Claro que acatou! Pois então ela a seguir percebeu que tinha metido a para na poça, não é? Ou seja, a Maria na altura quando este processo todo ficou concluído já estava no final do segundo ano.

Ent. – Eu acho que me lembro de qualquer coisa...ela chegava mesmo a dizer-lhe coisas muito desagradáveis...essa professora, não chegava?

Mãe – foi porque, entretanto, isto foi das tais coisas que é assim, e com o João já não fiz nada disso, eu tinha muito a mania de tentar..., é assim, porque como estava lá na escola, não é? E sabia que se eles fossem apanhados...se eles fossem, se ela calhasse numa turma que fosse lá colocada naquele ano, o mais certo era no ano seguinte ser outra qualquer, e depois no ano seguinte outra qualquer e então o que é que eu tentei? Eu tentei fazer maneira que ela ficasse com uma professora que fosse fixa porque já sabia que a ia acompanhar, pronto, erro, não é? Tanto que ela foi apanhar uma professora de old school como se costuma dizer, que pronto, não tou nem aí para este tipo de problemas e eu acho que no tempo dela nem existia ensinos especiais nem nada dessas coisas, por isso ela não...

Ent. – Mas lembra-se de ela lhe ter dito que a professora lhe tinha chamado isto...ou que lhe tinha chamado aquilo...vinha triste da escola...

Mãe – A Maria também nunca foi muito...

Ent. – Não contava o que se acontecia durante o dia?

Mãe – Não. É assim, se eu não me apercebesse ou se os colegas não me viessem contar...eu não sabia de nada porque a Maria fechava-se em copas...

Ent. – Nunca chegou a saber de nenhum episódio assim que a tenha marcado na primária? Nesse tempo?

Mãe – Não. Em relação à professora não. Em relação à professora não. Só em relação, pronto, lá está os colegas depois... e foi uma coisa que eu também não percebi muito bem...porque...mas, lá está, como estava lá também não me quis estar a meter, porque é uma posição muito ingrata quando nós estamos, não é? Não queremos estar, não queremos estar a influenciar porque os outros pais também não influenciam porque também não estão lá, mas, mas depois também nos sentimos um bocadinho, eu sempre me senti um bocadinho..., lá está, como não, como estava lá...e apercebia-me de tudo...a nível de professoras e contínuas e sei lá o quê...também não me queria estar a intrometer por...porque os pais dos outros não estão lá não veem e por isso eu estava a ser...estava a aproveitar-me da situação e...mas acabei por se calhar deixar também passar coisas

para não me acusarem de estar ali em posição onde...privilegiada...eu apercebi-me de muito...eu apercebia-me mais a nível dos miúdos...a Maria fez 4 anos sem amigos. Os colegas dela não lhe ligavam, não sei se tinha a ver...lá está, com o facto de ela não ser uma aluna excelente e se calhar da professora também a por de lado...não sei...elas eram um bocadinho...ela era posta de lado...eles havia o grupo e depois estava a Maria. E depois a nível de ATL ela também nunca foi de ter grandes amigos, aliás ainda um dia destes estivemos a falar sobre isso porque o João está na mesma situação neste momento. O João também eu chego lá e estou a falar com a psicóloga e ela diz-me que também o João não tem...pronto, não tem grandes amigos. E o João foi...para a turma do João há lá um grupinho e é um grupinho jeitoso que vêm todos juntos desde o JI ou desde a pré e é aí que depois também vem a conversa com as outras mães que já me vieram com a conversa de “ai temos que fazer de maneira agora quando eles passarem para a 2/3 fiquem todos juntos na mesma turma e vamos falar com a professora e a professora já disse que sim que ia ver se...”. E eu não quero saber nada disso, pá o João vai para onde tiver que ir porque eu não vou interferir em nada para eles ficarem juntos porque não sei se será bom para ele. Não sei...é assim, se ele agora já não brinca com eles e já não são amigos dele...é assim, ele vai às festas dos anos deles porque as mães convidam, porque pronto, já andaram sempre juntos desde o JI mas que eles sejam amigos não, porque ele chega depois ao recreio e o João vai brincar, ou vai brincar ou deixa brincar com ele são os meninos do 1º ano, porque os da idade dele, os do 4º ano, não é? Que ele já é do...o João é muito imaturo, o João não quer crescer, o João tem esta coisa...

Ent. – Ele entrou na primária com 5 ou com 6?

Mãe – Com 5.

Ent. – A fazer em que altura?

Mãe – Não...fez logo no mês...ele começou em setembro e ele fez os 6 em outubro. Mas o João é outro problema que eu tenho...o João é muito infantil para o...para algumas coisas, ou seja, o João tem os...mas é muito imaturo, é muito infantil e não quer crescer e não quer responsabilidades e...tanto que eu pensei que ele agora com o 4º ano que isto desse assim uma volta, porque lá está, ele estava no quarto ano, o último ano da escola já vai fazer...já é crescido, não é, é dos mais crescidos da escola, mas é igual ao litro, ele até piorou do que...

Ent. – Se calhar está a ficar mais ansioso com a passagem iminente...

Mãe – pois..., mas, não sei, ...tenho esperança que esta mudança agora para a 2/3 e coiso...também vá tocar lá qualquer coisinha para ver se ele desperta um bocadinho mas também não...está a ser complicado...está ser mais...eu até acho que está a ser mais complicado...

Ent. – Com ele...

Mãe – Do que com ela, porque o dela eu sabia o que era e trabalhamos para isso e a psicóloga sabia o que é que tinha aa fazer, com o João já as psicólogas não me sabem como é que...porquê...e o que é que pode ser feito para ultrapassar esta fase...

Ent. – Mas o que é que elas dizem que ele tem?

Mãe – É isto, para o João a escola é uma seca, e então, pronto...não...é só quando a coisa lhe agrada é que ele quer trabalhar, por isso não quer responsabilidades, não quer...pronto, é a imaturidade e é...porque depois lá está...porque se ele tivesse maturidade percebia como os colegas dele já se estão a aperceber que pró ano aa coisa vai mudar, vai deixar de ser uma professora para ser uma série delas, vai deixar de ter 3 disciplinas para serem uma série delas, horários...é assim, ele tá a tocar ou têm que ir almoçar...ainda agora a última vez que fui à escola a contínua veio ter comigo a dizer que o João tem que todos os dias à hora que o refeitório devia fechar, é à hora que ela se lembra...o João não comeu e vai à procura dele e vai buscá-lo para ele ir comer antes de ir para a sala de aula, depois leva a contínua nas orelhas porque a cozinha já devia estar fechada e não está fechada porque ele ainda está ali e tal e não sei quê...mas é assim, mas o João, ei disse à contínua: olhe eu...tem todos o meu apoio...é assim a próxima vez que isso acontecer o João não almoça...não...pega nele e vai levá-lo à professora e diz-lhe o João não almoçou porque faltou ao refeitório, tem a minha autorização para fazer isso. Mas estou a ver pro ano, quer dizer, cumprir horas... Para o ano vai ser um bocadinho mais complicado. As horas... (olha o relógio).

Ent. – Veja lá as horas...ficamos por aqui?

Mãe – Se calhar...se calhar é melhor...

Ent. – Alguma vez foi chamada à escola por algum episódio que tivesse acontecido com a Maria? Que ela se estivesse a sentir mal, alguma coisa?

Mãe – Não. Assim de...

Ent. – De alguma situação, provocada pelos colegas ou pela professora?

Mãe – Não isso não. Isso não. É assim, houve uma vez na primária que fui chamada pela professora porque a Maria e aí sim deve ter sido...ela deve-se ter passado por alguma razão, porque aquilo não era normal e entretanto eu falei com a professora e ela admitiu que aquilo não era normal nela, em que a Maria pegou num estojo duma colega e na tesoura e cortou o estojo todo.

Ent. – E não chegou a saber o porquê...

Mãe – Não cheguei a saber o que é que se passou porque a professora só me chamou porque a Maria cortou o... por isso... e ela, a Maria era pequenina, isto acho que foi para aí no 2º ano, e a Maria também não me soube...não me contou o que é que se passou. Mas eu...

Ent. – Foi antes do diagnóstico dela, de ela ter sido avaliada?

Mãe – Sim. E, entretanto, pronto, eu na altura...

Ent. – Acha que pode ter sido devido ao acumular das situações?

Mãe – Eu acho que sim. Porque a Maria é muito assim. A Maria não desabafa, não fala, vai acumulando, acumulando, acumulando, e também não é de explodir, tem alturas em que isso, eu noto que ela explode...pronto...e...explode e não é explode...é porque depois a Maria não explode...tem é...é assim, ela houve essa situação, não é? Na primária, lembro-me uma outra cena que não foi na escola, foi com colegas da escola, e lá está, foi o tal grupinho que existia, todos do mesmo ano, todos da mesma turma, que entraram todos na mesma altura, que andavam todos no ATL, supostamente a Maria também fazia parte desse grupo, e como nós as mães nos dávamos todas e tal convivíamos e não sei quê...a Maria era sempre incluída no grupo e foi convidada para uma festa de anos, onde eu a fui deixar, e quando a fui buscar eu ainda estava ao portão, aquilo era numa casa tipo vivenda, e quando eu a fui buscar, eu estava ao portão à espera que me abrissem o portão,

os miúdos andavam todos a brincar, e a Maria olhou para mim e ... pfu...desmanchou-se a chorar convulsivamente e pronto, e eu tirei a Maria da festa e viemos embora...a mãe da criança que fazia anos não percebeu nada e tal e o que é que se passou o que é que não se passou...e eu tentei, pronto, tentei não dar valor à situação e mal cheguei ao carro eu percebi logo o que é que se tinha passado, ou seja, a Maria não foi convidada para a festa, a mãe da criança é que a convidou porque, pronto, porque sim, e a Maria passou ali 2 ou 3 horas...

Ent. – Sozinha.

Mãe – Sozinha, e provavelmente a ser gozada e humilhada pelos outros, e pronto, e isso eu lembro-me perfeitamente e custou-me, e pronto e falei com ela, na altura e a partir daí acabei por a proteger um bocadinho mais, ou seja, não deixava realmente ir às festas, arranjava justificações às mães e tal, e não sei quê...e acabei por deixar de a...pronto...

Ent. – De a expor a essas situações...

Mãe – De a expor, exato, exatamente. Mas fora isso foi só as únicas 2 situações em que, pronto, e depois mais tarde, mas isso, também lá está...não foi na escola, isso, quer dizer, julgo que também teve a ver com a escola, foi lá está um acumular de situações e isto já foi o quê? Para aí no...aliás ela andava na 2/3 eu já não me lembro foi em que ano. E, que a psicóloga que a acompanhava desde essa altura me alertou que a Maria estava com princípio de uma depressão, pronto, e que...

Ent. – Acho que me lembro de ela falar disso...

Mãe – Sim. Ela... porque era uma coisa que eu me...que eu achava que ela mais cedo ou mais tarde ia, porque..., como não tinha amigos, não havia sucesso escolar, ela não gosta dela própria, pronto, e ainda hoje continuamos nessa batalha, e tudo...eu várias vezes perguntava à psicóloga se ela não estaria com uma depressão e tal porque pronto, e depois era sempre muito triste e muito metida com ela... e ela não, não, a Maria não e a Maria não, porque a Maria, a psicóloga sempre dizia “a Maria é uma miúda que tá-se bem, para a Maria está-se bem...ela não tem...”

Ent. – Acha que ela quando ia ao psicólogo era sincera?

Mãe – Às vezes acho que não, aliás ainda me lembro, também na minha adolescência, ...eu na minha infância também quando ia à psicóloga havia ali muita coisa que eu também não...porque é assim, e no meu caso eu estava a falar com uma pessoa que eu não conhecia de lado nenhum, e estava a falar por obrigação, se bem que a Maria não. A Maria a relação que tinha com a psicóloga era realmente uma relação muito forte, que ela sempre, foi sempre a mesma psicóloga que ela gostava imenso, e eu sei que a Maria realmente desabafava muita coisa com ela, se calhar coisas que nem comigo ela desabafava, por isso, acho que...pronto, acredito que havia coisas ali que ela podia até omitir ou transmitir de outra maneira, mas acredito que ela não fosse assim tão...

Ent. – Notou ao longo desse tempo todo em que ela foi acompanhada por essa psicóloga que a coisas estavam a resultar? tudo melhorou? Era suficiente o que ela ia fazendo?

Mãe – É assim, a psicóloga sempre trabalhou com ela tudo, mas especificamente a história da dislexia, era o objetivo dela era a dislexia, e nesse aspeto sim, nesse aspeto eu achei que ela fez o trabalho dela, pronto, ela conseguiu ajudar a Maria sim senhora, a arranjar as suas estratégias para conseguir chegar onde os outros chegam, pronto.

Ent. – Hoje em dia ela já não é acompanhada?

Mãe – Hoje em dia ela já teve alta.

Ent. – E já tem os mecanismos todos...

Mãe – Exatamente

Ent. – Adquiridos para conseguir face a isso...

Mãe – Tanto que ela assim, ela quando passou ali para a secundária, o processo da maria não a acompanhou, que isso foi uma coisa que eu ainda fiquei...

Ent. – Não a acompanhou?

Mãe – Não. A 2/3 não enviou o processo da Maria para a secundária só já quase no final do ano, é que..., não foi no final do ano, ou seja, para aí no princípio do segundo período, eu fui à secundária falar com a diretora de turma para saber quando é que me chamavam para assinar o PEI, quando a diretora de turma ficou muito admirada. “o PEI? Mas a Maria não tem PEI...” e eu desculpe? Não, a Maria tem direito ao PEI, porque a Maria tem dislexia e tal, tal, tal...foi quando eu lhe expliquei e ela ficou...foi quando elas começaram de lá, a insistir...a pedir o processo da Maria, porque o processo da Maria ficou bloqueado aqui não sei porquê, aliás eu estou co a psicóloga da 2/3 por aqui... (gesto) porque só fez foi porcaria...

Ent. – Porque ela deveria ter iniciado...

Mãe – Foi com a transferência, que eu tive que ir à secundária, aliás, tive que ir à 2/3, na altura foi quando eu comecei o meu processo oncológico e, entretanto, quem foi fazer a matrícula foi a Maria e o pai. Foram lá. Entretanto, a psicóloga que tratou, trataram coma diretora de turma, na altura, pronto, depois a psicóloga chamou-me a dizer que aquilo estava mal preenchido, para lá ir. E obrigou-me a preencher aquilo tudo outra vez, mal...e eu a dizer-lhe, não...

Ent. – Mas tinha sido tudo preenchido ali...

Mãe – Tinha..., mas ela daquilo, assim como estava, assim com aquelas opções, por causa da história de ser para técnico-profissional e os impressos da 2/3 não terem lá essa opção, pronto. E o que é que a diretora de turma aconselhou o José a preencher aquilo noutra sítio qualquer e por o nome das escolas, pronto ela achou que aquilo não pode ser assim, se não, se for assim ela vai para à António Arroio a Lisboa. Eu assim, olhe que não e tal, e não sei quê...e eu ainda na altura ainda lhe disse, olhe, eu vou fazer como você me está a dizer, mas se isto der porcaria eu venho cá falar consigo...”ah pode vir à vontade” e tal, e não sei quê...só que depois na altura eu borrifei-me no assunto, ou seja, quando chegou à altura ligaram-me da Secundária, porque para a Maria ir para o Técnico-Profissional eu fui fazer lá uma pré-inscrição...

Ent. – Para garantir que eles tinham lá vaga.

Mãe – Exatamente. Pronto, e então já tinha a pré-inscrição feita e ligaram-me em agosto, quando a gente estávamos de férias a dizer “olhe eu tenho aqui uma pré-inscrição da Maria para o técnico-profissional e tenho aqui um processo da Maria a pedir para ser matriculada no ensino normal...foi a burrada que ela fez. Porque como ela não queria que fosse naquela opção que a gente tinha posto, foi na outra, foi para o ensino normal...

Ent. – Mas não lhe cabia a ela estar a decidir isso.

Mãe – Pois, mas pronto. Ei que eu ainda estive sujeita a ter que vir das férias para cá para tratar, o que vale é que na secundária foram impecáveis e disseram pronto, já percebi como é que é, assim que vier venha cá regularizar a situação e tal e ficou pronto, e correu tudo bem felizmente, só que entretanto, depois o processo também não...e cá para mim também foi...deve ter sido qualquer coisa que ela não fez como deve ser, pronto, e o processo só já quase no final do ano letivo é que eles o receberam.

Ent. – Não beneficiou de medidas nenhuma até lá...

Mãe – Até lá não beneficiou de nada. Mas é assim, mas também a verdade é que os professores também ficaram superadmirados quando receberam o processo e viram aquilo tudo, porque trabalharam com a Maria aquele tempo todo, não é...

Ent. – E com resultados...

Mãe – E com resultados e acharam que pronto...

Ent. – Houve grandes evoluções...quem é que acha que é o grande pilar da Maria? Onde é que ela desabafa, que é que está sempre ali...quem é que é? É consigo?

Mãe – É assim, eu acho que a Maria tem vários, e é consoante o estado de espírito dela...é assim, cá em casa sim, é comigo. Mas depois fora de casa tem vários, tem a si, tem a avó...

Ent. – Que é a sua mãe...

Mãe – Que é a minha mãe, tem...pronto, tem acho que são assim, tem a Alexandra que é do centro de estudos onde ela esteve, também foi...também é um pilar muito importante neste percurso dela...

Ent. – Ela é que decide sempre...

Mãe – Sim ela tem sempre ali um pilar para se agarrar...

Ent. – Ainda bem. E as amizades? Mantem muitos amigos desses tempos lá de início...

Mãe – Sim. Sim isso...

Ent. – Foi fácil ela adaptar-se agora na nova escola?

Mãe – É assim foi fácil ela adaptar-se à escola, não foi fácil ela adaptar-se à turma. Eu acho que só agora é que a Maria realmente está a adaptar-se efetivamente, é assim, e por acaso acho piada porque é uma turma, é assim, eu não, eu só conheço acho que uma miúda da turma, mas acho piada porque eles são..., embora não sejam aquela turma unida como eram na 2/3, por exemplo, que faziam tudo juntos e andavam sempre juntos, intervalos e não sei quê...mas são muito unidos. Eu acho muita piada que eles é que, não sei...também devido à idade, se calhar, mas são eles que orientam os professores praticamente, ou seja, eles é que tentam fazer os horários, porque têm furos e porque têm isto e não sei quê...para não acumularem horas, para depois nas férias não terem que estar ali a perder mais tempo, tentam, oh professor agora tenho um furo aqui nesta hora, veja lá se não lhe dá jeito compensar aquela hora que ficou para trás...é muito engraçado...e nos trabalhos de grupo, eles estão...mas pronto, há as rivalidades e há as amizades e...os amores e que eu acho que ainda não começaram (risos). Por um lado, ainda bem, mas isso é que eu acho que ainda está um bocadinho, mas acho que tem a ver com as inseguranças dela e com...mas pronto, vamos por partes...

Ent. – No percurso escolar, alguém que a tenha marcado muito...professor, colega, ...

Mãe – Professor eu acho que foi a professora mesmo...

Ent. – Ela falava muito da outra professora de ...

Mãe – É assim, a professora primária marcou-a pela negativa. Depois em todo, no percurso depois ali na 2/3 foi a professora Maria João que a marcou realmente e pronto, é assim ela, então nesta última 7º; 8º e 9º já foi a última turma onde ela esteve ela sempre se deu bem, muito bem com os professores todos, eu acho que ela sempre conseguiu ter ali uma boa relação com quase todos os professores, sempre a ouvi falar bem dos professores e sempre que lá ia os professores..., aliás, ainda hoje ela continua a ir fazer...nas férias ela vai visitar a 2/3 para estar com os professores, porque ela...

Ent. – Acha que foi esse amor que ela tinha aquela escola, àqueles professores, àqueles colegas que a levou a aproximar-se dos outros da nova realidade, tão tarde?

Mãe – Provavelmente sim, provavelmente sim. Aliás, para ela acho que aquela é a turma dela. Tanto que é assim, eu acho piada que ela ainda hoje tem sempre uma agenda, ela tem uma agenda escolar, pronto, aquelas agendas que se compram no início do ano letivo, e no ano passado eu fiz-lhe uma capa para a agenda com fotografias que ela foi tirando ao longo destes anos com colegas, professores, com a turma toda da 2/3. Este ano comprei-lhe uma nova agenda, mas ela fez-me tirar a capa da que tinha no ano passado para voltar a por na deste ano, porque aquela é que é a turma dela.

Ent. – Em que anos de escolaridade é que ela ficou retida?

Mãe – Ela ficou retida no 7º

Ent. – No 7º? Qual era o sonho que vocês tinham para ela? Tinham alguma coisa assim ideal pensada...

Mãe – Não. Não tenho nem para um nem para o outro. Eles vão descobrir o rumo deles e eu só quero é que eles sejam felizes no que eles quiserem fazer, mas que sejam felizes.

Ent. – Este percurso agora no curso de fotografia, foi ela que escolheu?

Mãe – Foi, é assim, foi ela que escolheu mas foi por aconselhamento da psicóloga quando fez os testes, aqueles testes psicotécnicos e tal, ela também, fez ali no centro de estudos, porque a Alexandra, a que é a coordenadora do centro de estudos também é psicóloga, também lhes faz os testes e deu outra coisa qualquer que eu também já não me lembro,

mas que não tinha nada a ver com a Maria e ali a psicóloga, aliás, ela fez os testes psicotécnicos mas como ela também estava ligada ali à 2/3 e estava dentro dos cursos e tal, aconselhou-a a ir ver e a ir...e como a Maria já tinha algum, pronto, sempre gostou muito de fotografia, embora nada de profissional...era fotografia de telemóvel e não sei quê...mas gostava tanto de tirar como de se tirar a ela própria, falou-lhe e mostrou-lhe folhetos e tal, e não sei quê...e pronto, foi lá e ela achou que a ideia não era nada de se deitar fora e pronto, e acho que sim. Foi uma boa aposta.

Ent. – A personalidade dos dois, do João e da Maria é parecida, são muito diferentes, já tínhamos até falado sobre isso...

Mãe – Não. São muito diferentes. São completamente diferentes, a Maria é muito mais introvertida que o João, se bem que o João também não é bem introvertido, o João é mais envergonhado. Mas perdendo a vergonha o João está completamente à vontade, já a Maria...pronto, mesmo estando à vontade não se abre completamente.

Ent. – A Nível da relação que eles têm com vocês? Tem um bocadinho a ver com isso...

Mãe – Sim tem.

Ent. – Ele chega e conta as coisas que aconteceram no dia? O que viveu

Mãe – Sim, conta.

Ent. – E ela?

Mãe – Ela agora, também já temos..., é assim, nós normalmente ao jantar, é a única altura em que realmente nós estamos os 4 juntos, e que eu faço realmente questão que a essa hora a gente esteja todos juntos, a Maria já começa a...pronto, já tem...já conta o que é que se passou o que é que não se passou. Às vezes somos nós “então como é que foi, como é que correu e tal” e então aí ela começa a falar, outras vezes é ela por iniciativa e sim, mas também há muita coisa que eu sei que ela não...mas é normal...

Ent. – Claro, faz parte. Do João, as dificuldades dele na escola, mas já tínhamos falado, que ele já tinha sido observado...

Mãe – Sim, sim. Também já foi observado e está a ser acompanhado.

Ent. – Os 2 irmãos como é que eles se dão?

Mãe – Pois não! Isso é que é daquelas coisas que me parte o coração, mas eles não se dão. É assim, não se dão...eu ainda também nessa parte eu ainda também não meti psicólogas ao barulho porque acho que isso também é daquelas coisas...são irmãos e os irmãos são irmãos e hão de ser sempre irmãos e era bom que todos os irmãos se amassem e se dessem bem desde pequeninos, mas não. A Maria não tem relação com o irmão. Não...

Ent. – Eles têm que diferença de idades?

Mãe – 8. 8 anos.

Ent. – Acha porque foi porque ela nessa altura já não queria...já queria ser sozinha?

Mãe – A Maria nunca quis irmãos.

Ent. – Queria as atenções todas?

Mãe – A Maria nunca quis. Desde que eu fiquei grávida que a Maria sempre disse que não queria, pronto, se fosse uma menina ainda deixava passar...agora se fosse rapaz nem pensar...pronto, inclusivamente houve uma altura que eu estava a trabalhar no ATL e havia lá outra mãe de outra miúda que também estava grávida, estávamos mais ou menos da mesma altura, e fomos dar com elas as duas a combinarem, porque a outra queria um rapaz e a Maria queria uma menina, e então se por acaso a coisa calhasse ao contrário que elas trocavam..."podemos trocar se for..." mas, pronto, a Maria nunca foi de tomar conta do irmão, nunca foi de acarinhar o irmão, nunca foi...nem de bebé, pronto, ...pronto era o irmão, estava ali e...por outro lado acho piada que se por acaso eles forem os dois para os avós, para os meus pais, passar as férias ou fim-de-semana a Maria é super protetora do irmão. Mas sem demonstrar...sem carinhos, sem afetos, mas ela está sempre em cima do irmão. Ela toma conta do irmão. Se o irmão tiver um problema qualquer, se se

magoar, se ralharem com ele, e se ele desabar a chorar a Maria já não sabe o que é que há-de fazer à vida dela, percebo perfeitamente...

Ent. – É a forma dela mostrar que afinal até...

Mãe – Exatamente. Entretanto o irmão tem uma admiração pela Maria, uma coisa...é assim só que, o que é que acontece ao longo destes anos? Como a Maria nunca correspondeu o João já aprendeu a atrair a atenção da irmã pela negativa, ou seja, como ela não lhe liga nenhuma e já percebeu que se a picar, se a irritar, se a chatear ela dá-lhe atenção, é assim a relação deles, ele passa a vida...estamos à mesa e ele está...passa a vida a picar a irmã, e mesmo a provocá-la, e no dia-a-dia é tudo assim. É com provocações da parte do João, a Maria não lhe liga nenhuma e ele vai-lhe picando, e eu oh João não faças isso, ... e é isto...porque é a única forma de ela lhe dar atenção.

Ent. – De mostrar que lhe dá atenção.

Mãe – E eu estou farta de dizer à Maria: “Maria já não tens idade, é um miúdo, mas ela não consegue ultrapassar essa fase e então torna-se um bocadinho complicado, mas pronto, mas eu acredito que é uma fase e que eles um dia vão ser os melhores amigos do mundo e...

Ent. – Falta só falar aqui então na parte pior...que aquela parte em esteve doente. Como é que sentiu que isso afetou a um e a outro?

Mãe – A...é assim, claro que é assim, afetou, afeta sempre e neste momento ainda nem sei bem o quanto é que os afetou. A verdade é que também tentei lidar sempre com a situação com a maior naturalidade e descontração para eles também não sentirem, porque é assim, cancro toda a gente já ouviu falar, toda a gente já associa o cancro à morte, pronto, mas tentei desdramatizar ao máximo e encarar as coisas com a maior das naturalidades também para eles perceberem que ia ser uma fase, pronto, e eu encarei isto sempre como uma fase, por isso eu acho que é assim a Maria já tinha alguma maturidade para encarar a situação, eu com ela sim, falei logo no início e expliquei-lhe tudo e tal, o que é que ia acontecer, o que é que não ia e tal, para ela estar preparada e ela reagiu, aparentemente reagiu, quer dizer, reagiu bem e eu depois pedi-lhe a ela, aliás ela na altura ainda era acompanhada pela psicóloga e falei com a psicóloga pronto, e pedi-lhe a ela também e disse-lhe a ela “fale com ela” para saber como é que...e ela também o feedback que me

deu foi que ela estava tranquila. Com o João é que foi mais complicado. Foi mais complicado para mim. Foi muito complicado para mim. Aliás, para mim, eu costumo dizer, para mim o mais complicado deste processo todo foi de facto essa fase inicial de eu ter que dizer às pessoas. Que é uma estupidez, mas, o ter que dizer aos meus pais e ter que dizer aos meus filhos “Eu tenho cancro, vou passar por este processo todo”, para mim foi terrível. Até eu dizer-lhes, é assim, como é que eu vou dizer? Como é que se diz a uma mãe, ou como é que se diz a um filho, “olha tenho cancro e isto olha pode correr bem, pode correr mal, pode não correr e tal”. Foi muito complicado para mim, pronto, e pro João foi complicado porque eu..., é assim, era muito pequenininho, como é que se explica essas coisas e também recorri um bocadinho à psicóloga, ele já era acompanhado por uma psicóloga mas foi com a psicóloga da Maria que eu fui pedir-lhe, porque ele também já era acompanhado mas também era uma coisa...não tinha à vontade com a senhora e também não a conhecia e esta já a conhecia há muitos anos e então pronto, e então ela com o João, pronto, é assim, para já foi aquele choque do cabelo, se bem que eu tentei fazer as coisas pronto, que aquilo foi quê? Num espaço de praticamente, acho que nem chegou a quinze dias. Eu tinha o cabelo comprido, não é? Fiz a primeira sessão de quimioterapia, tenho ideia de que ora aí na semana seguinte comecei a...o cabelo começou-me a cair. Entretanto a médica aconselhou-me logo, ela explicou-me logo tudo e foi mais ou menos tudo como aconteceu. “Isto eu daqui a mais uma semana ou duas, isso vai-lhe começar a cair, e nessa altura corte um bocadinho, para não ser logo tudo e tal, então sei quê”, e foi o que eu fiz. Aquilo começou a cair e eu cortei o cabelo assim por aqui (gesto), que ele adorou, achou o máximo, aliás ainda hoje ele diz gostei muito do 1º penteado que tu fizeste antes de ficar careca e só que, entretanto, depois aí começou a cair, aliás eu cortei o cabelo para aí numa terça e na sexta-feira voltei ao cabeleireiro para o cortar curtinho, porque, entretanto, começou a cair às mãos cheias e notava-se peladas. Cortei-o curtinho, para aí com um dedo de comprimento e nesse fim-de-semana eles ficaram com os meus pais e nós fomos para Melides e, entretanto, de um dia para o outro...foi uma noite horrível porque o cabelo caiu todo. Começou a cair assim mesmo (gestos) e passei a noite toda...e depois, ainda por cima, como já estava curtinho, era só cabelos, só cabelos e eu disse não, nem pensar, isto assim nem é nada. E depois notava-se as peladas então sei quê...rapa tudo. Pronto, por isso quando eu voltei de Melides já vinha careca, embora eu tivesse mostrado, mandado uma fotografia e tal e não sei quê, para eles verem, para não ser então um choque tão grande e então, pronto, e aí eu achei que para ele foi complicado. Ele não disse nada nem...e pronto, eu também não andava careca na rua, foi uma coisa que eu nunca, por eles, não sei porquê...

Ent. – Mas hoje já é muito normal...as pessoas...

Mãe – Sim, é. Mas eu achei que o meu, principalmente o João, não ia sentir-se bem de ver a mãe careca na rua, não sei porquê, nunca falamos sobre isso, mas acho que foi uma coisa que eu tentei respeitar... (choro) e mas pronto, passou e ele encarou com naturalidade e nunca falamos muito sobre isso. E depois achei piada que já mais tarde, já para aí a meio talvez dos tratamentos, fui buscá-lo à psicóloga um dia e a psicóloga da Maria tinha-me dito que, para falar com ele naturalmente nunca esconder, para não dar o nome às coisas. Não era preciso dizer que eu tinha cancro, mas pronto, estava a passar por uma doença complicada e tal, pronto, tive que lhe explicar porque ele ia perceber. E é verdade que, entretanto, houve um dia que eu fui buscá-lo à psicóloga e pelo caminho quando já vínhamos para casa perguntei “estão João, de que é que falaram hoje?” gostava sempre de puxar um bocadinho por ele, e, entretanto, ele diz “ah a Dra. perguntou-me se tu estavas doente”. “há foi? Então? E o que é que tu lhe respondeste?” “Eu respondi-lhe que sim mãe, eu disse-lhe que achava que tu estavas com cancro. É com cancro que tu estás?” (riso) e eu achei assim...como é que este gajo...é assim eles não são burros, não é? E então, percebeu foi por ele e pronto. E acompanhou-me sempre. Eles ainda chegaram a ir comigo. Houve uma vez no verão, nas férias, que eu não tinha com quem os deixar. Não os quis deixar ficar porque aquilo eram ¾ horas de tratamento e se for ali a baixo comprar qualquer coisa eu deixo-os ficar e a Maria toma conta, mas naquela altura não os quis deixar ficar tantas horas sozinhos em casa e então tive que os levar comigo, e foram, e pronto e encararam sempre as coisas...nunca lhes escondi nada, também nunca lhes quis fazer cabeça de coisíssima nenhuma e acho que eles lidaram com a naturalidade que foi possível.

Ent. – Mas também foi bom para si ver que eles estavam a encarar tudo naturalmente.

Mãe – Claro que sim, claro que sim. e lá está, o apoio à nossa volta é 50%

Ent. – Pois acredito.

Mãe – É verdade. Faz toda a diferença, termos este apoio à nossa volta. O marido é importantíssimo e os filhos também. E tudo o resto...mas é assim... (choro).

ANEXO Nº10

Transcrição da entrevista ao pai da Maria

Ent. - O seu nome?

Pai – José -----.

Ent. - Data de nascimento?

Pai – 8/3/1973

Ent. - Naturalidade já sei que é lá dos Olivais.

Pai – Exatamente

Ent. - Estudou até que ano?

Pai – Até ao 8º. Comecei o 9º à noite, mas nunca cheguei a acabar o 9º ano. Já trabalhava na altura e então...nunca ...

Ent. - E mesmo de adulto?

Pai – Não, ainda me cheguei a inscrever, mas depois nunca me chamaram e a minha vida é muito complicada e então nunca tive tempo para isso. Tenho pena, mas, eu normalmente trabalhava fora de segunda a sexta-feira, portanto tornava-se complicado eu fazer a escolaridade como é lógico.

Ent. - Portanto deixou de estudar por opção? Quis ir trabalhar?

Pai – Exatamente, por opção própria.

Ent. - Os seus pais não acharam mal porque foi trabalhar com o pai, não é?

Pai – Não, eu não fui trabalhar com o meu pai.

Ent. - Não foi?

Pai – Não senhora.

Ent. - Pensei que tinha ido trabalhar na empresa do seu pai.

Pai – Não, isso eu fui, mas depois mais tarde. Eu fui tirar uma formação de eletricista, eu fui à procura de emprego, ainda estive em 3 empresas diferentes a trabalhar, e só depois mais tarde é que eu realmente fui trabalhar com o meu pai.

Ent. - Mas decidiu então deixar de estudar e trabalhar.

Pai – Exatamente. E os meus pais não ficaram nada contentes. Foi exatamente o oposto (riso). O meu pai por ele, os 2 filhos que teve, tinham-se formado e tinham estudado até onde quisessem que ele não se importava. Bem pelo contrário.

Ent. - E hoje arrepende-se disso?

Pai – (riso) 100%. Sem dúvida nenhuma. Hoje cada vez mais noto que é necessário e precisava e fazia-me falta. Nos dias de hoje, “ê pá” mas hoje é muito complicado.

Ent. - Pois...

Pai – Hoje é muito complicado. Já se torna...quase com 50 anos, é muito complicado. Voltar a estudar...

Ent. - Mas nunca é tarde, olhe lá...

Pai – Não tarde não é, mas realmente eu cada vez tenho menos tempo para mim.

Ent. – Pois o tempo é que é pior...

Pai – Exatamente, esse é o grande problema. E depois o meu pai morreu...acabei por ter que assumir a empresa. É assim eu passo a vida a correr, é sábados, é domingos, é feriados, é tudo. É às duas, três da manhã...é a vida que se arranjou!

Ent. - Mas eletricista hoje é uma profissão que tem bastante procura!

Pai – Tem sim senhora. Felizmente.

Ent. - Graças a Deus.

Pai – Felizmente sim. Mas lá, porque deixou de se formar eletricitas neste país e hoje há uma falta enorme de profissionais.

Ent. - E a nível de formação? Não podia dar formação a eletricitas?

Pai – Eu dou dentro da empresa. Ou seja, dentro da empresa...eu estou lá há 27 anos, eu normalmente ponho pessoas, que embora também tenha oficiais de eletricidade, mas normalmente optamos por colocar ajudantes, aprendizes e damos nós a formação lá dentro, até porque é uma área muito específica dentro da eletricidade, que é postos de abastecimento.

Ent. - Pois, a Ana tinha-me falado, que vocês montam e depois dão assistência, não é?

Pai – Exatamente. Fazemos a manutenção, mas também reconstruímos, construímos de raiz..., portanto tudo parte elétrica, não é?... Agora por exemplo estou com 3 obras em simultâneo da BP e pronto, é muito trabalho.

Ent. - Pois acredito.

Pai – Muito trabalho e muita responsabilidade. Muito peso em cima, muito...

Ent. - Acredito. Então, mas imagine que hoje fazia um percurso diferente. Estudava, tirava outro grau...

Pai – Se calhar até podia vir a formar-me nalguma área de eletricidade, que eu sempre gostei, mas sem dúvida nenhuma...

Ent. - Era isso que eu ia perguntar, é feliz nesta área...

Pai – Sim, sim, sem dúvida nenhuma, escolhi a profissão que eu quis e não estou nada arrependido, sem dúvida nenhuma.

Ent. - Isso é muito importante.

Pai – Gosto muito do que faço.

Ent. - Até porque para trabalhar tantas horas e estar disponível a 100%, tem que ser uma coisa de que se goste mesmo.

Pai – Tem que se gostar, exatamente. Mas por exemplo, eu já trabalhei noutras áreas dentro da eletricidade, fábricas...e realmente eu vim parar a uma área que eu adoro e que me sinto...eh pá...bem e sinto-me na minha praia, digamos assim.

Ent. - Acredito. Ainda bem. Então vamos agora saltar aqui...relembre-me só...começou a trabalhar aos...?

Pai – Eu comecei a trabalhar aos 17, dezassete anos.

Ent. - Agora vamos falar um bocadinho da Ana. Quais é que são assim as principais qualidades que você admira nela?

Pai – A humildade, bom coração que ela tem, para toda a gente que a rodeia, às vezes até demais., mas isso... (riso). Eh pá é assim...qualidades...eu não lhe consigo arranjar é defeitos.

Ent. - Ainda bem.

Pai – Se calhar essa é que é a verdade, porque realmente acho que ela em andando feliz e contente, realmente é uma excelente companheira, amiga, mãe...não tenho nada a apontar.

Ent. - Que giro... (risos)

Pai –E não é fácil porque também já são muitos anos juntos e como nós sabemos, infelizmente cada vez há n mais casais a separarem-se e... eh pá, eu tenho tentado manter a base do...no dia em que a gente não se sentir bem, eh pá...é sinceridade, é dizer ao outro...esse dia nunca chegou e acho que dificilmente...quer dizer, pode vir a chegar amanhã, mas realmente até aos dias de hoje, acho que ela se sente bem ao pé de mim e eu sinto-me bem ao pé dela, portanto.

Ent. - Então, a Maria que foi a primeira...

Pai – Primeira filha, sim a mais velha.

Ent. - Foi desejada e planeada.

Pai – Sim e não, quer dizer...não foi planeada, aconteceu. Desejada sim, sem dúvida nenhuma.

Ent. - Nessa altura tinha preferência por um rapaz ou por uma rapariga?

Pai – Ai não, nunca tive. No 1º não. Agora no segundo sim.

Ent. - E queria um rapaz ou...

Pai – Quis um rapaz, porque já tinha uma menina (riso), portanto acho que era o ideal. Agora...eu os meus pais também era eu e o meu irmão, também eramos dois rapazes. Mas pronto, aí acho que realmente para completar, acho que ter um casal é o ideal, não é? Mas...

Ent. - E gostavam, era o número ideal de filhos que você gostava de ter?

Pai – Não. Gostava de ter mais. Gostava de ter mais. Não me importava de ter mais. Gostava de não viver na cidade, gostava de poder ter vários filhos, mas poder viver com eles no campo, na província, onde eles realmente...

Ent. – Para terem mais liberdade.

Pai – Exatamente. Isso era o que eu gostava realmente.

Ent. - E é um sonho de que já desistiu?

Pai – Não.

Ent. - Só a parte de ir morar noutra sítio!?

Pai – Não. A parte de ir morar noutra sítio não desisti, agora de ter mais filhos...

Ent. - Pois...

Pai – Começa-se a tornar quase impossível.

Ent. - Alguma vez sentiu ansiedade por saber se ia correr tudo bem durante a gravidez?

Pai – Sim. Eu assisti ao parto, aliás eu assisti ao parto dos 2. Sim, acho que há sempre alguma ansiedade, não é?

Ent. - A Ana falou-me que tinha...na Maria apanhou toxoplasmose...

Pai – Exatamente

Ent. - E teve que fazer a amniocentese. Como é que foi aquele espaço de tempo até saberem os resultados?

Pai – É sempre angustioso, não é? Para nós fica sempre ali um vazio. O que é que vem, não é? Vem positivo, vem negativo, o que é que vem de lá? É sempre uma ansiedade, claro. Mas eu acho que isso também une o casal. Quando realmente o casal se dá bem, e conversa, acho que isso só traz mais-valias ao casal e une-os mais um ao outro. Tal como a situação mais recente...

Ent. - Era o que eu ia falar a seguir...que podíamos ter já falado há bocadinho na outra pergunta. Infelizmente, essa situação toda por que passaram, não é?... foi difícil...?

Pai – É difícil, ainda hoje. Sem dúvida nenhuma. É uma situação muito difícil de se lidar, e eu já tinha passado essa situação com o meu pai.

Ent. - O seu pai também teve...

Pai – O meu pai faleceu com um tumor, com cancro nos pulmões. Andou 6 anos. 6 anos com quimioterapias, com radioterapias...acompanhei-o muito ao hospital e no dia a dia, lá está, trabalhávamos juntos, embora o meu pai nessa altura praticamente se tenha afastado da empresa, mas eu ia quase todas as semanas com ele ao hospital, acompanhava-o às

consultas muita vez, ou seja, eu já tinha alguma experiência nesta área. Mas é sempre muito complicado.

Ent. - O meu pai também faleceu de cancro.

Pai – Também? Pois. O meu pai começou nos intestinos e depois espalhou-se pelo resto do corpo. É o costume.

Ent. - O meu entrou no hospital já não saiu mais. Num mês.

Pai – Num mês? Pois, mas olha, é assim, se calhar é preferível, do que andarmos 6 anos a ver uma pessoa, e neste caso o meu pai, o que ele sofreu, o que ele passou, o que a minha mãe passou ao lado dele...é muito, marca muito. Marca muito. Deixa uma mágoa muito grande nesse aspeto.

Ent. - Pois, acredito.

Pai – É, acho que quando mais se estende pior é.

Ent. - Mas acha que aqui na Ana, a atitude positiva dela e a força que ela tem, para encarar tudo...

Pai – Tem que ter mesmo...

Ent. - Foi uma mais-valia para ela conseguir ultrapassar?

Pai – Foi e tinha que ser assim mesmo, foi esse o espírito que eu tentei ajudar a criar nela, que é...vamos pra a frente. Não se pode parar. Parar é morrer, mas porque se tem uma doença não quer dizer que se tenha que morrer.

Ent. - Exatamente.

Pai – Portanto há que continuar. O meu pai tinha o mesmo espírito, eu tenho o mesmo espírito, e a Ana foi-se muito abaixo ao início. Foi muito difícil conseguir levantar-lhe o moral novamente e fazê-la ver que, eh pá, a vida continua. Temos que continuar para a frente. Isto há-de passar. Foi muito difícil.

Ent. - Até certo ponto há-de ser natural, não é? O primeiro impacto... a pessoa...

Pai – Exato. Obviamente. É o primeiro impacto.

Ent. - Mas a diferença se calhar está em ter alguém ao lado que...

Pai – É isso que eu acho. Acho que qualquer pessoa que passe por aquilo que ela passou cai, não é? Depois tem é que se ajudar a levantar e continuar a andar, não é? E aí é muito importante realmente quem está ao lado dela e a forma como se dá força, neste caso ao doente, não é? À pessoa que está doente, acho que é muito importante. É muito importante e ela é a prova disso. Porque realmente ela conseguiu levantar-se em muito pouco tempo e começar a caminhar e a partir daí não é preciso mais nada.

Ent. - Manter.

Pai – Claro. Sim, claro manter, claro. É manter, mas já não é...torna-se mais fácil para os dois depois até...para os dois e neste caso cá em casa para os 4. Embora o João ainda lhe passe um bocado ao lado, não é? Mas principalmente para ele e a Maria.

Ent. - Acha que a Maria alguma vez pensava, acha que alguma vez teve a noção de tudo o que se estava a passar?

Pai – Teve, mas penso já mais para a frente. Inicialmente eu penso que a Maria não percebeu minimamente o que era, não...a Maria abstrai-se muito no mundo dela, na vida dela e embora ela ouvisse as conversas, porque a gente cá em casa mais ou menos nunca escondeu nada, ela...acho que ela passou assim um bocado ao lado, como se aquilo fosse uma coisa passageira e pronto, e daqui a 2 semanas já não se passa nada e tal...depois mais para a frente tenho a ideia que ela realmente então aí percebeu a gravidade do problema e do que poderia originar e acho que aí sim, ela mudou um bocadinho a atitude.

Ent. - E acha que essa primeira atitude pode ter sido um mecanismo de defesa? O ela..." vou fingir que está tudo bem..."

Pai – Sim também pode ser o caso, pode ser o caso, mas não sei...acho que são...é assim, são coisas tão graves, ou tão importantes que acho que não é tão fácil nós contornarmos dessa forma, mas pode acontecer. Aliás nós também não a pressionamos nesse aspeto e

continuamos a contar-lhe o que se estava a passar, dos exames, das várias operações que ela fez, ...portanto foi sempre tudo um livro aberto para ela, mas...

Ent. - Foi um processo que demorou quanto tempo?

Pai – nesta altura vai fazer 2 anos. Mas a Ana ainda tem que fazer exames para ter a certeza que está tudo limpo e que não...

Ent. - Mas até agora tem estado, já está, não é? Agora é só ir confirmando...

Pai – Eles retiraram o tumor, ela fez a quimioterapia e é assim, agora só passado alguns meses, que há-de ser agora para breve, é que ela vai fazer os exames que vão mostrar como é que está realmente, o estado..., porque a quimioterapia queima os tecidos no sítio onde estava o tumor e se eles fizerem os exames agora não veem nada, está tudo queimado. Portanto, há que dar tempo ao organismo para recuperar novamente os tecidos e então só aí é que se tem a certeza. Portanto isto ainda é um caso em aberto.

Ent. - Pensei que já estavam numa fase mais à frente.

Pai – É assim, já está numa fase mais à frente, mas ainda há aqui uma incógnita. Ainda há aqui uma expectativa, mais uma vez...do que é que poderá vir nos exames, ela poderá que ser outra vez intervencionada, poderá ter que...isso ainda está em aberto. Embora claro, que o nosso pensamento é “está tratado vamos pra frente e se tiver que ser, logo se vê”, mas é lógico, se tiver que ser será novamente, mas eu penso que não.

Ent. - Voltando aqui um bocadinho outra vez no tempo, depois houve ali, que a Ana já me contou, depois houve ali os últimos dias da gravidez em que ela não estava a aumentar de peso e tiveram que...

Pai – há sim, exatamente.

Ent. - Essa parte também deve ter sido...

Pai – Sim bastante. Bastante mesmo. Porque já tinha havido o problema da toxoplasmose, não é? Até que ponto poderia ter afetado o feto ou não. Porque isto as amniocentese é digamos que...pronto, não é a minha área, não é? A medicina...eles podem dizer que está

tudo bem, mas uma pessoa sabendo que houve ali um problema de toxoplasmose, eh pá, ninguém nos garante que realmente...

Ent. - Que eles têm razão...

Pai – Exatamente...fica sempre ali um espaço, uma dúvida. Mas depois, no fim já da gravidez, foi as 2 últimas 3 semanas...4 semanas, ela deixou de aumentar de peso. Crescia, sim, mas aumentar de peso não. Foi também ali uma afliçãozinha, mas felizmente...

Ent. - Então assim no memento do nascimento, qual é que foi assim aquela sensação que se lembra de...foi o alívio...lembra-se?

Pai – Foi. Foi o alívio. Foi mesmo um alívio. Foi o primeiro contacto com o 1º filho, que é fenomenal. É excecional. Acho que é um sentimento que a gente só sente mesmo nesse momento e fica gravado na nossa memória para o resto da vida. Na nossa vida, exatamente.

Ent. - Já nada volta a ser como era antes.

Pai – Não, não. Sem dúvida nenhuma. É um momento muito bom. De felicidade, de alegria, de uma mistura de ver..., porque ao fim e ao cabo não é só a gente ver o nosso filho, é também ver que a nossa mulher ficou bem e que está bem.

Ent. - Pois...exatamente.

Pai – Aliás, é uma angústia, eu acho que tinha sofrido muito mais, se não tivesse assistido. Aí é que eu acho que me tinha roído por dentro de não estar a saber o que é que se estava a passar ou não ter conhecimento, de não...não é?

Ent. - Exato.

Pai – Portanto acabou por..., por um lado foi um alívio ter visto e misto de felicidade, de alegria, como é lógico.

Ent. - E a Maria, era uma criança calma?

Pai – A Maria é a coisa mais pachorrenta que eu já vi em toda a minha vida, sem dúvida nenhuma. A Maria era..., era e é, mas hoje já adulta, não é? Já não é a mesma coisa. É um doce completamente. A Maria queria era miminhos e festinhas e para ela...não incomodava ninguém, super obediente, pá...foi realmente fenomenal. Sem dúvida nenhuma.

Ent. - Portanto vocês fizeram um bom trabalho.

Pai – (riso) Bom vamos ver, vamos ver...ainda é cedo (riso).

Ent. - Está bem, mas até aqui...não vos tem dado assim...

Pai – Não...não tem não, sem dúvida nenhuma. A Maria, a preocupação da Maria tem sido realmente...

Ent. - O percurso escolar, não é?

Pai – É esta história realmente do problema que ela tem, que tem criado dificuldades não só na escola como a nível social. É pá, e isso como é lógico, preocupa-nos e preocupa-nos muito.

Ent. - Já lá vamos...então vamos aqui ao sonambulismo...a Ana disse-me que ela era sonâmbula...

Pai – Eu com a idade dela também era... (risos) também gostava de vez em quando de me levantar da cama e andar a passear...e isso desapareceu-me felizmente. Sim a Maria, eu não sei precisar com que idade, mas a Maria muito cedo começou a acordar durante a noite, a falar sozinha, a levantar-se. Corre a casa toda. É assim, mas não é...

Ent. - Alguma vez teve assim algum episódio mais preocupante para vocês?

Pai – Não. Eu penso que não. Assim preocupante não...para além dos sustos de às vezes acordarmos a meio da noite e ela estar a olhar para nós, não. Em pé, à beira da cama..., mas não, penso que não. Nunca houve...claro que começamos a ter alguns cuidados:

trancar a porta à noite, trancar janelas, ... Mas nunca houve assim, nunca a apanhamos em nenhuma situação de perigo para ela ou para qualquer outra pessoa.

Ent. - Quando eles adoeciam, portanto era a mãe é que...revezavam-se? Não porque não estava em casa, não é?

Pai – Exatamente. Não. Eu a Maria praticamente de segunda a sexta-feira eu estive fora aí os primeiros 7 a 8 anos quase. Tentava compensar nos fins-de-semana, como é lógico, estava sempre com ela. Nessa altura não trabalhava aos fins-de-semana, nem feriados como faço agora. Agora dá-se o oposto, pronto, agora estou todos os dias em casa praticamente, mas trabalho todos os dias. Naquela altura não. Eu de segunda a sexta-feira estava fora a trabalhar e, portanto, normalmente só vinha aos fins-de-semana, e uma vez por outra estava cá uma semana e tal, mas por norma estava fora, portanto nesse aspeto a Ana foi a mais sacrificada com a Maria, sem dúvida nenhuma. Por isso ela fez um excelente trabalho. (riso)

Ent. - Com que idade é que notaram que ela tinha dificuldades na escola? Tendo o José passado por esse processo como é que se sentia na escola? O José, quando andava a estudar...com esse problema da dislexia...teve acompanhamento?

Pai – Não, não. Aliás, nem na altura era falado sequer nesse tipo de problemas. Normalmente era o rótulo “É burro”, “é preguiçoso”, é isto...

Ent. - Quando percebeu que estas coisas aconteciam a muita gente, e o que é que lhe estava a acontecer...revendo-se nessa situação, qual é que foi assim...é que afinal não era nada daquilo que lhe tinham dito que era...

Pai – Sim, mas isso já...eu só venho realmente a aperceber-me disto mais tarde e já adulto. Já...é que eu começo realmente, começa-se a ouvir falar muito nesta doença, neste problema e é que eu me começo a rever, “eh pá então afinal, não é? Isto não era só falta d atenção ou burrice, ou isto ou aquilo”, portanto era um problema que poderia ter sido tratado e visto e revisto...

Ent. - Poderia ter sido tudo diferente...

Pai – Exatamente. Mas os tempos eram outros, completamente diferentes. Ao fim e ao cabo eu venho nos pós 25 de abril, não é? A educação neste país virou uma miséria a partir dessa altura. Nuns anos dava-se uma matéria no ano a seguir já era outra coisa. Eu acho que desde essa altura isto nunca melhorou, ou pouco melhorou. Acho que realmente a educação tem dado quedas atrás de quedas, pelo menos é isso que eu me apercebo, não é? Realmente ninguém conseguiu traçar uma linha e a educação tem que ir por ali, tem que ser assim, não...é assim, e eu também sofri com isso e em parte eu notava que às vezes não era, lá está, não era a burrice...a falta, a falta de atenção...um ano era uma coisa, o outro era outra porque havia sempre alterações e alterações grandes, não é? E acho que isso..., eu nunca fui muito de alterações, foi uma coisa que eu nunca gostei e então, sempre achei que isso seria um dos grandes motivos pelo qual eu não teria grande interesse pela escola. Mas mais tarde, então realmente venho-me a aperceber que eu tinha era...eu se pegasse num teste daquela altura, qualquer pessoa com conhecimentos dizia assim “é disléxico”. Naquela altura nunca ninguém viu, nem ninguém disse nada, nem a mim nem aos meus pais, que seria o mais lógico. Não é? Na escola, ou ter alguém chamado a atenção aos meus pais. Nunca houve esse tipo de informação dada aos meus pais.

Ent. - Então ela tinha que idade quando começaram a perceber que...em que ano da escola...

Pai – Agora vem o meu problema de datas... (riso).

Ent. - Em que ano da escola, lembra-se?

Pai – Eu acho que foi quando ela passou para o 1º ano, ou ainda na primária...exatamente. Começou exatamente...a Ana a ir lá às reuniões e a professora a chamá-la a atenção de que...

Ent. - Nessa altura o José pensou logo...percebia...conseguia perceber as dificuldades por que ela estava a passar?

Pai – Sim. Depois quando eu me apercebi realmente que seria dislexia e que eu também teria e tenho dislexia, não é? Embora realmente eu tenha ideia que a minha dislexia é num nível inferior ao dela. Muito inferior ao dela.

Ent. - Lembra-se nessa altura dalgum episódio com a professora, que a Maria tenha contado ou algum dos colegas...apercebeu-se alguma vez que ela pudesse estar a ser rotulada, que a professora estivesse a tratá-la de maneira diferente ou a desvalorizar as dificuldades que ela tinha?

Pai – Nesta altura não sei, mas mais tarde isso veio a acontecer, aliás, ainda hoje isso acontece. Não acontece tanto porque a Maria anda com um processo atrás. Ou não..., mas pelo menos é assim que pertence e nós trabalhamos para isso, não é?

Ent. - A Ana contou-me que ela agora quando mudou de escola o processo...

Pai – Sim, mais uma vez uma falha na educação neste país, não é? Mas isso são falhas que nós realmente andamos muito em cima e conseguimos, não é? Que o processo realmente mudasse de escola, mas foi uma guerra. A própria escola negava-se a enviar o processo à outra escola, o que eu não entendo, não consigo entender, mas isso, acho que isso dava direito a uma queixazinha no ministério da educação. Mas possivelmente também não ia resultar em nada, mas pronto, realmente o nosso objetivo foi conseguir que o processo mudasse, conseguimos, e esse era o nosso grande objetivo, mas é assim, eu ...a Maria anda com um processo atrás, e isto voltando à pergunta, sem dúvida nenhuma que nós notávamos isso até nas avaliações feitas pelos professores, ao final de cada período, “a Maria tem extrema dificuldade de aprendizagem, tem que se dedicar mais...”

Ent. - Mas se ela tem adequações, deveria ter...

Pai – Tem as adequações agora, na altura...

Ent. - As avaliações tinham que ser feitas de acordo com o que...

Pai – Claro, claro. Isso tem sido a nossa grande guerra ao longo destes anos todos. Realmente desde que se descobriu que a Maria tinha dislexia, não é?

Ent. - Mas se ela foi avaliada na primária, todas as avaliações que eram feitas à Maria a partir daí...já deveriam ter sido feitas tendo em conta as dificuldades dela.

Pai – Sim, mas eu penso que muitas foram, quer dizer... este também foi um processo que demora anos a criar-se e é o tal problema também, isso não é uma coisa que se consiga

construir e chegar de um dia para o outro, nem de um ano para o outro. Nós pagamos a pessoas especializadas para estarem com a Maria, para darem o parecer delas, para...

Ent. - Nesse parecer, nos primeiros...quando descobriram então que ela tinha dislexia, dislexia severa...só?

Pai – Isso agora já é uma boa pergunta que me faz, eu já não me lembro do que vem no relatório todo.

Ent. - No relatório dizia lá dislexia severa e lateralidade cruzada...

Pai – Lateralidade cruzada, ok. Pois, eu sei que havia mais qualquer coisa, mas...

Ent. - Nunca explicaram o que era a lateralidade cruzada?

Pai – Na altura acho que foi explicado sim. Eu não me recordo, mas...

Ent. - É que são dificuldades bastante mais acrescidas...

Pai – Na altura tiveram uma reunião connosco e explicaram-nos tim-tim por tim-tim o que era...

Ent. - Então nessa altura foi bem encaminhada, deram-vos as estratégias para lidar com ela...

Pai – Acho que é sempre uma incógnita, mas eu acho que sim. eu penso que sim.

Ent. – O que é que nessa altura...lembra-se de lhe terem dito assim “olhe você em casa precisa de fazer estes...”

Pai – Sim houve várias alterações e várias recomendações de lidarmos com a Maria de outra forma, de forma a ela realmente melhorar ou conseguirmos atingir os objetivos, até por gráficos, a Ana fartou-se de fazer gráficos na cozinha, com as obrigações, com os deveres...agora é assim, funcionou? É assim, não sei se funcionou, porque também a gente se não tem feito, não sei qual seria o...o que é que seria hoje a Maria, e o que é que...mas é assim, eu penso que funcionar, funciona sempre, não é? Pode é realmente

não atingir o melhor objetivo ou..., mas ajuda sempre e eu acho que sim, ajudou bastante na Maria, mas ainda há muito a fazer. A Maria ainda tem, precisa ainda de ter muita ajuda na Maria porque ela precisa realmente, sem dúvida nenhuma.

Ent. - O José sente isso?

Pai – Sinto. Sinto e preocupa-me muito. Falta de autoestima dela, falta de...pá é uma coisa que tem sido uma guerra. Pois, mas, isso é uma coisa que nós já andamos há 2 ou 3 anos de volta disso se não mais.

Ent. - Sente que ela tem amigos?

Pai – Não. Sinto que ela não tem amigos.

Ent. - E foi sempre assim?

Pai – Mas isso eu mais ou menos sempre senti.

Ent. - Foi sempre assim?

Pai – Sim. É aquela idade dos 10, 11, 12 em que realmente isso...eles fazem amizade com tanta facilidade uns com os outros que isso não se nota. Mas realmente a partir daí noto que a Maria tinha muito poucos amigos ou quase nenhuns.

Ent. - Uma altura mais recente a psicóloga achou que ela estava com um princípio de depressão. Foi complicado?

Pai – Hum-hum, outra preocupação. Foi muito complicado. Principalmente quando a gente sabe que ela tem uma amiga que já tinha tentado o suicídio...

Ent. - Há vocês sabem isso...

Pai – Sabemos disso. Foi muito complicado. Aliás, e continua a ser, como é lógico. A Maria pega-se muito a pessoas com problemas, com dificuldades, com...que encaram a vida de formas estranhas...e isso a mim, pessoalmente, e à Ana, como é lógico, preocupa-nos claro. Gostávamos que ela lidasse com outro tipo de..., que tivesse outro tipo de amigos,

outro tipo de pessoas à volta dela. Mas é assim, nós não conseguimos, como é lógico, escolher os amigos dos nossos filhos, não é? Nós podemos é tentar acompanhar. Uma coisa que nos preocupa é por exemplo ela não nos apresenta os amigos. Ela não traz um amigo cá a casa. Ainda ontem falamos nisso com ela. Ou seja, a Maria acaba por fechar-se, ou fechar-nos a nós a porta em relação aos amigos e ao que ela faz e por aí a fora. Embora depois ela realmente ela conte tudo, e a gente quando aperta com ela, ela não esconde nada, ou pouco esconde, mas preocupa-nos como é lógico. E essa foi uma altura muito complicada saber que a amiga dela, que supostamente era a melhor amiga dela, segundo ela dizia, que andava a tentar cortar os pulsos...quer dizer...não tem pés nem cabeça. Para mim é irracional.

Ent. - E acha que a fase pior, que ela já a conseguiu ultrapassar, essa fase da depressão? Nota alguma diferença nela?

Pai – É assim, eu tenho uma mãe que sofre de depressões desde os 18 anos ou 17 anos, isto são fases, sem dúvida nenhuma. Isto é um vai e vem. Agora é preciso acho eu, é trabalhar na Maria de forma a realmente ela tentar nunca vir, nunca retroceder tudo. É retroceder o menos possível. Cada vez que ela entra numa depressão, ou começa a pensar, que isto começa tudo na cabeça e depois é que se dá o resto, não é? Quando ela começa a pensar em criar a depressão e tal...ê pá...quanto menos ela recuar melhor. E aí temos que andar sempre de olho nela, sempre em cima dela, não a deixar fechar-se, não a deixar isolar-se, não deixar que a Maria se esconda, se...aí é um trabalho nosso, diário quase. É muito complicado. E eu noto que realmente a Maria tem alturas que anda muito bem, mas depois há ali qualquer coisa que...e normalmente é sempre por causa dos problemas dos outros que é uma coisa engraçada. Depois nós andamos, tentamos pesquisar, saber o que é que se passa, falar com ela. Normalmente é sempre porque a amiga não sei quê tem um problema, ou porque o amigo não sei quê tem um problema gravíssimo, ou porque..., ou seja, ela caba por se castigar a ela com os problemas dos outros. Isto é o que eu noto. É aquilo que eu acho. Do que eu conheço da Maria e do que eu tenho presenciado, acho que é um cocado o que se passa em relação a ela.

Ent. - Essa amiga, já foi?

Pai – Este tipo de amigas, nunca vão...vão passar férias, mas depois de vez em quando gostam sempre de vir bater à porta. E não é a única. Ela tem mais, amigas assim deste género. Andam desaparecidos um tempo e tal, lá está, é quando ela anda bem. Ela lá se

consegue despachá-los, desculpe a expressão, mas despachá-los por uns tempos, mas depois eles acabam por sempre vir bater à porta outra vez.

Ent. - Quando se sentem sozinhos.

Pai – Ê pá, eu não sei se é quando se sentem sozinhos, sim, eu penso que sim, que será isso. Penso que será isso. Mas, sentem-se sozinhos têm que procurar alguém, procuram a Maria. Mas realmente a Maria tem que se aperceber que, é assim, se são pessoas que lhe fazem mal quando estão perto dela, mais vale não os ter ao pé de nós. E isto tem que ser ela a ganhar essas defesas.

Ent. - Sim. Mas ela vai precisando sempre de ajuda.

Pai – Claro. Ah não, claro, sempre com ajuda. Aliás eu acho que a Maria vai precisar sempre de ajuda, não é? Todos nós precisamos de ajuda. Mas acho que a Maria é um caso, que realmente vai necessitar sempre de ajuda, e de hoje amanhã, que arranje um companheiro ou...há de sempre, deus queira e há-de ser sempre, ou terá que ser sempre um companheiro que a ajude. Porque ela vai necessitar sempre dessa ajuda. Sem dúvida nenhuma. No entanto, ela é um excelente coração, que é isso que eu sei e sinto...

Ent. - Até porque é essa uma das razões se calhar porque ela sofre tanto com os problemas dos outros.

Pai – Dos outros, exatamente. Também acho que sim. Mas, no entanto, lá está, o problema da mãe, que ela realmente tentou disfarçar inicialmente ou ela não se apercebeu...

Ent. - Era um problema que a afetava de maneira diferente...

Pai – Exatamente. Mas ela com essa situação ela reagiu de uma forma completamente diferente, do que é hábito e costume da parte dela. Pode realmente ter sido uma forma dela tentar desvalorizar, ou esquecer, ou não querer saber, ou querer se defender. Mas, a Maria há muita coisa que lhe passa ao lado. Se a gente não a abanar e não lhe disser, olha Maria percebeste bem o que a gente te está a dizer? Está-se a passar isto assim-assim, acho que só nessa altura é que ela realmente cai-lhe a ficha e é que ela..."ah...ah...não, olha eu já percebi.". Mas ela até aí não tinha percebido. Aí é que realmente se dá o..."ê pá, afinal, espera aí que isto não é nada daquilo que eu estava aqui a não querer saber..."

Realmente é um assunto que tem que saber, porque é importante, porque é grave, que...e acho que lá está, aa Maria nesse aspeto precisa sempre de ajuda, precisa sempre de alguém que lhe encaminhe.

Ent. - Exato. Acha que durante o percurso dela, escolar, ela teve o suficiente, o acompanhamento que lhe permitiu mais ou menos fazer pelo menos um percurso normal, em que ela conseguisse ir superando as dificuldades por exemplo da dislexia ou acha que poderia ter sido diferente?

Pai – Ela teve sempre as atividades, agora é assim, acho que podia ter sido bem melhor, não é? Acho que deveria ter sido bem melhor. Mas, é sempre complicado. É complicado e se calhar e nesse aspeto, se a gente não tivesse tido o João, entretanto e tal, se calhar até monetariamente podíamos ter tentado ir por outros lados de forma a ajudá-la mais, mas porque isto hoje é tudo caríssimo...principalmente no que toca nestas áreas, isto é...mas é assim, nós tentamos fazer o nosso melhor da nossa parte. Da parte da escola, da parte de acompanhamento de...acho que é vergonhoso como muitos outros, acho que é mais no papel do que depois na prática realmente. Mas isso é em muitas outras áreas e muitas outras coisas. É nisso que este país falha muito.

Ent. - Pois é...cá em casa já percebi que vocês estão muito bem estruturados e que vão-lhe chamar à atenção e vão...

Pai – Sim, sim, tentamos realmente...

Ent. - Pacientemente...

Pai – Exatamente, ah sim...

Ent. - Principalmente a nível da socialização, as dificuldades que ela vai tendo, que já percebi que o preocupam ainda mais que a parte escolar, não é? O que é que...

Pai – Sim.

Ent. - Idealizou alguma coisa pra ela no futuro? A nível de profissão?

Pai – Não. Que ela seja feliz, como eu consegui ser e como consigo ser.

Ent. - Não interessa aquilo que ela conseguir fazer...

Pai – Não, não interessa. Esse sonho tinha o meu pai em relação aos filhos. Eu nunca tive esse sonho. É que ela realmente faça...com certeza que gostava de a ver...

Ent. - Bem...

Pai – É lógico, não é? Mas acima de tudo feliz. Que ela faça uma coisa, que se sintam bem, e que seja feliz. É isso só que eu procuro para eles. Agora claro, se quiser ser doutora, ou outra coisa qualquer, com certeza que eu fico mais contente do que se ela quiser ser uma empregada de escritório ou de restaurante..., mas é assim, se eu a vir feliz, eu fico feliz na mesma. Acho que não é isso que faz as pessoas.

Ent. - Quem é que tem sido o seu pilar de apoio neste processo todo, que não tem sido nada fácil...?

Pai – Essa é complicada. Tem sido a minha mulher, sem dúvida nenhuma.

Ent. - Isso eu já sabia. Fora de vocês os dois?

Pai – Tenho sido eu próprio. Não há mais ninguém. Tenho sido eu próprio. Eu próprio e procuro, lá está, dentro do seio da família, quando eu digo família é tanto família da minha mulher como minha, tento desabafar com as pessoas e ouvir um bocadinho aqui um bocadinho ali, um bocadinho acolá, e depois o pilar sou eu que o construo. Esse tenho que ser eu a construí-lo.

Ent. - Alguma vez já se sentiu a desanimar?

Pai – Já...tanta vez. Mais do que aquilo que as pessoas imaginam.

Ent. - Pois..., mas o pilar nunca pode cair...

Pai – Exatamente. Não, o pilar também cai. Também pode cair. Mas cai sozinho e levanta-se sozinho. Acho que isso é que é importante. E já...por várias vezes que desanimo e que tenho vontade de “para mim estou farto...acabou-se, vou-me embora, vou largar isto tudo...”, mas como é lógico não é isso que acontece. Acabo a frase e pronto...já passou,

continua tudo...porque acho que é mais um desabafo, é mais um fazer tremer o chão...pronto eh..., mas depois passa..., mas isso a nível profissional é a mesma coisa.

Ent. - Aqui das amizades dela já tínhamos falado...

Pai – Ela por exemplo agora tem um grupo de amigas que são 4 amigas que ela fala muito cá em casa, mas que nós não conhecemos.

Ent. - Vocês nunca foram lá...imagine, diziam assim olha Maria estou aqui perto da tua escola...

Pai – Já. A Ana já foi e vai lá e de vez em quando aparece de surpresa...eu como costumo andar fora é mais complicado para mim. Mas nós passamos a vida a dizer à Maria “epá é o fim-de-semana, então convida, vai ao cinema com a amiga, passem por aqui, e não sei quê...”. Ela não traz. Fala nelas muita vez à hora do jantar, durante o dia, fala de situações que se passam na escola...isso ela realmente fala muito e conta...

Ent. - Mas as situações que eles agora estão a viver...são situações normais...

Pai – Sim, eu penso que sim. Dentro do que ela realmente tem falado, são situações normais. Claro, acaba por ser um grupo de amigas, cada uma tem a sua vida, não é? E tem as suas histórias, e tem o seu percurso, o seu caminho, há uma que tem uma doença, há outra que não sei quê, que vive em casa dos avós, ... pronto e mais ou menos isto a Maria tem-nos contado.

Ent. - Mas continuam a ser todas elas com alguma especificidade...

Pai – sim, mas também eu acho que nos dias de hoje não há famílias onde não haja sempre umas turras ou umas desavenças.

Ent. - Mas como ela é muito osmótica e vai buscar as coisas, continuam a ser amigos que vos trazem sempre preocupados, não é?

Pai – Mas acima de tudo o que mais traz preocupado é não os conhecer. Eu também tenho amigos assim, tenho funcionários, que para mim são colegas, são amigos de trabalho, também com problemas de família e nem por isso eu me afeto a mim próprio. Tento os

ajudar no que posso. Eh pá, mas não vou prejudicar a mim, não vou ficar doente por causa dos problemas deles. Infelizmente todos nós temos os nossos problemas e temos que tentar ultrapassar da melhor forma possível, não é?

Ent. - Amigos de infância? Algum que ela tenha mantido este tempo todo?

Pai – Ela tem 2 ou 3 amigos mais de infância, não...mesmo de infância acho que não. Acho que não. Ela tem o grupinho de amigos dela, mas já foi da secundária que costumam a juntá-los quando ela faz anos. Ou quando eles fazem anos, ela vai. Mas realmente é o único grupo de amigos que eu ainda vejo na Maria, mas também é uma vez por ano. Em que vêm, a gente, ou levo-os a jantar...o ano passado fomos ali à hamburgueria, levei-os lá, depois fui buscá-los e tal, mas depois durante o ano não vejo que haja uma grande aproximação entre eles. Ela diz que sim que eles falam por *Facebook* e tal, não sei quê...de vez em quando e tal, uma vez por outra, mas não há aquela ligação. Eu acho que isto também já não há ligações como havia antigamente, não é? A gente antigamente ia para a rua brincar e pronto, e estávamos com os nossos amigos todos e isto hoje com a história das tecnologias, acho que isto fecha-os muito.

Ent. - Sim.

Pai – Por isso é que o João, eu quando posso “pá vai brincar ali com os teus amigos da rua”, porque acho que isto a gente também vai aprendendo, não é? E realmente com a Maria isso não aconteceu, não foi...se calhar não teve aquela abertura que..., mas também não havia. Não havia porque a gente hoje infelizmente vai à rua e não vê crianças na rua a brincar, não é?

Ent. - Porque há outros perigos...

Pai – Pois, exato, porque as pessoas têm medo, porque há outros perigos, e é lógico, porque não há condições. Eu onde nasci tinha um jardim ao pé de casa. Andava 2km tinha jardim, no vale do silêncio, um jardim gigantesco, um pulmão dentro de lisboa. O que é que nós temos aqui?

Ent. - Lembra-se de algum professor, algum auxiliar da escola que a tenha marcado? Que ela falasse?

Pai – Não tenho ideia. Professores, de vez em quando...a Maria é muito...ou vai com as pessoas, com a cara das pessoas e realmente abre o coração todo ou então é exatamente o oposto. Nós ao fim e ao cabo acabamos por desvalorizar um bocado porque a Maria quando não vai com a cara da pessoa, para ela essa pessoa está...acabou, tá arrumada...

Ent. - E a disciplina...

Pai – E a disciplina, exatamente. Isso também não tem ajudado, não é? Não tem ajudado neste processo todo dela pelas escolas, porque ela realmente apanhou alguns professores que ela riscava no início do ano, a gente já sabia que essa disciplina não valia a pena. Ficávamos sempre, “ah pode ser que mude de professor durante o ano letivo e tal...e a coisa melhore”, porque a Maria riscava completamente. Podia não gostar da pessoa, mas tentava estudar e até...e às vezes disciplinas até que ela gostava, disciplinas em que ela era boa aluna e gostava, a disciplina automaticamente ficava riscada.

Ent. - E agora no curso de fotografia? Quem é que a influenciou a ir? Foi ela que quis?

Pai – Foi ela que optou por fotografia. Foi ela que optou, embora como é lógico nós cá em casa falamos-lhe em 500 cursos e ela optou realmente pela fotografia. Não consegui perceber muito bem porquê! Mas foi ela que optou.

Ent. - E acha que está a resultar? Ela está...

Pai – Acho que a fotografia..., não acho que..., ao início a motivou bastante, mas como quase tudo na Maria, chega a um ponto que ela desmotiva.

Ent. - Começa com entusiasmo, mas...

Pai – Exatamente. Acho que a Maria...

Ent. - Será a proximidade do estágio? O ter que lidar com as pessoas?

Pai – Isso também anda a afetá-la muito, sem dúvida nenhuma. Isso já há de algum tempo para cá que a tem andado a afetar. Porque ela ainda não sabe para onde é que vai. Está-se a aproximar, não é verdade? Isto passa num instante, mas acho que isto está-lhe a criar ali uma angustiazinha dentro dela. De ainda não saber o que é, para onde é que vai e como é que vai reagir. Mas isso vai ser um passo que ela vai ter que passar por ele, e acho que só lhe vai fazer bem.

Ent. - Pois vai.

Pai – Acho que é mesmo isto que a Maria precisa. É de mudanças. De experimentar coisas novas. Quis ir para o ginásio, “eh pá, ginásio...vamos embora”. Agora anda no ginásio tem andado toda contente, vamos a ver até quando, mas tem andado toda contente.

Ent. - Está há quanto tempo?

Pai – 1 mês/mês e meio. Faz 2 meses agora...é o segundo mês.

Ent. - Mudanças...a mudança de escola...

Pai – Eu acho que foi positiva.

Ent. - Foi positiva. Mas até chegarmos à parte positiva? Foi...

Pai – É sempre. É sempre. Ela continua ainda hoje pegada na 2/3. Vai volta vai não volta ela fala muito na 2/3, fala nos professores, nos amigos que lá tinha na altura e que lá está, são alguns que ainda hoje...os tais que aparecem uma vez por ano..., mas a Maria não foi só a mudança da escola. Eu acho que isso qualquer pessoa sente essa angústia quando tem que fazer, uma mudança de um trabalho para o outro, não é? Mas a Maria só o saber que tinha que ir a começar a andar de transportes públicos, por exemplo, que era uma coisa que ela nunca tinha feito sozinha. Nem sozinha e acompanhada também raramente, mas sozinha então nunca tinha feito. Acho que isso criou-lhe um...só isso criou-lhe um problema dentro dela enorme, como cria...a Maria só este ano e só recentemente é que conseguiu ir a lisboa de transportes sozinha! Mas nisso eu também culpo um bocado a Ana, porque a Ana nisso também “é preciso...ah eu levo-a...” ...e eu acho que não deve

ser assim. Com 14 anos já corria lisboa toda de metro, transportes públicos, sim...mas de dia...também não quero que ela vá à noite, não quero que ela ande sozinha, ...eh pá...

Ent. - Ela já mostrou interesse em tirar a carta de condução?

Pai – Ai...isso tem...vai ter...é assim, a Maria disse-nos há 15 dias...decidiu-se a ir tirar a carta de condução. Eu ando a chateá-la, portanto há 1 ano. Há um ano e meio, quase. Ando não, andava porque depois disse-lhe a ela “pronto desisto, não te digo mais nada.” Porque ela fez-me cara feia e disse-me “possa pai andas sempre a falar na mesma coisa da carta. Eu não quero ir tirar a carta.” E eu disse “pronto, pronto, pronto. Eh, já não falo mais na carta. Vou-te só dizer a última coisa, que é quando quiseres diz-me”. E então tenho andado descansado, farto de pensar no assunto, mas tenho andado descansado à espera e então ela há 15 dias disse que queria ir tirar a carta. Fiquei todo contente como é lógico, mas não demonstrei. “Oh filha, parabéns, até que enfim. E tal, pronto. Então vamos tratar disso.”. Aliás queria ver se hoje à tarde ia fazer a inscrição com ela lá abaixo. Ela optou...isto se nós começarmos realmente a conjugar tudo é engraçado. A mudança da escola foi difícil, os transportes públicos, foi difícil, mas ela optou por ir para uma escola de condução ao pé, em frente à escola onde ela está. Que até... “tão filha, mas tens aqui escola ao pé de casa, escola de condução, vais para lá? não achas que não tem grande...depois ao sábado se queres ir a uma aula ou coisa assim depois é muito mais fácil...”, “ah é lá que eu quero”, “pronto, é lá que queres, tu é que sabes”.

Ent. - Terá alguma amiga inscrito...

Pai – Não. Eu sei que um das do grupo de amigos dela já tem carta e tem carro e tudo. Não conheço, mas sei. Sei porque ela contou. Mas...

Ent. - E ela anda de carro com os amigos?

Pai – Anda.

Ent. - Isso preocupa-vos?

Pai – Claro que preocupa, não é? Mas, tudo nos preocupa. Tudo nos preocupa. Mas isso preocupa-me como é lógico. Mas, e essa descobrimos não pela boca da Maria...foi por fotografias, mas também não fizemos nenhum bicho-de-sete-cabeças...

Ent. - São amigos dela no *Facebook*?

Pai – Somos, somos.

Ent. - Mas costumam criticar alguma coisa do que ela partilha lá?

Pai – Não, bem por contrário. Normalmente ponho gosto em tudo. Ou o coraçãozinho.

Ent. - Que é uma formazinha de ir sabendo...

Pai – Sim, mas por exemplo, eu nesse aspeto já estou ultrapassado e já não vou conseguir lá chegar. Porque ela já não é o *Facebook*, ela já é o *WhatsApp*, já é...e eu não estou inscrito em nada disso.

Ent. - O *WhatsApp* não é preciso, porque no *WhatsApp* não consegue ver nada.

Pai – Pois, aquilo acho que funciona de forma diferente. Eu não conheço mesmo.

Ent. - É mensagens particulares.

Pai – Particulares, pois.

Ent. - Por exemplo o *Instagram*...

Pai – Pois, mas é que ela já está inscrita nisso tudo. No *Instagram*..., mas a Ana nisso mais ou menos tem acompanhado e é amiga dela e tem mais tempo e tem conseguido manter-se mais ou menos a par das coisas. Mas lá está, sentimos necessidade de saber e sabemos muita coisa através destas páginas sociais.

Ent. - Mas se forem criticar ou dizer qualquer coisa...

Pai – Não. Essa por exemplo do carro, da colega, dela andar no carro com a colega, aconselhei-lhe o código de estrada porque ela ainda não tem carta de condução. “Não te esqueças de por o sinto está bem? E vê lá, tem cuidado”, nada mais. Preocupa-me, mas...

Ent. - Então também viu a fotografia onde ela aparecia a fumar?

Pai – Sim, também essa foi outra, exatamente. A menina que não podia sentir o cheiro do cigarro! Que era horrível! “Dá-me vômitos!” Dizia ela quando era pequenina. Fartei-me de gozar com ela. “Então tu Maria, eu acreditava em toda a gente menos em tu!”. Porque realmente ela qualquer bocadinho de fumo...” que nojo, que não sei quê...” era completamente arisca ao tabaco...

Ent. - A adolescência...

Pai – É exatamente. Eu também me lembro ainda...da idade dela. E bem mais novo que ela.

Ent. - Mas tem a noção de que a própria adolescência é muito complicada...a adolescência mais as dificuldades que ela tem, é uma bomba relógio...

Pai – Claro, agrava muito mais. Eu tento ter consciência disso. Aliás, eu tenho consciência disso. Mas, a gente às vezes também faz coisas...reagimos, não...reagimos como sendo uma pessoa normal. Nós não conseguimos ter presente na nossa cabeça...atenção que a Maria...acho que isso...

Ent. - Ela reage de maneira diferente...as coisas afetam-na ainda com muito mais gravidade...

Pai – Sim, sim. com uma extensão muito superior a uma pessoa normal.

Ent. - A adolescência das raparigas é diferente à dos rapazes.

Pai – Claro.

Ent. - Qualquer coisinha na adolescência é um drama. Mas é um drama ainda maior para ela. E é preciso ter muito mais atenção e muito mais cuidado.

Pai – Sim, sim. Isso eu acredito, aliás essa preocupação a gente tenta tê-la sempre, não é? Mas a gente tenta fazer o melhor possível pra lá chegar, acho que isso é que é importante, não é?

Ent. - E têm feito um bom trabalho...

Pai – eh...às vezes podia-se fazer melhor, mas estamos...a gente também sem experimentar não sabemos depois o resultado que vai dar...a gente esforça-se...acho que isso é que é o importante, e nesse aspeto, ela pode queixar-se de muita coisa de nós, a gora de falta de interesse ou de tentativa de a ajudar, é uma coisa de que ela não se pode...e eu já lhe disse isso a ela. Que é assim, eu prefiro que ela me acuse amanhã de ter sido chato demais do que ter sido ausente. “Ah mas podias-me ter dito e não me disseste nada...” eh pá, isso é que ela não me vai poder acusar. Pode me acusar de eu ter falado vezes de mais, de ter sido chato demais, isso ela pode-me acusar. Agora de não ter dito nada, de ter ignorado o problema dela, de ter ignorado as situações dela, isso ela não me pode acusar.

Ent. - E o João? Eles dão-se bem?

Pai – Não, não. Cão e gato. Mas eu também acho que é normal. Ele gosta muito dela e ela também gosta dele. Mas, é assim, quando eles estão os dois sozinhos eu estou mais descansado do que por exemplo estar aqui em cima no primeiro andar e saber que estão os dois lá em baixo.

Ent. - Pegam-se muito...

Pai – Pegam. Isso aí é...embora ele não a chateie muito e tal, mas qualquer coisinha ela irrita-se logo e vice-versa. E ela quer mandar nele. Claro que uma criança com 9 anos, estar a ser mandada por uma irmã, também não aceitam...muitas vezes, embora nós temos sempre tentado “oh! Respeitinho à mana, que a mana não é nenhuma criança! Tem 18 anos, é adulta, ela é que toma conta de ti, não és tu que mandas a tua irmã fazer as coisas”. Mas há sempre aquela...e depois é rapaz, não é? Ele é brincalhão e gozão...ele poe-a em ponto de rebuçado..., mas de propósito. Depois risse. E ela fica num estado...às vezes...vê-se mesmo que só lhe apetece bater-lhe...(riso). Mas eu acho que isso é normal. Acho, quer dizer, eu conheço casos de irmãos que se dão muito bem, mas acho que entre os irmãos e com estas idades acho que é normal. E não é pior porque realmente têm uma diferença de idades muito grande, porque se não então é que havia de ser bonito. Acho que então aí era guerra todos os dias. Mas por norma eles andam...ele lá faz a vidinha dele, televisão, quarto, não sei quê...trabalhos...e ela lá está, como se isola bastante também, acaba muitas vezes por não haver o contacto entre eles, portanto não há guerra. Porque um está num lado e outro está noutro, e tal..., mas por exemplo eu hoje vou

descansado a qualquer lado com a Maria a tomar conta do irmão. Sem problema nenhum. Aliás, é ela que o vai buscar à escola quase todos os dias. Ela vem da escola dela, passa no centro de estudos onde está e trá-lo. Também é uma forma de responsabilidade e de...acho que isso é bom para os dois, aproxima-os, responsabiliza a Maria e a ele também com esta aproximação acho que começa a haver um bocadinho mais de respeito pela irmã, não é? Portanto acho que nesse aspeto, foi um bom passo. Não foi fácil, porque a minha mulher...

Ent. - Tinha medo de...

Pai – Tem de tudo. Lá está. A menina não...”ai agora para lisboa de transportes públicos ao meio dia!”. “Ana mas onde é que está o problema? Tem 18 anos. Onde é que está o problema?”. “Ai eu vou lá a levá-la. Ai eu vou...”. Mas agora, aos poucos consegue-se la chegar. Já foi uma vez, já foi 2, já foi 3, qualquer dia já não é preciso dizer nada, já nem a mãe fica preocupada, nem a Maria tem aquele choque do “ai agora para lisboa, como é que eu faço? Como é que isto vai dar?”. Agora recentemente, no fim-de-semana passado, inclusive já foi até Almada.

Ent. - De comboio?

Pai – De comboio.

Ent. - Eu lembro-me de ter visto a fotografia.

Pai – Foi a minha sogra buscá-la à estação de Almada, porque ela já foi daqui de Queluz, fez mudança em lisboa e atravessou já para a margem sul.

Ent. - Muito bem.

Pai – Agora, isto era...acho eu...isto era escusado, quando tinha 16 anos já tinha que fazer isto...mas...

Ent. - Mais vale mais tarde, do que nunca...

Pai – Exatamente. Já faz...isso é que é preciso. E acho que isto é assim, é um passo de cada vez, e vai-se ultrapassando as coisas, assim aos poucos.

Ent. - E o? Está com um percurso escolar diferente?

Pai – hummmm...complicado. Está com um percurso escolar diferente. Até agora não nos temos apercebido de nada em relação a dislexia, mas, preguiçoso. Ele não é bem preguiçoso. O João é mesmo só quando lhe apetece. Mas eu acho que isso já é outro problema. Dele, é mesmo...é outra situação, é um outro problema completamente diferente. Porque ele se se lembrar de não fazer um teste, não faz um teste. Está uma hora inteira dentro da aula a brincar com os lápis e com as borrachas e pura e simplesmente não faz o teste. Não responde a uma pergunta. Ele já fez testes assim. Ou então depois chega ali e faz o teste, pronto e acabou-se e está feito e tem boas notas e...tem andado, tem melhorado bastante, por isso é que nós também o temos no centro de estudos onde a Maria esteve, eh pá, tem vindo a melhorar bastante. Mais dedicado, a conseguir-se concentrar melhor, e tal, mas...e é de boas notas. É aluno de boas notas. Não de excelentes notas, mas de notas bastante boas. Não é burro nenhum. É...acho que ele continua a ser muito infantil. Mas também ainda é cedo. Vamos com calma. Um problema de cada vez. Ainda tem 9 anos, ainda não amadureceu o suficiente.

Ent. - Alguma coisa, algum episódio que não lhe perguntei, que acha que seja importante?

Pai – Não sei...penso que não. Em relação à Maria, isto podíamos ficar aqui o dia todo a falar, não é? Mas...

ANEXO Nº11

Transcrição da entrevista à avó da Maria

Ent. – Qual é que é o seu nome?

Avó – Clara -----

Ent. – Qual é que é a sua data de nascimento?

Avó – 22/09/1948

Ent. – Qual é a sua relação com a Maria?

Avó – Então sou avó. Sou avó materna. E penso que tenho uma relação ótima, apesar de que, entretanto, tenho uma mágoa, porque eu em relação à outra neta, que é mais velha, tive uma ligação maior, mais forte. Praticamente os fins-de-semana eram passados sempre com ela, a estudar, de férias, tudo. E ainda hoje isto perdura. Com a Maria os pais não me permitiram. Não me permitiram isso e eu estava esporadicamente com...ou seja, enquanto morei em Queluz, eles se precisavam eu ficava com ela. Mas era só se houvesse necessidade. Agora dizer eu vou buscar a Maria para não sei quantos...era impensável. Por isso a ligação só se tornou um bocadinho mais forte a partir do memento em que nasceu o João, pronto, já eram dois...e então aí a abertura já foi um bocadinho maior. Mas tive, tive, tenho sempre esta mágoa porque eu tenho ideia que a partilha e a ligação dos netos com os avós é sempre salutar. E tenho o exemplo, e tive o exemplo da Inês. A Inês bebeu muito da...de nós, dos nossos amigos, das...para onde nós fôssemos. Aliás, ela dizia muito quando chegava à sexta-feira a casa, dizia “quem é que vem cá este fim-de-semana?” e vivia aquilo intensamente e adorava estar com...ainda hoje, mesmo na festa dela de finalistas ela veio me..., fez questão de entregar uma fita a tudo quanto era os nossos amigos. E a Maria não teve nada, não teve nada disto.

Ent. – E acha que houve assim alguma razão? A profissão dos pais...

Avó – Não. Era deles, era feitio deles, era por ele, Deus me livre...aliás eu nunca me esqueço do genro uma vez me ter dito que “se a minha filha Ana fizesse com a Maria o mesmo que a minha filha mais velha fez com a Inês, ele já se tinha separado dela há muito tempo”. Por isso para ele, entregar a filha mesmo sendo à...entregar que não era entregar, no fundo era...e eu doeu-me muito. Doeu-me muito.

Ent. – O José teve uma irmã, quase irmã adotiva...

Avó – Quase irmã, sim, sim.

Ent. – acha que está relacionado com essas vivências que ele teve com ela? A experiência da miúda ter ido ficando e depois acabar por gostar dos pais dele como se fossem pais...

Avó – Não porque eles gostavam muito dela. Não, eu acho que não. Não a... agora esqueci-me do nome da miúda disparate...a miúda praticamente foi criada desde bebé com eles e ela era uma irmã, era a irmã. Eles sempre a trataram, tanto o José como...sempre a trataram muito bem como irmã. Eles tiveram um choque muito grande quando ela a partir dos 18 anos decidiu sair de casa e ir-se embora, isso sim, porque eles sempre...Jéssica...eles sempre consideraram a Jéssica a irmã deles. Não sei, acho que não. Não, é aquele, é assim, é aquele sentimento que eu acho que todos nós temos. Eu por exemplo, eu também estive com a minha filha mais velha, houve uma altura...nós somos lá de cima do norte, e eu tinha uma prima que era quase irmã e que viveu durante muito tempo comigo, até se casar e não sei quê, e que teve uma...e que assistiu ao nascimento da Inês, da minha filha, da Rosa, e depois casou foi-se embora, foi lá para cima e não sei quê, e em determinada altura, eu ainda só tinha a Rosa...ela um dia pediu-me como o cunhado ia para cima se eu não deixava ir a Rosa ir para cima para passar pelo menos 15 dias com ela lá em cima o Porto, e eu pensei e repensei e disse está bem é justo, ela coitada viveu tanto...algum tempo ainda com a... e deixei-a ir, mas ao fim de 8 dias telefonei-lhe e disse “olha vem a Coimbra que eu também vou a Coimbra, porque eu vou buscar a minha filha, não aguento”. Agora, mas isto pronto era a distância e era...ali com o que aconteceu com a Inês e que podia ter acontecido com a Maria, nós morávamos todos ali no Monte Abraão. Eu á sexta-feira vinha do emprego, ia à casa da minha filha buscar a...ela tinha 1 mês de idade, quando isto aconteceu, e para, ela não dormia, a minha filha não dormia e não sei quantos...”então prontos eu tomo conta dela ao fim de semana e vocês aproveitem para descansar”...mas eles iam lá a casa ver se estava tudo bem, ou se fosse preciso ou mesmo que ela estivesse doente ela vinha na mesma e eles iam até lá, quer dizer, não tinha nada a ver com...o que me custa mais, para já foi esta...mas eu acho que a Maria tinha...a Maria foi muito...ficou...e hoje eu acho que isso se sente, se nota, a Maria ficou ali muito limitada àquele núcleo fechado, porque no fundo era um núcleo muito fechado, que ainda hoje é mesmo com o João e mesmo...mas continua a ser muito fechado, nem um nem outro são...mas isto a minha filha era assim...a minha filha nunca foi pessoa de arranjar grandes amizades, eu que me lembre durante o

tempo todo de adolescência a minha filha teve 2 amigas, uma no colégio moderno, que entretanto teve problemas de...elas agora já voltaram outra vez a reencontrar-se e...mas ela teve graves problemas de droga...uma sobrinha neta do Mário Soares, mas com graves problemas de droga de tal maneira que teve, nem sei se foram anos, num centro de desintoxicação e aí elas perderam-se, e depois quando a minha filha foi para a António Arroio...mais 1 amiga e acho que ainda hoje...hoje quer dizer, tipo Facebook, não é que se juntem. Por isso ela, a minha filha, nunca teve...nunca foi...já por ela. O José acho que sim tinha segundo diz a minha comadre, tinha sim, tinha amigos e não sei quê, mas quando começou a namorar com a Ana largou tudo. De tal maneira que a minha filha, isto é, a história que ainda hoje a mãe do José conta, a minha filha foi fazer 1 estágio à escócia, à escócia não à irlanda, 3 meses e o José ficou cá sozinho e quando foi à procura dos amigos eles fizeram-lhe o manguito..."ai agora tas sozinho e não sei quê? Agora vai passear". E acho que foram 3 meses horríveis para ele que não a tinha a ela, ficou manco completamente...e os amigos fizeram-lhe o manguito. Pronto, isto para dizer o quê? Isto para dizer que de facto casados e não sei quê, eles continuaram a ser só eles. Que eu acho que é excessivo. Nós por exemplo uma coisa que eu noto é assim, eu tenho para mim...é um orgulho e sinto-me feliz por isso, porque de facto eles são unha com carne, unha com carne, eles só se veem um ao outro e tudo o resto é paisagem, uma paisagem que se calhar até nem sequer é bonita a paisagem. E há uma coisa que eu noto que eles falam um com o outro com os olhos. Nós estamos todos juntos a conversar e não sei quê, e se eles entrarem na conversa a coisa...muito bem, se não entrarem na conversa, eles estão a conversar os 2 com os olhos. Mas eu já uma vez lhes disse, eu uma vez disse-lhes "eh pá vocês pela vossa rica saúde, conversem connosco, não conversem sozinhos, estamos aqui tantos, porque é que vocês hão-de estar os dois a conversar aí sozinhos, juntem-se e conversem com..." e isto para quê? Para lhe dizer que em relação, vamos lá ver o que vai acontecer com o João, que é uma criança muito alegre e que se junta e que gosta muito de conversar e não sei quê, em relação à Maria não ajudou nada.

Ent. – Mas os 2 irmãos também não têm...

Avó – Não. Não.

Ent. – Porque têm feitios muito diferentes?

Avó – Muito diferentes. E a Maria não suporta o feitio do irmão. Exatamente porque é a antítese da Maria. Exatamente. E eu espero apesar de tudo que ele se mantenha. Mas é

a tal história e eu continuo a associar, o João começou a vir para o pé de nós muito cedo e vem...ou vêm os 2 ou vem o João. Eles quando querem descansar um bocado mais a cabeça mandam-me o João, uma coisa que nunca aconteceu com a Maria.

Ent. – Portanto, ela não foi a sua primeira neta?

Avó – Não foi, não foi, mas não é por aí...quer dizer, acho que não é por aí, por mim eu teria feito exatamente com a Maria tudo aquilo que fiz com a Inês.

Ent. – Então, elas também não conviveram? As primas também não conviveram muito porque a Maria não vinha...até teria sido...

Avó – Muito saudável, muito saudável porque eu confronte muitas vezes...a Inês foi sempre uma estudante brilhante, brilhante, mas desde o primeiro dia, desde a primeira classe, desde a pré-primária. Eu já morava aqui e ia buscar a Inês à escola primária...

Ent. – Mas a Inês morava aqui deste lado?

Avó – Não, a Inês morava lá. Eles ficaram todos lá e eu vim para aqui. Mas eu à sexta-feira ia buscar a Inês tal como fazia lá em Queluz, ia buscá-la à escola quando vim para aqui e fiz exatamente a mesma coisa. À sexta-feira eu ainda trabalhava nessa altura, vinha de Lisboa e ia por Queluz e ia buscar a Inês e vinha. A Inês a 1ª coisa que fazia na sexta-feira, assim que chegávamos a casa eu ia fazer o jantar e a Inês sentava-se na mesa a fazer os trabalhos todos. Eu ainda houve 1 ou 2 vezes que com as saudades que tinha dela dizia-lhe “oh Inês, tu tens tempo, podes fazer amanhã, vem para o pé da avó, para conversarmos um bocadinho!” e ela dizia “não avó deixa-me despachar isto, só depois de eu ter isto tudo despachado então sim já estou descansada, já estou não sei quê...” isso desde muito pequenina ela teve esta responsabilidade, via-se que ela gostava, porque durante a semana se a gente tivesse tempo para estar com ela muito bem, se não tivéssemos ela ia buscar livros, ela tinha que ler, e que ler e perguntava e conversava, as conversas que ela tinha...os meus amigos ainda hoje têm uma paixão pela Inês, quase fora do comum, porque exatamente ela falava muito com...para já ela sentava-se ali à mesa connosco, se houvesse algum tema de conversa que surgisse, “pá parava tudo” porque ela tinha que ir rebuscar tudo e perguntava e não sei quantos e...e discutia, desde mesmo da instrução primária.

Ent. – E as 2 filhas? Eram assim, tinham assim a diferença que tinham a Inês e a Maria?

Avó – Não, tinham menos por isso elas...

Ent. – A nível de feitio?

Avó – Ai a nível de feitio completamente diferentes. Completamente diferentes.

Ent. – A Ana é parecida com a Maria e a Rosa com a Inês?

Avó – Exatamente. A Ana nunca foi...quer dizer, ela assistia, também não se escondia, também não coiso...mas nunca foi muito de grandes conversas, assistia, pronto...aliás...ela na família a alcunha dela era a raposa silenciosa. Porque para a gente lhe arrancar qualquer coisa era... eu se estivesse sozinha com ela, sozinhas as 2 tudo bem a gente conseguia...eh pá bastava estar a irmã ou mais alguém, acabou, fechou, fechou. A minha filha mais velha não. Completamente extrovertida...

Ent. – Mais parecida com a neta...

Avó – Mais parecida com a neta exatamente. Completamente extrovertida. Aliás, a irmã dizia que ela era maluca, aliás ainda hoje se for preciso...aliás elas ultimamente começaram a dar-se um bocadinho mal, um bocadinho mal.

Ent. – Elas moram perto, não é?

Avó – Não, aliás, moravam. Só que, entretanto, a Rosa decidiu ir para África, para Moçambique. Foi aí que começou, ela foi numa ação humanitária, porque a Rosa é muito dada pra isso, ela aqui era voluntária da Cruz Vermelha

Ent. – Mas quando era nova?

Avó – Nova, ainda nova. Aliás a Inês devia ter aí os seus 6/7 anos quando ela entrou como voluntária para a Cruz Vermelha. Mas até isso a Inês também queria fazer. Tanto que ela foi para os escuteiros não católicos...

Ent. – A Ana nunca participou assim em nada disso?

Avó – Não. Nada. E é engraçado que ainda agora a Inês esteve cá, por causa do curso, e eu estava a comentar com ela, comentei com ela “uma pena, foi uma pena a tia Ana nunca ter incutido, principalmente na Maria” ...

Ent. – Esse espírito...

Avó – a ida para os escuteiros tinha ajudado tanto, mas tanto. E ela dizia “oh pá, tu sabes que a tia de vez em quando falava-me nisso, mas ela estava à espera que eu tratasse do assunto, e eu achei que não tinha nada que me meter nisto. Tinha que ser ela, tinham que ser elas. Para já saber se de facto a Maria estava virada para aí, se estava interessada, não era eu...para já estava sujeita a que a Maria me dissesse: não tens nada que te meter na minha vida!” Depois em relação ao João, aí já ela estava, a Inês já estava numa de chefe de não sei de quê, por isso já tinha miúdos com ela, e a tia soube e dizia-lhe “tu é que me podias levar o João”

Ent. – E o João já vai?

Avó – Não. Porque, entretanto, a Inês voltou a dizer a mesma coisa “não sou eu que tenho que levar o João, tu é que tens que tratar disso, trata disso”

Ent. – Será que com feitio do José não seria mais fácil ser a prima...a desculpa do “pronto ele vai com a prima” do que ser a mãe a ter a iniciativa de...

Avó – eles são tão...é assim, eu telefono-lhes e digo-lhes “olha vocês no próximo fim de semana não querem, não sei quê, vir aqui porque eu faço o almoço, ou porque não sei quantos, (eu tenho a minha mãe num lar aqui) vamos aparecer todos na avó, qualquer coisa”, mas telefono para a minha filha, ela é que é a minha filha, a resposta sempre, sempre...

Ent. – Vou perguntar ao José.

Avó – “Deixa-me ver isso com o José”. Mas o mais engraçado é que uma destas vezes, queixei-me ao Miguel “estou tão fartinha disto, pá! Eu não posso combinar nada com a Ana, porque ela diz-me sempre que tem que coiso...”, diz o meu marido muito depressa, “mas para a próxima vez não liguês para a Ana, liga para o José. Se é ele que decide, se

é ele que não sei quê, ligas para o José”. E eu assim fiz, fiz a experiência e liguei para o José”

Ent. – Ele disse “vou perguntar à Ana”

Avó – Só que, entretanto, o José disse-me “está bem, pronto, deixa-me falar com a Ana, depois a gente logo te diz”, por isso, isto... e é mas é..., mas é em tudo e a gente apercebe-se, tudo aquilo é decidido e partilhado e...entre os dois. Nada...Ana não faz nada sem...não sei quê, e pronto, ...por isso esta questão de eles irem para os escuteiros... eu acho que como eles são...

Ent. – Não se quis meter...

Avó – Mesmo sendo a Ana a dizer e não sei quê, ela sempre achou que não tinha que ser ela. Tinham que ser eles os 2, como em tudo, decidem e toca...metem-se a caminho e vão até lá à procura...e foi...era o que ela dizia. “Foi o que eu fiz, também não foi o meu pai. Eu decidi que era assim e eu tratei disto sozinha, até contar ao meu pai..., mas o meu pai e a minha mãe sempre me disseram tu é que sabes, faz como quiseres”. Ali, não é bem assim e tudo isto acho que tem atrasado... é aquilo que eu acho em relação à Maria, tem atrasado muito o desenvolvimento da Maria. Ninguém diz, no convívio, ninguém diz que a Maria tem 18 anos. Ela tem de facto aquela questão da dislexia, que no meu entender, também foi mal tratada, não foi tratada como devia ser, ou seja, a professora da Maria da 3ª classe, eu acho... ou seja, ela era de certa forma um bocadinho mal tratada na escola, porque não desenvolvia, e uma das pessoas, houve 1 professora dela que acho que foi na 3ª classe, que a tratava mal, que lhe chamava nomes. Achou que...eu não tenho muito bem...só depois aqui uma parte... eu sei que, entretanto, aconselhou os pais a fazerem-lhe um psicoteste. Lembro-me da minha filha a chorar desalmadamente, porque tinha ido a fazer o teste e o teste era o pior possível. Não podia ser pior. Ela estava completamente devastada. Ia haver logo a seguir, um jantar qualquer, que até acho que eram os anos da minha mãe, estávamos todos mais ou menos a falar disto, a falar desta situação, oh pá, e de eu em determinada altura perguntar à minha filha se achava normal que uma professora da 3ª classe, que forçosamente tem formação, tem cursos, tem não sei quê, não se tivesse apercebido da dislexia e se desse ao luxo de...já não chegava não ter dado conta disto, e ainda por cima, se dar ao luxo de insultar a miúda, de lhe chamar todos os nomes e mais alguns. Ho pá...e tanto a Ana como o José abriram-me um bocado os olhos...

Ent. – Nessa altura a Ana trabalhava na escola onde a Maria estava?

Avó – Não. Ela não trabalhava na escola...não ela não era coiso...a Ana estava...ela estava cá em cima, a Maria estava na escola primária e a Ana estava no ATL da escola primária cá em baixo, ao pé dos bombeiros. Quando ela não tinha aulas ou não sei quê, ela levava-a lá para o ATL, pro ATL. Mas havia de facto muita ligação entre escolas, pronto, não quer dizer que... e em determinada altura eu voltei-me para a Ana e disse-lhe “olha Ana, vocês façam o que entenderem, mas, para mim, se ela fosse minha filha eu para além de apresentar, ou seja, essa professora nunca mais era professora da Maria, nunca mais. E simultaneamente apresentava queixa dela, contando tudo, juntando os relatórios e até testes que suportassem o teu pedido de ou passar para outra escola ou passar para outra professora”. E a resposta do José que quase me comia foi “filha minha não muda de professora de certeza absoluta”. E eu a única coisa que lhe disse foi “já cá não está quem falou. Vocês é que são os pais, vocês é que têm que avaliaras consequências disto, porque eu não sei se vocês já se aperceberam que isto vai trazer consequências”

Ent. – Eu acho que eles não tiveram muito a noção disso. Eu perguntei “lembram-se de algum episódio...lembram-se que ela tenha referido que era discriminada... e nenhum dos dois me referiu nada.”

Avó – Maria João eles a única coisa que fizeram foi por a Maria numa psicóloga, em frente exatamente ao ATL da Ana. Eu não tenho a certeza se a Maria já mudou de psicóloga ou não. Um dia destes ouvi uns zum zuns.

Ent. – Ela agora, acho que, já não está em nenhuma.

Avó – Ai não está em nenhuma!

Ent. – A Ana disse-me que ela tinha tido alta, acho eu.

Avó – Pronto, mas se foi a mesma psicóloga, até...se ela não está é há pouco tempo. Por isso andou estes anos todos com a mesma psicóloga.

Ent. – E com as mesmas dificuldades...

Avó – E com as mesmas dificuldades. De tal maneira que eu acho que eu dizia para a Ana, perguntei à Ana “se ao longo deste tempo todo se tinha notado alguma evolução”, ao que

a Ana me disse que “nenhuma”. E eu disse-lhe “então, e porque é que manténs a mesma psicóloga? Não achas que já era tempo, e ainda para mais se vocês têm consciência, que eu também tenho... não sinto alterações nenhuma, é a mesma dificuldade de estudo, é não querer estudar, é não ter apetência nenhuma, é não sei quê, alguma coisa está mal com a psicóloga. Porque se o objetivo era tratar da Maria e não vendo evolução nenhuma, então, o que não faltam aí são psicólogas, Ana. E se calhar aí ao teu redor arranjavas outra, e logo vias e se fosse preciso arranjar outra arranjava-se outra, aqui o que interessa é de facto tratar da Maria. E eu acho que ela não está a ser tratada. Porque é de tal maneira, eu não sei se ela já lhe disse... ela não fala disso, a Maria não fala disso, eu não sei se os pais lhe contaram, que ela fez os 18 anos e os pais queriam-lhe dar a carta.

Ent. – Ela agora decidiu se inscrever.

Avó – “Pá”, mas foi muito pressionada. Mas ainda ninguém perguntou, à Maria, porque é que, entretanto...porquê? Não é normal! Para qualquer adolescente quando faz os 18 anos, eh pá a melhor coisa que lhe pode acontecer é tirar a carta, ainda por cima com a vantagem de que ela tem o carro lá à porta, logo a seguir para ela. Quem é o adolescente? E ela não quer. E agora foi, eu acho que está tudo não sei quê, porque foi muito pressionada... e até por causa do carro, tenho ideia que entretanto o pai disse-lhe “ou tiras a carta e aquele carro fica para ti, que era o da mãe, ainda é mas estão à espera do outro, ou tu não queres tirar a carta de condução, tudo bem não tiras a carta de condução, eu vou vender o carro mas podes ter a certeza absoluta que quando quiseres ir sair à noite não contas comigo porque eu não te vou buscar. E eu acho que foi assim, que ela acabou por... porque vontade, vontade ela não tem. E eu tenho a certeza porque é que ela não tem vontade...tem que estudar, a Maria tem que estudar, que é uma coisa que ela abomina, abomina.

Ent. – A Ana, na escola também tinha muitas dificuldades?

Avó – Teve, a Ana também teve. É assim, eu não sei até que ponto é que a Ana também não era disléxica...

Ent. – Nós falamos sobre isso. Naquela altura não...

Avó – Só que naquela altura onde é que isto se falava? Aliás é assim, a mais velha é, só que, entretanto, é assim um bocadinho porque a única coisa que ela faz e é...ainda hoje

faz, é como os fulanos do Norte, ela troca os v's pelos f's, ela não consegue distinguir quando é que tem que escrever, aliás normalmente erra sempre. Aonde tem que escrever um f ela mete um v, onde tem que escrever um v ela mete um f. ainda hoje ela continua a fazer isto. Pronto, fartavam-se de a gozar, porque, entretanto... “isso ainda são reminiscências dos teus pais serem do norte” ... e não sei quanto... quer dizer, nunca foi aquela...nunca a agrediram por isso, nem nunca foi muito...brincavam, e eu só digo que ela tinha dislexia pela ausência que ela fazia nas aulas. Ela nunca estava nas aulas...quando a professora “Ana...”, “an...”. Isso desmotivava logo os professores que percebiam logo...as avaliações e não sei quê, era sempre o que vinha, é que ela não...tirando uma ou outra disciplina, não sei quantos e tal, tudo o resto...

Ent. – E a Ana tinha memória... por exemplo vocês pediam-lhe qualquer coisa, ou explicavam-lhe qualquer coisa e ela percebia logo?

Avó – sim, sim, sim, sim. mas era preciso que ela...é a tal história, era preciso que lhe interessasse e que ela estivesse atenta, isso sim, sempre teve...agora se fosse qualquer coisa que não lhe interessasse ela ausentava-se, mas acho que assumidamente ela se ausentava não é que ela tivesse ausências, n...assumi... “isto não me interessa. Isto não é o meu campeonato” ... pumba...ausentava-se, aliás, ela até tinha outra coisa que era mais grave, sempre que houvesse alguma discussão, eu tinha grandes discussões com a minha filha mais velha porque era mais “levantadinha” e fez muito disparate na adolescência dela e...ao contrário da Ana, mas eu já lhe conto a história, e haviam discussões que ferviam lá em casa, por causa da Rosa, e sempre que logo que ela se apercebesse que aquilo ia dar discussão, ela nem que estivesse a comer ela levantava-se, ia para o quarto, fechava a porta do quarto, como se entretanto o fechar a porta lhe fechasse ali a parede de maneira a que...por isso tinha...nas aulas era...porque depois em determinada altura quando a professora da primária dizia “a Ana é uma miúda impecável, educadíssima, e ela tem imenso jeito para as artes. Tudo o resto passa-lhe ao lado. E foi quando nós a passamos para a António Arroio. E a partir do momento em que a Ana foi para a António Arroio tornou-se uma aluna brilhante, até em matemática, que era uma coisa que ela... até na matemática. Ela adorou o curso. Quando eu lhe pus a hipótese de ela seguir ela disse não. Não queria, “não, não vale a pena porque não tenho...estou a adorar, gosto disto, e pronto, e fico feliz, mas não quero”. E pronto, e depois ainda teve durante... elas ainda tiveram uma loja para fazerem coisas, venderem lá e não sei quê, mas depois entrou o José na vida da Ana e a coisa começou, eles começaram a... a Rosa já estava casada e aquilo começou a chocar muito... aquilo fazia faísca por tudo quanto

era lado, mas era aquela, aquele sentimento de posse do José com a Ana, “é minha e é só minha” e para a fazer...saírem os quatro por exemplo...fora de questão! Se tivessem que sair à noite eram eles os dois e mais ninguém. Isto doeu muito à irmã...

Ent. – Foi um choque com aquilo que ela estava habituada...

Avó – foi porque ainda hoje ela diz isto “eu comecei a namorar com o Sérgio, eu casei com o Sérgio e nunca larguei a minha irmã da mão, a Ana andou sempre connosco, foi sempre connosco para tudo quanto é sítio, pá apareceu aquele burgesso, que ela trata-o mal, ela não suporta nem um bocadinho... apareceu aquele burgesso e raptou-me a minha irmã e eu nunca mais estive direito a ela” e é verdade, nunca mais.

Ent. – Então a mesma coisa que ele fez com a Ana fez com os filhos...

Avó – Exatamente isso. E depois, e a gente comenta isto muitas vezes, mesmo com o Miguel, eu não sei se é por o José ser...no fundo é um operário, mas com todo o respeito, é um excelente trabalhador, o José é uma coisa incansável, mas as amizades, as pessoas... que ele também não é muito de levar gente para casa dele nem a Ana, as pessoas com quem eles vivem e convivem, então agora com a abertura da loja eu acho que a coisa piorou...eu de vez em quando vou lá...aliás o José ainda um dia destes, eu sei que é como se costuma dizer a brincar a brincar é que... então ele um dia destes acusava-me que eu não ia lá a fazer companhia à Ana e eu disse-lhe “oh José tu sabes melhor do que eu que a loja é mínima, não tem espaço, tem espaço para os vossos clientes e por exemplo em alturas de Euromilhões e não sei quê, e tal, a fila faz-se à porta. Eu não tenho espaço para estar ali a fazer sala com a tua mulher, nem tenho condições, porque eu começo uma conversa com a Ana e sou interrompida para aí algumas trezentas vezes por coiso...não...e se há alturas em que a Ana tem possibilidades de vir cá fora e bebermos um cafezinho é a correr, é sempre a correr, há outras alturas que nem para isso dá. Agora não queiras que... se tu me disseses eu precisava que fosses a Queluz porque o João está doente e eu preciso de não sei quê, ou a Maria...pá...já tenho feito isso, tu sabes isso, agora para ir fazer companhia à Ana? Oh José não vale a pena, não me peças isso porque ela não tem tempo para me aturar, pá e eu também estar ali pendurada a olhar para as paredes ou estar ali sentada numa esplanada a olhar para o boneco, pá para isso estou aqui no meu lado...sempre tenho gente conhecida e sempre converso. Mas isto para dizer o quê? As pessoas com quem eles se relacionam...é confrangedor, confrangedor. E eu pergunto: é com isto que a minha neta convive? É esta a forma da minha neta...pobre neta.

Não tem de facto sentido, não tem nada... e eu vou-lhe dar outro exemplo, nós temos um grupo, uma confraria que é a confraria dos panelas de ferro, que nos juntamos todos os anos na páscoa, independentemente de nos podermos encontrar às vezes a malta do norte, porque é assim somos cerca de 60 e metade são daqui outra metade são lá de cima do norte, do porto, do norte... isto já começou há trinta e não sei quantos anos, começou pelo tio de uma amiga nossa que entretanto já morreu, mas isto começou em parques de campismo, por isso na altura da páscoa e então num ano organiza o pessoal de lisboa, no outro ano organiza o pessoal do porto, e procura e vão ver os parques...sendo que tinham que ter uma condição que era uma sala onde abarcasse isto tudo e pronto, e espaço para ter tendas e tudo, pá só que entretanto a malta, este pessoal que arrancou com isto na altura era pessoal para quarentas e tais anos, hoje já têm todos sessentas, setentas e já há alguns com oitenta, aliás há uma senhora que é a mãe de uns amigos nossos que moram aqui na costa, que é a avó Hilda, já tem 96 anos e continua ir. E há depois netos e bisnetos que têm bebés pequeninos e que vão. Só que, entretanto, a partir de determinada altura a gente descobriu... aquilo é herdade...chama-se vila dos castanheiros, é ali para a zona do Zêzere. E houve um ano que se descobriu aquilo e a partir há 5 anos que a gente vai para o mesmo sítio. Porque é... fica mais ou menos a meio, é evidente que para eles fica ligeiramente mais longe mas não interessa porque as condições são excelentes, apesar de que a sala é ligeiramente pequena, às vezes temos que fazer... aliás e a gente faz primeiro comem os putos, ala moço que se faz tarde, depois comem os mais velhos. Têm forno de lenha, têm... porque qual é o objetivo? O comer por princípio é feito em panelas de ferro. Cada um tem a sua panela de ferro e pronto, são lavadas e não sei quê, põem-se no coiso, acende-se a lenha. A primeira coisa que se faz é os putos vão à lenha e bom... os meus netos adoram aquilo tanto que eles passam a páscoa connosco todos os anos, este ano só não foram porque foram para a Disney, mas isto foi só um parenteses...

Ent. – Ela também vai?

Avó – Quem?

Ent. – A Maria?

Avó – Vai, vai. Vai a Maria, vai o João e vai a Inês. Todos os anos. A Inês este ano também não foi porque estava na Alemanha, eles não foram porque, entretanto, foram para a Disney. É o segundo ano que eles vão, é evidente que para o João foi o primeiro, para a

Disney, e eu este ano pus-me a pensar...os 5 dias que vão passar todos na... eu sei que aquilo acho que tem... nunca lá fui não... tem muito para ver... e eu este ano pus-me a pensar “Paris com tanto para ver, com tanto para visitar, porque é que não fazem um programa? Mais intenso... e” ... bom, mas, entretanto, isto para dizer o quê? A Inês e o João chegam lá arregaçam mangas, aliás é engraçado ver o João ir à lenha, às vezes a suar em bica a carregar e não sei quantos e tal...querem participar em tudo, aliás o ano passado a Inês até tem várias fotografias, a Inês quando chegou a altura de partir o cabrito com a tesoura, já saído do forno, partir aos bocados, e forma-se...porque aquilo é tudo linha de produção para tudo, e às tantas entrou pela casa dentro e dizia assim “eu é que parto isto (dizia assim para o padrinho emprestado) salta lá daqui que agora sou eu, eu é que parto isto tudo” e entretanto um meu amigo que estava ao lado dizia assim “oh Inês olha que isto não é tarefa fácil”, “não me interessa”. E pegou... aliás eu tirei fotografias e houve outras pessoas que tiraram fotografias que ela estava a fazer aquilo na perfeição e entretanto houve um que dizia assim “tu de facto tens de passar por tudo, tens que experimentar tudo” e ela dizia “e esta faltava-me, faltava-me esta, partir o cabrito, mas agora se quiseres já podes continuar, já sei como é, já sei que faço...”. Ela adora, mas entretanto à noite aquilo à noite tem um bar, com um teatro com umas atividades e depois a gente junta-se todos ali e canta-se, e dança-se... e depois aquilo tem lá em cima, são assim umas escadas e tem lá em cima uma mesa onde está a régie para o palco e quando dou por mim está a Maria lá em cima sentada com as pernas para fora, está ali a ver tudo...eu às vezes digo “Maria com tanta...ainda por cima adolescentes... eh pá junta-te a eles. E eu às vezes fico apreensiva a pensar será que ela não se sente mesmo diminuída, não consegue entrar naquelas conversas que são um bocadinho mais à frente. Não sei porque ela depois por muito que agente às vezes queira puxar por ela...não fala. A única que ela às vezes desabafa é quando está chateada com os pais porque quer fazer não sei o quê e os pais não a deixam. E depois há coisas que de facto não percebo porque é que não deixam. A Maria a primeira vez que veio a minha casa de transportes públicos foi o mês passado.

Ent. – Ela até publicou uma fotografia lá no comboio, toda contente.

Avó – Mas mesmo assim, e fui eu, porque ela queria que a fosse buscar, e eu disse-lhe “eh pá oh Maria a mim não me dá jeito nenhum, mas de uma vez por todas Maria, e tu tens dezoito anos, começa a saber andar de transportes públicos”. “ah mas eu nunca fui e não sei quanto”, “mas eu explico-te, é muito simples, tu apanhas o comboio em Monte Abraão, e apanhas como se fosses para Lisboa, agora só há aqui um pormenor que eu não te sei

garantir, tu tens que fazer um transbordo, que eu não sei se é em sete rios se é em entre campos, não faço a mínima ideia, mas vais à net (que é uma coisa que ela domina), vais à net e logo vês onde é que tens que fazer o transbordo. E depois só tens que me dizer onde é que queres sair, se é no pragal, se é na amora que eu estou lá à tua espera”. Então, soube agora há pouco tempo pela prima que ela lhe telefonou para a Alemanha para saber onde é que saía, onde é que fazia o transbordo. E quando a Inês me contou isto eu dizia “então, mas ela não via isso na net?”, “oh avó, então não via? Mas era mais fácil ligar para mim”. Foi a primeira vez. Mas ela não fez isto... a prima com 13 ou 14 anos vinha para minha casa de comboio e eu não queria, porque ainda por cima a prima tem um metro e meio, ainda hoje ninguém lhe dá vinte e um anos, dão-lhe quinze, às vezes até treze, que ela é resvés... oh pá, assustava-me um bocado ela vir...mas não tinha discussão “não, não, não, não, eu vou de comboio” e umas vezes depois eu ia levá-la outras vezes ela ia de comboio, e lá ia ela. Mas só porque tinha medo, a Inês qualquer pessoa a mete debaixo do braço e a leva, a outra não. Mas pronto, foi preciso ter...mas os pais não deixavam. Estava fora de questão. Hoje...

Ent. – o José estava muito orgulho de ela ter conseguido vir de comboio sozinha.

Avó – E é motivo de orgulho isso? Por acaso, já o devia ter feito.

Ent. – Mas para ele...porque mesmo para ir para a escola e tudo, não foi muito fácil.

Avó – Não, não foi. Não, não foi. Eu por acaso ia-lhe dizer que a ida da... o que é que eu acho? Eles depois passam a barreira. Primeiro é ali uma coisa...muito protegida, muito protegida e de um momento para o outro querem que ela dê um salto, quando não lhe fizeram preparação nenhuma, nada. E agora está acontecer com esta história de ela ter feito os dezoito anos, está a acontecer...eh pá fez dezoito anos agora desabroche, aliás, um dia destes aconteceu uma coisa que é, ela queria ir para Melides, eles têm casa em Melides, queria ir para Melides com 3 colegas dela, 3 amigas dela, cuja uma delas tem carro, tem carta e tem carro. E então, pelo que eu me apercebi, que eu levei com isto, ela preparou tudo, organizou tudo para irem passar o próximo fim de semana para Melides, e a mãe ter-lhe há dito que nem pensar, porque eles não podiam ir e ela não queria que elas fossem para lá sozinhas. A Maria não foi de modas, telefonou-me a perguntar se eu nesse fim-de-semana estava disponível, se não queria ir para Melides, porque ela ia com 3 amigas dela e a mãe não queria que elas estivessem lá sozinhas, e eu disse-lhe e acho muito bem, ainda por cima com carro e com não sei quê, e sozinhas lá no monte, não há

viva alma por ali, e eu disse “acho muito bem” eu disse “o único dilema que eu tenho aqui é que os meus amigos da madeira estão cá esse fim de semana, vêm cá a uma consulta. Mas vocês são quantas?” ela disse “somos 4, contando comigo somos 4” e eu depois pus-me a contar as camas e disse “mesmo assim dá. Dá para a gente levar os...”, “ah sim, à vontade, não há problemas, ...”, pronto, combinamos tudo. Só que eu de rente depois de desligar digo assim “ela não me disse que os pais não podiam ir, mas que ligasse à avó que podia ser que...esta parte falhou” e então liguei para a Ana. Ficou danada, porque de facto a única coisa que ela, acho, que lhe terá dito foi “nós não podemos ir e eu não conheço as tuas amigas. Não sei quem são. Com pessoas desconhecidas não vais de certeza absoluta. E arrumou o assunto assim, só que ela pensou “deixa-me cá agarrar já à minha avó, que, entretanto, se ela fosse...dizendo à minha mãe que...”, mas pronto, mas a mãe não deixou e eu acho que sim, eu também acho que sim. Entretanto, bem, ela já tinha tudo..., mas depois para estas coisas..., mas pronto, mas é a tal história...tudo bem, tem 18 anos querem-lhe dar asas...” então aqui vai disto...”. A mim também me assustou um bocadinho porque entretanto ela dizia... ela não dizia “vamos contigo”, ela dizia “já temos tudo combinado, vamos na sexta-feira a seguir ao almoço e regressamos na segunda-feira depois de tomarmos o pequeno almoço, ao que eu teria dito que na sexta feira a seguir ao almoço ainda a coisa se podia... agora segunda feira a seguir ao pequeno almoço tinha dúvidas porque os meus amigos da Madeira tinham consulta e provavelmente era cedo, na segunda feira. “mas depois a gente logo..., mas deixa estar, a gente depois logo...”. Ou vindo na segunda feira ou no domingo à noite... “ah, mas a gente tem tudo já organizado para ser na segunda feira”. “oh Maria...”. Mas depois a mãe disse logo que não e eu aí estive de acordo. Iremos embora para Melides, ainda por cima longe, sem saber, sem conhecer sequer quem são as raparigas... e pronto, ainda me faltou aqui um pormenor, porque eu entretanto eu pedia muitas vezes à minha neta, à Inês, “oh Inês, tu se calhar podias ajudar a Maria, nem que não fosse fazer aquilo que entretanto também te fizeram, tu quando passaste para... do... isto agora tem tudo nomes novos... quando a Inês passou para o 3º ciclo, quando se viu com um punhado de disciplinas, porque ela no fundo nunca tinha estudado, ela a única coisa que fazia eram os trabalhos de casa. Quando se viu com um punhado de disciplinas sentiu-se desorientada, completamente desorientada, e então a mãe arranjou-lhe uma, ela nem era explicadora que a moça nem nunca lhes levou dinheiro, era vizinha lá do prédio, mas desabafou isto com a miúda, eram amigas e não sei quê, e ela dizia “a Inês só tem que aprender a organizar-se e isso eu ajudo-a, estou disponível ao final do dia, ela em vez de ir para casa vai para a minha e eu estou ali uma hora/duas horas por dia, logo se vê o que é que ela precisa concretamente, que tempo é que ela vai precisar e eu ajudo-a a organizar-se”, e foi o que aconteceu e não foi muito

tempo, porque rapidamente a Inês se organizou. E eu falava-lhe nisto “oh Inês tu podias ajudar a prima, para se calhar ela só precisa daquele empurrão que tu tiveste e que ninguém lhe está a dar” e a Inês dizia «não avó. É assim, a Maria não precisa de um empurrão. O problema da Maria não é uma coisa simples. O problema da Maria é que ela não consegue, ela não quer, e mais uma vez te volto a dizer que isto é uma coisa que tem que partir dos pais. Já viste bem o que é eu chegar lá a casa e dizer, “olha eu venho ajudar a Maria, ou Maria tu não queres ajuda?” Eu já sabia à partida que ela ia dizer não. Vou-me meter no meio deles? Oh avó esquece. Se a tia Ana ou eventualmente o tio José vierem ter comigo e pedirem “a Maria está a precisar...”, agora és tu que me estás a pedir e eu caio ali em casa que nem uma pedra e digo “olha eu vim para não sei quê...”, “mas quem é que te encomendou o sermão?” “foi a minha avó”, ou até podia omitir, eu essa parte até era “não, sou eu que acho porque estou com a Maria e sinto que ela tem dificuldades e eu não tenho problemas nenhuns em não sei quê...”, eh pá, eu corro o risco de vir pelas escadas abaixo, até porque tu sabes e é, e é, seja quem for, inclusivamente eu, as pessoas só vão lá a casa por convite, não é tocar na campainha e “olha eu estou aqui...”, nem pensar. Aliás, quando a Maria nasceu nós uma vez à noite fomos corridos todos lá de casa, porque a Maria já estava a dormir e era preciso silêncio, e aquilo era um culto.

Ent. – Quando a Ana estava grávida, ela teve ali alguns precalçozinhos, não foi? Este perto? Acompanhou de perto essas coisas?

Avó – se foi...foi descoberta toxoplasmose com 5 meses de grávida.

Ent. – Mas explicaram que consequências é que isso podia ter para a gravidez e para o bebé? Explicaram tudo?

Avó – E eu ainda cheguei a questionar a minha filha, não me esqueço, na rua à porta da MAC se eles equacionavam a questão... foi exatamente à porta da MAC quando ela foi fazer a amniocentese, porque ela depois foi para minha casa. O José estava fora, e ela aqueles dias ficou em minha casa porque tinha que ter 3 dias de descanso. E quando saímos da MAC que eu lhe perguntei se por acaso se se passasse alguma coisa...se eles equacionavam... e a minha filha ficou muito zangada comigo.

Ent. – Acha que isso pode ter tido alguma influência depois no resto? Essa pergunta?

Avó – Ela não é de desabafos.

Ent. – Ela pode ter comentado com o José e eles terem pensado que... e se isso para eles era impensável, como é que poderia ter passado...

Avó – Maria João, era tudo uma questão do que resultasse dali, suponha que, entretanto...

Ent. – Mas o bebé podia não ter só malformações físicas...

Avó – Exatamente, exatamente. Mas suponha que era de facto uma malformação física daquelas horríveis que a gente... mudava tudo. Mudava tudo nas nossas vidas. E acho que isso, se acusasse uma coisa dessas, tinha que ser tudo muito bem visto, estudado, planeado, saber se havia condições se não havia condições, todas as consequências que isto poderia ter, ou seja, eu quando fiz esta conversa era para dar seguimento à conversa, porque ainda por cima nós íamos para casa e tínhamos tempo para equacionar tudo, prever tudo, preparar tudo, ver os prós e os contras, as consequências que isto podia trazer na vida deles e na nossa . ainda por cima eu ainda trabalhava e ainda trabalhei muitos anos.

Ent. – Fazia o quê?

Avó – eu sempre fui administrativa, mas na altura trabalhava numa empresa ligada à Câmara de Lisboa e fazia as festas de Lisboa, que ainda hoje existem, as marchas e populares e não sei quê, e depois ainda foi mais ou menos nesse ano que... aquilo começou por só fazer as festas de Lisboa mas depois a Câmara decidiu juntar a gestão de todos os “equipamentos” históricos seja o Mosteiro dos Jerónimos, Padrão dos Descobrimentos, Teatro Maria Matos, o Cinema São Jorge, Teatro São Luís, Teatro Taborda (lá de cima)...eu acho que na altura era isto. E quando... nas festas de Lisboa, e quando nas festas de Lisboa, as festas também se realizariam nestes locais, pronto, isso eu tinha mais ou menos um horário de entrada, mas nunca tinha um horário de saída. E então no mês de junho era o caos. Ir à cama era assim um bocadinho complicado. Daí ainda mais se justificava, porque seguramente que eles nessa altura teriam que ter apoio de todos, de todos. E a minha filha disse-me logo “não. esta fora de questão e acabou a conversa. Nunca mais... de maneira que todo o resto daqueles meses que faltavam, foi uma coisa que eu não desejo a ninguém.

Ent. – Mas depois chegaram os resultados do exame.

Avó – Chegaram os resultados do exame...

Ent. – E vocês descansaram.

Avó – Mas eu nunca descansei. Nem se a Ana descansou. Pá malformações e tal não, mas a gente nunca sabe.

Ent. – E aqueles últimos 15 dias em que a Maria não estava a aumentar de peso? Uma das consequências da toxoplasmose é o bebé não estar a aumentar de peso por exemplo.

Avó – Mas ela apesar de tudo..., mas isso foi muito engraçado, porque é assim, mas ela aparentemente não deixou que isso se notasse, porque a médica disse-lhe assim “não aumenta de peso lá dentro vem cá para fora” e provocou-se o parto. Mas como lhe digo, estava a trabalhar, às sete e tal da manhã ela comunica-me a dizer já cá tens uma menina. E eu que não dormi, levei a noite sentada no maple ao lado do telefone, não havia telemóveis naquela altura, fiquei ali sentada no maple sempre à espera que o telefone tocasse, que a chamada chegasse. Ela ligou-me e eu troquei-me logo, fui para a casa de banho, tomei banho, vesti-me...quando ia a caminho da maternidade telefona-me o administrador a dizer “Antónia preciso de si”. “eh pá, Doutor diga-me o que é”. “preciso que vá ao Bairro Alto”. Havia lá um prédio que era nosso, que, entretanto, parece que há para lá um entupimento e não sei quê. E digo assi “um entupimento? Mas então quer que vá tratar de um entupimento?”. “não, não. Eu não quero que vá tratar do entupimento. Quero que você vá aclamar as hostes. Vá lá falar com os inquilinos e não sei quê”. “Você não imagina o que me está a pedir, é que eu neste momento estou na rua e vou a caminho da MAC, nasceu-me a neta, que, entretanto, o Dizer soube, não escondemos, e eu preciso de vê-la. Eu preciso de ir vê-la. Por isso deixe-me ir vê-la que eu depois vou a correr” e ele dizia-me “então, vamos fazer ao contrário, vá lá a correr trate do assunto e depois já não apareça, não vá trabalhar, eu dou-lhe o dia todo.”. eu disse ok, eu agora vou lá ver quantos inquilinos eu tenho que aturar. Tentei perceber quais eram os mais assanhados, meti-os lá numa loja, e lá estive na conversa com eles e depois no fim daquilo tudo lhes disse: “olhem eu estou... eu gostaria muito e não tinha problemas nenhuns em estar aqui o resto do dia com vocês, mas nasceu-me uma neta e eu estou em ansias para ir vê-la. Eu só quero é que vocês se acalmem, tudo vai ser resolvido. Vamos tentar que seja hoje, se não for hoje é amanhã, vocês também não estão aí com casas inundadas e eu amanhã prometo que

venho cá outra vez. Mas agora deixem-me ir embora a ver a minha neta”. Pronto, e toda a gente...e fui a correr para a maternidade, só que, entretanto, cheguei lá aí por volta das onze horas e já não me deixavam entrar, quer dizer, esqueça porque eu não entrei por um lado entrei pelo outro. Cheguei ao piso e desatei a correr. Estava na hora das lavagens, dos banhos e das visitas dos médicos. E então, eu tinha para aí umas 3 enfermeiras a correr atrás de mim “a Sra. não pode entrar...” e entrei pela enfermaria adentro... a minha filha ficou... e eu cheguei ao pé do coiso, tirei a manta e ainda hoje...mas eu passo a vida a contar-lhes isto a uma e a outra e elas sabem... ela era enorme. Enorme. Ela mal cabia naquele berço que eles têm. E tinha a mão assim (gesto) e a mão tapava-lhe a cara toda. Ela tinha uns dedos enormes. “a minha neta parece um ET”, com aqueles dedos muito fininhos, que ela de facto era magrinha, mas tinha um tamanho... uma coisa brutal. E então, lá tirei a mãozinha e depois digo assim a Maria é grandíssima, e aí fiquei mais sossegada e dei-lhes um beijinho e disse “agora vou dar uma volta e depois já venho. E depois à hora da visita já venho” só sei é que levei o resto do dia a chorar. Chorei, chorei, chorei...

Ent. – Foi o desabar do stress todo.

Avó – Exatamente. Mas pensava, fisicamente de facto está tudo bem, vamos lá a ver o resto. Que agora ainda vai ter que ser vista pelo pediatra, pelo não sei quê. À partida não acusou nada, mas nunca se sabe. E depois também não sei se... porque eu lembro-me que, entretanto, ela teve uma consulta aconselhada pelo pediatra da MAC, que ela devia ter uma consulta de cardiologia.

Ent. – A menina?

Avó – só para ver o que é que, se o coração estava tudo a funcionar, e eu pedi-lhes se me deixavam ir com eles à consulta e deixaram. Mas a gente nestas alturas carece que fica maluca e para além de ter sido eu que entrei com ela ao colo e a pus na marquesa e pus-me ali que nem um GNR sempre ao lado para ver as observações todas, a médica, era uma mulher, fazia não sei quantas perguntas e eu ia respondendo, e de repente olhei para a cara do meu genro e apercebi-me... embora como na minha qualidade de avó, eu ainda não tinha testado bem as coisas, de maneira que, mas bastou-me de repente olhar para a cara dele e ter percebido que “já tas a meter a pata na poça”, estás a entrar por caminhos que não deves. E pronto, depois sai, sai não sai do coiso, como quem não quer a coisa e tal fiquei andando um bocadinho mais para trás, e pronto, e ela lá continuou a fazer perguntas e eu deixei que eles respondessem porque de facto na realidade eles

queriam...não me disseram nada mas entretanto eu senti que “tem lá calma porque os pais estão aqui, somos nós e não...”. Mas eu continuo a dizer tivessem eles permitido uma maior ligação, um maior convívio connosco, porque a partir de determinada altura também se deu uma coisa muito engraçada com a Maria aí lá para os 4/5 anos, a Inês já andava no Cambridge e tinha aulas todos os sábados e quem levava a Inês ao Cambridge era eu, e havia alturas em que eu passava e dizia “deixem-me levar a Maria que sempre fico ali 1 hora sozinha e ao menos sempre estou com ela” e eles às vezes, nem sempre mas às vezes deixavam, e depois eu ia levar a Maria a casa e seguia para minha casa com a Inês. E a Maria às vezes dizia “gostava de ir com vocês. Porque é que eu não vou com vocês?” “Maria fala com a mãe, com o pai, a avó não tem problema nenhum, eu adoraria que vocês fossem as duas”, mas chegávamos lá a casa e ela ia pedir aos pais e eles nunca deixaram. Tenho uma memória de uma vez, uma vez eles terem deixado. Mas depois aconteceu outra coisa engraçada, que era, vínhamos para o carro as 3 e quando ela entrou para o carro olhou para trás para a janela da casa deles e eu dizia-lhe “o que é que foi Maria? Esqueceste-te de alguma coisa?”. “não mas tenho tanta pena de deixar os meus pais sozinhos”. Ou seja, a falta de hábitos, ela estava tão habituada aquela... que esteve ali...teve ali uma série de dúvidas. Mas eu acho que ela sentia também a história de “porque é que a minha prima vai e eu não vou”, tanto que Às vezes eu falava com ela e enganava-me, não lhe chamava Maria chamava-lhe Inês e ela ficava... agora já é menos, mas se eu por acaso lhe chamo Inês ela até amarinha pelas paredes acima. Mas continuo a achar que foi uma loucura e quando eu às vezes vejo no Facebook que os netos que convivem ou estão com os avós são mais inteligentes... no fundo é uma apologia de facto, os netos devem também estar com os avós. E eu de facto sou a pessoa, sou o exemplo de que isto é verdade. A diferença entre uma...

Ent. – Há muitos que até gostavam, mas não têm oportunidade.

Avó – Exatamente. E a Maria teve essa oportunidade e não lhe foi dada.

Ent. – Tente agora puxar o João.

Avó – Não, mas isso eu não preciso, graças a Deus. Para já porque ele pede, aliás ainda no fim-de-semana passado foi a festa de finalista da Inês, que até estivemos todos e almoçamos e jantamos, foi o dia todo, quando chegou ao final do dia o João agarrou-se a mim e disse “oh mãe, eu quero ir para casa da avó”. E não veio porque era domingo, ele ainda tinha aulas. Eu disse “oh João não estejas a pedir uma coisa que é impossível, mas

vamos ver para o próximo fim-de-semana até pode ser que dê. Agora tem é que ser à sexta feira, não pode ser ao domingo, senão amanhã tinhas que te levantar de madrugada, só ias dormir e ias-te levantar de madrugada para vires para a escola, não dá”. E eles estão sempre desertos para... aliás, quando às vezes passa um mês, a Maria liga-me da escola “avó está alguma coisa combinada para este fim-de-semana?” mas é engraçado que ela não vai perguntar isto à mãe, “está alguma coisa combinada para este fim-de-semana? Para a gente ir para aí?”

Ent. – Ou seja, eu quero ir para aí, fala com a minha mãe.

Avó – Exatamente. Exatamente. Mas pronto, porque eles já não tomam muito a iniciativa, mas é aquilo que eu sinto, é quando eles precisam. E eles sentem que precisam de descansar, mas fora disso, normalmente não pedem. Quando não pedem eles, peço eu. Mas é pacífico, não dizem logo não. Eu acho que depois do nascimento do João, tudo mudou. Tudo mudou, felizmente. E o João de facto tem a oportunidade, uma coisa que a Maria nunca teve, com a pouca sorte...o João devia ter nascido mais cedo. Estiveram muitos anos sem...

Ent. – Vamos falar agora de uma coisa muito difícil. O problema da Ana.

Avó – O problema da Ana?

Ent. – Foi um drama bastante grande!

Avó – Foi. Foi um drama que eu não consigo, é assim, para mim caiu o mundo. Caiu o chão. E na altura foi um misto de sentimentos. Foi o choque e foi sentir que eu praticamente estava a ser a última a saber. Só agora há pouquinho tempo é que a Ana, ela dizia “foste a última, mas foste muito perto dos meus filhos, principalmente a Maria. Porque o meu drama foi como é que eu vou dizer isto aos meus filhos e à minha mãe?” e eu aí percebi, compreendi, mas tenho ideia que se por exemplo isto comigo e com a minha outra filha era impensável, a primeira pessoa que a minha filha vinha correr era exatamente a mim. Pronto, mas depois eu digo assim, e é como diz o meu marido, “mas tu tens que perceber que a Ana tem...”

Ent. – Ela quando ficou a saber ficou com 2 dramas, o drama daquilo que tinha e o drama de como contar às pessoas mais importantes para mim, que são os filhos e a mãe, como é que se diz isto a uma mãe? E ela ficou ali em pânico

Avó – Mas mesmo assim, apesar de que ela diz que aquele jantar foi preparado exatamente para isso, para me contar, mas aquilo só salta porque ela tem um placar na cozinha todo dividido por dias da semana e eles apontam tudo, aquilo é tudo planeado ao fim de semana para a semana toda. E em determinada altura eu olho para ali e vejo “consulta/hospital, e digo assim, e olhei para aquilo e digo assim “consulta/hospital, quem é que vai a uma consulta no hospital?” e entretanto, ela disse-me “sou eu”, “mas porquê?”, e foi quando ela me disse “eu tenho um cancro na mama”. Eu acho que gelei a espinha, gelei tudo, foi de facto uma coisa...não desejo a ninguém. Eu não sabia o que havia de dizer, eu não sabia o que ia acontecer...fui-me embora para a casa de banho e disse que a seguir ao jantar a gente falamos, e pronto, já foi quando eles já foram para a cama, que ela me contou a história toda e que eu me dei conta que aquilo já vinha de há meses atrás. E disse-lhe “olha não sei se me hei de zangar contigo, não sei se devo ficar agradecida. Isto agora é um turbilhão muito grande na minha cabeça, eu sei que tu tens um apoio muito forte em casa, mas não sei se devia saber mais cedo”. Mas ela também não desenvolveu mais, como digo, foi há muito pouco tempo. Muito pouco tempo que ela desabafou isto. O dilema dela era “como é que se diz isto, como é que se dá uma notícia destas?” e depois foi aí que eu também não desenvolvi. Eu apesar de tudo ainda hoje sinto essa mágoa. Mas, entretanto, desde janeiro, eu sabia que a partir de janeiro ela ia voltar ao processo todo, consultas, exames, e não sei quê, eu tenho que perguntar à minha filha “olha a consulta está marcada? os exames...”, “a consulta sim mas os exames..., mas agora acho que já não se vai resolver nada, agora só em março, e não sei quê” está quase a chegar ao final de março, “olha Ana não era este mês que tinhas que...”, “não, afinal de contas sabes que está tudo esgotado para os exames, agora tenho que ir ao Dizer. Leão para ver se marca, porque entretanto posso ir fazer isto no privado...mas isto em abril penso que os exames já estarão feitos...” e foi no final de abril que eu voltei outra vez a perguntar à minha filha e que ela me disse “já estão feitos, está tudo bem, já estive nas consultas , não avançou nada, está tudo normal, agora se calhar só mais lá para o final do verão é que volto, daqui a 6 meses”

Ent. – É preciso estar sempre a insistir.

Avó – Não tem iniciativa e não lhe pode ser alheio que eu também tenho um facalhão em cima da cabeça que pode cair a qualquer momento, porque isto não me sai... por isso já

que fez o ter-me dito isto tão tardiamente, pá, não custa nada, é um telefonema. “olha afinal de contas...olha foi mais uma vez adiado...olha já fiz tá tudo bem...”, quer dizer, já não chega o problema que é horroroso, que ninguém quer ter e depois é uma ausência de notícias como se eu fosse a mulher a dias lá de casa...

Ent. – E a Maria? Desabafava consigo nessa altura a Maria?

Avó – Não.

Ent. – mais uma vez ela ficou ali com ao problema fechada e não ...

Avó – eu lembro-me de ter perguntado à Ana se a Maria tinha a noção de problema dela, quando falou com ela se tinha tido essa... diz que sim, que tinha. Mas eu acho mais uma vez, mas depois também não sei se nisso se ela fez bem se fez mal. Eu nunca notei diferença, alterações no comportamento da Maria em relação ao problema da mãe, tenho dúvidas que ela alguma vez tivesse..., mas mais uma vez...aliás ela teve muitos cuidados. A conversa que ela teve com o João “olha a mãe na segunda feita vai ter que ser operada...a mãe vai para o hospital para ser operada” e eu acho que na desportiva e não sei quantos “pois...afinal parece que tu tens cancro, não é?” e ela nunca lhe tinha falado em cancro, lá em casa foi uma coisa que nunca... “pois eu ouvi, afinal de contas tu tens cancro, não é?” por isso, isso deve ter sido conversas que ele teve na escola com os miúdos, cá fora rua e pronto, também não sei que raio de conversas foram, não interessa, ele não tem a noção agora a Maria deveria ter tido. Se ela não tivesse a maneira de ser dela, a personalidade dela, o comportamento dela, se não fosse o que é, eu podia dizer” não vai tremer, prefere meter a cabeça na areia” que é melhor assim, mas não, isto tem tudo a ver com a forma de ser da Maria.

Ent. – Esse primeiro diagnóstico que lhe falei há bocado falava em dislexia severa e lateralidade cruzada.

Avó – Eu por acaso...

Ent. – Eles na altura disseram-lhe o que é que tinha dito o psicólogo que a avaliou?

Avó – Não ela trouxe um relatório, que por acaso a Ana mostrou-me. Eu do palavreado já não me lembro.

Ent. – Recorda-se o que é que ela explicou que lhe tinham dito? Que indicações lhe deram, o que é que era preciso fazer, o que é que ela conseguia fazer o que é que não conseguia? Tem a noção? Ainda se lembra de alguma coisa?

Avó – Não tenho. Eu disse não tenho memória, a única coisa que me lembro foi que ela estava destroçada. Mas completamente destroçada.

Ent. – Mas dislexia é uma coisa que se consegue ultrapassar com mecanismos, há estratégias, a pessoa aprende a dar a volta e segue, vida normal. Mas ela continua sempre com dificuldades, sempre com diferenças.

Avó – Sim. e eu acho que sim tanto que ela depois deu-me...aquilo ainda era um relatório...ela não lhe mostrou o relatório a si?

Ent. – O primeiro relatório eu tenho, os outros vou agora consultar à escola...

Avó – O relatório que ela fez cá fora...

Ent. – Sim.

Avó – ela deu-me de facto para ler. Eu acho que fui lá a casa no outro dia logo a seguir, só não fui no dia porque eram seis horas ou não sei quê, e sei que ela andava a deambular por lá, chorava desalmadamente e fiquei com a ideia que tinha sido uma coisa mesmo grave, e depois no outro dia fui lá a casa e estive a ler e sim havia diretrizes para serem tomadas, daí eu ter dito, não foi nesse dia foi um dia ou dois mais tarde, já não me lembro, eu ter dito que aquela professora nunca mais seria professora na vida. Essa era a primeira medida que eu tomava. Porque se a justificação que eles dessem juntassem aquele relatório, eu tenho dúvidas que aquela senhora mais alguma vez fosse professora na vida, porque não sei onde é que ela foi buscar aquela formação dela. Mas a única coisa que foi feita foi acompanhamento psicológico, que de resultados foram zero. Zero. Nunca mais se notou evolução nenhuma na Maria, nenhuma. E eu acho que eles se distraem, é assim, eu, custa-me a crer que eles não tenham a verdadeira consciência dos problemas de factos que a Maria tem, eu hoje acho que a tenho. Porque foram muitos anos... de vez em quando dá-me assim uns *vaipes* mas não tenho *feedback* nenhum. Eu sempre que chamo...não é chamar a atenção, mas que tenho alguma conversa com a Ana relativamente aos... principalmente da Maria, que foi a que sempre nos deu... é um silêncio, do outro lado, muito grande que eu interpreto como “não te metas onde não deves, a filha é nossa e nós

é que temos que...” mas não vejo, aliás, a minha filha mais velha ela por acaso ainda um dia destes, agora com a história de finalista da Inês, escreveu um post no Facebook para ela e terminou a dizer “és a minha obra de arte” e eu acho que ela tem razões para dizer isso, apesar de que entretanto ela e o marido separaram-se com a Inês com 6 anos. Mas engraçado, que a Inês não sentiu a separação. Nunca se queixou. Nunca se queixou, nem a gente notou que tivesse havido alterações de comportamento...

Ent. – Foi compensada.

Avó – Foi sempre. A vida dela continuou, só passou ela, aliás passados uns anos, dizia isto com muita graça que era “eu tenho que andar sempre com uma mala pronta”. Felizmente que o pai ficou a morar exatamente no mesmo sítio, ou seja, o pai foi morar exatamente para o mesmo prédio onde eu morava. Por isso, eu saí e, entretanto, o Sérgio (que era o pai) tratou logo de arranjar uma casa exatamente nesse prédio. Por isso ela continuou a frequentar o prédio onde nós morávamos e o prédio da mãe, onde a mãe morava era do outro lado, por trás, ou seja, ela podia ir às traseiras da casa dela ou da casa do pai e, entretanto, eles viam-se. E o hábito de vir cá para casa aos fins de semana manteve-se. Por isso ela nunca teve traumas disto. E a Rosa é muito crítica e de vez em quando dá-lhe na “pinha”, mas dá-lhe forte, não é como eu de pantufinhas, não a irmã dá-lhe mesmo forte porque é como ela diz, “é que depois ela não tem moral para me dizer e tu, e o que é que fizeste, ela não tem ponta por onde se lhe pegue”. Porque de facto a Rosa, a Rosa até se desempregou para acompanhar a filha nos primeiros anos de vida e como ela diz muitas vezes “a Inês foi bem fertilizada”, nós sempre percebemos que ela era, tinha fome de saber e a gente sempre lhe alimentou, cria saber para tudo... tanto que a Inês nunca teve bonecas porque ela nunca deixou, mas ela também nunca pediu, nem em casa de amigas pegou numa boneca. A Inês tudo aquilo que ela pedia, quando fazia anos ou quando não sei quê, eram jogos didáticos e elas entretinham-se tardes inteiras, manhãs inteiras a jogar jogos, a conversar, iam ao teatro, havia teatros de manhã ao domingo de manhã pois lá iam elas as duas. O outro meu genro é fotojornalista, de maneira que tinha muitos... mas para além disso, que era o que ele dizia, “eu onde eu ganho dinheiro, fazia casamentos aos fim de semana” e se fizesse dois casamentos um no sábado outro no domingo ele dizia-me “já tenho o mês ganho, pronto, já posso fazer os outros trabalhos que eu gosto” e ele odiava fazer casamentos, mas aquilo é que dava dinheiro. Mas sempre alimentaram aquela...

Ent. – Ela é filha única, a Inês?

Avó – É filha única. Ela agora diz muitas vezes, agora quando veio dizia assim “eu agora tenho um namorado sírio” e eu “sírio...” E dizia ela “não te assustes que eu tenho o maior orgulho, ninguém quer namorar um sírio...mas ele é um amor, mas ele é não sei quê...” e faz os maiores disparates possíveis e imaginários, só que entretanto ela diz “avó estou na Alemanha, ninguém me conhece, é aqui que eu posso... quando for outra vez para Portugal, lá eu sei que tenho que me comportar como deve ser, para não...” e é isso que a irmã sente e eu também sinto que ou por incapacidade, mas eu acho que as incapacidades ultrapassam-se... mas ela sabe que tinha uma ajuda preciosa e um porto de abrigo que era exatamente a irmã e tinha-me a mim, como eu lhe disse da outra vez quando o José disse “se a minha mulher fizesse com a minha filha o mesmo que a Rosa fez com a Inês, em relação a vocês, eu tinha-me separado”. O José não tem a noção do que está a dizer e a fazer...tudo tem consequências e ele assistiu a algumas porque eu de facto a minha casa quando eu vim viver para aqui, a minha casa ao fim de semana estava sempre cheia de amigos, que já eram há imensos anos e que ainda hoje continuam a ser e aquilo para a Inês e teria sido para a Maria também, aquilo era um manancial de aprendizagem, de conversas. Ela estudava onde é que se ia sentar que era para ver se... o que é que tirava dali. Mesmo na escola primária, até na escola primária, ela chegou a apresentar trabalhos de entrevistas ou de conversas que tinha aqui com os nossos amigos, e aquilo dava montes de coisas, que aliás a malta toda também dizia, “a tua neta é muito mais velha, a tua neta tem mais anos do que...”, porque ela sempre procurou as pessoas mais velhas, “putalhada da idade dela não fazia parte...” de tal maneira que por exemplo enquanto o João já tem aí amigos que são os netos das minhas vizinhas e não sei quê, com quem vai brincar, a Inês nunca teve. Nunca lhe interessou, aliás ela do outro lado da rua, os meus vizinhos tinham uma neta que deve ser mais ou menos da idade dela e eu dizia-lhe por vezes “oh Inês tens ali a neta da D. Guilhermina eu vou buscá-la, vocês brincam aqui”, “não, não, não, não. Deixa-me estar. Eu tenho tanto que fazer. Não. Não quero”. Nunca teve aqui amigos e as pessoas admiravam-se. “Do que é que ela gosta, de vir para aqui se ela não tem ninguém aqui?” e eu dizia-lhes “Tem. Tem os nossos amigos, tem-vos a vocês. É só isso que ela quer, ela não quer mais ninguém”. e se eventualmente por exemplo não tivesse cá ninguém, porque íamos a um passeio e não sei quê, a Inês vinha o tempo todo a conversar, ou por isto ou por aquilo. Uma vez fomos à terra do meu marido, onde a levei várias vezes, mas ela mas ela já andava, eu acho que ela já devia andar na António Arroio naquela altura, o meu marido é de perto de Penafiel, uma aldeia perto de Penafiel, onde ela adorava ir, tudo quanto lhe trouxesse conhecimento ela estava lá na primeira fila, pronto, e lá fomos nós para Penafiel e um sábado ou um domingo, já

não me lembro mas acho que foi num sábado levantamo-nos, arranjamo-nos e tomamos o pequeno-almoço e diz ela assim “o que é que vamos fazer?” e dizia-lhe “Inês não sei. Diz-me tu o que é que queres fazer” e diz ela “Eu quero ir passear, quero ir ver não sei quantos...” e o avô na brincadeira, porque o pai não é católico, na brincadeira disse-lhe “olha oh Inês, o único sítio onde eu te posso levar é ao São Bento da Porta Aberta” e ela dizia “mas isso é o quê?” e dizia “olha é uma espécie de Fátima, só que em vez de ser a Nossa Senhora de Fátima é o São Bento da Porta Aberta e é em miniatura, é assim uma coisa...”, “ah então embora! Então vamos.” E lá fomos nós. E ela foi e subiu, e viu e vasculhou aquilo tudo. E depois aquilo tem aquelas lojinhas e eu fui lá para ver o que eles lá tinham e quando dou por mim não a vi e então fui descobrir que ela estava na parte da biblioteca, e pronto, depois chegou ao pé de mim e disse-me “podes-me compara este livro?” e então, era a história dos pastorinhos. Eu comecei-me a rir “mas tu queres isto para quê?” diz ela “para saber, porque supõe que entretanto alguém fala comigo ou vou apanhar alguém a falar convosco, eu tenho que ter conhecimento de causa para poder falar ou discutir” e eu disse “eh pá, tens razão, peguei no livro e não sei quantos e tal” mal chegamos à terra, a casa do Miguel, quando dou por mim eu tenho umas escadinhas que sobem para os quartos, estava ela sentadinha nas escadas a ler e eu disse-lhe “já?” e diz ela assim “como vês isto lê-se num instantinho. Mas olha, mas eu tenho aqui uma dúvida, queria que tu me explicasses” e eu disse-lhe “olha Inês estás no sítio certo para pedir as explicações todas, vais ter com a tua tia mais velha, fazes-lhe as perguntas, que ela responde-te a tudo melhor que eu” lá foi. Andou o dia todo de volta da tia e eu depois tenho comparação com a Maria que não era preciso que fosse tanto. Não é preciso tanto, porque de facto como a Inês é difícil. Mas ela ainda hoje, agora quando estivemos a conversar, fomos as duas para a praia e estivemos a conversar e eu fiquei doida, porque ela entrou em Belas Artes e está a Fazer Design Gráfico, porque de todos os cursos era aquele que ela gostava e achava que lhe ia dar mais rendimento, mas ainda hoje ela está com dúvidas se é aquele se é *design* e comunicação, se é investigação de comunicação porque ela depois lá na Alemanha inscreveu-se em mais disciplinas ou seja, ela está a fazer uma segunda dose, ela fez já os meses de *Erasmus* e candidatou-se a ficar mais 6 meses e isto criou-lhe estas dúvidas todas que ainda hoje quando ela me estava a dizer isto eu disse-lhe “olha Inês em suma tu vais ser uma eterna estudante, no meio disso tudo eu não sei quando é que tu vais trabalhar, mas pronto” e ela assim “pode ser que eu faça uns estágios, pelo meio posso fazer uns estágios” por isso bastava que fosse mais um bocadinho...mas a Maria é de facto menos...por isso eu estou como a minha filha mais velha, “faltou-lhe ser fertilizada” porque ela ainda hoje diz em relação a quando era pequenina “tinha tudo como todos os bebés, todas as crianças têm potencial, têm uma sede de saber e fica tudo... são esponjas,

mas por azar os meus sobrinhos não tiveram essa... ninguém os fertilizou, ninguém os... e com antecedentes...”

Ent. – Lembra-se de ela ter alguma vez falado consigo, portanto, pela negativa já vi que sim que se deu conta da professora primária, não é? Marcou-a. E pela positiva? Alguém que a tenha ajudado, que ela tenha referido? Que tenha sido importante para ela, alguma vez comentou?

Avó – Ela teve de facto, deixe-me cá ver que eu acho que ela, acho que ali o 7º, quando é que elas fazem... há uma festa que elas fazem de finalistas...

Ent. – No 9º.

Avó – Foi no 9º foi. Que fazem até o baile e finalistas e não sei quê, eu percebi que ela teve ali umas 3 professoras que a marcaram. Aliás, achei graça que uma dessas professoras que também tinha sido professora da Inês, no post que a mãe fez, ela escreveu, deu os parabéns à Inês dizendo que sempre soube que ela ia longe. Eu quando li o nome lembrei-me pela Maria, porque foi uma professora que a Maria sempre gostou, mas havia ali mais duas, agora eu não sei precisar de que disciplinas foram. Mas ela criou ali uma empatia e uma amizade com aquelas professoras. Tal como ela tem uma amizade engraçada, que eu não sei se ela lhe falou nisso a Maria, no ATL, ela nunca gostou do ATL do Rezingão, que era onde ela estava, nunca houve ali...e entretanto houve ali uma altura que juntou o irmão e aquilo dava ali ainda mais faísca e então a mãe arranjou-lhe um outro ATL e ela criou uma amizade muito, muito forte com uma tal Alexandra naquele ATL. Ela hoje já lá não está, mas é ela que vai levar o irmão e vai buscar o irmão e ela arranja sempre um bocadinho para poder estar com a Alexandra e para conversarem. E ela melhorou muito, as suas capacidades na escola, melhorou muito as notas com ela, com aquela professora, agora eu só não consigo entender, dão dá, não tenho tempo, não estou com ela o tempo suficiente para perceber se é dela se é do outro lado, as pessoas que pelo feitio dela, pela maneira de ser dela, que ela não é uma pessoa dada assim à primeira. Ela não cria afinidades com facilidade. E essa história dos Pannels com mais velhos, ou com miúdos da idade dela ou não sei quê, e já são uma quantidade de anos é engraçado que ela fala nos amigos no Facebook, mas depois está com eles e não...

Ent. – Ela tem uma grande dificuldade de falar diretamente, mas diz tudo e fala sobre tudo por mensagem

Avó – Verdade e é uma coisa que me faz... que seria... que eu acho que os pais poderiam com a tal psiquiatra ou psicóloga, eu acho que era uma coisa que devia ser objeto de estudo. Têm-na no *Facebook*? Já viu bem a quantidade de fotografias que ela se tira a si própria?

Ent. – Ela foi minha aluna e foi uma aluna, ela era sossegada, era introvertida e era aquilo que ela é e só se começou a dar mais comigo porque depois de eu ter saído de lá ela depois continuou a falar comigo pela internet e como ela não estava cara a cara comigo ela diz tudo. Mas quando está comigo...

Avó – Fecha-se.

Ent. – Aquilo para ela é quase um martírio. Eu digo assim Maria olha vou ter contigo e ela já fica aflita porque depois não sabe o que há-de conversar comigo, não sabe o que é que me há-de dizer, porque vai estar comigo. Mas se for por mensagem...

Avó – Pois é isso. Mas sabe que eu às vezes, eu já uma vez questionei a Ana, porque depois há coisas que ela põe no *Facebook* que são assustadoras.

Ent. – Vamos falar sobre isso. Alguma vez teve assim algum receio, alguma coisa que ela lhe tenha dito ou que tenha visto, coisas típicas de adolescentes que a possam ter preocupado?

Avó – É assim há frases que ela põe que me deixam muito preocupada.

Ent. – Mas nunca desabafou nada consigo sobre essas coisas que escreve

Avó – Não. Mas já falei com a Ana sobre isto. E o que a Ana me diz é que não é preocupante porque ela vai buscar aquelas coisas à internet e depois põe.

Ent. – Mas se ela as vai buscar e as põe...

Avó – É para tem alguma afinidade com elas. É que depois... ela tem, eu agora já não sei precisar, foi uma frase que ela pôs no *Facebook* que deixou toda a gente em pânico, a

mim, à minha irmã, aos amigos, uma prima minha, eu sei que nesse dia recebi não sei quantos telefonemas. E nesse dia à noite eu liguei para a Ana e perguntei “já viste o que é que a tua filha escreveu no *Facebook*?”, “já” e eu disse-lhe “e então? O que quer dizer aquilo?”, “nada” e eu disse “tens a certeza? Tu não te passa pela cabeça a quantidade de telefonemas que eu recebi hoje”, “ah, as pessoas são parvas, parece que não sabem o que é que são adolescentes, eu já te disse uma vez e volto-te a dizer isso são coisas que ela vai buscar à internet e que acha muita graça e põe”. “Olha e então se te sentasses um bocadinho com ela e lhe dissesse, olha tu publicaste esse coiso porquê? E o que tu queres dizer com isto, o que te preocupa, e não sei quê, vamos lá falar um bocadinho...”, “oh mãe achas? Achas que ela vai dizer alguma coisa? Aquilo que ela me vai dizer é aquilo que eu te estou a dizer, viu na internet e achou graça e pôs” “então devias falar exatamente sobre isso, que isto não é ir à internet escolher uma coisa que se acha graça, que depois não tem graça nenhuma porque põe toda a gente em pânico, e que o melhor era ela deixar de fazer isso, evitar fazer isso”

Ent. – Perceber porque é que fez isso.

Avó – Porque se é por gracinha não tem graça nenhuma, se é porque aquilo lhe diz alguma coisa que está diretamente ligada a ela então vamos lá a ver como é que é, o que é que ... mas nunca me dei conta que... apesar que depois eles dizem que os jantares deles são uma coisa sagrada e aparentemente sim, porque se a gente ligar à hora que eles estão a jantar somos logo corridos a pontapé “estamos a jantar, liga mais tarde” e eu se calhar até acredito que o jantar para eles é a única hora para estarem todos juntos e não sei quê, e que não há televisões e que é a hora que eles conversam, agora a única coisa que eu pergunto é pois então e à noite de que é que conversam?

Ent. – E de tanta conversa sai o quê?

Avó – Exatamente. Porque eu por exemplo ela há coisas que conversa muito comigo agora, que é as colegas da escola. É engraçado que aquilo que ela conversa que ela se queixa é exatamente aquilo que eu acho, que não sabem nada, não sabem conversar, não têm conversas... e houve uma coisa que ela fez lá no curso por causa do 25 de abril, que eu achei... foram estas 2 fotografias que ela depois fez uma montagem e isto foi alusivo ao 25 de abril e eu achei isto maravilhoso de tal maneira que isto conforme está é um quadro que eu já tenho na minha sala.

Ent. – Por acaso não tinha visto. Mas está muito giro.

Avó – Acho que é um trabalho genial e que ela se queixou que nem o professor valorizou nem as colegas perceberam o que era isto e que, entretanto, elas nem sequer sabem o que é o 25 de abril, não sabem. Mas isto, o ela saber o que foi o 25 de abril e não sei quê, embora a mãe valorize, mas é uma coisa que ela adquiriu aqui e que soube daqui, que é uma coisa que a gente conversa muito e que eu lhe conto muitas histórias do tempo da ditadura, do que é que se fazia, o que é que acontecia na ditadura e que o 25 de abril veio acabar, e isso ela sabe e fala muito, e ela gosta de fazer trabalhos relativos ao 25 de abril. Desenvolve pouco, mas eu aí normalmente digo-lhe “traz que a gente depois aqui em casa melhora” e é engraçado que foi uma coisa que passamos à Inês, um dos nossos amigos é filho do Octávio Lobato, que esteve preso, ou seja, esteve na clandestinidade, e a Inês fez um trabalho, fez-lhe uma entrevista, telefonou-me, mas isto ainda no último ciclo, telefonou-me, pediu-me e até se puder ser só ele tanto melhor, se vinham almoçar num sábado ou num domingo, conforme desse mais jeito, que ela queria entrevista-lo para fazer um trabalho, e eu acho se não estou enganada, eu acho que já foi a Maria que quis fazer um trabalho sobre a vida do Álvaro Cunhal. E ela choca-se muito porque algumas até já são mais velhas que ela e por isso tinham obrigação de saber e eu às vezes digo-lhe “a culpa não é delas, a culpa é de facto dos pais e um mal que a gente tem neste país é que a história não vale nada...”

Ent. – Aqui entra a tal conversa que ela poderia ter aproveitado muito mais situações deste género

Avó – É aquilo que eu tenho insistido com isto, a Maria perdeu muito e sabe-se lá se ela... mas mais eu cheguei a propor à Ana tentar arranjar aqui uma psicóloga que pudesse estar disponível aos fim-de-semana, ao sábado ou ao domingo e fazer eu o acompanhamento desta situação e eles não...

Ent. – E agora que ela já tem 18 anos, vai desistir disso?

Avó – Eu não me importo de lhe dizer que estarei sempre disponível, mas é uma coisa que eu vou ter que pedir autorização aos pais.

Ent. – Então e no futuro o que é que imagina que possa ser a profissão que ela possa escolher?

Avó – Estou muito assustada, devo dizer estou muito assustada porque quando eu soube que ela tinha ido para a secundária e para fazer um curso de fotografia eu gostei, porque digo assim “uma profissão de fotografo, eu vejo pelo meu genro, que é fotografo” a única situação que eu questionei tanto a uma como a outra, tanto à Maria como à minha filha, foi o porquê a secundária e não a António Arroio? Sendo que ainda por cima a Ana fez a António Arroio e adorou e alterou-lhe a vida toda dela para melhor, passou a ser melhor estudante e adorou aquilo que fez, só estive pena que ela não desse seguimento porque ela tem, e continua a ter muito jeito para as artes. O curso de fotografia que a António Arroio tem e porque é que não segue a António Arroio... e a resposta que a minha filha me deu e a Maria ajudou, era o ter que ir para Lisboa. E eu depois perguntei à Ana “tu foste e já moravas em Queluz, foste de autocarro, morreste? Aconteceu-te alguma desgraça? Não me parece”. A Maria não pode ser protegida a vida toda, assim isto como no seguimento, não faz sentido nenhum que o José agora, com a idade dela, com 18 anos, isto aconteceu há 2/3 semanas, ela vir para aqui de comboio e o José ter imenso orgulho que a filha viesse de comboio, orgulho porquê? Orgulho era ela ter vindo aos 12 anos ou aos 13, isso sim, agora com 18 anos ter apanhado o comboio fazer um transbordo e vir para aqui? Por isso ela podia ter ido para a António Arroio. E quando eu lhe pergunto “então e que saídas é que... ela tá numa altura em que vai ter que fazer um estágio, e quando eu lhe pergunto que saídas é que ela tem a Maria responde que eles lhe arranjam emprego na Worten. E eu digo, “mas porquê? A vender máquinas fotográficas? Ou até máquinas de lavar roupa, não tas livre, porque o que a Worten quer é mão-de-obra de borla Maria, eles não querem dar formação, e esse estágio que a tua escola arranja é um embuste.

Ent. – Havia uma hipótese de ela fazer o estágio com um fotógrafo seu conhecido?

Avó – Sim, mas entretanto ele não me tem respondido e eu vou ter que ... eu pedi-lhe, encontrei-o, eu pedi-lhe e ele disse-me que sim que ia ver, não garantia mas que ia mover os contactos, isto foi numa quarta feira, há mais de um mês para aí, depois no fim de semana a seguir ele telefonou-me a dizer “está descansada que eu não estou esquecida, ainda não consegui estar com o Tadeu”, não sei quem é o Tadeu mas deve ser... e a partir daí nunca mais me disse nada, e pronto, vou ter que lhe ligar.

Ent. – Mas os *timing's* para ela dar a resposta de onde vai fazer o estágio estão a acabar

Avó – Pois, pois, é isso.

Ent. – E o seu genro, o pai da Inês, não conseguiria...

Avó – É assim, não porque eles, entretanto, eles não se dão. A separação deles foi mais litigiosa para nós, com maior incidência comigo, porque o meu genro acusou-me de ter sido eu a causadora da separação, tanto que segundo diz a minha neta a minha alcinha é a generala, não é a avó. Ela diz é a avó, mas do outro lado é a generala, é daquelas coisas que não me chateia nada. Mas com eles também foi uma rotura, foi uma rotura, ou seja, enquanto que comigo houve zanga e discutimos muito com eles não houve nada, mas foi um corte absoluto. Mas é engraçado que eu pedi à Inês “tu podias interceder pela Maria e pedir ao pai, não com ele propriamente dito, mas o que o teu pai deve conhecer mais são fotografos, e ver se havia algum colega dele que entretanto como o pai, porque ele tem estúdio, que tenha as mesmas condições do pai, possa lá meter a Maria” e entretanto ela diz-me assim “sabes que o pai não é muito dado, sabes que o pai não é muito dado a essas coisas”. Mas estou muito assustada com o futuro dela e vamos ver...ah porque ainda por cima ela dizia “pois porque eu precisava de saber porque também depende muito onde for o estágio” eu disse, “mas depende do quê?”. “Onde for. Supõe que é em Lisboa, num sítio que eu não conheça” e eu disse-lhe “oh Maria esquece lá essa preocupação, eu praticamente, a não ser ter lá trabalhado em Queluz, foi de facto um tempo, mas comecei em Lisboa e depois quando acabou a ECOSAL eu fui trabalhar para as festas de Lisboa e para além da gente ter tido não sedes depois tínhamos não sítios para onde tínhamos que ir, era onde se passasse as festas e tu sabes que a tua avó não tem sentido de orientação, o GPS foi a melhor invenção que fizeram, mas não altura não havia GPS e eu tinha que me “desemerdar”, e é isso que tu tens que fazer, tu tens que aprender a “desemerdar-te”, quando muito, posso ir contigo a primeira vez, mas devo dizer que me parece muito mal. A mim parece-me mal, mas em caso de SOS tudo bem, mas é uma vez, depois na segunda vez desenrascas-te.”. Eu também tenho um problema que é não ter sentido de orientação, na sei para que lado é o norte, é o sul e não sei quê, e até mesmo a pé, suponhamos...agora já não mas, eu ia à Baixa ou ia a Campo de Ourique, eu entrava num estabelecimento e quando saía do estabelecimento eu não sabia para que lado é que eu me havia de virar, se era para a direita se era para a esquerda e tinha que...eu entrei aqui, de que lado é que eu vinha?... eu isto digo a toda a gente, isto é uma deficiência como outra qualquer, mas eu tinha que me desenrascar, eu não tinha paizinho para me... da mesmo forma como por exemplo ela apanha dois...é evidente que hoje os

tempos são outros, mas ela apanha 2 transportes para ir para uma escola que se fosse a pé chegava mais rápido. Eu quando fui para o ciclo preparatório eu morava na Av. Das Forças Armadas e eu ia para a Marquesa de Alorna, no Bairro Azul, no cimo da Praça de Espanha por isso eu tinha que atravessar...e aquela parte de quando se sai da estação do Rego até chegar à escola aquilo eram “quencas” e “quenquinhas”.

Ent. – O grande problema é que eram outros tempos e aqui uma grande dificuldade deles, criada por nós, é o receio

Avó – Exatamente. Eu tenho uma senhora a dias que tem 2 filhos. Ela começou a trabalhar cá em casa eles eram pequeninos. O mais velho vai para o ano para a secundária e o do meio está no 8º ano. As escolas, ela mora mais ou menos ao pé de mim e as escolas são todas aqui, a mãe todos os dias vai levar os filhos à escola de carro e se eles tiverem que ir à explicação a mãe vai por os meninos à explicação a mãe vai lá levá-los e eu ainda um dia destes, porque entretanto ela já está com um dilema onde é que ele pode ir parar agora para a faculdade. Mas estou assustada, até porque ela aqui há uns tempos atrás, a minha mãe está aqui num lar e está com alzheimer, mas ainda ela estava mais ou menos, e assistimos as duas a isto, um dia estávamos lá em casa, foi num domingo, e vínhamos embora e a Maria agarrou-se ao pai e disse “eu não quero ir para a escola” e a minha mãe ia-se meter na conversa “Maria não queres ir para a escola? O que é que tu vais fazer? Tu já pensaste? Tu tens que pensar o que é que tu vais fazer se não fores para a escola” e ela dizia “avó as mulheres-a-dias não têm que estudar” “e é isso que tu queres ser?” “eu quero ser tudo aquilo que puder ser sem ter que estudar” e esta história de ela me falar isto agora da worten eu acho que ela não ambiciona mais do que isto, se lhe arranjam um empregozinho na worten está tudo certo e eu acho que ela gosta de fotografia, eu acho que ela tira boas fotografias. Por isso ela não ter ido para a António Arroio eu não perdo, ainda por cima sabendo que esta é a ferramenta que ela escolheu, que quis e que parece-me que está a fazer com algum agrado, então vamos potenciar isto, vamos lá fazer isto...este esforço, fica com uma “enxada”, fica com uma ferramenta na mão para ser qualquer coisa, para a mãe isso foi feito.

ANEXO Nº12

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₁

Ent. - Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria -----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₁ - Sim. 2014/2015 e 2015/2016. Educação Visual.

Ent. - Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₁ - Lembro-me de que tinha, entre outras problemáticas, dislexia e dificuldade de expressão oral.

Ent. - Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₁ - A nível da disciplina eram a expressão e a representação gráficas. No primeiro ano, ouvi-a, com alguma ansiedade, dizer várias vezes “não ser capaz de” e contra isto tivemos ambas que “lutar”. A nível social, a integração plena na turma.

Ent. - Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₁ - A aluna foi lidando com essas dificuldades sem as ter superado na totalidade. Em aula (e fora dela), o entendimento aluna-professora foi uma mais-valia para aquela. Sei que tinha outros professores, muito poucos, a quem também recorria e com quem “desabafava”.

Ent. - Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₁ - Em aula, era uma aluna calma, bem-educada, zelosa e cumpridora dos trabalhos solicitados, muitas vezes introvertida e a quem a perturbação que os colegas faziam ou as intervenções inadequadas incomodavam.

Fora da aula, tanto a vi isolada e triste, como interagindo de forma alegre.

Ent. - Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₁ - Na turma tinha poucas pessoas com quem interagisse frequentemente, parecendo estar num nível acima da maioria dos colegas no que ao comportamento dentro de uma sala de aula diz respeito. Com os adultos interagia de forma educada, acatava o que lhe era transmitido e, com alguns, demonstrava um carinho especial e uma maior abertura para falar dos problemas que a atormentavam

Ent. - Como era a relação que ela tinha consigo?

P₁ - Tínhamos uma relação excelente que ultrapassou a de professora-aluna.

Ent. - Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₁ - Quando necessário, incentivo, apoio mais personalizado a nível gráfico e técnico, explicação mais detalhada e usando linguagem mais simples, aceitação sem críticas destrutivas dos trabalhos apresentados. Uma constante foi o inculcar-lhe de que “era capaz”, o que acho ter conseguido, pois tornou-se mais liberta e menos ansiosa perante as tarefas solicitadas.

Ent. - Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₁ - Penso que a Maria, tal como me manifestou, deverá ter futuro numa área artística, mas ligada ao digital. Sei que seguiu fotografia, algo que já despertava a sua curiosidade, e penso que pode ser uma boa profissão para ela, pois adapta-se às suas características – poderá ser uma profissão solitária ou não, poderá acentuar o seu interesse artístico, a sua capacidade de observação e as suas aptidões estéticas.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº13

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₂

Ent. – Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₂ - Sim. 7º e 8º na disciplina de música.

Ent. – Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₂ - Eu sei que ela era uma aluna de NEE.

Ent. – Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₂ - Era uma aluna com uma baixa autoestima e tinha muita dificuldade de se integrar num grupo e isso trazia-lhe alguns bloqueios em termos de aprendizagem na disciplina. Porquê? Porque a disciplina implica que os alunos se exponham de forma individual, e a Maria tudo o que fosse de avaliação individual ou de exposição de caráter mais individualizado ela bloqueava e fechava-se e não se expunha. No contexto de turma se fosse alguma parte melódica ou alguma peça que até a cativasse mais dentro de um gosto maior dela, ela tentava integrar-se, mas sempre muito baixinho para não ser notada.

Ent. – Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₂ - É assim, eu recordo-me que ela andava sempre com 1 professora e andava sempre com 1 aluna, se me perguntar quem é, eu não me recordo da aluna. Eu tenho imagens dela, mas não me recordo quem ela é. Elas andavam sempre juntas no recreio. De professores eu sei que a professora de ciências e a professora de português, tinham uma grande relação com ela, essencialmente a nível afetivo e ela desabafava muito com elas.

Ent. – Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₂ - Na minha aula eu não tive propriamente problemas comportamentais, tendo consciência de que, se ela tivesse um bloqueio, ela não fazia nada o resto da aula. Pronto, não sendo uma aluna que perturbasse o bom funcionamento da aula, não perturbava, mas se não fazia não fazia mesmo e ia até ao fim da aula, pronto.

Ent. – Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₂ - De forma geral ela não interagia. De forma geral ela tinha o mundo dela, tinha a forma de estar muito própria dela, da qual tinha dificuldade em sair. Nós tínhamos dificuldade em trazê-la para fora. Quando a conhecemos e quando conseguimos chegar até ela era uma miúda super sociável e super afetiva connosco, mas muito elitista nas pessoas que escolhia.

Ent. – Como era a relação que ela tinha consigo?

P₂ - Eu tinha uma boa relação com ela. Recordo-me que enquanto professora dela tive muitas dificuldades em chegar a ela dentro da sala de aula, mas em termos afetivos nós conseguimos estabelecer uma ligação. Tanto que a postura dela comigo dentro da sala era completamente diferente da postura dela fora da sala. No recreio vinha muitas vezes ter comigo conversávamos muito sobre muitas coisas, mas em contexto sala de aula era uma aluna completamente diferente.

Ent. – Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₂ - Eu utilizava a parte afetiva que tinha lá de fora, dela, e tentava transpor isso para dentro da aula. Ela às vezes lá esboçava um sorriso e lá tentava. E através do reforço positivo. Se viesse num dia muito fechado nem com a parte afetiva era fácil de lá chegar. No entanto, eu tenho consciência que em termos de avaliação da disciplina ela não teve uma avaliação que eu dissesse verdadeira ou real, porque na realidade eu não tinha tantos elementos de avaliação dela como tinha dos outros colegas, mas tendo em conta todo o empenho, todo o esforço dela para desbloquear e todo o esforço feito da minha parte e toda a evolução dela ela acabou por ter em termos de disciplina, teve positiva, no entanto, eu acho que no contexto geral, a escola conseguiu que a Maria visse um outro mundo e um outro prisma, e pronto, e de vez em quando ela vem cá à escola e vem-nos ver e vem-nos encher de beijos e isso é gratificante. Isso é gratificante, e diz “olhe estou a fazer isto, estou a fazer aquilo, está a correr esta parte bem, esta menos bem...”, mas o ela vir é sempre sinal que alguma coisa lá ficou.

Ent. – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₂ - Por incrível que pareça, eu vejo a Maria a trabalhar em algo relacionado por exemplo com a geriatria. Porque eu acho que a Maria apesar de não se expor perante as pessoas da geração dela, da idade dela, ela é uma miúda muito afetiva e é uma miúda que tem paciência para ouvir. E ela gosta de ajudar e portanto eu vejo a Maria a trabalhar em algo relacionado com geriatria, com auxiliar de enfermagem, com tudo o que seja cuidados a outros, porque acho que ela vai se sentir útil e ao mesmo tempo vai obriga-la a ela própria a conhecer-se e quando ela se conhecer e ela conseguir gostar dela e daquilo que ela é, ela depois naturalmente no futuro irá começar a relacionar-se com as pessoas que a rodeiam.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº14

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₃

Ent. – Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₃ - Sim lembro. A Maria foi...deve ter sido minha aluna eu penso que aí há uns cinco anos atrás. 2014 para aí...deve ter sido por volta desse ano mais ou menos. Na disciplina de TIC.

Ent. – Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₃ - É assim, o que eu me lembro da Maria é que ela era uma miúda um bocadinho diferente das outras, pelo facto de ela ser bastante desconcentrada. Apresentava ali um défice de desconcentração bastante elevado, com alguma dispersão no meio. Ela nunca estava na aula digamos. Ou seja, estava sempre ausente no fundo.

Ent. – Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₃ - No fundo era ela não fazer porque não sabia o que se estava a tratar na hora, no momento, estava acima de tudo desconcentrada, claro.

Ent. – Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₃ - Eu lembro-me que ela tinha um apoio. Tinha apoio pedagógico personalizado a várias disciplinas: a português, a matemática, não tenho a certeza se a inglês também teria, mas julgo que sim. Portanto, era os professores do apoio, tinha também o apoio ao estudo e depois tinha a Educação Especial que também lhe daria algum apoio.

Ent. – Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₃ - Era uma miúda que se notava que havia ali qualquer coisa dentro dela, que ela se sentia diferente dos outros, no contexto social dos intervalos, da própria posição que ela ocupava na sala. Ela distanciava-se sempre um bocadinho da equipa.

Ent. – Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₃ - Ela tinha assim um comportamento distante, sem criar grandes proximidades, de amizades. No fundo, ou seja, mantinha-se sempre um bocadinho ao lado.

Ent. – Como era a relação que ela tinha consigo?

P₃ - Ela era uma miúda que não se manifestava, que tentava a passar o mais discreta possível, sem dar nas vistas, no fundo.

Ent. – Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₃ - Com a Maria o método que nós usávamos era o método da ficha, ela saber fazer e apresentar um resultado físico visível, não propriamente aquele diálogo que questão direta na sala de aula.

Ent. – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu P₃ - futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₃ - A Maria, pronto, eu nunca mais a vi, no fundo e acho que a Maria, se ela criar um método dela próprio, uma estratégia própria, ela talvez consiga ser uma senhora. Se ela se aplicar e se melhorar essa parte digamos do ela se sentir diferente em relação aos outros, se ela conseguir integrar, acho que vai ser uma pessoa normal.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº15

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₄

Ent. - Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₄ - Sim. No 7º, pelo menos no 7º, e, entretanto, perdi a turma. Na disciplina de inglês

Ent. - Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₄ - É assim, especificamente já não me lembro. Já nos passaram tantos, não é? Mas ela nas aulas era muito ausente, basicamente não interagia. Eu acho que ela até era capaz de não ser uma má aluna se participasse. Mas o facto é que ela estava muito ausente. A cabeça dela não estava, não sei se seria défice de atenção...já não me lembro se seria isso ou dislexia...não sei.

Ent. - Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₄ - Pois as dificuldades têm a ver precisamente com o facto de ela não participar, não é? Porque estava distraída, não é? Por isso não conseguia realizar as tarefas.

Ent. - Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₄ - No caso da minha disciplina ela não conseguiu superar, naquela altura, não é? Portanto a nota que teve foi nível inferior a3, não é? Isso lembro-me.

Ent. - Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₄ - Ela era calma. Não dava problemas. Nem falava. Porque às vezes há aqueles alunos que não participam porque estão nas conversinhas, ela não era assim.

Ent. - Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₄ - Eu, dá-me a impressão que ela era muito fechada até com eles. Não entrava assim em conversas.

Ent. - Como era a relação que ela tinha consigo?

P₄ - Tranquila, mas, portanto, enquanto professora não sentia...era uma relação professor-aluno. É como digo, ela não interagiu muito, não é? Ela fechava-se muito na sua problemática, não é?

Ent. - Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela, fazia alguma coisa diferente?

P₄ - Diferente não. Tentava chamar a atenção, que é o que a gente vai tentando, não é? Mas a nível de estratégias, não eram específicas, ou aliás, não eram diferentes, não é? Porque é assim, se um aluno não está com atenção, já aí o problema dele é mais não estar com atenção do que qualquer outra coisa que possa por detrás, não é?

Ent. - Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que P₄ - profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₄ - Ai não faço ideia. Isso é tão...é tão vago, não é? Eu nem sequer sei quais são assim os interesses dela. Portanto não sei. Sei, quer dizer sei pelas roupas que ela usava que, quer dizer, assim um bocadinho alternativas, e isso fora daquilo que as outras raparigas da idade dela se calhar usavam, não é? As roupas de metálica e essas coisas, mas agora a nível de profissão não sei, sinceramente.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº16

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₅

Ent. – Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₅ - Sim, a Maria foi minha aluna em Ciências Naturais e acho que foi do 7º ao 9º.

Ent. – Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₅ - Eram evidentes alguns constrangimentos a nível psicológico. Haveria ali algum constrangimento a nível psicológico e mais tarde ela...se bem me lembro foi identificada uma necessidade educativa especial, mas eu não consigo precisar qual é que era. Mas era muito ansiosa nos testes, era muito ansiosa em situações de avaliação...

Ent. – Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₅ - Nas aulas ela não era muito participativa, embora decorressem tranquilamente, em momentos de avaliação em que ela soubesse que havia ali uma avaliação aí sim as coisas tornavam-se mais complicadas. Portanto, ela era capaz de falhar em coisas que ela no dia a dia corresponderia normalmente.

Ent. – Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₅ - Essa parte não. Recordo-me que ela procurava o apoio dos professores, nomeadamente eu acho que havia um ou 2 professores ou professoras que ela procurava mais, mas eu não me lembro exatamente quem é que eram. Talvez a diretora de turma...pouco mais...

Ent. – Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₅ - Tranquila. Ela estava sentada, isso lembro-me claramente, ela estava sentada na primeira carteira, ela era grande e estava à frente e estava mesmo na primeira carteira, portanto encostada à janela, e era uma aluna tranquila, a uma aluna que não perturbava as aulas, acompanhava, não era muito participativa. Uns dias mais alegre outros menos. Tranquilo, portanto, era um comportamento tranquilo.

Ent. – Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₅ - Com os pares o que eu me lembro ela não tinha uma grande relação. Portanto havia muitas dificuldades nas relações com os pares. Acho que havia uma aluna

que eu me recorde, também com alguns problemas do foro emocional, de quem ela se aproximou mais no último ano, penso que no 9º, ela fez uma alteração no comportamento e no vestuário dela...lembro-me que a certa altura até me metia com ela pelas caveiras nos anéis e pela roupa preta, ok? Mas pronto, ela assumia que gostava e a coisa foi tranquila. Portanto, não havia uma boa relação com os pares, eu acho que ela não era uma miúda muito extrovertida. Com os adultos, ela procurava muito eu quase que diria o apoio do adulto, a conversa do adulto, o reconhecimento por parte do adulto. Ok?

Ent. – Como era a relação que ela tinha consigo?

P₅ - Era tranquila. A relação foi evoluindo ao longo dos anos em que ela foi minha aluna a relação foi evoluindo, foi-se tornando mais próxima. Agora...era preciso saber chegar à Maria, era preciso falar com a Maria, era preciso conseguir lá chegar... mesmo, mesmo na reta final já quando ela estava a terminar o 9º ano, já era uma miúda que procurava o abraço, um carinho no final da aula, lembro-me quando se foi embora ia triste...pronto, quando terminou aqui o 9º ano ia triste...muitas saudades e chorar...e...essa ficou marcada...agora de resto era uma relação tranquila, portanto, ao longo dos anos foi evoluindo, foi-se tornando mais afetiva, mas foi tranquila ao longo dos 3 anos.

Ent. – Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₅ - Não usava estratégias diferentes com a Maria, o que eu fazia em aula era sempre um reforço positivo, portanto estar sempre, não a questioná-la, mas a dizer...a puxar por ela e a falar com ela. A única coisa que eu fazia de diferente era a nível dos testes. Os testes dela tinham algumas adaptações nomeadamente em termos de tipologia da pergunta, que eram mais simplificadas, mais diretas e eu acho que na parte final tinha já ali umas adaptações...mais curtos...mesmo só. O resto o que eu fiz, fazia uma avaliação diferenciada do trabalho que ela fazia, fazia uma avaliação diferenciada, mas nunca tive grandes problemas. Nós fazíamos relatórios. Eu lembro-me que nos relatórios ela começou com grandes dificuldades e a pouco e pouco foi superando essas dificuldades, mas era mais pelo reforço positivo...era mais “tens que corrigir isto, tens que corrigir aquilo...”, “este está melhor que o anterior” ...mais por aí.

Ent. – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₅ - Pois não sei. Isso é quase como jogar no totoloto. O que eu sei da Maria, que depois do pouco contacto que fui tendo com ela, é que ela gosta muito de fotografia e que se apaixonou por essa área e, portanto, provavelmente é uma área que ela irá enveredar. Não a vejo a fotografar casamentos e batizados, mas se calhar vejo-

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

a a fotografar arte, a fazer fotografia mais estilizada, portanto, mais na área da arte do que propriamente no social.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº17

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₆

Ent. - Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₆ - Sim. A Maria foi minha aluna no 7º ano, na disciplina de português.

Ent. - Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₆ - Não. Assim especificamente não. Já foi para aí há 4 ou 5 anos atrás, já não me lembro.

Ent. - Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₆ - Só me recordo das dificuldades que ela tinha a português. Ela tinha dificuldades em se exprimir, principalmente na oralidade. E isso depois refletia-se também na parte escrita. Portanto ela era muito sintética e não era muito motivada para trabalhar.

Ent. - Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₆ - Fora da escola não me lembro de ninguém. Lembro-me que na altura o diretor de turma tentou arranjar uma técnica especializada para ela ir, não sei se era já do GAAF nessa altura, ou se ainda era a nossa psicóloga, e ela tinha sessões para tentar trabalhar essa sua timidez.

Ent. - Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₆ - Sim, era uma miúda muito calma, muito tranquila e muito introvertida.

Ent. - Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₆ - Com os adultos só sei aquilo que se passava comigo. Portanto, ela ficava sentada logo ali na primeira mesa, logo ali à frente, e pronto, e era assim sempre muito tranquila a falar comigo. Com os pares, eu não tenho ideia nenhuma dela ter tido algum conflito, mas também não era social.

Ent. - Como era a relação que ela tinha consigo?

P₆ - Já acabei de responder, não é? Era muito professor-aluno, mas sempre numa base de...depois de ela deixar de ser aluna, porque ela ficou retida, não acompanhou a turma, e eu deixei de ser professora dela, ela continuava a cumprimentar-me, mesmo quando vem à escola vem visitar-me. Temos então comunicado também por outras vias, nas redes sociais e, portanto, ela continua muito afável, sempre..., às vezes até tenho a sensação que ela é muito carente e que gosta muito deste...deste carinho que ela tinha aqui. Não sei se a colega tem o mesmo..., ela sempre foi muito agarrada a nós.

Ent. - Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₆ - Não era nada assim de extraordinário, diferente dos outros. Portanto, ela tinha o seu apoio, podia ter um trabalho de casa para colmatar algumas dificuldades assim mais específicas a nível da escrita, tentava que ela fizesse as apresentações orais, mas aí era muito difícil...não tive assim nada de extraordinário com ela.

Ent. - Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₆ - Eu acho que ela irá ter sempre algo afazer na parte social para os outros também. Acho que o facto de ela provavelmente sofrer fará com que ela queira ajudar os outros. Eu acho que ela vai ser uma rapariga de sucesso e acho que aquilo que a afligia que era muito a sua aparência física, ela vai acabar por ser disfarçada ao longo do tempo, quando ela crescer e for uma adulta. Porque aquilo que ela sentia na altura, que era já ser diferente dos outros porque era muito mais desenvolvida, porque o corpo dela era muito mais desenvolvido, ela no futuro já não vai ter esses problemas, portanto, vai ser uma rapariga perfeitamente normal. Pode ser mais alta que outras, mas a diferença que ela tinha para os miúdos daquela altura de 7º ano, isso vai-se desvanecer ao longo da vida dela na idade adulta. Uma profissão, eu acho que ela vai enveredar por algo que tenha a ver com fotografia, mas isso é porque a conheço.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº18

Transcrição da entrevista aos professores da maria – P₇

Ent. - Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₇ - Geografia no 9º ano de escolaridade.

Ent. - Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₇ - Essa não me lembro.

Ent. - Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₇ - Em termos de concentração e de aprendizagem.

Ent. - Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₇ - Agora não me recordo qual é que teria sido o professor. Lembro-me que ela tinha assim uma ligação mais próxima junto de alguns professores.

Ent. - Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₇ - Ela tinha bom comportamento, embora por vezes estivesse alheada na sala de aula.

Ent. - Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₇ - Ela em termos de respeito, ela respeitava tanto os seus pares como os adultos. Por vezes dava-me ideia que se isolava relativamente aos pares. Com os professores dava-se muito bem e o mesmo com os funcionários.

Ent. - Como era a relação que ela tinha consigo?

P7 - Tinha uma boa relação com ela.

Ent. - Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P7 - Seria mais um ensino individualizado. Explicar-lhe alguns aspetos que ela não entendia bem.

Ent. - Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P7 - Eu sei que ela atualmente está a seguir fotografia, portanto, e acho que é de facto uma via adequada ao perfil desta aluna.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº19

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₈

Ent. – Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₈ - Sim, sim. foi minha aluna a francês. Já não me recordo bem o ano, mas sei que foi minha aluna a francês e tivemos uma relação muito próxima, muito direta. Além de professora também fui confidente, amiga, por aí adiante.

Ent. – Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₈ - Sim. Ela tinha NEE. Tinha dislexia, portanto, não coordenava bem as ideias aquando da escrita também, e bloqueava muito frequentemente nos testes. Foi-lhe dado um tempo suplementar para os fazer, fazia testes especiais de acordo com a problemática que apresentava e pronto, e assim lá foi alcançando as competências mínimas e os conhecimentos básicos para a progressão.

Ent. – Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₈ - Já referencieiei, pronto...

Ent. – Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₈ - Sim, a diretora de turma, a professora Helena Barroso. Pronto, eu também acho que contribui para que ela se tornasse uma miúda mais aberta, porque ela era..., não exteriorizava por vezes aquilo que tinha, aquilo que sentia, e tivemos assim frequentemente conversas, pequenas conversas nos intervalos, sobre problemas...situações que a afetavam e que punham em perigo também o seu sucesso aqui escolar.

Ent. – Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₈ - Ela era uma miúda sossegada, calada, pouco participativa. Precisava de estímulos constantes positivos, para conseguir ter uma participação um bocadinho mais valorizada. Portanto, era uma miúda que se menosprezava a si própria, tinha um complexo de inferioridade muito grande, a autoestima sempre muito em baixo. Portanto, eu tentei sempre através de pequeninos estímulos, não é? dizer vá tu consegues mais, estás a ver...agora tiveste boa nota...eu sei que consegues. Até nos testes eu referenciava: vá consegues, tiveste ainda agora esta nota, mas consegues, estuda mais um pouquinho e consegues...portanto, foram pequeninas dicas que fui tendo com ela nas conversas que penso que contribuíram para o seu sucesso e para que ela seja aquilo que está a ser agora, porque também vou tendo conhecimento dela.

Ent. – Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₈ - De forma um bocadinho...ela interagia bem, só que por vezes...ela não se abria muito com os professores e com os colegas tinha assim um grupo de amigos muito restrito. Ela dava-se com 2 alunas minhas também, a Joana e a Mafalda, que eram 2 meninas que a apoiavam também muito e que lhe davam muita força. Mas constantemente ela, a Maria, dizia constantemente “pois vocês conseguem, mas eu não consigo” e elas próprias também diziam “oh Maria tu consegues, tu vais estudar mais um bocadinho, não vês que a professora está a fazer isto...e aquilo e aqueloutro...” e ela pronto, lá foi...com reforço e nos intervalos, com muita conversa, muito beijinho, muito carinho, muito...porque era o que ela precisava também para ela é disso.

Pronto, sempre como já referi com muito complexo de inferioridade. Sempre com aquela sensação de que não consegue, e que não consegue superar e que ela é sempre a pior e que...pronto. No 7º ano, isto foi um bocadinho mais grave. No 8º ano melhorou e no 9º ano acho que ela já era um bocadinho, uma pessoa um bocadinho mais segura, mais confiante nela, já buscava, procurava mais as pessoas, porque ela isolava-se um bocadinho às vezes nos recreios, nos intervalos, via-a assim às vezes isolada ali ao pé da porta, e às vezes perguntava “então Maria não estás com as tuas colegas?” “ah elas estão a fazer outras coisas”, “mas oh

Maria, mas fala com elas, está com elas...”, “oh stora elas estão lá a fazer outras coisas não tenho nada a ver com aquilo...”, pronto, ela isolava-se. Sentia-se um bocadinho diferente, à parte, pronto, mas penso que isso também está a ficar bem melhor, não é?

Ent. – Como era a relação que ela tinha consigo?

P₈ - Muito boa relação. Tínhamos uma relação muito próxima, além de professora ela confiava muita coisa da sua família, dos seus interesses, das suas amarguras, relativamente ao irmão, à família, eu perguntava muitas vezes “estão mas a tua família apoia...”, “sim stora, ela apoia , mas eu que, ó stora eu não consigo, mas eu não consigo, eu já sabe que eu não sou capaz” e eu dizia “és capaz”, portanto ela abria-se muito sempre neste sentido de não ser capaz, de não conseguir, e eu uma vez disse-lhe “olha tiras o não da tua boca. Tu és capaz. Tiras o não és capaz não existe. És capaz”, e ela às vezes até escreve no Facebook sim, sou capaz. E escreve capaz com letra maiúscula porque se lembra dessa situação. A relação era boa realmente, é uma amizade que ficou e que agora ela é um bocadinho mais velha, já compreende essa força que eu lhe dei, penso eu, penso eu, que eu sei que isso é efetivo.

Ent. – Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₈ - Através de estímulos positivos de muito carinho. Disponibilidade para a ouvir. Tínhamos uma empatia muito grande. Eu penso que ela simpatizava muito comigo e com a diretora de turma e isso facilitou também a nossa aproximação. Pronto, também era uma turma muito boa, muito unida. Os miúdos ajudavam-se. Tentavam ajudar, a problemática dela é que a fez isolar um bocadinho. De qualquer maneira, como já referenciei, ela foi aqui tratada na escola quer pelos professores, quer mim em particular, acho que foi bem tratada, bem encaminhada e por isso é que ela aí volta que não volta aparece aqui na escola com muitas saudades dos professores daqui da Ruy Belo, e por vezes, e procura muitas vezes professores que se calhar a marcaram um pouquinho mais. Constantemente ela procura a professora Helena Barroso, a professora Graça também lhe deu muita força, a professora Graça

Garcia, também lhe deu muita força na altura, e eu também. Nós somos...nós trabalhamos no Facebook as duas. Temos conversinhas no Facebook, nada de muito relevante, mas sentir que há uma voz amiga que está ali para a apoiar, para a ouvir, pequenas conversas, mas que para ela é muito importante.

Ent. – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₈ - Ela está agora muito ligada à fotografia e eu penso que ela tem uma profissão mais ligada para as artes, mais para o exterior. Ela tem tido até umas notas, segundo aquilo que ela me vai dizendo, umas notas algo razoáveis, claro que nas disciplinas onde precisa de escrever muito ou de desenvolver ideias, ela vai tendo um bocadinho mais de dificuldades, mas a postura dela já é completamente diferente. Quem a ouve agora num 10º ano, num 11º é completamente diferente da postura que ela teve no 7º, no 8º no 9º. Ela cresceu e além de ter crescido também penso que todas aquelas dificuldades que ela manifestava também se foram diluindo ao longo do tempo. Penso que ela vai ter algum sucesso se ela escolher, se for bem encaminhada pelos profissionais que a vão ajudar a encaminhar para a sua profissão, eu penso que ela vai ter um futuro assim algo bastante feliz. Acho que não vai ser um adulto infeliz. A Maria gosta muito de desporto também. Penso que a fotografia, o desporto, a psicologia também porque ela gosta muito de ouvir as pessoas, de saber dos problemas das pessoas para se comparar, para, sei lá, para talvez ver até a pequenina evolução que ela tem feito, ou pequena ou grande evolução que ela tem feito, como ela era e como ela está. Porque ela consegue perceber isso. Eu por vezes digo-lhe assim “estás a ver como é que tu eras? Eras assim”, “oh stora que horror, era mesmo assim?” “eras filha, eras mesmo assim. Pronto, mas estás a ver...isso já tudo mudou, não é?”, pronto, penso que entre a fotografia, a psicologia, o desporto, algo que...tem que ser algo ligado para o exterior, porque nada de interiorizar...um gabinete...não me parece que ela tenha apetência ou tenha até..., a sua personalidade seja para aí, porque isso vai contribuir para ela se fechar, até como adulto, não é? Eu penso que ela tem necessidade de se abrir agora. O facto só de ela vir à escola, à procura de gente

para falar, para conversar, portanto isso já é um bom indício de que ela está realmente a evoluir na sua problemática.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº20

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₉

Ent. – Lembra-se de uma ex-aluna chamada Maria ----? Recorda-se em que ano de escolaridade foi sua aluna? A que disciplina?

P₉ - Sim, lembro-me bem da Maria até porque a Maria continua a vir visitar-nos com alguma regularidade. Ela foi minha aluna do 7º ao 9º, portanto, esteve comigo 7º, 8º e 9º, no 8º e no 9º fui diretora de turma dela. E lecionei sempre a disciplina de francês, ela foi minha aluna sempre na disciplina de francês.

Ent. – Ela tinha uma problemática. Lembra-se qual era?

P₉ - A Maria chegou-nos com PEI, portanto veio com uma problemática identificada de dislexia. Era seguida pela EE e tinha Apoios Personalizados a 3 disciplinas: Português, Matemática e Inglês. Mas a problemática dela tinha a ver com dislexia.

Ent. – Recorda-se de quais eram as suas principais dificuldades?

P₉ - Devido à problemática as principais dificuldades eram mesmo ao nível da escrita sobretudo. Da leitura, da escrita, interpretação escrita...tudo o que estivesse impresso e escrito, porque oralmente nós muitas vezes, eu e a professora de Português consertávamos algumas estratégias e quando os questionários eram orais e nós tínhamos a possibilidade de lhe explicar com um vocabulário mais acessível, víamos que a Maria respondia acertadamente e sabia a matéria. Na interpretação escrita e depois na expressão... na interpretação, na compreensão e na expressão escrita era onde nós detetávamos realmente as suas dificuldades. A Maria tem realmente também uma resistência...não se adapta com muita facilidade aquilo que é novo. E isso provoca-lhe grandes crises de ansiedade.

Ent. – Recorda-se de quem a ajudou a superar essas dificuldades? De alguém que era importante para ela?

P₉ - Eu penso que aqui na escola, eu acho que houve várias pessoas aqui que foram muito importantes na vida da Maria e no seu percurso escolar. A nível de professores foi muito importante a professora de Português, ela ainda hoje tem uma adoração pela professora de Português e com razão, porque a Maria José acompanhou-a imenso e foi a Maria José, e penso que foi sempre a Maria José que lhe deu sempre os Apoios Personalizados,

portanto, ela tinha Apoio com a professora na aula, a professora curricular e depois era acompanhada por ela também nos Apoios Personalizados, portanto, ela tinha uma relação muito especial com a professora de Português, com a professora Maria José Barroso, que era a professora de EE e pronto, não sei se fica muito bem dizer mas tinha uma relação especial comigo, com a DT. Nós ficamos com uns laços muito especiais, conversamos muito, muitas horas fechadinhas, às vezes, a conversar, as duas, sobre variadíssimos assuntos, mas que penso que também foi importante para ela. Ela dava-se muito bem também com as funcionárias. Houve aqui assistentes que foram importantíssimas e que deram grande suporte à Maria, ainda hoje quando ela vem cá é beijinhos e abraços, é muito bem recebida sempre. E a nível da turma tinha um núcleo ali de 3 alunas, que eram muito boas alunas e que foram grandes suportes para a Maria, foram uma ajuda muito grande para a Maria, ainda hoje elas são amigas, às vezes a Maria vem cá visitar-nos tanto sozinha como com elas.

Ent. – Recorda-se de como era o comportamento dela?

P₉ - A nível de atitudes e de comportamento não tínhamos nada assinalar, a Maria era exemplar dentro da sala de aula, às vezes até pecava por falar pouco se é que se pode dizer. Às vezes nós gostaríamos que ela fosse mais participativa e que interviesse um pouco mais e ela era mais tímida. Também notávamos que a nível da contribuição para a aula notávamos que os 90 minutos era demasiado, as aulas de 90 minutos era demasiado tempo para ela. Ela não perturbava, mas nós tínhamos a nítida consciência que a determinada altura ela já tinha desligado, era muito tempo.

Ent. – Recorda-se de como ela interagia com os pares e com os adultos?

P₉ - Eu sempre achei que a Maria era mais madura do que o resto da turma e portanto, achei sempre que ela interagia com mais facilidade com os professores do que com os colegas e com os seus pares se bem que este núcleo de estas 3 ou 4 meninas que acompanharam a Maria ao longo de muitos anos e que...com este grupo ela estava muito à vontade e dava-se muito bem, mas não era uma aluna que interagisse facilmente ou que facilmente se integrasse em grupos novos ou que fosse muito popular e quando ela sentia que precisava ali de um reforço ou de uma conversa, era a nós que ela procurava, procurava era os professores e não os colegas.

Ent. – Como era a relação que ela tinha consigo?

P₉ - Eu como DT e sendo a Maria..., é assim, eu herdei a DT no 8º ano, embora eles já tivessem sido meus alunos no 7º, mas não fui DT deles no 7º. Portanto, quando cheguei ao 8º ano e herdei a turma, já conhecia a Maria já sabia da problemática dela e portanto, era a única aluna de EE da turma e portanto, isso fez com que eu estudasse logo o processo todo e lesse a documentação e também estivesse sempre mais atenta à Maria, depois a Maria é muito afetuosa e isso é uma característica que a mim também me toca muito, porque eu também acho que esta profissão é uma profissão de afetos, tem mesmo de ser. E portanto, nós realmente desenvolvemos ali uma relação muito próxima, muito dela saber que podia contar comigo para conversar, para ajudar e eu também fiz questão sempre de que ela soubesse isso e fiz questão de estar presente e muitas vezes quando ela estava muito..., ela houve alturas em que baixou ligeiramente o seu nível e as notas e estava..., queria desistir “e já não consigo, e eu não consigo” e portanto, o meu papel foi também contrariar essa atitude, dizer “não, ouve, não há impossíveis, é claro que tu consegues, tu consegues. Nós estamos aqui para ajudar e tu consegues, tem a ver com a tua força de vontade e com o facto de tu queres ir mais longe”. Portanto, eu acho que eu desenvolvi com a Maria realmente uma relação que vai um bocadinho além do que é habitual dentro da sala de aula professor/aluno. Também penso que é por isso que ainda continuamos ainda hoje a conversar muito, pronto, a trocar muitas mensagens, ela vai-me mantendo a par do percurso dela das notas dela. Ficou realmente essa...ficaram esses laços.

Ent. – Como é que trabalhou com ela, que estratégias usava com ela?

P₉ - Eu trabalhei com a Maria em 2 vertentes diferentes. Pronto, trabalhei com ela bastante a nível da disciplina de francês, pronto, sempre procurando dar-lhe este incentivo, muitas vezes para que a nota dela não fosse tanto a percentagem do teste, ou a nota do teste. Muitas vezes lhe dava temas para pesquisar, ia ter com ela à biblioteca para ver se ela precisava de ajuda e ela ia fazendo trabalhos à parte para complementar mais o trabalho da aula e a nota dos testes, portanto a esse nível trabalhei muito vocabulário, muito texto truncado, muito...porque depois tínhamos que adaptar também estas estratégias para o problema dela da dislexia fosse contornado. Espantosamente ela dizia-me que escrevia melhor e lia melhor em francês do que em Português, mas pronto, isso tem a ver com o facto de ser uma disciplina também de iniciação de língua, é uma disciplina muito simples, os 3 anos são elementares e, portanto, ela também conseguia atingir os objetivos. Depois trabalhei com ela noutra perspetiva, porque muitas vezes na hora de

direção de turma sempre que ela não tinha aula lá aparecia a Maria para conversar um bocadinho, portanto, trabalhamos também um bocadinho a este nível de conversarmos muito sobre tudo, às vezes sobre os amigos, sobre a família, sobre o futuro dela, sobre os sonhos dela, sobre aquilo que ela gostaria de fazer no futuro...e eu acho que na nossa profissão realmente as coisas têm que andar...é uma junção das duas, nós fazemos muitas vezes não é só o papel de transmissor de conhecimentos ou de professor, fazemos muitas vezes também este papel de...sei lá como é que lhe chame...de psicóloga, de assistente social, amigo. Mas eu acho que tem que ser mesmo. Eu volto a reforçar, eu acho que a nossa profissão tem que ser necessariamente uma profissão de afetos. Antes de gostar da disciplina, de se interessar pela disciplina está lá a pessoa e pronto, com a Bia foi assim.

Ent. – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₉-Ah, pois, eu neste momento eu imagino muito bem, até porque vou tendo contacto com ela, portanto, ela está muitíssimo feliz no seu Curso Profissional de Fotografia e ela tem, eu acho que ela tem uma habilidade inata, eu tenho visto trabalhos dela que são maravilhosos e portanto, eu imagino perfeitamente o futuro dela como fotografa, imagino. A minha luta agora é que ela quer acabar o Profissional e quer tentar trabalhar primeiro e portanto, andamos aqui...e eu não a quero deixar desistir. Portanto, já marquei com ela um encontro para irmos fazer uma visita ao IADE, porque o IADE tem um belíssimo curso de fotografia. Tenho a filha de uma amiga minha que tirou o curso e sei realmente que está muito bem feito e muito bem estruturado e portanto, vou tentar que ela vá para o IADE e que vá tirar a licenciatura em fotografia, vamos ver. Mas é claro que ela é que vai ter que tomar essa decisão. Ela às vezes precisa de uma motivação, por exemplo, eu disse-lhe assim “ok, tudo bem, então, não queres tirar curso superior, ótimo, pronto, então e ires só fazer uma visita comigo? Ainda por cima a minha filha estudou lá eu até conheço algumas coisas, até podemos pedir à minha filha que vá connosco, sem compromisso nenhum, vais só conhecer, ver os laboratórios, ver os estúdios, o material todo que eles têm de fotografia, nós podemos fazer isso, pedir autorização e fazer isso” e ela disse imediatamente que sim, portanto, para mim foi muito bom sinal. Ela dizia “ai não, quero ir trabalhar. Quero ir trabalhar como freelancer, não quero...” e depois eu disse assim “não queres ou tens medo? Uma mulher adulta com medo?”. Mas ela vai lá e vai ver porque eu comprometi-me e faço, portanto, temos o encontro agendado. Ela agora ainda vai para o último ano e vai ter que fazer depois a PAP, portanto, combinamos mais ou menos em abril/maio do ano que vem. Eu telefono para lá e depois, e fazemos a visita. É assim, pelo menos ela fica a

conhecer o local e as instalações e tenho lá uma amiga na secretaria a Elisabete, vou-lhe apresentar a Elisabete. Se ela realmente depois for aquela a decisão dela, quando for já tem referências, já não é completamente novo.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº21

Transcrição da entrevista aos professores da Maria – P₁₁

1 – Teve este ano letivo uma aluna chamada Maria ----?

P₁₁ - Sim estive.

2 - Há quanto tempo é que é sua aluna?

P₁₁ - Foi só este ano letivo. Portanto, só a conheci este ano.

3 – Ela tem uma problemática. Sabe qual é?

P₁₁ - É dislexia.

4 - Qual é que é a disciplina que leciona?

P₁₁ - Matemática.

5 – E ela mostra algumas dificuldades na matemática?

P₁₁ - Mostrou. Especialmente em termos de compreensão dos enunciados. Portanto, essa foi a grande problemática da Maria. Associada depois à rejeição na resolução dos exercícios.

6 – Desde o início do ano até ao final do ano, notou ali alguma evolução?

P₁₁ - Notei, embora é assim, como no Curso Profissional eles têm os módulos, não é? o primeiro módulo era geometria, mais complexo, com enunciados que era preciso interpretar, portanto, ela teve bastantes dificuldades nesse módulo. O segundo módulo que é jogos e matemática que é um módulo prático, a Maria não teve qualquer dificuldade, pelo contrário, foi uma evolução muito positiva porque ela pode por a imaginação dela a trabalhar porque essencialmente é quebra cabeças, jogos e isso ela gostou muito e empenhou-se bastante. Foi uma aluna que...

7 – Reparou, tem noção de alguém que tivesse sido muito importante para ela na turma ou na escola, alguém a quem ela recorra?

P₁₁ - Eu só tinha 2 horas com ela de matemática. Embora ela tenha especialmente alunas, algumas colegas com quem ela se desse bem em termos de aula de matemática ela não se apoiava em ninguém, isolava-se bastante. E muitas vezes preferia até trabalhar sozinha, inclusivamente os trabalhos de grupo, ela preferiu os fazer sozinha. Tirando um ou dois que eram em aula porque eram divididos em postos, tudo o que era de opção ela preferiu trabalhar sempre sozinha.

8 – E o comportamento dela?

P₁₁ - Em termos de sala de aula era uma aluna normal. Não é participativa por iniciativa, não é? Mas não dá qualquer problema, comigo pelo menos não me deu chatice nenhuma. Impecável. muito discreta. A turma era pequenina, eles são 13, e de certo modo eu aqui também fiz sempre muita questão, nestes profissionais eu faço muita questão deles participarem muito na aula e quando eles não participam por eles eu chamo-os e pergunto e portanto, ela ia interagindo, mas se calhar se eu não perguntasse ou se a turma fosse um bocadinho maior era capaz de ser uma miúda que passava completamente despercebida e às vezes podia até nem eu dar por ela.

Mas quando lhe perguntam...

P₁₁ - Ela participa, sem problema nenhum, muitas vezes “ok” não sabe fica com aquele ar de pânico “vá Maria tenta lá qualquer coisa” e pronto, e quando se puxa e ajuda um bocadinho..., mas ela participa, portanto. E acho que também houve aqui uma empatia comigo que de certo modo também poderá ter ajudado, e ela percebeu que ali estava um bocadinho à vontade, nunca fui muito...e isso se calhar ajudou, mas com ela e com eles, porque quase todos..., portanto, tinha mesmo que ser assim.

9 - Mas nota que ela interage melhor com os pares ou os adultos?

P₁₁ - Com os adultos. Acho que ela interage muito melhor com os adultos. Portanto, inclusivamente há uma situação, não tem propriamente...mas na última aula que nós fizemos, não foi aula portanto, era para cumprir os tempos e fizemos uma festinha e foi curioso porque eu estive muito tempo a falar com ela e ela esteve-me a contar das

fotografias que faz e de coisas...um bocadinho isolada do resto do grupo. Pronto, e esteve muito tempo ali a falar comigo. Procura mais os adultos do que os pares.

10 – Usaram estratégias diferentes com ela?

P₁₁ - Não senti grande necessidade disso, portanto, a única estratégia assim mais diferenciada foi exatamente uma participação que eu incidia mais para ela participar oralmente, porque já sabia que na parte escrita ia ter ali alguma dificuldade, mas, portanto, apliquei exatamente os mesmos instrumentos de avaliação, tudo, a única coisa foi incidir um bocadinho mais na participação oral.

11 – Tendo em conta as características da Maria, como acha que vai ser o seu futuro? Que profissão imagina que ela possa vir a ter?

P₁₁ - Qualquer coisa relacionada com artes. Portanto, a parte artística para ela, possivelmente a fotografia. Ela também me pareceu que gostava bastante de desenhar, portanto, qualquer coisa que tenha a ver com desenho, designe qualquer coisa assim. Sim. e acredito que o que ela for fazer tem que ser uma coisa que ela goste muito. E ela gostando vai-se empenhar a 100%, porque acho que é uma miúda que quando gosta leva...é capaz de mover o mundo, se não as coisas vão-lhe correr um bocadinho mal. Mas vejo-a muito nessa área, imagem, qualquer coisa relacionada com imagem, portanto, possivelmente a fotografia, a arte, qualquer coisa com arte, portanto, ainda não sei muito bem o que ela...,mas vejo-a por aí.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº23

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₁)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Desde o ano passado, quando ficamos na mesma turma. Conheci-a só no ano passado quando entramos para esta escola.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

Desde o ano passado para este ano ela tem-se dado mais com a gente, fala mais...ela antes era mais de estar no seu canto. Começamos a dar-nos mais com ela, ela começou a falar mais.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Está no seu canto. Às vezes está na sua, assim no mundo dela, às vezes está com atenção, depende, depende dela.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

Educada. Não trata mal ninguém. Acho que tem uma boa relação.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Agora temos dado...por exemplo, ela costuma estar comigo mais umas raparigas que estão ali, lá está...desde o ano passado para agora, ela agora tem estado sempre mais no nosso grupo. E agora acho que somos mais unidos do que eramos no ano passado. O ano passado eramos mais grupos. Agora não, começamos a dar-nos todos mais. Os rapazes é que estão sempre no grupo deles. Mais de resto, acho que está praticamente sempre com a gente.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº24

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₂)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Eu conheço a Beatriz há quase 2 anos. Quando entramos no curso. Eu já era aluna desta escola. Conhecia só duas pessoas da turma.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

Então, a relação que ela tem com os colegas não é aquela relação muito íntima...há relações mais próximas entre colegas. Mas acho que se dá na maioria bem no geral. Acho que ela o ano passado não aceitou muito bem a mudança, porque pronto, é normal, ela chega aqui e não conhece ninguém...mas este ano acho que ela se enquadrou mais e integrou-se ali mais com o grupo e acho que sim, que ela melhorou também por causa disso, por se ter envolvido connosco, acho que sim. acho que foi bom para ela.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

É reservada. Ela é calma. Fica ali muito no cantinho dela. Às vezes falamos, o normal. Dependendo das aulas também, as técnicas é a aula em que nós convivemos mais, porque fotografamos e andamos por aí, mas ela é calma, é muito reservada. Acho que ela este ano empenhou-se mais um bocado.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

É boa. É pacífica, respeito, pronto.... É uma pessoa coerente.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Sim. o ano passado não eramos muito próximos, mas este ano sim, damo-nos todos bem. Entre turma, somos unidos, ajudamo-nos uns aos outros, e quando ela precisa nós falamos e desabafamos e assim...

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº25

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₃)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Dois anos, acho eu. Na entrada do curso. Eu já era aluna desta escola. Só conhecia 3 alunos da turma, depois conheci os outros no ano passado.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

Ela no início andava assim connosco, mas andava mais com a Tatiana e a Zulmira. Ela agora este ano é que começou a dar-se mais connosco e...eu acho que ela até dá-se bem. Às vezes ela tem lá os problemas dela e fica num canto...mas por norma ela dá-se bem com toda a gente. Do ano passado para este ano ela começou a falar mais e a enturmar-se mais com a turma, eu acho que foi porque ela no primeiro ano estava assim mais com receio...não sei, mas este ano ela está melhor.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Nas aulas eu acho que ela não costuma perguntar. Ela guarda para ela e deixa estar e tenta resolver sozinha. Eu acho que ela é uma pessoa que não aceita muito...não quer muito a ajuda, uma coisa assim...que ela precise assim...ela quer ajuda, mas não quer pedir ajuda. Acho que ela seja mais assim, de ficar calada e de deixar estar.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

Ela lida bem. Nunca a vi tratar mal ninguém ou não falar com alguém...

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Ela agora anda connosco, com todos, com a turma inteira. Só tem uma miúda que tem mais um problema geral, mas pronto, ela nem está aqui hoje, por acaso. O nosso grupo é mais esses que estão aqui. Costumamos andar todos.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº26

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₄)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Há um ano. Quando entrei para esta escola. Eu já era daqui, mas era de outra turma, era de uma turma de turismo, só que depois a meio do ano mudei para fotografia.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

É boa. Às vezes ela isola-se um bocado, mas não arranja confusões. É uma pessoa tranquila.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Agora coloca mais. Antes isolava-se de fazer as perguntas etc., mas agora já pergunta mais e já esclarece as dúvidas dela. Ela evoluiu.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

Ela é educada. Que eu saiba, que eu tenha visto ainda não faltou ao respeito a ninguém. Eu acho que ela fala mais à vontade connosco que com os adultos.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

No início quando eu fui para a turma eu não falava muito, não é..., mas ela andava com 2 raparigas da turma. Agora para o final do ano o grupo já é maior, já andamos todos, já falamos todos juntos, já andamos todos juntos.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº27

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₅)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Nós começamos todos a falar logo no primeiro dia de aulas. Toda a turma juntou-se logo toda para falar e pronto, a Bia juntou-se logo a mim, à Zulmira e ao Tiago. No ano passado, no primeiro ano.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

Ela tipo, ao início ela é assim um bocado tímida, mas ganhando confiança ela já é assim mais aberta. Isso é bom.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Acho que depende um bocado das disciplinas. Também é consoante as dificuldades dela. Acho que ela se calhar retrai-se mais m bocado talvez por medo ou vergonha, mas se a gente puxar e isso...ela é esperta. Ela também...às vezes ela, a gente senta-se ao pé dela ou ela ao pé da gente...se ela não conseguir tirar dúvidas com a stora...se for matemática ou Físico-química por exemplo, eu acho que ela desiste, porque é difícil. Mas se gente se entrar na brincadeira como se aquilo fosse um jogo ela até alinha e trabalha. Se a gente entrar naquilo como um jogo ela entra, tanto que às vezes na brincadeira digo assim “oh Bia isto é um jogo...”, mas é só nessas disciplinas, tirando isso...é contas...

4 – Como é a relação dela com os adultos?

Eu acho que ela se calhar abre-se mais connosco que já tem mais confiança do que ...por exemplo, com um professor qualquer nosso... por exemplo, ela é capaz de falar mais connosco ou por exemplo com uma contínua que nós temos cá que é a D. Fátima, do que se calhar com o nosso diretor de curso a pessoa se calhar não lhe dá tanta confiança para ela se abrir.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Quando começamos eramos só nós os 4. Agora este ano é que parece que ela abriu-se mais, tanto que a gente foi para o Alentejo e algumas das nossas colegas eram para ficar

na casa dela porque...em comparação ao ano passado acho que ela está mesmo muito melhor. Sim, mais aberta, mais na brincadeira com toda a gente também. Não é tanto no canto dela.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº28

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₆)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Conheço vai fazer agora 2 anos. Entrei nesta escola no ano passado. Vinha de uma escola básica de Monte Lavar.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

É boa, por acaso antigamente era um bocadinho difícil comunicar com ela, porque ela era uma pessoa muito fechada, ainda é, mas já não é assim tanto. Ela agora está mais aberta, já nos damos melhor. Antigamente era distanciado, era um em cada canto, ela era muito assim e continua a ser com outras pessoas, não connosco, dá para ver. Do ano passado para este ano houve uma grande diferença.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Sim. Ela por acaso antigamente não fazia tanto isso, ela, acho, que tem muito receio de fazer perguntas e das suas dúvidas, mas ela ultimamente tem feito algumas. Recorre mais aos colegas.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

É normal. É uma forma educada. Nuna foi de falta de educação nem nada.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Agora as coisas como estão diferentes, ela dá-se com a turma inteira, não é assim só um grupo. Damo-nos todos como entre aspas se pode dizer uma família. Acho que ela se sente agora mais confortável do que antigamente, para dizer a verdade.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº29

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C7)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Desde o ano passado, quando entramos na turma. Não era aluna da escola, mas conheço bem a escola porque a minha irmã anda cá, tenho uma irmã gêmea, e pronto, conheço bem a escola.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

A relação, acho que é uma relação vá...boa. Ela dá-se com toda a gente, ou pronto, a maior parte. Na turma dá-se com toda a gente, só há uma ou duas pessoas que se dá menos, mas pronto...de resto ela dá-se com toda a gente de igual forma. Fala mais com umas pessoas do que outras, mas...normal. Quando ela chegou era mais reservada, e agora...também, tem a ver com a nossa turma, também no ano passado eramos mais cada um para o seu lado, não eramos tão unidos e este ano estamos mais unidos. Então também abriu-se mais connosco e este ano está mais solta.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Não. Acho que não. Depende das aulas, mas a maior parte acho que ela fica com aquilo lá dentro e se tem alguma dúvida não pergunta, acho que prefere ficar sem saber ou perguntar depois a alguém que confie ou coisa assim. Deve...acho que tem, vá receio...depende também das aulas, mas acho que tem receio de perguntar. Pergunta mais facilmente a um colega o que ao professor.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

É uma relação normal. Dá-se como se dá com os amigos. Acho que é normal.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Ela agora este ano está-se a dar mais com toda a gente, mas pelo menos no primeiro ano do curso ela dava-se comigo, com a Tatiana, com o Tiago e era mais nós os quatro, pronto, falava com toda a gente, mas era mesmo nós os 4. Este ano ela continua-se a dar connosco, mas em vez de estar só connosco no intervalo passa com toda a gente e a gente

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

está muito mais solta. Ela este ano está-se a dar com toda a gente e...está mais solta, não está sempre com os mesmos. Fala com a gente de igual forma e é isso.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº30

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₈)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Desde que começamos o curso, no ano passado.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

No início era meio que afastada porque havia grupos. E ela era meio que isolada e não se dava assim, foi tipo que aos poucos ela agora começou-se a juntar mais. Mas antes era um pouco afastada. Talvez porque na turma alguns já se conheciam.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Acho que ela pede ajuda mais aos colegas. Ela quando fala, acho que fala no canto dela, não perturba a aula como alguns fazem...eu acho que não. É calma.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

É bastante respeitosa.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

Eu diria que ela tem uns amigos que tem mais intimidade, que fala mais sobre as coisas dela e depois tem aqueles que são, por exemplo como eu...que é os colegas de aula, que fala quando tem que falar...acho que é isso. Tem um grupo que fala mais, mas de resto dá-se com toda a gente. Achei que ela ficou mais social. Começou a entrar mais no grupo e isso...não foi aquela cena tão forçada...foi mais natural.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº31

Transcrição da entrevista aos colegas da Maria (C₉)

1 – Há quanto tempo conhece a Beatriz?

Desde o ano passado quando começou as aulas. Eu já era desta escola desde o 7º ano.

2 – Como é a relação que ela tem com os colegas?

Boa. Mas há uma que ela complica mais, que é a Tatiana. Não é a que teve a entrevista, é outra.

3 – Como é o comportamento dela nas aulas? Mostra-se reservada, coloca dúvidas? Mostra dificuldades? Fala sobre isso? A quem pede ajuda?

Se ela tiver dúvidas coloca, que eu costumo estar ao lado dela. Tanto coloca ao professor como ao colega do lado.

4 – Como é a relação dela com os adultos?

Normal. Não se porta mal, não fala mal com as pessoas. Nada.

5 – E quanto ao grupo de amigos? tem um grupo grande de amigos?

A turma toda menos a tal Tatiana. Dá-se com ela, mas não é a ligação que tem connosco. Mas só chocam as 2. Entre a turma houve uns pequenos problemas, no ano passado e este, mas já está resolvido. Ela está melhor do ano passado para este, no ano passado ela era mais...guardava só para ela, agora abre-se mais para as pessoas.

Obrigada pela colaboração

ANEXO Nº32

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

Autorização do Agrupamento de Escolas que a aluna frequenta atualmente, para consultar o Processo da discente



REPÚBLICA
PORTUGUESA

EDUCAÇÃO

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
ESCOLA SECUNDÁRIA I
Rua das Flores, 100 - 2700-133 Amadora
T: 21 30 00 00 00

DECLARAÇÃO

Para os devidos efeitos se declara que ILANIR JOÃO CARVALHO
esteve presente neste estabelecimento de ensino,
no dia 23/07/2018 das 10,30 h às 12,30 h, a tratar de assuntos relacionados com
Consulta do processo Individual e PIA de Aluna

Amadora 23 de Julho de 20 18

O Funcionário / O Professor



APÊNDICES

APÊNCICE Nº1

Guião de entrevista à Maria

Identificação.

O que se recorda de lhe contarem sobre a gravidez.

Quais são as primeiras recordações que tem.

O que recorda sobre a pré.

O que recorda sobre o primeiro ciclo.

Como se relacionava com os colegas.

Que dificuldades sentiu.

Como lidou com o facto de ter dislexia.

Como foi a reeducação da sua dislexia.

Como foi o seu segundo ciclo.

Como se relacionou com os colegas.

As dificuldades que sentiu.

Episódios marcantes.

Perguntar sobre a depressão.

Perguntar sobre os cortes.

Como foi a apoio que recebeu nas diferentes fases, se foi suficiente.

Como escolheu um percurso Técnico-profissional.

Como escolheu a escola atual.

Perguntar sobre o estágio.

Perguntar sobre a carta de condução.

Perguntar sobre o seu futuro.

A relação com o irmão.

Pessoas importantes para ela.

Perguntar sobre a superproteção parental.

APÊNCICE Nº2

Guião de entrevista à mãe da Maria

Identificação

Local de nascimento e de criação.

Sobre a sua infância.

Sobre a sua adolescência.

A sua escolaridade.

O seu trabalho.

Estado civil.

Sobre o conjugue.

Sobre a vida familiar.

Sobre a gravidez.

Comparar as gravidezes.

Sobre o acompanhamento na gravidez.

A infância da Maria.

Relações de amizade.

Relações familiares.

Sobre o primeiro ciclo da Maria.

Quando surgiram as dificuldades escolares da Maria.

Saber se na família, houve alguém com dificuldades escolares como as da Maria.

Saber se o irmão da Maria também apresenta dificuldades escolares.

Como foi o percurso escolar e a evolução da Maria.

Quando foi avaliada.

Como foi o acompanhamento da problemática da Maria.

Como contribuiu a família para a evolução da Maria.

Se o acompanhamento prestado à Maria foi suficiente.

Factos marcantes no percurso da Maria.

Como encararam e encaram as dificuldades da Maria.

Como é que os filhos se relacionam.

Se têm projetos para o futuro da Maria.

APÊNCICE Nº3

Guião de entrevista ao pai da Maria

Identificação

Local de nascimento e de criação.

Sobre a sua infância.

Sobre a sua adolescência.

A sua escolaridade.

O seu trabalho.

Sobre a vida familiar.

A infância da Maria.

Relações de amizade.

Relações familiares.

Sobre o problema da toxoplasmose durante a gravidez, referido pela esposa.

Sobre o primeiro ciclo da Maria. (abordar a avaliação e como lidaram com os resultados).

Como foi o percurso escolar e a evolução da Maria.

Sobre como encarou o facto de a Maria ter tantas dificuldades.

Perguntar sobre o sentimento relativamente aos apoios que a Maria foi tendo ao longo da vida.

Se considera que foram os apoios certos e necessários para um desenvolvimento saudável.

Saber se na família, houve alguém com dificuldades escolares como as da Maria.

Saber se o irmão da Maria também apresenta dificuldades escolares.

Como contribuiu a família para a evolução da Maria.

Factos marcantes no percurso da Maria.

Como é que os filhos se relacionam.

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

Quem considera que tem sido o apoio da Maria/quem tem sido mais presente/cuidador.

Se têm projetos para o futuro da Maria.

APÊNCICE Nº4

Guião de Entrevista à Avó da Maria

Identificação.

Sobre a sua relação com a neta.

Sobre o que se recorda da gravidez da filha (sobre a neta). (abordar a toxoplasmose)

Sobre a infância da filha (dificuldades escolares?).

Sobre a infância da neta.

Sobre o percurso escolar da neta (dificuldades e acompanhamento).

Sobre o problema de saúde da filha e se considera que ele afetou os netos.

Sobre a problemática da neta.

Sobre a socialização e a autonomia da neta.

Algum episódio marcante.

Alguém que tenha sido importante para a neta.

Sobre o futuro da neta.

APÊNCICE Nº5

Guião de Entrevista aos professores da Maria

Se se recordam da aluna

Sobre a sua problemática.

Sobre as suas dificuldades.

Se recordam quem tenha sido importante para ela.

Sobre o seu comportamento.

Sobre a sua interação com os pares.

Sobre a sua interação com os adultos.

Que estratégias usou com a aluna.

Como prevê o seu futuro em termos de profissão.

APÊNCICE Nº6

Guião de Entrevista aos Colegas da Maria

Sobre há quanto tempo conhecem a Maria.

Sobre a forma como ela se relaciona com os colegas.

Sobre o comportamento da Maria nas aulas.

Sobre a forma como se relaciona com os pares.

Sobre a forma como se relaciona com os adultos.

Se tem amigos.

APÊNCICE Nº7

Segundo Guião de entrevista à Maria

Falar sobre a série “Por treze razões”

Abordar o suicídio

Abordar a superproteção parental

Falar sobre o irmão

A relação com os colegas

Saber mais sobre a colega problemática

Falar sobre a doença da mãe

APÊNCICE Nº8

Quadro nº9 - Dimensão da análise – Desenvolvimento

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Etapas no Desenv. da Aluna	Desenv. Pré-Natal da Aluna	A - ...complicações na gravidez... M - ...apanhei Toxoplasmose... M - ...vamos tirá-la porque não está a engordar... M - ...a bebé não tinha sido contaminada... P - ...crescia sim, mas sem aumentar de peso... Av. ...era tudo uma questão do que resultasse dali...	M.54 P.21 Av.11 Al.13
	Desenv. da Aluna na 1ª Infância	M - ...com 15 dias já estava quase o dobro... M - ...só quando fez um ano é que ela teve alta hospitalar... M - ...aos três meses a Maria já estava a dormir no quarto dela... Av. - ...fisicamente, de facto, estava tudo bem... Av. - ...vamos lá ver o resto...	M.105 P.2 Av.15 Al.2
	Desenv. da Aluna Durante os 1º/2º Ciclos	A - ...a minha altura também não facilitava... A - ...também tinham um bocado de medo de mim... M - ...nunca pôs hipótese nenhuma de dislexia... P - ...me apercebi realmente que seria dislexia... P - na cozinha, com obrigações... Av. - ...tinha sido uma coisa mesmo grave... Av. - ...isto tem tudo a ver com a forma de ser da Maria...	M.38 P.15 Av.24 Al.26
	Desenv. da Aluna na Pré-Adolescência	A - ...e tinha que ser eu a castigar-me A - ...a gente está a fazer aquilo e sabe o que estamos a fazer... M - ...não havia sucesso escolar... M - ...estava com princípio de depressão... P - abstrai-se muito no mundo dela... P - ...realmente então aí percebeu a gravidade do problema... Av. - ...ter que ir para a escola..., no que ao comportamento... P ₁ - ...parecendo estar num nível acima da maioria dos colegas... P ₁₀ - ...problemas do foro emocional... P ₁ ; P ₂ ; P ₅ ; P ₆ ; P ₉ ; P ₁₀ e P ₁₁ - ...introvertida...	M.21 P.24 Av.4 Al.67 P₁. 2 P₂. 1 P₅. 1 P₆. 1 P₉. 1 P₁₀. 11 P₁₁. 1

APÊNCICE Nº9

Quadro nº10 - Dimensão da análise – Dificuldades Escolares

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Dificuldades Escolares no Meio Familiar	Dificuldades Escolares dos Pais	A - ...ele também se identifica um bocado comigo... M - ...se não falassem comigo eu não falava com ninguém... M - ...muito distraída sempre... P - ...não era só falta de atenção ou burrice...	M.65 P.36 Av.3 Al.7
	Dificuldades Escolares do Irmão	A - ...na semana a seguir já tinha ido tudo por água abaixo... A - ...ele estava com dificuldades na escola... A - ...estava a trazer más notas para casa... M - ...está na mesma situação neste momento... M - ...é outro problema que eu tenho... P - ...é mesmo só quando lhe apetece...	M.56 P.45 Av.5 Al.5
Dificuldades no Percurso Académico da Aluna	Dificuldades Escolares da aluna, até ao 3º Ciclo	A - ...depois ao praticar não saía nada... A - ...ao ler aquilo lia nada... A - ...e eu não tenho psicológico para isso... A - ...é muita coisa para a minha cabeça... M - ...tinha dificuldades em tudo... M - ...ao fim de um ou dois dias, aquilo apagava-se tudo... P - ...precisa ainda de ter muita ajuda... Av. - "...aquilo que eu puder ser sem ter que estudar..."	M.35 P.61 Av.37 Al.154 P ₁ . 5; P ₂ . 10; P ₃ . 5; P ₄ . 1; P ₅ . 4; P ₆ . 5; P ₇ . 2; P ₈ . 3; P ₉ . 14
	Dificuldades no Estágio/PAP	P - ...anda a afetá-la muito... P - ...vai ter que passar por ele, e acho que só lhe vai fazer bem... A - ...ir para o jornal Avante... A - ...numa Revista: a Telenovelas...	M.-- P.16 Av.14 Al.113
	Dificuldades na escolha da Escola/ O Curso	A - ...esta é a única escola do país, onde não se paga... A - ...o de fotografia foi o único que me fazia sentido... A - ...era aquele curso que se calhar me cabia mais no perfil... A - ...alguma coisa relacionada com fotografia... M - ...achou que a ideia não era nada de se deitar fora... Avó - ...era o ter que ir para Lisboa ... Avó - ...não ter ido para a António Arroio eu não perdoo...	M.16 P.11 Av.16 Al.37

APÊNCICE Nº10

Quadro nº11 - Dimensão da análise – Problemática

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
A Problemática Presente na Aluna	Diagnóstico da Dislexia na Aluna	A - ...decidiu encaminhar-me para uma psicóloga ... A - ...começou por ser dislexia... P - ...me apercebi realmente que seria dislexia...	M.10 P.4 Av.5 Al.3
	Os Sinais e Sintomas da Dislexia Presentes na Aluna	P - ...não era só falta de atenção ou burrice... M - "...se calhar convinha levarem a Maria a fazer uma avaliação..."	M.6 P.14 Av.15 Al.29
	Reeducação da Dislexia da Aluna	A - dava um texto e tinha um cronómetro... A - ...no final dizia-me o tempo que demorei... A - ...tinha que escrever não sei quantas vezes as palavras que errei... M - ...o objetivo dela era a dislexia... M - ...a arranjar as suas estratégias... M - ...para conseguir chegar onde os outros chegam... P - ...fartou-se de fazer gráficos na cozinha... P - ...várias recomendações de lidarmos com... Av. - ...aquela questão da dislexia que no meu entender também foi maltratada... Av. - ...não foi tratada como devia ser... Av. - ...a única coisa que fizeram foi por a Maria numa psicóloga...	M.14 P.5 Av.12 Al.17
	Diagnóstico de Depressão na Aluna	A - ...começou a ser Psicóloga, Psicóloga... M - ...me alertou que a Maria estava com princípio de uma depressão... M - ...eu achava que mais cedo ou mais tarde... P - ...outra preocupação...	M.5 P.4 Av. Al.1
	Os Sinais e Sintomas da Depressão Presentes na Aluna	A - ...sentia-me deprimida... A - ...Não convivia com ninguém... P - ...não a deixar fechar-se... M - como não tinha amigos...	M.7 P.14 Av.-- Al.23
	A Importância do Apoio Psicológico para a Aluna	P - ...pagamos a pessoas especializadas para estarem com ela... Av. - ...então porque é que manténs a mesma psicóloga?... Av. - ...com a tal psiquiatra ou psicóloga, eu acho que era uma coisa que devia ser objeto de estudo... M - ...se calhar coisas que nem comigo ela desabafa...	M.41 P.2 Av.12 Al.41

APÊNCICE Nº11

Quadro nº12 - Dimensão da Análise – Comportamentos

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Problemas Comportamentais do Eu	A Automutilação na aluna	...passado uns tempos, foi aquela situação dos cortes... ...eu achava que tinha que ser castigada de alguma maneira... ...achei estranha a atitude deles... ...como se nada tivesse acontecido... ...desde esse dia não falamos mais no assunto...	137
	O Isolamento da aluna	...preferia ficar em casa... ...eu prefiro ficar no meu cantinho... ...que eu fico aqui no meu canto... ...foi uma fase muito triste... ...mesmo escura... ...há dias em que volto um bocado atrás...	13
Problemas Comportamentais da Aluna, Vistos pelos outros	A Automutilação na aluna	P - ...tem uma amiga que já tinha tentado suicídio... P - ...andava a tentar cortar os pulsos...	M.-- P. 10 Av.--
	O Isolamento da aluna	M - ...era sempre muito triste... P - ...há muita coisa que lhe passa ao lado... P - ...se agente não a abanar... P - ...como ela se isola bastante... Av. - ...está ali a ver tudo... Av. Ela não cria afinidades com facilidade... P ₄ – praticamente não interagia... P ₂ - ...de forma geral, ela tinha o mundo dela... P ₈ - ...uma miúda que se menosprezava... C ₁ -assim no mundo dela... C ₄ - ...ela isola-se um bocado...	M. 21 P. 16 Av. 25 P ₁ . 3 ; P ₂ . 9 ; P ₃ . 5 ; P ₄ . 5 ; P ₅ . 1 ; P ₆ . 2 ; P ₇ . 2 ; P ₈ . 13 ; P ₉ . 7 ; P ₁₀ . 5 ; P ₁₁ . 2 ; C ₁ . 4 ; C ₂ . 3 ; C ₃ . 8 ; C ₄ . 2 ; C ₅ . 7 ; C ₆ . 8 ; C ₇ . 3 ; C ₈ . 4 ; C ₉ . 2

APÊNCICE Nº12

Quadro nº13 - Dimensão da Análise – Relações Familiares

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Relações Familiares no Período Pré-Natal	A Influência da Ausência do Pai, durante a gravidez, nas Relações Familiares	M - ...era tipo caixeiro viajante... P - ...tentava compensar nos fins de semana... A - ...eu não tinha bem a noção...	M.13 P.24 Av.2 Al.5
	A Influência da Toxoplasmose nas Relações Familiares	M - ...Tive que fazer a amniocentese... A - ...Houve umas complicações na gravidez... Av. - ...cheguei a questionar a minha filha... Av. - ...mudava tudo nas nossas vidas... Av. - ...tínhamos tempo para equacionar tudo...	M.33 P.32 Av.43 Al.19
Relações Familiares até à Adolescência	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica da Aluna	A - ...era a princesa M - ...mamava, trocava-lhe a fralda e voltava para a cama... P - ...é um doce, completamente... Av. - ..., entretanto, tenho uma mágoa, ... Av. - ...eu teria feito com a Maria, exatamente tudo o que fiz com a Inês... Av. - ...com a Maria, os pais não me permitiram...	M.408 P.272 Av.334 Al.866
	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica do Irmão	M - ...vinha bem mais composto... M - ...nunca foi de acarinhar o irmão... A - ...que estava grávida e fiquei feliz... A - ...agora estamos sempre às turras... M - ...nunca quis irmãos... P - ...cão e gato... Av. - ...é a antítese da Maria...	M.272 P.81 Av.43 Al.123
	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica da Mãe	A - uma boa relação... A - algumas discussões... P - ...eu não lhe consigo arranjar defeitos... Av. - ...nunca foi muito de grandes conversas... Av. - ...para a gente lhe arrancar qualquer coisa...	M.505 P.45 Av.202 Al.80
	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica do Pai	M - ...só não faz aquilo que não puder para nos ver felizes... M - ...é amigo, é super amigo... A - relação mais complicada... P - a gente esforça-se... Av. - ...um excelente trabalhador...	M.112 P.208 Av.86 Al.26
	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica dos Pais como casal	A - ...eles perceberam que aquilo já tinha acabado... Av. - ...eles continuaram a ser só eles... Av. - ...em relação à Maria, não ajudou nada... Av. - ...eu acho que é excessivo... Av. - ...tudo aquilo é decidido e partilhado entre os dois... Av. - ...eles só se veem um ao outro...	M.181 P.273 Av.203 Al.78

Quadro nº13 - Dimensão da Análise – Relações Familiares (continuação)

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Relações Familiares até à Adolescência	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica da Avó	A - ...a minha avó falou-me num assunto que era ir para o jornal Avante... A - ...ir para o algarve com os meus avós... Av. - ...tenho uma relação ótima... Av. - ...se precisavam, eu ficava com ela...	M.9 P.1 Av.522 Al.14
	Relações Familiares até à Adolescência na Ótica da Prima	A - ...a gente também se dava muito mal... Av. - ... a nível de feitio, completamente diferentes... Av. - ...se por acaso lhe chamo Inês ela até amarinha pelas paredes acima...	M.4 P.-- Av.291 Al.7
	Episódios marcantes nas Relações Familiares	M - ...cortou o estojo todo... Av. - ...” já viste o que a tua filha escreveu no Facebook?” ...	M.3 P.-- Av.4 Al.2
	Implicações da Doença da mãe nas Relações Familiares	A - ...fiquei assim um bocado em choque... P - ...há muita coisa que lhe passa ao lado... Av. ...tenho dúvidas que ela alguma vez tivesse... Av. - ...nunca notei diferença, alterações no comportamento da Maria em relação ao problema da mãe...	M.122 P.113 Av.93 Al.54

APÊNCICE Nº13

Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais)

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Interação da Aluna com os pares	Int. da Aluna com os Pares na Pré	A - ...era só estava naquela sala...	M.4 Al.5
	Int. da Aluna com os Pares no 1ºC	A - ...não tinha amigos na primária... A - ... não me sabia dar muito bem com as pessoas...	M.98 P.11 Av.-- Al.53
	Influência do Trabalho da mãe na Escola na Int. da Aluna com os Pares	A - ...diziam que eu era a menina da mamã... A - ...sentia muito a presença dela... A - ... já não tinha a minha mãe...	M.35 P.-- Av.-- Al.20
	Int. da Aluna com os Pares no 2ºC	A - ...queria era sair dali... A - ...Não falo com ninguém... A - ... os meus colegas estavam sempre a refilar ...	M.28 P.7 Av.-- Al.26
	Int. da Aluna com os Pares no 3ºC	A - ... tinha aquele grupinho de 5 raparigas e ainda falo com elas... A - ... não falo com o resto da turma, mas com elas as 5 eu sei que posso contar...	M.37 P.29 Av.-- Al.59 Prof.91
	Int. da Aluna com os seus Pares Problemáticos	A - ...Com quem me identificava ali psicologicamente... A - ... a situação foi piorando...	M.-- P.66 Av.-- Al.31 P5 - 10
	Int. da Aluna com os Pares no Secundário	A - ... só sou amiga das pessoas da minha turma... P10 - ...Está um bocadinho na dela... P11 - ...um bocadinho isolada do grupo... C1 - ...às vezes está na sua, assim no mundo dela... C3 - ...às vezes tem lá os problemas dela e fica num canto... C3- ... este ano é que começou a dar-se mais connosco...	M.52 P.32 Av.24 Al.59 Prof.8 Col.140
Interação da Aluna com os adultos	Int. da Aluna com os adultos Amigos da Família	Av. - ...não é muito de levar gente para casa dele, nem a... Av. – com a abertura da loja eu acho que a coisa piorou...	M.20 P.11 Av.116 Al.24
	Int. da Aluna com a Prof. do 1ºC	A - ...não gostava dela... M - ...Foi o rótulo que ela lhe pôs logo no primeiro ano... Av. - ...insultar a miúda... Av. - ...de lhe chamar todos os nomes...	M.34 P.1 Av.18 Al.16
	Int. da Aluna no Centro de Estudos/no ATL/ Com a Explicadora/ com os Professores de Apoio	A - ... ficava sempre a brincar com eles e a pegar neles ao colo... A - ... acalmavam... A - ... os professores também estavam sempre a forçar... A - ...eu ainda estava a pensar nesse exercício “já fizeste?” ...	M.21 P.2 Av.9 Al.37

Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais; continuação 1)

Cat.	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Int. da Aluna com os adultos	Interação da Aluna com a Psicóloga	P - ...pagamos a pessoas especializadas para estarem com ela... Av. - ...então porque é que manténs a mesma psicóloga?... Av. - ...com a tal psiquiatra ou psicóloga, eu acho que era uma coisa que devia ser objeto de estudo... M - ...se calhar coisas que nem comigo ela desabafa...	M.41 P.2 Av.12 Al.41
	Interação da Aluna com a Comunidade Escolar	A - ... tinha segundas intenções... A - ... eu achava que me estava a apoiar... A - ... cá fora é uma pessoa espetacular, à sua maneira... C1 - ... Educada.... C1 - ... Não trata mal ninguém... P1 - ...Com os adultos, interagia de forma educada... P11 - ...Acho que ela interage muito melhor com os adultos...	M.16 P.22 Av.88 Al.234 Profs.100 Col.28
Int. da Aluna no seu meio	Influência. da Autoimagem da Aluna na sua Interação no seu meio	A - ... como sou muito alta os pés também são muito grandes... A - ...era a maior de toda a gente... A - ...tinham um bocado medo de mim... P5 - ...fez uma alteração no comportamento... P8 - ...tinha um complexo de inferioridade muito grande...	M.59 P.150 Av.66 Al.229 Profs.166 Col.69
	Influência. da Depressão da Aluna na sua Interação no seu meio	A - ...sentia-me deprimida... A - ...Não convivia com ninguém... P - ...não a deixar fechar-se...	M.4 P.14 Av.-- Al.23
	Influência. da Automutilação da Aluna na sua Interação no seu meio	A - ... quando fazia, eu tentava esconder ao máximo... A - ... eu faço, mas se eu sei que alguém faz eu vou tentar que a pessoa pare...	M.-- P.10 Av.-- Al.137
	Influência. da Superproteção Parental na Interação da Aluna no seu meio	A - ...não me sinto superprotegida pelos meus pais... A - ... são pais, não é?... P - ...só isso criou-lhe um problema enorme dentro dela... P - ...um passo de cada vez... Avó - ...não sei se vocês já se aperceberam que isto vai trazer consequências...	M.-- P.42 Av.47 Al.44
	Influência da Bissexualidade da Aluna na sua Interação no seu meio	A - ... nunca tive namorados... A - ... deu-me uma nega... A - ... não falamos desde esse dia...	M.1 P.2 Av.-- Al.52
	Influência do Tabaco na Interação da Aluna no seu meio	A - ... Não houve pressão de ninguém... A - ... eu que decidi e pronto... P - ...que não podia sentir o cheiro do cigarro!... P - ...fartei-me de gozar com ela...	M.-- P.9 Av.-- Al.24

Quadro nº14 - Dimensão da análise – Socialização (Semi-totais; continuação 2)

Cat.	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Int. da Aluna no seu meio	Influência das Férias da Aluna na sua Interação no seu meio	A - ...vamos todos relaxar... A - ...estamos todos a precisar... Av. ...eles não foram porque este ano foram... Av. ...tanto que eles passam a páscoa connosco todos os anos...	M.6 P.-- Av.11 Al.26

APÊNCICE Nº14

Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Interação da Aluna com os pares	Int. da Aluna com os Pares na Pré	A - ...era só estava naquela sala...	M.4 Al.5
	Int. da Aluna com os Pares no 1ºC	A - ...não tinha amigos na primária... A - ... não me sabia dar muito bem com as pessoas...	M.98 P.11 Av.-- Al.53
	Influência do Trabalho da mãe na Escola na Int. da Aluna com os Pares	A - ...diziam que eu era a menina da mamã... A - ...sentia muito a presença dela... A - ... já não tinha a minha mãe...	M.35 P.-- Av.-- Al.20
	Int. da Aluna com os Pares no 2ºC	A - ...queria era sair dali... A - ...Não falo com ninguém... A - ... os meus colegas estavam sempre a refilar ...	M.28 P.7 Av.-- Al.26
	Int. da Aluna com os Pares no 3ºC	A - ... tinha aquele grupinho de 5 raparigas e ainda falo com elas... A - ... não falo com o resto da turma, mas com elas as 5 eu sei que posso contar...	M.37 P.29 Av.-- Al.59 Prof.91
	Int. da Aluna com os seus Pares Problemáticos	A - ...Com quem me identificava ali psicologicamente... A - ... a situação foi piorando...	M.-- P.66 Av.-- Al.31 P5 - 10
	Int. da Aluna com os Pares no Secundário	A - ... só sou amiga das pessoas da minha turma... P10 - ...Está um bocadinho na dela... P11 - ...um bocadinho isolada do grupo... C1 - ...às vezes está na sua, assim no mundo dela... C3 - ...às vezes tem lá os problemas dela e fica num canto... C3- ... este ano é que começou a dar-se mais connosco...	M.52 P.32 Av.24 Al.59 P10. 3; P11. 2 C1. 13; C2. 16; C3. 17; C4. 9; C5. 9; C6. 20; C7. 27; C8. 19; C9. 10

Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização (continuação 1)

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Interação da Aluna com os adultos	Int. da Aluna com os adultos Amigos da Família	Avó - ...não é muito de levar gente para casa dele, nem a... Avó - com a abertura da loja eu acho que a coisa piorou...	M.20 P.11 Av.116 Al.24
	Int. da Aluna com a Professora do 1ºC	A - ...não gostava dela... M - ...Foi o rótulo que ela lhe pôs logo no primeiro ano... Av. - ...insultar a miúda... Av. - ...de lhe chamar todos os nomes...	M.34 P.1 Av.18 Al.16
	Int. da Aluna no Centro de Estudos/ no ATL/ Com a Explicadora/ com os Professores de Apoio	A - ... ficava sempre a brincar com eles e a pegar neles ao colo... A - ... acalmavam... A - ... os professores também estavam sempre a forçar... A - ...eu ainda estava a pensar nesse exercício "já fizeste?" ...	M.21 P.2 Av.9 Al.37
	Int. da Aluna com a Psicóloga	P - ...pagamos a pessoas especializadas para estarem com ela... Av. - ...então porque é que manténs a mesma psicóloga?... Av. - ...com a tal psiquiatra ou psicóloga, eu acho que era uma coisa que devia ser objeto de estudo... M - ...se calhar coisas que nem comigo ela desabafa...	M.41 P.2 Av.12 Al.41
	Int. da Aluna com a Comunidade Escolar Adulta	A - ... tinha segundas intenções... A - ... eu achava que me estava a apoiar... A - ... cá fora é uma pessoa espetacular, à sua maneira... C1 - ... Educada.... C1 - ... Não trata mal ninguém... P1 - ...Com os adultos, interagia de forma educada... P11 - ...Acho que ela interage muito melhor com os adultos...	M.16 P.22 Av.88 Al.234 P1. 5; P2. 9; P3. 6; P4. 6; P5. 19; P6. 12; P7. 4; P8. 9; P9. 11; P10. 11; P11. 8 C1. 3; C2. 4; C3. 3; C4. 3; C5. 5; C6. 3; C7. 3; C8. 1; C9. 3

Quadro nº15 - Dimensão da análise – Socialização (continuação 2)

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Interação no seu meio	Influência da Autoimagem da Aluna na sua Int. no seu meio	A - ... como sou muito alta os pés também são muito grandes... A - ...era a maior de toda a gente... A - ...tinham um bocado medo de mim... P5 - ...fez uma alteração no comportamento... P8 - ...tinha um complexo de inferioridade muito grande...	M. 59 P. 150 Av. 66 Al. 229 P ₁ . 9 ; P ₂ . 23 ; P ₃ . 17 ; P ₄ . 11 ; P ₅ . 26 ; P ₆ . 5 ; P ₇ . 3 ; P ₈ . 31 ; P ₉ . 13 ; P ₁₀ . 21 ; P ₁₁ . 7 C ₁ . 10 ; C ₂ . 7 ; C ₃ . 13 ; C ₄ . 7 ; C ₅ . 7 ; C ₆ . 9 ; C ₇ . 2 ; C ₈ . 6 ; C ₉ . 8
	Influência da Depressão da Aluna na sua Int. no seu meio	A - ...sentia-me deprimida... A - ...Não convivia com ninguém... P - ...não a deixar fechar-se...	M. 4 P. 14 Av.-- Al. 23
	Influência da Automutilação da Aluna na sua Int. no seu meio	A - ... quando fazia, eu tentava esconder ao máximo... A - ... eu faço, mas se eu sei que alguém faz eu vou tentar que a pessoa pare...	M.-- P. 10 Av.-- Al. 137
	Influência da Superproteção Parental na Int. da Aluna no seu meio	A - ...não me sinto superprotegida pelos meus pais... A - ... são pais, não é?... P - ...só isso criou-lhe um problema enorme dentro dela... P - ...um passo de cada vez... Avó - ...não sei se vocês já se aperceberam que isto vai trazer consequências...	M.-- P. 42 Av. 47 Al. 44
	Influência da Bissexualidade da Aluna na sua Int. no seu meio	A - ... nunca tive namorados... A - ... deu-me uma nega... A - ... não falamos desde esse dia...	M. 1 P. 2 Av.-- Al. 52
	Influência do Tabaco na Int. da Aluna no seu meio	A - ... Não houve pressão de ninguém... A - ... eu que decidi e pronto... P - ...que não podia sentir o cheiro do cigarro!... P - ...fartei-me de gozar com ela...	M.-- P. 9 Av.-- Al. 24
	Influência das Férias da Aluna na sua Int. no seu meio	A - ...vamos todos relaxar... A - ...estamos todos a precisar... Av. ...eles não foram porque este ano foram... Av. ...tanto que eles passam a páscoa connosco todos os anos...	M. 6 P.-- Av. 11 Al. 26

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

APÊNCICE Nº15

Quadro nº16 - Dimensão da análise – O Futuro

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
O que os outros acham sobre o Futuro dela	A Fotografia como Futuro	P1 - ... fotografia, algo que já despertava a sua curiosidade... P6 - ... vai enveredar por algo que tenha a ver com fotografia...	Av.9; P ₁ . 6; P ₅ . 8; P ₆ . 1; P ₇ . 2; P ₈ . 3; P ₉ . 24; P ₁₀ . 13; P ₁₁ . 2.
	A Feliz no Futuro	M - ...só quero é que eles sejam felizes no que quiserem fazer... P - ...se eu a vir feliz, eu fico feliz na mesma...	P. 20; M. 5; P ₈ . 2.
	A Incerteza no Futuro	Avó - ...ela não ambiciona mais que isso... P4 - ... não sei, sinceramente...	Av. 14; P. 4; P ₄ . 5; P ₅ . 2.
	A Normalidade no Futuro	P3 - ...uma pessoa normal...	P ₃ . 9; P ₆ . 10
	Atividades no Exterior no Futuro	P8 - ...algo ligado para o exterior...	P ₈ . 11.
	As Artes como Futuro	P11 - ... qualquer coisa relacionada com artes...	P ₁ . 2; P ₈ . 2; P ₁₁ . 4.
	A Geriatria como Futuro	P2 - ... algo relacionado por exemplo com geriatria...	P ₂ . 5.
	O Desajuste da Realidade atual	P4 - ...pelas roupas que ela usava...	P ₄ . 5.
	Auxiliar da Enfermagem como Futuro	P2 - ...o que seja cuidados aos outros...	P ₂ .4.
	O Desenho como Futuro	P11 - ...tenha a ver com o desenho...	P ₁₁ . 3.
	O Desporto como Futuro	P8 - ...gosta muito de desporto também...	P ₈ . 3.
	A Atividade Social como Hipótese de Futuro	P6 - ...na parte social, para os outros...	P ₆ . 3.
	A Imagem como Hipótese de Futuro	P11 - ...qualquer coisa relacionada com imagem...	P ₁₁ . 2.
	O Sucesso no Futuro	P6 - ...uma rapariga de sucesso...	P ₆ . 1; P ₈ . 1

Quadro nº16 - Dimensão da análise – O Futuro (continuação)

Categoria	Subcategoria	Exemplo	Freq.
Como ela vê o seu Futuro	A Indefinição e a Incerteza no Futuro	...ainda estou perdida... ...não sei o que eu quero fazer...	32
	O Estágio e a PAP no Futuro	...ir para o jornal Avante... ...numa Revista: a Telenovelas...	16
	A Escola O Curso/ Fotografia no Futuro	...esta é a única escola do país, onde não se paga... ...o de fotografia foi o único que me fazia sentido... ...era aquele curso que se calhar me cabia mais no perfil... ...alguma coisa relacionada com fotografia...	16
	Carta de Condução no Futuro	...só mais uma coisa para a minha agenda... ...eu quero é despachar isto...	6
	A Hipóteses de Futuro Tomar conta de Bebés	...isso também era uma coisa engraçada...	6
	A Hipóteses de Futuro Trabalhar com Animais Marinhos	...gostava de trabalhar com animais marinhos...	4

APÊNCICE Nº16

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo

Pedido de Consulta no Processo, na secretaria do AE, que a aluna frequenta atualmente



Exmo Sr Diretor do
Agrupamento de
Escolas Amadora
Oeste, D. [redacted]
[redacted]

Na sequência do meu pedido para realizar um estudo sobre uma aluna do seu agrupamento, ao qual agradeço e desde já volto a agradecer, venho solicitar acesso aos documentos constantes no Processo da aluna [redacted].

A [redacted] é aluna do Curso de Fotografia 11º ano.

Preciso consultar as avaliações efetuadas no âmbito da Educação Especial e Relatórios PEI e circunstanciados, que constem no Processo para poder avaliar o percurso da aluna, uma vez que o Trabalho é um estudo de caso, sobre História de Vida.

Desde já grata por toda a atenção e ajuda.

Amadora, 11 de junho de 2018

Com os melhores Cumprimentos

[redacted]

936805964

Como é Que a História de Vida de Uma Criança com Necessidades Educativas Especiais Possibilita
a Compreensão das Opções do Atendimento e do Processo Educativo